

ORGANIZADORAS

Marcia dos Santos Machado Vieira

Vanessa Meireles

DIVERSITÉ DIVERSIDADE
ET STABILITÉ E ESTABILIDADE
DANS LES LANGUES EM LÍNGUAS
ROMANES ROMÂNICAS



ORGANIZADORAS

Marcia dos Santos Machado Vieira

Vanessa Meireles

DIVERSITÉ ET STABILITÉ
DANS LES LANGUES
ROMANES

DIVERSIDADE E ESTABILIDADE
EM LÍNGUAS
ROMÂNICAS



2024

São Paulo

DADOS INTERNACIONAIS DE CATALOGAÇÃO NA PUBLICAÇÃO (CIP)

D618

Diversidade e estabilidade em línguas românicas / Diversité et stabilité dans les langues romanes / Organização Marcia dos Santos Machado Vieira, Vanessa Meireles. – São Paulo: Pimenta Cultural, 2024.

Livro em PDF

ISBN 978-65-5939-951-2

DOI 10.31560/pimentacultural/2024.99512

1. Sociolinguística. 2. Variação e estabilidade. 3. Línguas românicas. 4. Ensino de português. 5. Linguística comparativa. I. Machado Vieira, Marcia dos Santos (Org.). II. Meireles, Vanessa (Org.). III. Título.

CDD: 306.44

Índice para catálogo sistemático:

I. Sociolinguística

Simone Sales - Bibliotecária - CRB ES-000814/0

Copyright © Pimenta Cultural, alguns direitos reservados.

Copyright do texto © 2024 os autores e as autoras.

Copyright da edição © 2024 Pimenta Cultural.

Esta obra é licenciada por uma Licença Creative Commons:

Atribuição-NãoComercial-SemDerivações 4.0 Internacional - (CC BY-NC-ND 4.0).

Os termos desta licença estão disponíveis em:

<<https://creativecommons.org/licenses/>>.

Direitos para esta edição cedidos à Pimenta Cultural.

O conteúdo publicado não representa a posição oficial da Pimenta Cultural.

Direção editorial	Patricia Bieging Raul Inácio Busarello
Editora executiva	Patricia Bieging
Coordenadora editorial	Landressa Rita Schiefelbein
Assistente editorial	Júlia Marra Torres
Diretor de criação	Raul Inácio Busarello
Assistente de arte	Naiara Von Groll
Edição eletrônica	Andressa Karina Voltolini Mílana Pereira Mota
Imagens da capa	alano_design, macrovector_oficial, pikepicture - Freepik.com
Tipografias	Acumin, Gobold
Revisão	Tascieli Feltrin
Organizadoras	Marcia dos Santos Machado Vieira Vanessa Meireles

PIMENTA CULTURAL
São Paulo • SP
+55 (11) 96766 2200
livro@pimentacultural.com
www.pimentacultural.com



CONSELHO EDITORIAL CIENTÍFICO

Doutores e Doutoradas

Adilson Cristiano Habowski
Universidade La Salle, Brasil

Adriana Flávia Neu
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Adriana Regina Vettorazzi Schmitt
Instituto Federal de Santa Catarina, Brasil

Aguimario Pimentel Silva
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Alaim Passos Bispo
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Alaim Souza Neto
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Knoll
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Alessandra Regina Müller Germani
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Aline Corso
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Aline Wendpap Nunes de Siqueira
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Ana Rosângela Colares Lavand
Universidade Federal do Pará, Brasil

André Gobbo
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Andressa Wiebusch
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Andreza Regina Lopes da Silva
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Angela Maria Farah
Universidade de São Paulo, Brasil

Anísio Batista Pereira
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Antonio Edson Alves da Silva
Universidade Estadual do Ceará, Brasil

Antonio Henrique Coutelo de Moraes
Universidade Federal de Rondonópolis, Brasil

Arthur Vianna Ferreira
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Ary Albuquerque Cavalcanti Junior
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Asterlindo Bandeira de Oliveira Júnior
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Bárbara Amaral da Silva
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Bernadette Beber
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Bruna Carolina de Lima Siqueira dos Santos
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Bruno Rafael Silva Nogueira Barbosa
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Caio Cesar Portella Santos
Instituto Municipal de Ensino Superior de São Manuel, Brasil

Carla Wanessa do Amaral Caffagni
Universidade de São Paulo, Brasil

Carlos Adriano Martins
Universidade Cruzeiro do Sul, Brasil

Carlos Jordan Lapa Alves
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Caroline Chioquetta Lorenset
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Cássio Michel dos Santos Camargo
Universidade Federal do Rio Grande do Sul-Faced, Brasil

Christiano Martino Otero Avila
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Cláudia Samuel Kessler
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Cristiana Barcelos da Silva.
Universidade do Estado de Minas Gerais, Brasil

Cristiane Silva Fontes
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil

Daniela Susana Segre Guertzenstein
Universidade de São Paulo, Brasil

Daniele Cristine Rodrigues
Universidade de São Paulo, Brasil

Dayse Centurion da Silva
Universidade Anhanguera, Brasil

Dayse Sampaio Lopes Borges
Universidade Estadual do Norte Fluminense Darcy Ribeiro, Brasil

Diego Pizarro
Instituto Federal de Brasília, Brasil

Dorama de Miranda Carvalho
Escola Superior de Propaganda e Marketing, Brasil

Edson da Silva
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri, Brasil

Elena Maria Mallmann
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Eleonora das Neves Simões
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Eliane Silva Souza
Universidade do Estado da Bahia, Brasil

Elvira Rodrigues de Santana
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Éverly Pegoraro
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Fábio Santos de Andrade
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Fabrcia Lopes Pinheiro
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Felipe Henrique Monteiro Oliveira
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Fernando Vieira da Cruz
Universidade Estadual de Campinas, Brasil

Gabriella Eldereti Machado
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Germano Ehlert Pollnow
Universidade Federal de Pelotas, Brasil

Geymeesson Brito da Silva
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Giovanna Ofretorio de Oliveira Martin Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Handherson Leylton Costa Damasceno
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Hebert Elias Lobo Sosa
Universidad de Los Andes, Venezuela

Helciclever Barros da Silva Sales
*Instituto Nacional de Estudos
e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira, Brasil*

Helena Azevedo Paulo de Almeida
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Hendy Barbosa Santos
Faculdade de Artes do Paraná, Brasil

Humberto Costa
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Igor Alexandre Barcelos Graciano Borges
Universidade de Brasília, Brasil

Inara Antunes Vieira Willerding
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Jaziel Vasconcelos Dorneos
Universidade de Coimbra, Portugal

Jean Carlos Gonçalves
Universidade Federal do Paraná, Brasil

Jocimara Rodrigues de Sousa
Universidade de São Paulo, Brasil

Joelson Alves Onofre
Universidade Estadual de Santa Cruz, Brasil

Jónata Ferreira de Moura
Universidade São Francisco, Brasil

Jorge Eschriqui Vieira Pinto
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Jorge Luís de Oliveira Pinto Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Juliana de Oliveira Vicentini
Universidade de São Paulo, Brasil

Julierme Sebastião Morais Souza
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Junior César Ferreira de Castro
Universidade de Brasília, Brasil

Katia Bruginski Mulik
Universidade de São Paulo, Brasil

Laionel Vieira da Silva
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Leonardo Pinheiro Mozdzenski
Universidade Federal de Pernambuco, Brasil

Lucila Romano Tragtenberg
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Lucimara Rett
Universidade Metodista de São Paulo, Brasil

Manoel Augusto Polastreli Barbosa
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Marcelo Nicomedes dos Reis Silva Filho
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Marcio Bernardino Sirino
Universidade Federal do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Marcos Pereira dos Santos
Universidad Internacional Iberoamericana del México, México

Marcos Uzel Pereira da Silva
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Maria Aparecida da Silva Santandel
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Maria Cristina Giorgi
*Centro Federal de Educação Tecnológica
Celso Suckow da Fonseca, Brasil*

Maria Edith Maroca de Avelar
Universidade Federal de Ouro Preto, Brasil

Marina Bezerra da Silva
Instituto Federal do Piauí, Brasil

Mauricio José de Souza Neto
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele Marcelo Silva Bortolai
Universidade de São Paulo, Brasil

Mônica Tavares Orsini
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Brasil

Nara Oliveira Salles
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Neli Maria Mengalli
Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, Brasil

Patricia Biegging
Universidade de São Paulo, Brasil

Patricia Flavia Mota
Universidade do Estado do Rio de Janeiro, Brasil

Raul Inácio Busarello
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Raymundo Carlos Machado Ferreira Filho
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Roberta Rodrigues Ponciano
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Robson Teles Gomes
Universidade Católica de Pernambuco, Brasil

Rodiney Marcelo Braga dos Santos
Universidade Federal de Roraima, Brasil

Rodrigo Amancio de Assis
Universidade Federal de Mato Grosso, Brasil

Rodrigo Sarruge Molina
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Rogério Rauber
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Rosane de Fatima Antunes Obregon
Universidade Federal do Maranhão, Brasil

Samuel André Pompeo
Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, Brasil

Sebastião Silva Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Silmar José Spinardi Franchi
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Simone Alves de Carvalho
Universidade de São Paulo, Brasil

Simoni Urnau Bonfiglio
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Stela Maris Vaucher Farias
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil

Tadeu João Ribeiro Baptista
Universidade Federal do Rio Grande do Norte

Taiane Aparecida Ribeiro Nepomoceno
Universidade Estadual do Oeste do Paraná, Brasil

Taíza da Silva Gama
Universidade de São Paulo, Brasil

Tania Micheline Miorando
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tarcísio Vanzin
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Tascieli Feltrin
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Tayson Ribeiro Teles
Universidade Federal do Acre, Brasil

Thiago Barbosa Soares
Universidade Federal do Tocantins, Brasil

Thiago Camargo Iwamoto
Universidade Estadual de Goiás, Brasil

Thiago Medeiros Barros
Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Brasil

Tiago Mendes de Oliveira
Centro Federal de Educação Tecnológica de Minas Gerais, Brasil

Vanessa Elisabete Raue Rodrigues
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Vania Ribas Ulbricht
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Wellington Furtado Ramos
Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Brasil

Wellton da Silva de Fatima
Instituto Federal de Alagoas, Brasil

Yan Masetto Nicolai
Universidade Federal de São Carlos, Brasil

PARECERISTAS E REVISORES(AS) POR PARES

Avaliadores e avaliadoras Ad-Hoc

Alessandra Figueiró Thornton
Universidade Luterana do Brasil, Brasil

Alexandre João Appio
Universidade do Vale do Rio dos Sinos, Brasil

Bianka de Abreu Severo
Universidade Federal de Santa Maria, Brasil

Carlos Eduardo Damian Leite
Universidade de São Paulo, Brasil

Catarina Prestes de Carvalho
Instituto Federal Sul-Rio-Grandense, Brasil

Elisiene Borges Leal
Universidade Federal do Piauí, Brasil

Elizabeth de Paula Pacheco
Universidade Federal de Uberlândia, Brasil

Elton Simomukay
Universidade Estadual de Ponta Grossa, Brasil

Francisco Geová Goveia Silva Júnior
Universidade Potiguar, Brasil

Indiamaris Pereira
Universidade do Vale do Itajaí, Brasil

Jacqueline de Castro Rimá
Universidade Federal da Paraíba, Brasil

Lucimar Romeu Fernandes
Instituto Politécnico de Bragança, Brasil

Marcos de Souza Machado
Universidade Federal da Bahia, Brasil

Michele de Oliveira Sampaio
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil

Pedro Augusto Paula do Carmo
Universidade Paulista, Brasil

Samara Castro da Silva
Universidade de Caxias do Sul, Brasil

Thais Karina Souza do Nascimento
Instituto de Ciências das Artes, Brasil

Viviane Gil da Silva Oliveira
Universidade Federal do Amazonas, Brasil

Weyber Rodrigues de Souza
Pontifícia Universidade Católica de Goiás, Brasil

William Roslindo Paranhos
Universidade Federal de Santa Catarina, Brasil

Parecer e revisão por pares

Os textos que compõem esta obra foram submetidos para avaliação do Conselho Editorial da Pimenta Cultural, bem como revisados por pares, sendo indicados para a publicação.



**Livro publicado com o apoio da Universidade
Paul-Valéry Montpellier 3**

***Ouvrage publié avec le concours de l'Université
Paul-Valéry Montpellier 3***

DIVERSITÉ DIVERSIDADE
ET STABILITÉ E ESTABILIDADE
DANS LES LANGUES EM LINGUAS
ROMANES ROMÂNICAS



COMITÊ CIENTÍFICO

COMITÉ SCIENTIFIQUE

Adriana Ciama (Universitatea din București – UniBuc)

Ana Cristina Braz (Universidade Aberta de Portugal – Centro de
Linguística da Universidade Nova de Lisboa – CLUNL)

Ana Maria Brito (Centro de Linguística da
Universidade do Porto – CLUP)

Andreea Teletin (Universitatea din București – UniBuc)

Beatriz Protti Christino (Universidade Federal do
Rio de Janeiro – UFRJ)

Carla Valeria de Souza Faria (Università degli Studi di
Trieste – IUSLIT/SSLMIT)

Claudia Regina Brescancini (Pontifícia Universidade Católica do Rio
Grande do Sul – PUCRS)

Daniela Mirodone (Universitatea din București – UniBuc)

Dennis Castanheira (Universidade Federal Fluminense – UFF)

Diego Leite de Oliveira (Universidade Federal do
Rio de Janeiro – UFRJ)

Fabiane Cristina Altino (Universidade Estadual de Londrina – UEL)

Hervé Lieutard (Université Paul-Valéry Montpellier 3 – UPVM)

Konrad Szcześniak (Uniwersytet Śląski - UŚ)

Leonor Werneck (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

Loremi Loregian (Universidade Estadual do Centro-Oeste
do Paraná – UNICENTRO)

Maria Antónia Mota Ramos Coelho (Centro de Linguística da
Universidade de Lisboa – CLUL)

Patricia Vanessa de Ramos (Universität Augsburg – UNA)

Sandra de Caldas (Université Paris 8)

Tabata Quintana (Universidade de Brasília - UnB)

Veronica Manole (Universitatea Babeş-Bolyai - UBB)

Violeta Rodrigues (Universidade Federal do Rio de Janeiro – UFRJ)

**Apoio na divulgação científica / Soutien à la
diffusion scientifique**

Université Paul-Valéry/Montpellier 3 – Équipe de Recherche ReSO

Programa de Pós-Graduação em Letras Vernáculas, Universidade
Federal do Rio de Janeiro, Brasil

<https://reso.www.univ-montp3.fr/>

<http://www.posvernaculas.letras.ufrj.br/pt/>

Equipe de revisão / Équipe de révision

Vanessa Meireles (Université Paul-Valéry/Montpellier 3 – UPVM)

Marcia dos Santos Machado Vieira (Universidade Federal do
Rio de Janeiro – UFRJ)

Releitura em francês e em espanhol: Sara Albino (Université Paul-
Valéry/Montpellier 3 – UPVM)

SUMÁRIO

Prefácio18

Préface.....20

Apresentação22

Présentation.....28

CAPÍTULO 1

Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques

Mylena Teixeira de Oliveira

**O aspecto *perfect* realizado
morfologicamente pelo *Pretérito Perfecto
Compuesto* nas variedades de Buenos
Aires e Cidade do México35**

CAPÍTULO 2

Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold

Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques

Mylena Teixeira de Oliveira

**The perfect aspect realised
morphologically by the *Pretérito Perfecto
Compuesto* in the Buenos Aires
and Mexico City varieties.....63**

CAPÍTULO 3

Júlia Cheble Puertas

**A estratégia de retomada de objeto direto
anafórico de 3ª pessoa pela repetição
do sintagma nominal nas variedades
do espanhol de Santander e Santiago do Chile:**

Uma proposta de classificação tipológica do sintagma nominal68

CAPÍTULO 4

Júlia Cheble Puertas

**La estrategia de retoma de objecto directo
anafórico de 3ª persona por repetición
del sintagma nominal en las variedades
del español de Santander y Santiago de Chile:**

Una propuesta de clasificación tipológica del sintagma nominal96

CAPÍTULO 5

Jean Léo Léonard

Guyline Brun-Trigaud

Questions d'aréologie occitane:

Le "Gradient de Gasconité" revisité 103

CAPÍTULO 6

Jean Léo Léonard

Guyline Brun-Trigaud

Questões de geografia dialetal do occitano:

O "Gradiente de Gasconidade" revisitado 142

CAPÍTULO 7

Marilúcia de Oliveira

**Imagens preliminares da diversidade
linguística na Amazônia brasileira 150**

CAPÍTULO 8

Marilúcia de Oliveira

**Images préliminaires de la diversité
linguistique en Amazonie brésilienne..... 172**

CAPÍTULO 9

Gildaris Pandim

**Les collocations avec le verbe
« donner » en portugais..... 182**

CAPÍTULO 10

Gildaris Pandim

**Collocations with the verb
“donner” in Portuguese..... 210**

CAPÍTULO 11

Aline Bazenga

**Possessivos Pré-Nominais
em Português Europeu:
Perceções e avaliações por falantes
de Português Língua Não Materna
da Universidade da Madeira 217**

CAPÍTULO 12

Aline Bazenga

**Possessifs pré-nominaux
en portugais européen:
perceptions et évaluations par des locuteurs
de portugais langue non maternelle
de l'Université de Madère..... 251**

CAPÍTULO 13

Dennis Castanheira
Maria Maura Cezario

**Ensino, "só que" em perspectiva
sociofuncionalista 255**

CAPÍTULO 14

Dennis Castanheira
Maria Maura Cezario

**L'enseignement, « só que » dans
une perspective socio-fonctionnaliste279**

CAPÍTULO 15

Veronica Manole

**Variação e variedade
na intercompreensão românica:
O romeno292**

CAPÍTULO 16

Veronica Manole

**Variație și varietate
în intercompreensiunea romanică:
limba română 313**

CAPÍTULO 17

Ana Luiza Oliveira de Souza

**Construções passivas
em português língua de herança:
Aspectos da aquisição em contato com o italiano 320**

CAPÍTULO 18

Ana Luiza Oliveira de Souza

**Costruzioni passive
in portoghese lingua di origine:
aspetti dell'acquisizione in contatto con l'italiano 348**

CAPÍTULO 19

Pâmela Fagundes Travassos

**Com que finalidade ilocucionária usamos
predicadores complexos de percepção
visual em Português e Francês? 362**

CAPÍTULO 20

Pâmela Fagundes Travassos

**To what illocutionary purpose do we use
complex predicates of visual perception
in Portuguese and French? 385**

CAPÍTULO 21

Sandra de Caldas

**Variation et alternance codique des
néonymes de fonctions et de nouveaux
métiers en portugais européen et en français 390**

CAPÍTULO 22

Sandra de Caldas

**Variação e alternância de códigos dos
neónimos de função e novas profissões
em português europeu e em francês 421**

As Organizadoras

/ *Les Organisatrices* 427

Os Autores e Coautores

/ *Les Auteurs et Co-Auteurs* 429

Índice remissivo 437

PREFÁCIO

O desafio da globalização é, hoje em dia, económico, político, mas também cultural. Necessário se torna pois, num mundo aberto e interligado, respeitar identidades culturais e linguísticas, a diversidade cultural e a diversidade linguística. Essas são condições fundamentais para viver no nosso contexto multicultural e multilinguístico.

As línguas românicas representam uma parte essencial para a diversidade cultural e linguística no meio virtual, tal como foi reconhecido pela UNESCO em 2005, e vários estudos têm sido publicados nessa perspetiva (Alain Calvet, 2016; Michaël Oustinoff, Jean-Louis Calvet, Thierry Paquot, 2017, entre outros). Independentemente da distinção entre línguas, dialetos ou variantes duma língua, o número de pessoas cuja língua materna deriva do latim é elevado, mais de 920 milhões segundo *Britannica*¹. Este elevado número de falantes que partilham diversas línguas românicas – e que muitas vezes praticam a intercompreensão românica – revela a sua vitalidade. As línguas românicas são essenciais para a Europa, mas também para continentes como a América do Sul e a África onde o número de falantes está a crescer ainda mais rapidamente.

A língua, enquanto *continuum* em constante evolução interage com os indivíduos que a falam e com as sociedades e as culturas que a veiculam e que, por ela, se constroem. Tal diversidade, parametrizada segundo vários eixos de tempo, de espaço, de variação ligada ao grupo social e ao registo, suscita numerosas reflexões linguísticas. O projeto *VariaR - Variação em Línguas Românicas*, lançado em 2019 pelas investigadoras Vanessa Meireles da Universidade Paul-Valéry (França) e Marcia dos Santos Machado Vieira da Universidade Federal do Rio

1 <https://www.britannica.com/topic/Romance-languages/Linguistic-characteristics-of-the-Romance-languages>

de Janeiro (Brasil) inscreve-se nessa ótica. Durante os últimos anos, no âmbito desse projeto, têm sido organizados eventos que cobrem as duas esferas de atividade acadêmica: a investigação e o ensino. Assim, foram organizados três colóquios internacionais sobre a variação nas línguas românicas reunindo investigadores e estudantes de diferentes países, debruçando-se sobre a vertente escrita e a vertente oral da variação linguística. Seguiu-se a publicação de três volumes coletivos. Realizaram-se também três seminários sobre o ensino/a aprendizagem do português língua estrangeira, do português como segunda língua ou do português como língua materna que reuniram professores que ensinam o português em várias universidades.

As contribuições reunidas no presente volume articulam-se em torno da *diversidade e da estabilidade nas línguas românicas* enquanto temática principal, a partir de diferentes abordagens – morfológicas, morfossintáticas, lexicais, sociolinguísticas – e de vastos *corpora* em espanhol, português, francês, italiano, romeno e gascão. Os estudos aqui publicados, concebidos sob o ângulo da diversidade, das possibilidades oferecidas por cada sistema linguístico e da pluralidade das manifestações discursivas e textuais apresentadas, refletem a complexidade e a extensão desse fenómeno, bem como a riqueza e a originalidade das abordagens promovidas pela equipa *VariaR*, onde o romeno ocupa um lugar de destaque ao lado das outras línguas românicas.

Assim, este terceiro volume prossegue os trabalhos anteriores sobre a variação, estudada do ponto de vista da língua e do discurso, nas diferentes línguas românicas contempladas, por vezes sujeita a análises contrastivas, enriquecendo dessa forma os resultados descritivos e a reflexão teórica e metodológica dos autores.

E como diria um provérbio português: *Boa leitura, tristeza cura!*

Bucareste, dezembro de 2023

Andreea Teletin

Universidade de Bucareste

andreea.teletin@lils.unibuc.ro

PRÉFACE

Le défi de la globalisation est, de nos jours, économique, politique mais également culturel. Il s'avère nécessaire de vivre dans un monde ouvert et interconnecté, de prendre en compte les identités culturelles et linguistiques, la diversité culturelle et la diversité linguistique. Il s'agit de conditions fondamentales pour vivre dans le contexte multiculturel et multilinguistique qui est le nôtre.

Les langues romanes représentent une partie essentielle pour la diversité culturelle et linguistique dans le milieu virtuel, fait reconnu par l'UNESCO en 2005, et de nombreuses études ont été publiées dans cette perspective (Alain Calvet, 2016 ; Michaël Oustinoff, Jean-Louis Calvet, Thierry Paquot, 2017, entre autres). Indépendamment de la distinction proposée entre langues, dialectes ou variantes d'une langue, le nombre de locuteurs dont la langue maternelle provient du latin est élevé, plus de 920 millions selon *Britannica*². Ce chiffre très élevé de locuteurs qui partagent des langues romanes diverses - et qui assez souvent pratiquent l'intercompréhension romane - montre leur vitalité. Les langues romanes sont essentielles pour l'Europe mais également pour d'autres continents comme l'Amérique du Sud et l'Afrique où le nombre de locuteurs est en train d'augmenter encore plus rapidement.

La langue, vue comme un *continuum* en constante évolution, interagit avec les individus qui la parlent et avec les sociétés et les cultures qui la véhiculent et qui sont construites à travers elle. Telle diversité, paramétrée à partir de plusieurs axes de temps, d'espace, de variation liée au groupe social et au registre de langue, suscite de nombreuses réflexions linguistiques. Le projet *VariaR - Variations dans les langues romanes*, lancé en 2019 par les enseignantes-chercheuses Vanessa Meireles de l'Université Paul-Valéry (France) et Marcia dos

2 <https://www.britannica.com/topic/Romance-languages/Linguistic-characteristics-of-the-Romance-languages>

Santos Machado Vieira de l'Université Fédérale de Rio de Janeiro (Brésil) s'inscrit dans cette optique. Au cours des dernières années, au sein de ce projet, elles ont organisé des événements couvrant les deux sphères de l'activité académique : la recherche et l'enseignement. Ainsi, trois colloques internationaux sur la variation dans les langues romanes ont été organisés, réunissant des chercheurs et des étudiants de plusieurs pays autour des aspects écrits et oraux de la variation linguistique. Ils ont été suivis par la publication de trois volumes collectifs. Trois séminaires ont également été organisés sur l'enseignement/ l'apprentissage du portugais langue étrangère, du portugais langue seconde ou du portugais langue maternelle réunissant des professeurs de portugais de nombreuses universités.

Les contributions réunies dans ce troisième volume s'articulent autour de la *diversité et de la stabilité dans les langues romanes* en tant que thématique principale et s'appuient sur différentes approches – morphologiques, morphosyntaxiques, lexicales, sociolinguistiques – et sur de riches corpus en espagnol, portugais, français, italien, roumain et gascon. Les études, conçues sous l'angle de la diversité, des possibilités offertes par chaque système linguistique et de la pluralité des manifestations discursives et textuelles présentées, reflètent la complexité et l'extension de ce phénomène ainsi que la richesse et l'originalité des approches promues par l'équipe *VariaR*, où le roumain occupe une place importante à côté des autres langues romanes.

Ainsi, ce troisième volume poursuit la série des travaux antérieurs sur la variation, étudiée du point de vue de la langue et du discours dans plusieurs langues romanes, parfois soumise à des analyses contrastives, ce qui enrichit les résultats descriptifs et la réflexion théorique et méthodologique des auteurs.

Et comme dirait un proverbe portugais : *Boa leitura, tristeza cura !*

Bucarest, décembre 2023

Andreea Teletin

Université de Bucarest

andreea.teletin@lils.unibuc.ro

APRESENTAÇÃO

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ, CNPq e FAPERJ)
Vanessa Meireles (UPVM, ReSO)

A coordenação do Projeto VariaR – Variação em línguas românicas – tem o prazer de apresentar à comunidade global a obra *Diversidade e estabilidade em línguas românicas*, que reúne trabalhos oriundos de diferentes perspectivas de análise. O livro contém contribuições envolvendo descrições e análises do espanhol e suas variedades, do gascão (dialeto do occitano), do português e suas variedades (descrição, questões de percepção, ensino e aquisição de português língua materna e não materna), do romeno e, por fim, dois estudos comparativos entre português e francês. As línguas românicas e suas variedades de expressão no mundo revelam-se em processos de estabilização, variação e mudança. Os capítulos reunidos nesta obra têm em comum o fato de explicitarem investigações de questões (morfológicas, morfossintáticas, lexicais) e análises de dados de usos associadas principalmente aos fenômenos de diversidade e/ou estabilidade. Têm, em particular, um contorno temático diferente do que já se encontra na literatura linguística, ou variedade(s) de língua(s) românica(s) específica(s) ou um certo perfil teórico-metodológico (comparativo ou não, material de uso ou de percepção).

No primeiro capítulo, intitulado “O aspecto *perfect* realizado morfológicamente pelo *Pretérito Perfecto Compuesto* nas variedades de Buenos Aires e Cidade do México”, Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold, Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques e Mylena Teixeira de Oliveira (Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Universidade Federal do Rio de Janeiro) comparam a forma morfológica do “*perfect*”, que indica a relevância no presente de um evento passado, em *corpora* de duas variedades do espanhol: o espanhol da

cidade de Buenos Aires e o espanhol da cidade do México. Os dados coletados pelas autoras levam-nas a propor que ambas as variedades compartilham características de produtividade e utilização da forma composta para expressar a categoria aspectual do “perfect”.

No capítulo seguinte, “A estratégia de retomada de objeto direto anafórico de 3ª pessoa pela repetição do sintagma nominal nas variedades do espanhol de Santander e Santiago do Chile: uma proposta de classificação tipológica do sintagma nominal”, Júlia Cheble Puertas (Doutora em Estudos Linguísticos em Língua Espanhola pela Universidade Federal do Rio de Janeiro) analisa 20 entrevistas do *corpus* PRESEEA e descreve os elementos anafóricos que constituem o processo de continuidade referencial, ou seja, o antecedente e o elemento anafórico na função de objeto direto anafórico (ODA) de 3ª pessoa. Entre os resultados descritos, sobressai a estratégia de retomada baseada na repetição do SN. Os dados coletados pela autora revelaram que essa estratégia se destacou como a segunda mais produtiva na amostra relativa ao espanhol de Santander e de Santiago do Chile.

Em “Questions d’aréologie occitane: le ‘gradient de gasconité’ revisité”, de Jean Léo Léonard (Dipralang: EA 739, Université Paul-Valéry Montpellier 3) e Guylaine Brun-Trigaud (CNRS UMR 7320, Université Côte d’Azur, Nice), o leitor tem a oportunidade de conhecer o estudo de dialetos fundamentado em uma ferramenta técnica chamada de distância de edição (Gabmap). Utilizando o exemplo do dialeto gascão dentro do contexto da língua occitana, os autores analisam peculiaridades regionais e o impacto estrutural de diversos fatores sistêmicos, visando à delimitação de áreas dialetais, demonstrando que a ferramenta utilizada permite a exploração de uma ampla e coerente gama de dinâmicas regionais, a partir de uma perspectiva da dialetologia multidimensional.

No capítulo intitulado “Imagens preliminares da diversidade linguística na Amazônia brasileira”, Marilucia Barros de Oliveira

(Programa de Pós-graduação em Letras, Universidade Federal do Pará) aborda a diversidade e a variação linguística na região da Amazônia Brasileira, baseando-se em pesquisas previamente publicadas. Em essência, a autora traz uma revisão da literatura comunicando os resultados por meio de material visual (imagens). O texto inclui os achados de estudos que foram conduzidos com dados do Português Brasileiro, comunidades afrodescendentes e comunidades indígenas, mostrando tanto as discrepâncias quanto as semelhanças nas formas de usos linguísticos nos grupos evocados.

Em “Les collocations avec le verbe ‘donner’ en portugais”, Gildaris Pandim (Université Sorbonne Nouvelle Paris 3) analisa colocações com o verbo “dar”. Examinando dados coletados no *corpus* África, sua pesquisa identifica frases específicas com esse verbo que refletem características linguísticas e aspectos socioculturais das variedades do português falado nos países africanos onde o português é a língua oficial. A descrição propicia subsídios para o conhecimento de predicções com o verbo “dar” efetivamente usadas em comunidades africanas que nem sempre estão registradas em obras da literatura, sem contar a atenção que dá a variedades do Português que compõem o mosaico de expressões da chamada língua portuguesa. Ademais, o capítulo aborda construção com verbo suporte, tema de outro capítulo desta obra.

Em “Possessivos Pré-Nominais em Português Europeu: percepções e avaliações por falantes de Português Língua Não Materna da Universidade da Madeira”, Aline Bazenga (Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), Universidade da Madeira) investiga os juízos formulados por falantes não nativos de português em relação a construções que envolvem possessivos pré-nominais (PPN), tanto com quanto sem o uso de artigos definidos. O estudo contribui para a compreensão de questões de percepção sociolinguística, especialmente no que diz respeito à variação morfossintática, no Português Europeu, quanto ao emprego variável do artigo definido em estruturas com possessivos pré-nominais.

Colabora, ainda, para a literatura sobre aquisição/aprendizagem de Português Língua Não Materna (PLNM) e a literatura sobre línguas românicas, ao mostrar metodologia e resultados empíricos sobre um fenômeno que também é variável em outras línguas românicas.

O capítulo “Ensino, “só que” em perspectiva sociofuncionalista”, de Dennis Castanheira (Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem, Universidade Federal Fluminense) e Maria Maura Cezario (Programa de Pós-graduação em Linguística, Universidade Federal do Rio de Janeiro) explora estratégias para o ensino de gramática, concentrando-se na análise das diferentes formas de utilização do conector “só que” no português brasileiro. Para alcançar esse propósito, seguem os princípios teóricos do Sociofuncionalismo. Os autores adotam uma abordagem qualitativa baseada em revisão bibliográfica e pesquisa-ação, ressaltando a importância da conexão entre variação linguística e discurso como fundamental para o tratamento do tema na sala de aula em contextos reais de uso.

No capítulo “Variação e variedade na intercompreensão românica: o romeno”, Veronica Manole, da Universidade Babeş-Bolyai, explora a variação e a diversidade no contexto da intercompreensão (IC) entre línguas românicas, examinando como o romeno é incorporado em manuais, projetos e outros recursos. Após uma visão abrangente da IC, e análise de características lexicais e morfológicas específicas do romeno, avalia o grau de clareza ou complexidade do idioma em contextos de IC. A autora propõe, então, soluções e estratégias para que o romeno se torne mais acessível para falantes de outras línguas românicas.

No capítulo “As construções passivas em Português como Língua de Herança: aspectos da sua aquisição em contato com o italiano”, Ana Luiza Oliveira de Souza (Centro Linguístico – CLI, Departamento de Filologia, Literatura e Linguística, Università di Pisa) aborda, dentro do *continuum* da transitividade e segundo modelos teóricos da Linguística Funcional Baseada no Uso, como a

voz verbal se manifesta em contexto multilíngue. Para tanto, considera dados do *corpus* CBFior-PBLH, que reúne produções orais de crianças ítalo-brasileiras que moram na região Toscana.

No capítulo “Com que finalidade ilocucionária usamos prediadores complexos de percepção visual em Português e Francês?”, Pâmela Fagundes Travassos (Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas/Universidade Federal do Rio de Janeiro) explora as intenções comunicativas subjacentes ao uso de estruturas complexas envolvendo a percepção visual com verbos (semi-)suportes em duas línguas românicas, nomeadamente o português (nas variedades do Brasil e de Portugal) e o Francês. A autora adota a abordagem construcionista da linguagem conforme apresentada por Goldberg (1995, 2006) e também incorpora princípios das teorias pragmáticas dos atos de fala de Austin (1962) e Searle (1975), para analisar dados coletados na plataforma Sketch Engine. A autora indica que os usos analisados dessas construções apontam para uma força ilocucionária de sugestão, convite ou conselho.

Em “Variation et alternance codique des néonymes de fonctions et de nouveaux métiers en portugais européen et en français”, Sandra de Caldas (Université Paris 8 - EA 4385 Laboratoire d’Études Romanes) analisa e compara os termos novos ou “neônimos” para funções e profissões emergentes no português europeu e no francês contemporâneo, enfatizando a variação linguística inerente aos processos de inovação e criatividade. A partir de um corpus composto por anúncios de empregos publicados on-line em ambas as línguas, a autora examina as instabilidades lexicais de alguns neônimos (reformulações, perífrases e outras construções equivalentes). Este é outro capítulo a colaborar para o conhecimento de diversidade e estabilidade em línguas românicas.

Para tornar os textos mais acessíveis a um público não lusófono, cada capítulo em português é acompanhado de um resumo expandido em uma língua estrangeira, destacando os principais aspectos tratados.

Esta obra é, portanto, resultado de valiosas contribuições e interações. Os textos que revelam as pesquisas brevemente delineadas nesta apresentação foram submetidos ao escrutínio de pesquisadores de um comitê científico experiente em lidar com a variação linguística. Cada texto foi submetido a um processo de avaliação duplo cego. Expressamos nossa gratidão àqueles que dedicaram seu tempo à avaliação e à revisão da versão inicial de cada capítulo. Vale ressaltar que a versão final de cada texto é de responsabilidade intelectual exclusiva dos autores.

Nossos agradecimentos também se estendem à Universidade Paul-Valéry e à equipe de pesquisa ReSO (*Recherches sur les Suds et les orientes*) pelo apoio financeiro oferecido para a publicação. Queremos também expressar nossa gratidão ao programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da UFRJ por sua participação no processo de concepção e divulgação deste livro, o qual, em certa medida, também se alinha à meta de pôr em evidência “vozes e escritas em diferentes espaços da língua portuguesa” (conforme projeto Capes PrInt desse programa). Além disso, agradecemos à estudante da UPVM que esteve envolvida na revisão dessa obra.

Boa leitura e bom proveito dos conteúdos noutros espaços de (inter)ação!

As organizadoras

PRÉSENTATION

Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ, CNPq et FAPERJ)
Vanessa Meireles (UPVM, ReSO)

Les coordinatrices du projet VariaR – Variation dans les langues romanes – ont le plaisir de présenter à la communauté mondiale le livre *Diversité et stabilité dans les langues romanes*, qui rassemble des travaux issus de différentes perspectives d'analyse. Le livre contient des contributions comprenant des descriptions et des analyses de l'espagnol et de ses variétés, du gascon, du portugais et de ses variétés (description, questions de perception, enseignement et acquisition du portugais en tant que langue maternelle et non maternelle), du roumain et, enfin, deux études comparatives entre le portugais et le français. Les langues romanes et leurs variétés d'expression à travers le monde connaissent des processus de stabilisation, de variation et de changement. Les chapitres de ce livre ont en commun de rassembler des recherches sur des questions (morphologiques, morphosyntaxiques, lexicales) et des analyses de données d'usage associées principalement aux phénomènes de diversité et/ou de stabilité. En particulier, ils ont soit un contour thématique différent de ce que l'on trouve déjà dans la littérature linguistique, soit par une approche spécifique de la (des) variété(s) de langue romane, soit par l'adoption d'un profil théorique-méthodologique particulier, qui peut être comparatif ou non, couvrant à la fois les matériaux d'usage et de perception.

Dans le premier chapitre, intitulé « O aspecto *perfect* realizado morfológicamente pelo *Pretérito Perfecto Compuesto* nas variedades de Buenos Aires e Cidade do México » (L'aspect *perfect* morphologiquement réalisé par le *Pretérito Perfecto Compuesto* dans les variétés de Buenos Aires et de Mexico), Maria Mercedes

Riveiro Quintans Sebold, Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques et Mylena Teixeira de Oliveira (Programme de troisième cycle en langues néo-latines, Université fédérale de Rio de Janeiro) comparent la forme morphologique du « perfect », qui indique la pertinence dans le présent d'un événement passé, dans les corpus de deux variétés d'espagnol : l'espagnol de la ville de Buenos Aires et l'espagnol de la ville de Mexico. Les données recueillies par les auteurs les amènent à proposer que les deux variétés partagent des caractéristiques de productivité et d'utilisation de la forme composée pour exprimer la catégorie aspectuelle du « perfect ».

Dans le chapitre suivant, « A estratégia de retomada de objeto direto anafórico de 3ª pessoa pela repetição do sintagma nominal nas variedades do espanhol de Santander e Santiago do Chile: uma proposta de classificação tipológica do sintagma nominal » (La stratégie de reprise de l'objet direct anaphorique à la troisième personne par la répétition du syntagme nominal dans les variétés espagnoles de Santander et de Santiago du Chili : une proposition de classification typologique du syntagme nominal), Júlia Cheble Puertas (docteur en études linguistiques de la langue espagnole de l'Université fédérale de Rio de Janeiro) analyse 20 entretiens du corpus PRESEEA et décrit les éléments anaphoriques qui composent le processus de continuité référentielle, à savoir l'antécédent et l'élément anaphorique dans la fonction d'objet direct anaphorique à la 3e personne (ODA). Parmi les résultats décrits, la stratégie de reprise basée sur la répétition du SN se distingue. Les données recueillies par l'auteur ont révélé que cette stratégie était la deuxième plus productive dans l'échantillon d'espagnols de Santander et de Santiago du Chili.

Dans « Questions d'aréologie occitane : le 'Gradient de Gasconité' revisité », par Jean Léo Léonard (Dipralang : EA 739, Université Paul-Valéry Montpellier 3) et Guylaine Brun-Trigaud (CNRS UMR 7320, Université Côte d'Azur, Nice), le lecteur a l'occasion de s'initier à l'étude des dialectes à partir d'un outil technique appelé distance d'édition (Gabmap). En prenant l'exemple du dialecte

gascon dans le contexte de la langue occitane, les auteurs analysent les particularités régionales et l'impact structurel de divers facteurs systémiques en vue de délimiter des aires dialectales, démontrant que l'outil utilisé permet d'explorer un éventail large et cohérent de dynamiques régionales dans une perspective de dialectologie multidimensionnelle.

Dans le chapitre intitulé « *Imagens preliminares da diversidade linguística na Amazônia brasileira* » (Images préliminaires de la diversité linguistique en Amazonie brésilienne), Marilucia Barros de Oliveira (Programme de troisième cycle en langues, Université fédérale de Pará) examine la diversité et la variation linguistiques dans la région de l'Amazonie brésilienne, sur la base de recherches déjà publiées. En substance, l'auteur passe en revue la littérature et communique les résultats à l'aide de matériel visuel (images). Le texte inclut les résultats d'études menées à partir de données provenant du portugais brésilien, de communautés afro-descendantes et de communautés indigènes, montrant à la fois des divergences et des similitudes dans les formes d'utilisation de la langue dans les groupes évoqués.

Dans le chapitre « *Les collocations avec le verbe 'donner' en portugais* », Gildaris Pandim (Université Sorbonne Nouvelle Paris 3) analyse les collocations avec le verbe « *dar* ». En examinant les données recueillies dans le corpus *Africa*, sa recherche identifie des phrases spécifiques avec ce verbe qui reflètent les caractéristiques linguistiques et les aspects socioculturels des variétés de portugais parlées dans les pays africains où le portugais est la langue officielle. La description fournit des informations sur les prédications avec le verbe « *dar* » réellement utilisées dans les communautés africaines qui ne sont pas toujours enregistrées dans les œuvres littéraires, sans parler de l'attention qu'elle porte à des variétés de portugais qui constituent la mosaïque d'expressions de la soi-disant langue portugaise. Ce chapitre aborde également les constructions avec le verbe support, qui font l'objet d'un autre chapitre de ce livre.

Dans « Possessivos Pré-Nominais em Português Europeu: percepções e avaliações por falantes de Português Língua Não Materna da Universidade da Madeira » (Les possessifs prénominaux en portugais européen : perceptions et évaluations par des locuteurs de portugais langue non maternelle à l'Université de Madère), Aline Bazenga (Centre de Linguistique de l'Université de Lisbonne, Université de Madeira) étudie les jugements portés par des locuteurs non natifs du portugais sur des constructions impliquant des possessifs prénominaux (PPN), avec et sans l'utilisation d'articles définis. L'étude contribue à la compréhension des questions de perception sociolinguistique, en particulier en ce qui concerne la variation morphosyntaxique dans le portugais européen en termes d'utilisation variable de l'article défini dans les structures avec des possessifs prénominaux. Elle contribue également à la littérature sur l'acquisition/apprentissage du portugais langue non maternelle (PLNM) et à la littérature sur les langues romanes, en montrant la méthodologie et les résultats empiriques d'un phénomène qui est également variable dans d'autres langues romanes.

Le chapitre « Ensino, 'só que' em perspectiva sociofuncionalista » (L'enseignement, 'só que' dans une perspective socio-fonctionnaliste) de Dennis Castanheira (Programme de troisième cycle en Sciences du langage, Université fédérale Fluminense) et Maria Maura Cezario (Programme de troisième cycle en Linguistique, Université fédérale de Rio de Janeiro) explore les stratégies d'enseignement de la grammaire, en se concentrant sur l'analyse des différentes façons dont le connecteur « só que » est utilisé en portugais brésilien. Pour ce faire, ils suivent les principes théoriques du sociofonctionnalisme. Les auteurs adoptent une approche qualitative basée sur une analyse de la littérature et une recherche-action, soulignant l'importance du lien entre la variation linguistique et le discours comme fondamental pour le traitement du sujet en classe dans des contextes d'utilisation réels.

Dans le chapitre « Variação e variedade na intercompreensão românica : o romeno » (Variation et variété dans l'intercompréhension romane : le roumain), Veronica Manole, de l'Université Babeş-Bolyai, explore la variation et la diversité dans le contexte de l'intercompréhension (IC) entre les langues romanes, en examinant comment le roumain est incorporé dans des manuels, des projets et d'autres ressources. Après un aperçu complet de l'IC et une analyse des caractéristiques lexicales et morphologiques spécifiques du roumain, elle évalue le degré de clarté ou de complexité de la langue dans les contextes d'IC. L'auteur propose ensuite des solutions et des stratégies pour rendre le roumain plus accessible aux locuteurs d'autres langues romanes.

Dans le chapitre « As construções passivas em Português como Língua de Herança: aspectos da sua aquisição em contato com o italiano » (Constructions passives en portugais langue d'héritage : aspects de leur acquisition au contact de l'italien), Ana Luiza Oliveira de Souza (Centre Linguistique – CLI, Département de Philologie, Littérature et Linguistique, Università di Pisa) discute, dans le cadre du *continuum* de transitivité et selon les modèles théoriques de la Linguistique Fonctionnelle Basée sur l'Usage, comment la voix verbale se manifeste dans un contexte multilingue. Pour ce faire, elle examine les données du corpus CBFlor-PBLH, qui rassemble les productions orales d'enfants italo-brésiliens vivant dans la région de Toscane.

Dans le chapitre « Com que finalidade ilocucionária usamos predicadores complexos de percepção visual em Português e Francês ? » (Avec quel objectif illocutoire utilisons-nous des prédicateurs complexes de perception visuelle en portugais et en français ?), Pâmela Fagundes Travassos (Programme de troisième cycle en lettres vernaculaires, Université fédérale de Rio de Janeiro) explore les intentions communicatives sous-jacentes à l'utilisation de structures complexes impliquant la perception visuelle avec des verbes (semi-) supports dans deux langues romanes, à savoir le portugais (dans les variétés du Brésil et du Portugal) et le français. L'auteur adopte

l'approche constructionniste du langage présentée par Goldberg (1995, 2006) et incorpore également les principes des théories pragmatiques des actes de langage d'Austin (1962) et de Searle (1975) pour analyser les données collectées sur la plateforme Sketch Engine. L'auteur indique que les utilisations analysées de ces constructions indiquent une force illocutoire de suggestion, d'invitation ou de conseil.

Dans « Variation et alternance codique des néonymes de fonctions et de nouveaux métiers en portugais européen et en français », Sandra de Caldas (Université Paris 8 - EA 4385 Laboratoire d'Études Romanes) analyse et compare de nouveaux termes ou « néonymes » pour des fonctions et professions émergentes en portugais européen et en français contemporain, en mettant l'accent sur la variation linguistique inhérente aux processus d'innovation et de créativité. À partir d'un corpus constitué d'offres d'emploi publiées en ligne dans les deux langues, l'auteur examine les instabilités lexicales de certains néonymes (reformulations, périphrases et autres constructions équivalentes). Il s'agit d'un autre chapitre qui contribue à la connaissance de la diversité et de la stabilité dans les langues romanes.

Afin de rendre les textes plus accessibles à un public non lusophone, chaque chapitre en portugais est accompagné d'un résumé développé en langue étrangère, mettant en évidence les principaux aspects traités.

Ce travail est donc le résultat de contributions et d'interactions précieuses. Les textes qui révèlent la recherche brièvement exposée dans cette présentation ont été soumis à l'examen de chercheurs d'un comité scientifique expérimenté dans le domaine de la variation linguistique. Chaque texte a été soumis à un processus d'évaluation en double aveugle. Nous exprimons notre gratitude à ceux qui ont pris le temps d'évaluer et de réviser la version initiale de chaque chapitre. Il convient de souligner que la version finale de chaque texte relève de la seule responsabilité intellectuelle des auteurs.

Nos remerciements vont également à l'Université Paul-Valéry et à l'équipe de recherche ReSO (Recherches sur les Suds et les orientés) pour leur soutien financier à la publication de cet ouvrage. Nous tenons également à exprimer notre gratitude au Programme de troisième cycle en lettres vernaculaires de l'UFRJ pour sa participation au processus de conception et de diffusion de cet ouvrage. Ce dernier, dans une certaine mesure, s'inscrit également dans l'objectif de mettre en valeur « les voix et les écrits dans différents espaces de la langue portugaise », selon le projet Capes PrInt de ce programme. Nous remercions également l'étudiante de l'UPVM qui a participé à la relecture de cet ouvrage.

Bonne lecture et profitez des contenus dans d'autres espaces d'(inter)action !

Les organisatrices

1

*Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebold
Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques
Mylena Teixeira de Oliveira*

O ASPECTO *PERFECT* REALIZADO MORFOLOGICAMENTE PELO *PRETÉRITO PERFECTO COMPUESTO* NAS VARIEDADES DE BUENOS AIRES E CIDADE DO MÉXICO

RESUMO

O *perfect* é uma categoria aspectual que, de acordo com Comrie (1976), indica a relevância no presente de um evento passado, não fazendo referência diretamente à situação. Em espanhol, uma das formas de realização do *perfect* é através do Pretérito Perfecto Compuesto (PPC). Entretanto, o padrão de informação aspectual (+) imperfectivo pode não se manter em todas as variedades do espanhol. Rodríguez Louro (2010), em estudo sobre a realização do *perfect* na variedade de Buenos Aires, propõe que o uso do Pretérito Perfecto Compuesto (PPC) é favorecido em contextos de passado experiencial e dois tipos são evidentes: o que indica passado indefinido e o que codifica passado iterativo e habitual. Já na variedade da Cidade do México, o PPC é usado para fazer referência a situações que têm a possibilidade de continuar no futuro (cf. Company Company, 2002; Akerberg, 2006; Rae, 2010). Neste capítulo, nosso objetivo é comparar a realização morfológica do *perfect* em *corpora* de duas variedades do espanhol: o espanhol da cidade de Buenos Aires e o espanhol da cidade do México. Dados levantados nos permitem propor que as duas variedades analisadas compartilham traços de produtividade e uso da forma composta para a realização do *perfect*.

Palavras-chave: aspecto; realização morfológica; pretérito perfecto compuesto; variedade de Buenos Aires; variedade da Cidade do México.

INTRODUÇÃO

Consideramos os princípios da Sociolinguística Paramétrica que evoluiu paralelamente à Teoria de Princípios e Parâmetros proposta por Chomsky em 1981. Duarte (2019) defende que Tarallo (1987), num artigo publicado na Revista *Ensaios de Linguística* (v. 13, UFMG), aventava a possibilidade de que tal teoria poderia acompanhar a mudança sintática a partir das propriedades relacionadas aos parâmetros da gramática universal. A pesquisa em Sociolinguística Paramétrica parte das propriedades associadas à marcação de um parâmetro para o estabelecimento de hipóteses, grupo de fatores e análise dos dados. Entendemos a importância de verificar como se dá, na sociedade (daí a importância da recorrência a *corpora*) a seleção do Pretérito Perfecto Compuesto que originariamente tem uma marcação (+) imperfectivo e, tem apresentado, em algumas línguas, a marcação (+) perfectivo.

Duarte (2019) também retoma o artigo de Tarallo 1989, reeditado em 2006, no qual se reafirma a compatibilidade entre a linguística das “propriedades paramétricas” e a linguística de pesos relativos. Além de todos os argumentos já elencados pela autora, há um ainda mais convincente. A autora afirma que a Teoria da Variação e Mudança Linguística (TVM) propostas em Weinreich, Labov e Herzog (1968):

[...] se funda igualmente em princípios assentados sobre fundamentos empíricos advindos da observação da língua-E. E, como não há outra forma de estudar a mudança a não ser com base em dados da Língua-E para se chegar às propriedades da Língua-I, temos aí os ingredientes para um casamento perfeito (Duarte, 2019, p. 3).

Como nosso objeto de estudo são duas variedades americanas do espanhol, a variedade de Buenos Aires e a variedade da Cidade do México, cabe inicialmente problematizar a pluricentralidade dessa

língua se comparada a outras línguas policêntricas como o português, o inglês ou o francês. Nessa linha de pensamento, encontramos diferentes tendências de descrição do espanhol que frequentemente estão organizadas dicotomicamente: espanhol peninsular, espanhol americano, por exemplo.

Entretanto, tais descrições têm muitas vezes apresentado diferentes variedades reunidas em um único bloco o que pode apagar ou homogeneizar características intrínsecas e específicas de uma e não todas as variedades reunidas em tal bloco.

No que se refere à categoria aspectual, Comrie (1976) aponta dois aspectos básicos: perfectivo e imperfectivo. Posteriormente, o autor faz menção ao *perfect* que, diferentemente das demais categorias aspectuais, não trata da constituição temporal interna de um evento.

O *perfect*, segundo Comrie (*op. cit.*), não faz referência à situação em si, mas relaciona dois pontos no tempo, indicando a relevância no presente de um evento passado. Este autor propôs uma classificação de diferentes tipos de *perfect* no inglês, segundo a qual haveria: (i) *perfect* de situação persistente, que indica uma situação que começou no passado e continua no presente; (ii) *perfect* de resultado, que indica um estado presente que é resultado de uma situação passada; (iii) *perfect* experiencial, que indica uma situação passada que provocou uma experiência que se mantém no presente; e (iv) *perfect* de passado recente, que indica uma situação que aconteceu recentemente. Entretanto, neste trabalho, a categorização usada é a de Rodríguez Louro (2012), que será apresentada mais adiante, na seção 1.

Sobre a realização do *perfect* pelo *pretérito perfecto compuesto*, a *Nueva Gramática de la lengua española: Manual* (2010) (doravante NGLE), aponta que tal forma, composta pela perífrase *haber* + participípio, pode ter duas interpretações, a saber: de antepresente ou de perfectivo. Sendo interpretado com valor de

antepresente, o PPC expressa a anterioridade de um evento denotado em relação a um ponto de referência situado no presente, como podemos observar na sentença em (1a); e, sendo interpretado como perfectivo, faz referência a situações acabadas, não expressando, portanto, valor de *perfect*, como podemos observar na sentença em (1b) (NGLE, 2010, p. 438).

(1) a. *En este año, hemos avanzado mucho.*

b. *Ha muerto hace dos meses.*

Nas distintas variedades do espanhol, os parâmetros de seleção desta forma verbal nem sempre seguem os princípios descritos pelas gramáticas normativas e podem marcar idiossincrasias relevantes na descrição das mesmas. E disso nos ocupamos.

Este capítulo está organizado da seguinte forma: na primeira seção, apresentamos um estado da questão nas variedades em análise; na segunda seção, apresentamos a metodologia adotada; na terceira seção, apresentamos a análise dos dados; na seção seguinte, fazemos a discussão dos dados levantados e, finalmente, apresentamos as Considerações Finais.

ESTADO DA QUESTÃO NA VARIEDADE DE BUENOS AIRES E DA CIDADE DO MÉXICO

É bastante frequente encontrarmos como argumento e justificativa para o ensino /aprendizagem do espanhol que se trata de uma língua falada por 543 milhões de falantes em 21 países. Entretanto, ao fazer referência a essa língua, parece predominar uma visão homogênea e uniforme. Cabe destacar que houve uma

abertura inicial que parecia contemplar algum tipo de variação no espanhol, mas tal abertura se configurou numa polarização entre a língua da Espanha e outra variedade diferente desta. Termos como “espanhol da (em) Espanha” x “espanhol da (em) América”, “espanhol peninsular” x “espanhol americano” pareciam contemplar a possibilidade de que a língua levada por Colombo à América fosse diferente da falada na Espanha, mas ainda assim supunha uma grande homogeneidade e uniformidade tanto em um bloco quanto em outro.

Dentre os autores que temiam a fragmentação da língua, está Alonso (1956). Nesse trabalho, o filólogo retoma a profecia de Rufino J. Cuervo (1901) de que “no hay lengua en el mundo que no haya de fragmentarse o extinguirse un día”. Ao defender o trabalho das *Academias*, ele revela seu medo de que a língua se fragmente:

Sí; aun nuestro mismo lema puede resultar equivocado: “Limpia, fija y da esplendor.” ¿Qué esplendor? Señores, no se trata de esplendor alguno, sino de evitar que dentro de pocas generaciones los hispanohablantes no se puedan entender los unos a los otros. El problema que tenemos delante no es el de dar “esplendor”, sino el de impedir que nuestra lengua se nos haga pedazos. Por eso, yo desearía que a la medalla que llevamos sobre el pecho, algún ingenioso emblemista le grabara otro lema más actual, un lema que expresara nuestra voluntad decidida de hacer todo lo posible por impedir la fragmentación de la lengua castellana (Alonso, 1956, p. 273).

Lope Blanch (1989) queria diminuir as distâncias entre o que ele chamava de “modalidades española y americana” e chegava inclusive a afirmar que as diferenças eram reduzidas e que haveria uma maior “afinidade” entre as modalidades americanas e espanholas do que entre as modalidades hispano-americanas.

A partir da década de 1990, a linguista hispânica Fontanella de Weinberg, começa a olhar para as divergências linguísticas e sua repercussão nesse debate sobre a unidade da língua. A linguista postula questões como: O que é o espanhol americano? Existe um

espanhol americano? A definição apresentada por Fontanella de Weinberg (1993) é de que se trata de:

Una entidad que se puede definir geográfica e históricamente. Es decir, es el conjunto de variedades dialectales del español habladas en América que comparten una historia común, por tratarse de una lengua trasplantada a partir del proceso de conquista y colonización del territorio americano (Fontanella de Weinberg, 1993, p. 15).

Fontanella de Weinberg (1993) também questiona as zonas dialetais e discute as propostas de Henríquez Ureña, Rona, Resnik, Zamora e Guitarte. Segundo a autora, cinco, quatro, oito ou três características não dão conta de uma efetiva demarcação. Sua proposta é de que sejam feitos atlas linguísticos que descrevam a extensão de tais características.

Com relação às tendências atuais dos estudos linguísticos sobre as variedades do espanhol, destacamos neste período os grandes projetos de organização dos *corpora* orais. Briz (2012) destaca o grande desenvolvimento hispânico na Linguística de *corpus* (os 47 *corpora* orais do espanhol e os 16 do *Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América* (PRESEEA) e simultaneamente o desenvolvimento dos estudos sociolinguísticos, pragmáticos e da análise do discurso.

Digno de ressalva, entretanto, é o fato de que nem todas as variedades do espanhol têm a mesma visibilidade. Como exemplo, citamos o PRESEEA do Paraguai que teve suas entrevistas coletadas, mas que ainda não as têm disponibilizadas porque o trabalho de transcrição não foi feito e o de Quito que está na fase de finalização das transcrições. Da mesma forma, o PRESEEA da Argentina teve entrevistas disponibilizadas que foram repentinamente retiradas da página e nunca mais foram devolvidas.

Com igual importância, os artigos de divulgação científica mais recentes têm se ocupado em descrever variedades do espanhol

e aportar idiosincrasias das mesmas, parecendo fazer um movimento de afastamento do grande bloco variedades peninsulares-variedades não peninsulares.

Fruto de uma aparente orientação pluricêntrica, a *Nueva Gramática de la lengua* (2009) surge com o objetivo de favorecer uma valorização normativa dos usos nas diferentes variedades linguísticas do espanhol. Nessa linha de pensamento, tal propósito é firmemente afirmado no seguinte fragmento:

No es posible presentar el español de un país o de una comunidad como modelo panhispánico de lengua. Tiene, por el contrario, más sentido describir pormenorizadamente las numerosas estructuras que son compartidas por la mayor parte de los hispanohablantes, precisando su forma, su significado y su estimación social, y mostrar separadas las opciones particulares que pueden proceder de alguna variante, sea **del español americano o del europeo**. Cuando estas opciones resultan comunes, y hasta ejemplares, en áreas lingüísticas específicas, deben ser descritas como tales. Obrar de este modo no solo **no pone en peligro la unidad del español**, sino que contribuye más bien a fortalecerla, y ayuda a comprender su distribución geográfica de forma más cabal (Real Academia Española y Asociación de Academias de la Lengua Española, 2009, XLII, grifos nossos).

Com relação às variedades do espanhol, muitas vezes verificamos uma intenção de aproximar as variedades americanas às variedades peninsulares numa possível tentativa de negar o distanciamento que pode estar ocorrendo no que diz respeito a suas especificidades. Por outro lado, algumas variedades americanas do espanhol têm apresentado traços não compartilhados pelas demais variedades. Oesterreicher (*apud* Lebsanft; Mihatsch; Polzin-Haumann, 2012) propõe a existência de três estândares regionais na América: México e as zonas vizinhas, Argentina e os países do Rio de la Plata e os países andinos e Caribe, a zona setentrional da América do Sul, Chile e os Estados Unidos. Considerando a proposta de

Oesterreicher, a variedade de Buenos Aires e a da cidade do México não estariam dentro da mesma macrorregião.

Adotamos a categorização de tipos de *perfect* proposta por Rodríguez Louro (2012). Essa autora propõe 3 tipos de *perfect*, a saber: continuativo, hodierno/passado recente e experiencial. O *perfect* continuativo indica uma situação que começou em algum momento do passado e que se estende até o momento presente. O *perfect* de passado recente se refere a uma situação que está num âmbito temporal muito próximo ao momento de enunciação (geralmente no intervalo de um dia). Para definir o *perfect* experiencial, a autora propõe que há referência a alguma situação que pode ter ocorrido pelo menos uma vez.

No que diz respeito à realização do PPC, a variedade de Buenos Aires tem sido descrita como mais distante da caracterização de outras variedades do espanhol. Nosso objetivo neste estudo é comparar a realização morfológica do *perfect* pelo *Pretérito Perfecto Compuesto* em duas variedades do espanhol: a de Buenos Aires e a da Cidade do México. Nossas hipóteses são que,

Na variedade de Buenos Aires:

- (i) o *perfect* (quando realizado pelo PPC) ocorrerá majoritariamente com valor de *perfect* continuativo;
- (ii) o *perfect* (quando realizado pelo PPC) ocorrerá minimamente com valor de passado recente;
- (iii) o não *perfect* (quando realizado pelo PPC) ocorrerá em contextos de passado perfectivo.

Na variedade da Cidade do México:

- (i) o *perfect* (quando realizado pelo PPC) ocorrerá majoritariamente com valor de *perfect* continuativo;

- (ii) o *perfect* (quando realizado pelo PPC) ocorrerá minimamente com valor de *perfect* de passado recente;
- (iii) o *perfect* (quando realizado pelo PPC) ocorrerá com valor de *perfect* experiencial.

O *PERFECT* (REALIZADO MORFOLOGICAMENTE PELO PPC) NO ESPANHOL DA CIDADE DO MÉXICO

No que se refere à realização do *perfect* pelo PPC em distintas variedades do espanhol, destacamos que, tendo em vista a heterogeneidade da língua, há diferenças nos valores atribuídos à forma composta. A *Nueva Gramática de la Lengua Española* (NGLE) aborda tais diferenças, como podemos observar no fragmento a seguir, contudo tal consideração se dá de modo reducionista e pouco atento às variedades da língua.

No México, em muitos dos países da América Central e vários da área caribenha, entre os quais está a Venezuela, o PPS (*canté*) é usado para fazer referência a ações acabadas no pasado, como em *Hoy estuvo más tranquilo* (Excélsior 21/1/1997), enquanto que o PPC é usado para fazer referência a ações ou situações que continuam, ou permanecem abertas, no presente: *Siempre he vivido aquí* ("Continuo vivendo aqui"); *María no ha llegado* (isto é, "Espera-se que chegue") (RAE, 2010, p. 438, tradução nossa, grifos no original).

Além da Real Academia Española, diversos autores (Moreno de Alba, 1975; Howe, 2013; Colombo Airoidi, 1992) destacam que, na variedade mexicana, o PPC tem valor aspectual imperfectivo e valor temporal de presente, isto é, ações iniciadas no passado, que se constituem no momento presente e que podem se estender para o futuro,

como podemos observar nas sentenças em (2). Schwenter e Torres Cacoullós (2008) comentam que em (2a) entende-se que um indivíduo atendeu a outro no passado e continua a fazê-lo no momento atual. Em (2b), no entanto, o falante se autocorrige e troca o tempo composto pelo simples, pois a situação não continua no momento presente. (Lope Blanch, 1976 *apud* Schwenter; Torres Cacoullós, 2008, p. 6).

- (2) a. Lo ha atendido, y lo sigue atendiendo
b. en mi casa también yo lo he visto. Bueno, lo vi, porque también mi abuela ya murió hace unos seis años.

(Lope Blanch, 1971 *apud* Schwenter; Torres Cacoullós, 2008, p. 6).

Na visão de Company Company (2002), a variedade da Cidade do México seleciona preferencialmente valores aspectuais para a significação do PPC, praticamente eliminando seu uso para expressar valor temporal. A diferença aspectual no uso do PPC e do *Pretérito Perfecto Simple* (doravante PPS) também pode ser percebida nas sentenças em (3). Na referida variedade, ao usar a forma simples, o falante quer dizer que a temporada de chuvas acabou e, ao usar o PPC, dá a entender que a temporada de chuvas ainda não terminou (cf. Colombo Airoldi, 1992, p. 23).

- (3) a. Este año llovió mucho.
b. Este año ha llovido mucho

O *perfect* de passado recente é expresso pelo PPC em boa parte do espanhol europeu, costeno e em outras áreas linguísticas. Nessas áreas, é muito provável, segundo a NGLÉ (2010), que sentenças como as em (4) façam referência a eventos recentes. Entretanto, no México, em boa parte da América Central, entre outras áreas, tais eventos são interpretados como *perfect* experiencial.

- (4) a. Me he roto una pierna
b. He comido con Luis (NGLÉ, 2010, p. 440).

Akerberg (2006) destaca que a maioria das variedades americanas apresenta maior uso do PPS do que do PPC. Segundo a autora, em uma sentença como em (5a), com valor de *perfect* de situação persistente, um falante do espanhol peninsular usaria a forma composta enquanto um falante da variedade mexicana optaria pela forma simples, haja vista o fato de o evento em questão estar terminado. No entanto, isso não significa que o referido valor de *perfect* só possa ser expresso pelo PPS no EM. No caso da sentença em (5b), por exemplo, a variedade mexicana utiliza a forma composta, pois se trata de um evento durativo do passado que se mantém no momento presente.

- (5) a. Esta mañana lo he visto/vi.
b. He trabajado mucho últimamente (Akerberg, 2006, p. 87).

O *PERFECT* (REALIZADO MORFOLOGICAMENTE PELO PPC) NA VARIEDADE DE BUENOS AIRES

Segundo Rodríguez Louro (2010), a variedade rio-platense argentina corresponde ao espanhol falado na região de Buenos Aires e nas cidades argentinas que se localizam ao redor do Rio da Prata, como a província de Santa Fé. Em seu estudo, a autora propõe uma análise comparativa entre os usos do *pretérito perfecto simple* (PPS) e do *pretérito perfecto compuesto* (PPC) para a realização do *perfect* e define a variedade como *pretérito-favoring*.

Dessa forma, essa autora defende que o PPC na variedade de Buenos Aires é favorecido em contextos de passado experiencial e indefinido, referindo-se a uma situação passada sem fazer referência direta ao evento. Além disso, a autora argumenta que o PPC não estabelece relação com o momento presente, o que mostra

um distanciamento em relação à variedade peninsular. Assim, se o falante deseja estabelecer uma conexão com o presente, ele recorre a outras estratégias, como o uso da perífrase seguir + gerúndio.

Rodríguez Louro (2010) descreve a realização do *perfect* pelo PPC na referida variedade a partir de entrevistas radiofônicas. Com relação ao *perfect* continuativo, a autora propõe que esse contexto não é produtivo e não estabelece conexão com o momento presente, tal como podemos verificar em (6):

(6) *Porque mi vinculación al tema laboral en los últimos años ha sido con personas extranjeras.*

No que diz respeito ao *perfect* de passado recente, a autora afirma que, nesse contexto, com relação à seleção do tempo verbal, o PPC é menos produtivo nessa variedade e o *Pretérito Perfecto Simple* seria o tempo verbal mais selecionado. Apresentamos uma ocorrência de PPC nesse contexto retirada dos dados da autora em (7):

(7) *Ahora han puesto blíndex.*

No que diz respeito ao tipo de *perfect* experiencial, a autora propõe que esse é um dos mais produtivos para a seleção do PPC, tal como em (8):

(8) *¿Vos has ido a ese restaurante?*

Em sua análise, Rodríguez Louro (2010) atribui ao PPC da variedade rio-platense argentina um caráter indefinido, com uso favorecido em situações em que a constituição temporal não é especificada, como no exemplo anterior. Essa indefinição é caracterizada pela ausência de marcadores temporais, pela presença de quantificadores (como *poco* e *mucho*), nomes de massa (como *gente*) e de objetos indefinidos (como *a ese restaurante*, em x). Por outro lado, em situações em que o âmbito temporal é especificado, inclusive na realização do *perfect* continuativo e do *perfect* de passado recente, o PPS é a forma favorita.

Oliveira (2022), ao analisar debates políticos presidenciais da Argentina, reconhece que o uso do PPC em contextos de realização de *perfect* de passado recente e continuativo é favorecido em relação ao uso do PPS. Além disso, propõe que o uso do PPC em contextos continuativos estabelece relação com o momento presente, o que contraria a posição de Rodríguez Louro (2010). Por outro lado, Oliveira (2022) identifica o contexto de passado indefinido (conforme a definição de Rodríguez Louro) como o que mais favorece o uso da forma composta na variedade de Buenos Aires.

Araújo (2017) propõe que há uma maior produtividade na variedade de Buenos Aires do *pretérito perfecto simple* para a expressão de passado absoluto. Nessa mesma linha de pensamento, Rodríguez Louro (2010) propõe que o uso do PPC para a expressão de passado perfectivo não sobrevive na atualidade do espanhol dessa variedade.

METODOLOGIA

Nossa metodologia consistiu na análise de 8h de interação oral de falantes do espanhol da variedade de Buenos Aires e do espanhol da Cidade do México. Para a variedade de Buenos Aires, nosso *corpus* está constituído por 4 horas de interação oral nos debates políticos para as eleições presidenciais da Argentina do ano de 2019, disponibilizados pela Televisión Pública Argentina, e, para a variedade da Cidade do México, nosso *corpus* está constituído por 4h de interação oral nas entrevistas disponibilizadas pelo *Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América* (PRESEEA) do ano de 2007.

A diferença na origem dos dados comparados se justifica pelo fato de que não há dados da variedade de Buenos Aires

disponibilizados por algum *corpus* e, então, escolhemos organizar um novo *corpus* representativo dessa variedade. Definimos como fonte dos dados o gênero debate político porque se trata de um gênero oral constituído por processos de monólogo e diálogo e, conforme propõe Ribeiro *et al.* (2005), à medida que um candidato tentar calar seu adversário, podem surgir outros processos e discursos, o que permite situações mais e menos monitoradas de uso da língua. Para a elaboração do *corpus* de Buenos Aires, transcrevemos os debates presidenciais, que estavam disponíveis em formato de vídeo.

Com relação aos dados da Cidade do México, o *corpus* do PRESEEA está estruturado em entrevistas que também são um gênero oral constituído por processos de monólogo e diálogo. Nosso primeiro movimento foi selecionar as sentenças com verbos no *perfect* realizado morfologicamente pelo *Pretérito Perfecto Compuesto*. Para tal, nosso critério foi a seleção de sentenças com pelo menos um verbo conjugado nesse tempo verbal.

Na segunda etapa, codificamos as sentenças de acordo com o contexto de realização do *perfect* pelo *Pretérito Perfecto Compuesto*. Na primeira categorização, as sentenças podem ter valor de *perfect*, ou seja, podem indicar a relevância no presente de um evento passado sem fazer referência direta a tal evento (Comrie, 1976), e *nonperfect*, sem indicar a relevância no presente de um evento passado. A segunda categorização se refere aos tipos de *perfect*, que podem ser: experiencial, de passado recente ou continuativo (conforme a classificação definida na seção 1 deste trabalho). A terceira categorização se refere aos contextos de realização *nonperfect*, que podem ser o contexto de passado indefinido (conforme a definição de Rodríguez Louro, 2012) ou de passado perfectivo. Na codificação dos dados, adotamos as legendas apresentadas na seguinte tabela:

Tabela 1 – Legenda para codificação

Variável	Categorias	Código
Contexto de realização do <i>perfect</i> pelo PPC	Perfect	1
	Nonperfect (Não realiza <i>perfect</i>)	2
Tipo de realização do <i>perfect</i>	Experiencial	E
	Passado recente (Hodierno)	R
	Continuativo	C
Contexto de realização <i>nonperfect</i>	Passado indefinido	I
	Passado perfectivo	P

Fonte: Sebold, Oliveira e Henriques (2024)

Dessa forma, uma sentença com realização de *perfect* continuativo (através do PPC) ficou codificada da seguinte maneira:

(9) (1c *Toda su vida se ha dedicado a eso.* [11 78 MX])

Após a codificação, fizemos a análise quantitativa de nossos dados através do *software* Goldvarb X, a fim de obter o percentual de ocorrência do *perfect* (através do PPC) em todas as sentenças analisadas e seus respectivos valores. Em nosso arquivo de codificação, assim como no exemplo (9), o uso de colchetes serve para indicar a origem dos dados. Assim, (9) é uma sentença da entrevista 11_78 disponibilizada pelo PRESEEA para a Cidade do México (MX). Além disso, utilizamos parêntesis no início de cada codificação para evitar erros durante as rodadas do programa.

ANÁLISE DOS DADOS

Nesta seção, apresentamos a análise dos dados obtidos nas 8h de interação oral nos debates políticos presidenciais da Argentina do ano de 2019 (para a variedade de Buenos Aires) e em 2 entrevistas disponibilizadas pelo PRESEEA para a variedade da Cidade do México. Para a análise, nossa variável dependente é o contexto de realização do *perfect* (pelo PPC). A partir disso, analisamos também os tipos de *perfect* (continuativo, experiencial ou de passado recente) realizados nas variedades apresentadas.

A escolha por comparar a realização morfológica do *perfect* pelo PPC nas variedades de Buenos Aires e da Cidade do México se dá porque consideramos o fato de que essas variedades têm sido descritas como distantes no que diz respeito à realização desse fenômeno. Dessa forma, a análise comparativa pode nos permitir traçar um primeiro panorama sobre divergências e convergências em seus contextos de uso dentro das variedades.

Na parte inicial da análise, optamos por quantificar as sentenças com PPC em cada uma das variedades e obtivemos os seguintes resultados:

Tabela 2 – Quantidade de sentenças com PPC em cada variedade

Variedade	Quantidade de sentenças	Percentual
Buenos Aires	138	51,5%
Cidade do México	130	48,5%
<i>Total</i>	268	100%

Fonte: Sebold, Oliveira e Henriques (2024)

Ao observarmos a tabela 2, podemos perceber que a diferença do percentual de ocorrência de PPC nas variedades não foi grande: apenas 8 ocorrências separam a variedade de Buenos Aires, que apresentou um número maior de ocorrências de PPC, da variedade da Cidade do México.

Sobre o contexto de realização do *perfect*, dividimos as ocorrências dentro das categorias "*perfect*" e "*nonperfect*". Definimos como *perfect* as sentenças em que se representa a relevância presente de um evento passado sem fazer referência direta a ele, conforme a classificação de Comrie (1976), e como *nonperfect* as sentenças em que não há indicação da relevância presente de um evento passado.

Nessa categorização, chegamos aos seguintes resultados para cada variedade:

Tabela 3 - Distribuição das ocorrências de PPC na variedade de Buenos Aires

Contexto de realização do PPC	Quantidade	Porcentagem
<i>Perfect</i>	45	32,6%
<i>Nonperfect</i>	93	67,4%
Total	138	100%

Fonte: Sebold, Oliveira e Henriques (2024)

Tabela 4 - Distribuição das ocorrências de PPC na variedade da Cidade do México

Contexto de realização do PPC	Quantidade	Porcentagem
<i>Perfect</i>	45	34,6%
<i>Nonperfect</i>	85	65,4%
Total	130	100%

Fonte: Sebold, Oliveira e Henriques (2024)

Podemos destacar como exemplos de sentenças com realização de *perfect* (10) e (11):

- (10) *"En estos últimos años el entramado social se ha quebrado absolutamente."* [D2 19 BA]
- (11) *"Pues, nada, ella siempre nos ha dicho."* [11 84 MX]

A sentença (10) pertence à variedade de Buenos Aires e possui um marcador temporal do tipo continuativo, *"en estos últimos años"* (nestes últimos anos), combinado ao verbo no PPC *"se ha quebrado"* (tem quebrado), o que é um contexto de realização do *perfect* continuativo, ou seja, refere-se a uma situação que começou no passado e se estende até o momento de enunciação. A sentença (11) corresponde à variedade da Cidade do México e possui um marcador continuativo, *"siempre"* (sempre), combinado ao verbo no PPC *"ha dicho"* (disse), o que também representa um contexto de realização do *perfect* continuativo.

Para a categoria *nonperfect*³, selecionamos sentenças sem marcadores temporais e sem referências ao tópico de ocorrência, como nos exemplos (12) e (13):

- (12) *"Nosotros hemos reconocido al presidente Guaidó."* [D2 19 BA]
- (13) *"Supongo que lo he visto."* [11 84 MX]

A sentença (12) corresponde à variedade de Buenos Aires e a (13) à variedade da cidade do México.

Numericamente, o número de sentenças *nonperfect* é superior ao número de sentenças com realização de *perfect* para as duas variedades.

3 Dois dos contextos que não permitem identificar a realização do *perfect* para Rodríguez Louro (2012) são a ausência de marcadores temporais e a presença de nomes de massa, como *"gente"*. Como classificação para essas situações, a autora utiliza a nomenclatura "passado indefinido". A partir dessa concepção, consideramos as sentenças que se encaixam dentro desse paradigma como *nonperfect* (pois não indicam a relevância presente de um evento passado) e passado indefinido.

Para a definição do contexto *nonperfect*, consideramos importante levar em consideração o fator ausência de marcadores temporais, uma vez que isso desfavorece a identificação do tópico de ocorrência da situação. A prevalência de ocorrências no contexto de ausência de marcadores pode sinalizar que o falante de ambas as variedades prefere neutralizar a marcação do tópico de ocorrência da situação.

Nosso objetivo é comparar a realização morfológica do *perfect* em *corpora* de duas variedades do espanhol. Por isso, na parte seguinte de análise, analisamos os tipos de *perfect* realizados morfológicamente pelo PPC em cada uma delas.

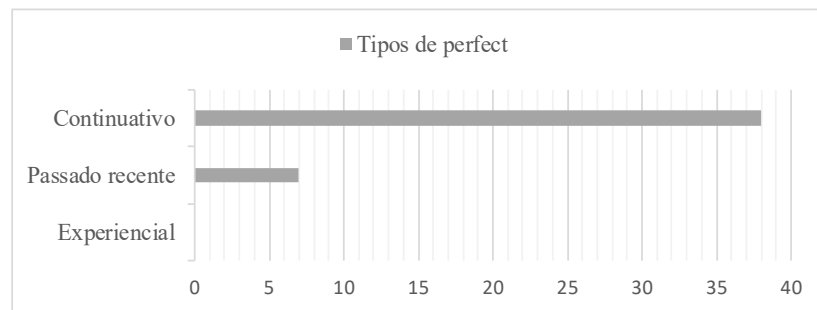
Rodríguez Louro (2012) sugere que há contextos favorecedores da ocorrência do *perfect* (pelo PPC) e que há contextos que desfavorecem a sua realização, como o de passado indefinido, que se mostram produtivos na variedade de Buenos Aires. Como nossa análise é comparativa, aplicamos a classificação dos tipos de *perfect* de acordo com Rodríguez Louro (2012) tanto à variedade de Buenos Aires quanto à variedade da Cidade do México;

Dessa forma, a categorização que adotamos em nossa análise é a de três tipos de *perfect*: *perfect* continuativo, *perfect* experiencial e *perfect* de passado recente/hodierno. Consideramos *perfect* continuativo o contexto de realização de *perfect* que, de acordo com Rodríguez Louro (2012) faz referência a uma situação que começou em algum momento do passado e se estende até o momento de enunciação. Esse contexto é favorecido pela presença de marcadores do tipo continuativo que, segundo a autora, indicam proximidade temporal ou certa frequência em relação ao momento de enunciação, como "*estos años*" (estes anos). Como contexto de *perfect* experiencial, classificamos aquelas sentenças que indicam que alguma situação mencionada já pode ter ocorrido pelo menos uma vez. Um marcador experiencial que favorece a realização desse tipo de *perfect* é "*ya*" (já). Finalmente, como contextos de realização de *perfect* de passado recente/hodierno, definimos aqueles que se referem a um âmbito temporal muito próximo ao momento de

enunciação, dentro de um intervalo de 24h (o que a autora define como "hodierno"), e favorecidos pela presença de marcadores de proximidade temporal, como "*esta mañana*" (esta manhã).

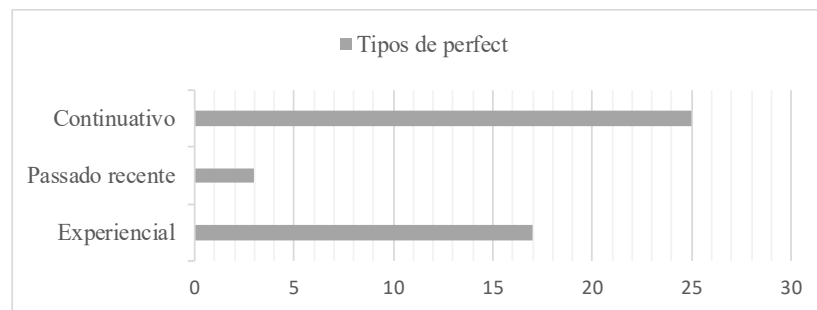
Como panorama dos tipos de realização do *perfect* em cada variedade, obtivemos os seguintes resultados:

Gráfico 1 - Tipo de realização do perfect na variedade de Buenos Aires



Fonte: Sebold, Oliveira e Henriques (2024)

Gráfico 2 - Tipo de realização do perfect na variedade da Cidade do México



Fonte: Sebold, Oliveira e Henriques (2024)

No contexto de *perfect* continuativo, foram contabilizadas 38 ocorrências para a variedade de Buenos Aires e 25 ocorrências para a variedade da Cidade do México. Ainda que haja alguma distância numérica entre as duas variedades, esse foi o tipo de realização de *perfect* mais favorecido. As sentenças (14) e (15) são exemplos disso:

(14) *Gracias al esfuerzo de los argentinos en estos años hemos resuelto problemas que arrastrábamos hace décadas.* [D1 19 BA]

(15) *En la misma casa hemos vivido siempre.* [11 84 MX]

Nas duas sentenças, a realização do *perfect* continuativo pelo PPC se dá pela combinação com os marcadores continuativos "*en estos años*" (nestes anos) e "*siempre*" (sempre) que também sinalizam situações que começaram no passado, mas se mantêm relevantes no momento de enunciação. Dessa forma, consideramos que esse contexto pode ser favorecedor da realização do *perfect* tanto na variedade de Buenos Aires como na variedade da Cidade do México.

Em contextos de realização do *perfect* experiencial, as únicas ocorrências contabilizadas em nosso *corpus* foram na variedade da Cidade do México, ou seja, esse tipo de classificação só se mostrou relevante para essa variedade e não para a variedade de Buenos Aires. Apresentamos, em (16), um exemplo desse tipo de ocorrência:

(16) *Bueno, casi nunca he ido yo para allá.* [11 78 MX]

Em (16), a realização do *perfect* experiencial pelo PPC, com a combinação com o marcador temporal "*casi nunca*" (quase nunca), indica que a situação mencionada já ocorreu pelo menos uma vez. Não encontramos sentenças com esse tipo de realização do *perfect* na variedade de Buenos Aires e isso aponta uma incompatibilidade de traços para a realização morfológica do *perfect* nas variedades analisadas.

Em contextos de *perfect* de passado recente/hodierno, encontramos ocorrências para as duas variedades analisadas. No entanto, a variedade de Buenos Aires apresenta mais que o dobro de ocorrências (7 ocorrências) do que a variedade da Cidade do México (3 ocorrências). Os exemplos (17) e (18) ilustram esse panorama:

- (17) *A lo largo de estas más de dos horas de debate desde mi punto de vista mis competidores han demostrado que son parte del problema y no de la solución a la decadencia argentina.* [D2 19 BA]
- (18) *Hasta ahorita nos hemos topado.* [23 18 MX]

Em (17), a indicação da recenticidade do evento em relação ao momento de enunciação pode ser reforçada pela presença do marcador "*a lo largo de estas más de dos horas de debate*" (ao longo destas mais de duas horas de debate), além da realização morfológica do *perfect* de passado recente pelo PPC.

Na sentença (18), o entrevistado está falando sobre uma situação que acabou de ocorrer e, para isso, marca o tópico de ocorrência com o marcador "*hasta ahorita*" (até agora). Assim, indica *perfect* de passado recente. A realização morfológica do *perfect* de passado recente pelo PPC parece ser um traço compartilhado entre a variedade de Buenos Aires e a variedade da Cidade do México.

Nos dados da variedade de Buenos Aires, encontramos ocorrências de PPC em contexto de passado perfectivo. Embora esse número seja reduzido, isso pode indicar que a variável "passado perfectivo" só é relevante para o espanhol dessa variedade. A sentença (19) exemplifica essa combinação:

- (19) *Desde el año 2003 hasta el año 2017 la escuela ha perdido 270.000 matrículas de alumnos y ha ganado 50.000 cargos docentes.* [D1 19 BA]

Nesse exemplo, o marcador "*desde el año 2003 hasta el año 2017*" (desde o ano 2003 até o ano 2017) embora sugira um valor de continuidade, se refere a um âmbito temporal já acabado, uma vez que o momento de enunciação é o ano de 2019. Por isso, essa sentença apresenta aspecto (-) imperfectivo e expressa uma situação já acabada. Na variedade da Cidade do México, não encontramos

sentenças com esse tipo de combinação, o que indica um traço não compartilhado entre a variedade de Buenos Aires e a variedade da Cidade do México para a realização do *perfect* pelo PPC.

DISCUSSÃO DOS DADOS

O percentual de ocorrências levantadas parece indicar uma produtividade semelhante nas duas variedades. O número levantado, embora não nos permita fazer uma universalização dos resultados, nos permite reconhecer que o PPC continua tendo produtividade em variedades americanas, um traço que geralmente é atribuído às variedades peninsulares.

Nossa hipótese (i) não foi refutada e o contexto de *perfect* continuativo foi o mais produtivo para as duas variedades. Além disso, a hipótese (ii) não foi refutada e o contexto de passado recente foi o contexto que apresentou menos ocorrências de PPC em ambas as variedades.

A hipótese (iii) da variedade de Buenos Aires não foi refutada, ainda que tenhamos levantado um número reduzido de ocorrências. Isso nos permite supor que nessa variedade o PPC poderia estar perdendo seu traço aspectual imperfectivo.

A hipótese (iii) da variedade da Cidade do México não foi refutada e esse contexto se mostrou o segundo mais produtivo para essa variedade.

Embora as duas variedades estudadas sejam descritas como mais distantes no que diz respeito à realização morfológica do *perfect* pelo PPC, elas apresentaram contextos de realização compartilhados.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Considerando que a variedade de Buenos Aires e a variedade da cidade do México não estejam dentro da mesma macrorregião e que a variedade de Buenos Aires tem apresentado com relação à realização do PPC comportamento diferenciado ao de outras variedades americanas, esperávamos que houvesse um maior distanciamento nos parâmetros analisados.

De fato, as variedades analisadas apresentaram traços não compartilhados. Na variedade de Buenos Aires, foram encontradas ocorrências de PPC combinadas a marcadores do tipo perfectivo e não foram encontradas ocorrências de realização de *perfect* experiencial.

Por sua vez, na variedade da Cidade do México, não foram encontradas ocorrências de PPC combinadas a marcadores do tipo perfectivo e foram encontradas ocorrências de realização de *perfect* experiencial.

O maior número de ocorrências do valor de *perfect* continuativo nas duas variedades parece aproximá-las e tal fato pode ser relevante posto que a variedade de Buenos Aires tem sido descrita como uma variedade que tem se afastado dos usos canônicos do PPC.

Entendemos que os resultados levantados representam uma visão parcial do fenômeno e que futuramente será necessário ampliar a amostra analisada. Entretanto, os dados aqui analisados nos permitem reforçar a necessidade de que mais estudos de cunho descritivista sejam realizados para dar maior visibilidade às variedades americanas.

REFERÊNCIAS

AKERBERG, Marianne. Pretérito perfecto compuesto vs. pretérito simple: su adquisición en portugués por hablantes de español. **Estudios de Lingüística Aplicada**, [s.l.], n. 44, p. 77-111, dez. 2006. Disponível em: <https://ela.enallt.unam.mx/index.php/ela/article/view/599/651>. Acesso em: 13 jul. 2023.

AKERBERG, Marianne. Efeitos do ensino sobre a aquisição das diferenças de uso do pretérito simples e composto em espanhol e português. *In*: WIEDEMANN, Lyrís.; SCARAMUCCI, Matilde. (Orgs./Eds.). **Português para falantes de espanhol: ensino e aquisição**. Campinas: Pontes, 2008. p. 69-84.

ALONSO, Dámaso. Unidad y defensa del idioma. **Cuadernos Hispanoamericanos**, n. 78/79, p. 272-288, jun./jul. 1956.

ARAÚJO, Leandro Silveira de. **A expressão dos valores 'antepresente' e 'passado absoluto' no espanhol: um olhar atento a variedades diatópicas da Argentina e da Espanha**. 2017. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) -Faculdade de Ciências e Letras, Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho", Araraquara, 2017.

BRIZ, Antonio. Los déficits de los corpus orales del español (y de algunos análisis). **Cum corde et in nova grammatica. Estudios ofrecidos a Guillermo Rojo**. Edición a cargo de Tomás Jiménez Juliá, Belén López Meirama, Victoria Vázquez Rozas y Alexandre Veiga. Departamento de Lingua Española. Servizo de Publicacións e Intercambio Científico da Universidade de Santiago de Compostela, 2012.

CHOMSKY, Noam. **On the representation of form and function**. 1981.

COLOMBO AIROLDI, Fulvia Maria. Tiempo, Aspecto y Funciones Comunicativas. **Estudios de Lingüística Aplicada**, [s.l.], n. 15/16, p. 20-28, jul./dez.1992.

COMPANY COMPANY, Concepción. Gramaticalización y dialectología comparada: una isoglosa sintáctico-semántica del español. **DICENDA. Cuadernos de Filología Hispánica**, v. 20, p. 39-71, 2002.

COMRIE, Bernard. **Aspect: An introduction to the study of verbal aspect and related problems**. Cambridge; London, New York: Cambridge University Press, 1976.

CUERVO, Rufino José. El castellano en América. **Bulletin hispanique**, tome 3, nº1, 1901. p. 35-62.

DUARTE, Maria Eugenia Lammoglia. A Sociolinguística “paramétrica”: desfazendo alguns equívocos/The “parametric” Sociolinguistics: undoing some mistakes. **Guavira Letras**, v. 15, n. 31, p. 124-140, 2019.

FONTANELLA DE WEINBERG, Maria Beatriz. **El español de América**. 2. ed. Madrid: MAPFRE, 1993.

HOWE, Chad. **The spanish perfects**: Pathways of Emergent Meaning. Palgrave studies in language variation. Basingstoke: Palgrave Macmillan, 2013.

LEBSANFT, Franz; MIHATSCH, Wiltrud; POLZIN-HAUMANN, Claudia. Introducción. Variación diatópica, normas pluricéntricas y el ideal de una norma panhispánica. In: LEBSANFT, Franz; MIHATSCH, Wiltrud; POLZIN-HAUMANN, Claudia (Eds.). **El español, ¿desde las variedades a la lengua pluricéntrica?** Frankfurt am Main: Vervuert; Madrid: Iberoamericana, 2012. p. 7-18.

LOPE BLANCH, Juan. **Estudios de lingüística hispanoamericana**. México D. F.: Universidad Nacional Autónoma de México, 1989.

MORENO DE ALBA, José. **Las formas verbales y sus valores en el español hablado en México**. 1975. Tese (Doutorado em Linguística Hispânica) – Facultad de Filosofía y Letras, Universidad Nacional Autónoma de México, D. F., 1975.

OLIVEIRA, Mylena Teixeira de. **A realização morfológica do perfect em debates políticos na variedade rio-platense argentina**. 2022. Trabalho de conclusão de Curso (Graduação em Letras - Português e Espanhol) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2022.

PRESEEA. **Corpus del Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América**. Alcalá de Henares: Universidad de Alcalá, 2014. Disponível em preseea.linguas.net. Consultado em 02 ago 2022.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA - REA. **Nueva gramática de la lengua española**: Morfología y Sintaxis I. Madri: Espasa, 2009.

REAL ACADEMIA ESPAÑOLA Y ASOCIACIÓN DE ACADEMIAS DE LA LENGUA ESPAÑOLA - REA. **Nueva gramática de la lengua española**: Manual. Madri: Espasa, 2010.

RIBEIRO, Nilsa Brito *et al.* **Entrecruzamento de gêneros discursivos na universidade: esferas do político, do científico e do ensino**. 2005. Tese (Doutorado em Linguística) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2005.

RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. Past time reference and the Present Perfect in Argentinian Spanish. **Selected Papers from the 2009 Conference of the Australian Linguistic Society**, 2010. Disponível em <https://research-repository.uwa.edu.au/en/publications/past-time-reference-and-the-present-perfect-in-argentinian-spanis>

RODRÍGUEZ LOURO, Celeste. Los tiempos de pasado y los complementos adverbiales en el español rioplatense argentino: del siglo XIX al presente. **Signo y seña**, n. 22, p. 215-234, 2012.

SCHWENTER, Scott; TORRES CACOULLOS, Rena. Defaults and indeterminacy in temporal grammaticalization: the 'perfect' road to perfective". **Language Variation and Change**, v. 20, n. 1, p. 1-39, 2008.


TARALLO, F. **Por uma Sociolinguística Românica Paramétrica: Fonologia e Sintaxe**. Ensaios de Linguística, Belo Horizonte, v.13, p.51-84, 1987.

WEINREICH, Uriel.; LABOV, William.; HERZOG, Marvin. Empirical foundations for a theory of language change. In: LEHMAN, W.; MALKIEL, Y. (eds.). **Directions for historical linguistics**. Austin: University of Texas Press, p. 97-195, 1968.

2

*Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebald
Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques
Mylena Teixeira de Oliveira*

**THE PERFECT ASPECT REALISED
MORPHOLOGICALLY BY
THE *PRETÉRITO PERFECTO*
COMPUESTO IN THE BUENOS AIRES
AND MEXICO CITY VARIETIES**



The perfect is an aspectual category that, according to Comrie (1976), indicates the present relevance of a past event, not directly referring to the situation. In Spanish, one of the ways of realizing the perfect is through the *Pretérito Perfecto Compuesto* (PPC). However, the aspectual (+) imperfective information pattern may not hold across all varieties of Spanish. As our object of study are two American varieties of Spanish, the variety of Buenos Aires and the variety of Mexico City, it is initially necessary to problematize the pluricentricity of this language compared to other polycentric languages such as Portuguese, English or French. In this line, we find different trends in the description of Spanish that are often organized dichotomously: peninsular Spanish, American Spanish, for example. However, such descriptions have often presented different varieties gathered in a single block, which can erase or homogenize intrinsic and specific characteristics of one and not all varieties gathered in such a block. two basic aspects: perfective and imperfective. Later, the author mentions the perfect which, unlike the other aspectual categories, does not deal with the internal temporal constitution of an event.

The perfect, according to Comrie (op. cit.), does not refer to the situation itself, but relates two points in time, indicating the relevance of a past event in the present. The *Nuevo Manual de la lengua española* (2010) (hereinafter NGLE), points out that such a form, composed of the periphrasis *haber* + participle, can have two interpretations, namely: antepresent or perfective. Being interpreted with an ante-present value, the PPC expresses the anteriority of a denoted event in relation to a reference point located in the present. In the different varieties of Spanish, the selection parameters of this verb form do not always follow the principles described by normative grammars and can mark relevant idiosyncrasies in their description.

Rodríguez Louro (2010), in a study on the realization of the perfect in the variety of Buenos Aires, proposes that the use of the *Pretérito Perfecto Compuesto* (PPC) is favored in contexts of the experiential past and two types are evident: the one that indicates

the indefinite past and the one that encodes the iterative and habitual past. In the Mexico City variety, the PPC is used to refer to situations that have the possibility of continuing in the future (cf. Company Company, 2002; Akerberg, 2006; Rae, 2010). In this chapter, our objective is to compare the morphological realization of the perfect in corpora of two varieties of Spanish: Spanish from the city of Buenos Aires and Spanish from Mexico City. We adopted the categorization of types of perfect proposed by Rodríguez Louro (2012). This author proposes 3 types of perfect, namely: continuative, current/recent past and experiential. The perfect continuative indicates a situation that began sometime in the past and continues into the present. The perfect of recent past refers to a situation that is in a temporal scope very close to the moment of enunciation (generally in the interval of one day). To define the perfect experiential, the author proposes that there is reference to some situation that may have occurred at least once. Spanish. Our objective in this study is to compare the morphological realization of the perfect by the Pretérito Perfecto Compuesto in two varieties of Spanish: the one from Buenos Aires and the one from Mexico City.

Our hypotheses are that, in the Buenos Aires variety:

- (i) the perfect (when performed by the PPC) will mostly occur with a continuous perfect value;
- (ii) the perfect (when performed by the PPC) will occur at least with a recent past value;
- (iii) the non-perfect (when performed by the PPC) will occur in past perfective contexts.

And in the Mexico City variety:

- (i) the perfect (when performed by the PPC) will mostly occur with a continuous perfect value;

- (ii) the perfect (when performed by the PPC) will occur minimally with a value of perfect in the recent past;
- (iii) the perfect (when performed by the PPC) will occur with the value of perfect experiential.

Our methodology consisted of analyzing 8 hours of oral interaction between speakers of Spanish from the Buenos Aires variety and Spanish from Mexico City. For the Buenos Aires variety, our *corpus* consists of 4 hours of oral interaction in the political debates for the 2019 Argentine presidential elections, made available by *Televisión Pública Argentina*, and, for the Mexico City variety, our *corpus* is consisting of 4 hours of oral interaction in the interviews provided by the Proyecto para el Estudio Sociolingüístico del Español de España y América (PRESEEA) in 2007. The difference in the origin of the compared data is justified by the fact that there is no data from the Buenos Aires variety available in any corpus and, therefore, we chose to organize a new representative corpus of this variety.

We defined the political debate genre as a data source because it is an oral genre made up of monologue and dialogue processes and, as Ribeiro *et al.* (2005) proposes, as a candidate tries to silence his opponent, other processes and speeches may arise, which allows more and less monitored situations of language use. For the elaboration of the Buenos Aires corpus, we transcribed the presidential debates, which were available in video format. Regarding data from Mexico City, the PRESEEA *corpus* is structured around interviews that are also an oral genre consisting of monologue and dialogue processes. Our first move was to select the sentences with verbs in the perfect realized morphologically by the *Pretérito Perfecto Compuesto*. For this, our criterion was the selection of sentences with at least one conjugated verb in this verb tense. In the second stage, we coded the sentences according to the context of realization of the perfect by the *Pretérito Perfecto Compuesto*. In the first categorization, sentences can have the value of perfect, that is, they can

indicate the relevance in the present of a past event without making direct reference to such an event (Comrie, 1976), and nonperfect, without indicating the relevance in the present of an event past. The second categorization refers to the types of perfect, which can be: experiential, recent past or continuative (according to the classification defined in section 1 of this work). The third categorization refers to contexts of nonperfect realization, which can be the context of the indefinite past (as defined by Rodríguez Louro, 2012) or the perfective past. The percentage of occurrences raised seems to indicate a similar productivity in both varieties. The number raised, although it does not allow us to make a universalization of the results, it allows us to recognize that the PPC continues to have productivity in American varieties, a trait that is generally attributed to peninsular varieties.

Our hypothesis (i) was not refuted, and the perfect continuative context was the most productive for both varieties. In addition, hypothesis (ii) was not refuted, and the context of the recent past was the context that presented fewer occurrences of PPC in both varieties. Hypothesis (iii) of the Buenos Aires variety was not refuted, even though we raised a reduced number of occurrences. This allows us to assume that in this variety PPC could be losing its imperfective aspectual trait. Hypothesis (iii) of the Mexico City variety was not refuted and this context proved to be the second most productive for this variety. Although the two studied varieties are described as more distant with regard to the morphological realization of the perfect by the PPC, they presented shared realization contexts.

3

Júlia Cheble Puertas

**A ESTRATÉGIA DE RETOMADA
DE OBJETO DIRETO ANAFÓRICO
DE 3ª PESSOA PELA REPETIÇÃO
DO SINTAGMA NOMINAL
NAS VARIEDADES DO ESPANHOL
DE SANTANDER E SANTIAGO DO CHILE:**

**UMA PROPOSTA DE CLASSIFICAÇÃO TIPOLÓGICA
DO SINTAGMA NOMINAL**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.3

RESUMO

Estudos descritivos recentes (Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021) destacam a produtividade da estratégia de retomada pela repetição do SN no espanhol. Portanto, a partir da análise de 20 entrevistas do *corp* PRESEEA, descrevemos os componentes anafóricos que compõem o processo de continuidade referencial: o antecedente e o elemento anafórico em função de objeto direto anafórico (ODA) de 3ª pessoa, no qual destacamos a estratégia de retomada pela repetição do sintagma nominal (SN) e propomos uma classificação do tipo morfossintático de SNs em função de elemento anafórico em posição de OD. Dados levantados revelaram que o tipo morfossintático de SN mais selecionado pelos falantes de ambas as variedades foi o de SN sem a presença de um modificador ou especificador.

Palavras-chave: Estratégia de retomada pela repetição de SN; objeto direto de 3ª pessoa; tipos morfossintáticos.

INTRODUÇÃO

Apesar de contar com vastos estudos descritivos sobre os tipos de estratégias de retomada de ODA de 3ª pessoa no espanhol, o tipo de estratégia pela repetição do SN, representado pelo exemplo (1), é, muitas vezes, pouco explorado ou visto como pouco produtivo, sendo o foco desses estudos as estratégias de retomada por clítico, pronome tônico ou até mesmo a análise da não retomada (o apagamento). Porém, estudos descritivos mais recentes constatarem que nas variedades de Medellín, na Colômbia (Oliveira, 2019) e Encarnación, no Paraguai (Silva dos Santos, 2021), a estratégia de retomada pela repetição do SN se mostra produtiva, ficando atrás somente do tipo de estratégia mais selecionado pelos falantes de espanhol (L1), independentemente de qual seja sua variedade, informação essa comprovada por inúmeros estudos descritivos (Arruda, 2012; Simões, 2016; Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021), a estratégia pelo pronome átomo, mais conhecido como clítico, representado pelo exemplo (2).

- (1) (...) que se vea por ejemplo [**la pintura**] / pero que al ver uno **la pintura** / sepa uno que es / por ejemplo una casa un carro una fruta / un paisaje / ¿sí? (...)
(Oliveira 2019, p. 99)

- (2) E.: eeh / cómo recuerda **la ciudad** / eeh / **de su infancia**?
I: **la** recuerdo con mi / recuerdo yo yo recuerdo que en esa infancia / cuando uno estaba en vacaciones (...)
(Oliveira 2019, p. 99)

Contudo, ainda que estudos descritivos mais atuais estejam dedicando um maior espaço ao tipo de estratégia de retomada de ODA de 3ª pessoa pelo SN, sentimos falta de um maior detalhamento da categoria SN em posição de ODA, tendo em vista que no âmbito da carga informacional há diferenças significativas entre os

clíticos, categoria já bastante investigada na literatura da área, e os SNs. Portanto, considerando essa deficiência na literatura da área, propomos uma classificação dos tipos morfossintáticos de SN em posição de ODA no espanhol. Após essa proposta, analisamos quais os tipos morfossintáticos de SN foram mais selecionados pelos falantes do espanhol de Santander (Espanha) e Santiago do Chile (Chile).

Para que fosse possível o detalhamento dos tipos morfossintáticos de SN, nos baseamos no estudo de Bentivoglio (1983), já que a autora elaborou uma classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais, porém não há, nesse estudo, uma classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais que considere, especificamente, a categoria de complemento direto.

A análise dos tipos morfossintáticos de SN em posição de OD foi possível graças à análise de 20 entrevistas transcritas do *corpus* oral PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del español de España y de América*) e do tratamento de dados que realizamos a partir do programa GoldVarb X.

Para que haja uma leitura mais produtiva desta pesquisa, organizamos o capítulo da seguinte forma: Primeiro, tratamos de alguns conceitos que estão diretamente conectados: o de anáfora (Huang, 2004; Miktov, 1999), o de expressões referenciais (Vázquez Rozas, 2004) o de processamento anafórico (Maia, 1997) e o de carga informacional⁴ (Almor, 1999). Após a apresentação desses conceitos iniciais, destacamos as propostas de classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais já existentes e apresentamos a nossa proposta de classificação desses tipos morfossintáticos com relação à categoria de SN em posição de ODA. Seguimos a organização do capítulo, pela metodologia utilizada para a análise dos dados. Em seguida, apresentamos nossa análise que será

4 Conceito esse que nos motivou a propor uma tipologia de detalhamento dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais do tipo SN.

dedicada à apresentação da porcentagem dos tipos morfossintáticos de SN mais produtivos na produção dos falantes das variedades de Santander e Santiago do Chile. Terminamos o capítulo, apresentando a discussão e as nossas considerações finais.

ANÁFORA E EXPRESSÕES REFERENCIAIS

Ao trabalharmos a retomada do ODA de 3ª pessoa, nos detemos no macro conceito de anáfora e, conseqüentemente, no custo de processamento que o falante de determinada variedade do espanhol possui para processar os elementos responsáveis por esse processo.

Sendo assim, destacamos, primeiramente, o conceito de anáfora de Huang (2004). Segundo o autor, a anáfora é formada por dois elementos linguísticos: o primeiro, chamado antecedente e o segundo nomeado como elemento anafórico. Nesse processo, de acordo com Huang (2004), a interpretação do elemento anafórico é determinada pela interpretação do antecedente. Portanto, estamos diante de um processo de correferência (Miktov, 1999), isto é, quando o antecedente e o elemento anafórico possuem o mesmo referente no mundo, em outras palavras, elementos que possuem o mesmo índice linguístico.

Ainda em consonância com o conceito de anáfora e correferência, há o termo expressões referenciais. Esse termo, como Puertas (2023) destaca, ocupa um vasto espaço no que tange à sua classificação, podendo assumir diversos significados, assim como também ocorre com o termo "anáfora". No entanto, assim como fizemos com o conceito "anáfora", destacamos, nesta pesquisa, somente as classificações que estão mais próximas do nosso objeto de estudo e da nossa linha de pesquisa.

Considerando esse fato, destacamos o conceito de expressões referenciais exposto por Vázquez Rozas (2004). A autora destaca que expressões referenciais se referem aos elementos que possuem uma continuidade referencial⁵ com o antecedente (elemento já introduzido no discurso). Em síntese, as reflexões de Vázquez Rozas (2004), sobre expressões referenciais, convergem com o processo previamente delineado por Miktov (1999) ao abordar a correferência.

Ao trabalharmos essa relação correferencial existente entre dois elementos de um processo anafórico (antecedente e elemento linguístico), retratada no parágrafo anterior, pode-se observar uma aproximação dessa relação a outros conceitos referenciais, como por exemplo: o processamento anafórico (Maia, 1997) e também a hipótese da carga informacional (Almor, 1999). A hipótese da carga informacional, em particular, nos motivou a criar uma proposta de classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais do tipo SN, já que, como vamos observar na próxima seção, a categoria de SN se diferencia bastante da categoria dos clíticos, vista como a mais produtiva em diversos estudos descritivos do espanhol para a retomada do ODA (Arruda, 2012; Simões, 2015; Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021).

O PROCESSAMENTO ANAFÓRICO E A HIPÓTESE DA CARGA INFORMACIONAL

O foco da nossa proposta de classificação veio, como já mencionamos anteriormente, da necessidade de classificar a categoria de SN como uma possibilidade de realização de ODA de 3ª pessoa no espanhol, já que mesmo que estudos descritivos recentes tragam esse tipo de estratégia como uma estratégia possível no

5

Termo cunhado por Givón (1983).

espanhol (Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021). Nesses estudos, não se observa uma categorização específica dessa abordagem, uma vez que Oliveira (2019) e Silva dos Santos (2021) não se restringiram exclusivamente à análise do tipo de estratégia de retomada por meio do sintagma nominal (SN). De forma descritiva, contemplaram outras modalidades de estratégias.

Considerando a falta de destaque para a categoria dos SNs em posição de ODA, mesmo ela se configurando como a segunda estratégia de retomada mais produtiva nos dois estudos (Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021), há, também, uma diferença significativa com relação ao processamento anafórico e a carga informacional no que tange à estratégia de retomada de ODA por clítico e a retomada por SN, estratégia que destacamos no nosso estudo. Por essa razão, focamos, nesta seção, nesses dois conceitos que se mostram essenciais para diferenciar esses dois tipos de estratégias de retomada de ODA.

Começamos, esta seção, pelo conceito de processamento anafórico. Segundo Maia (1997), se trata de um conceito que investiga dois temas principais: o primeiro sobre a forma anafórica e a memória de trabalho, ou seja, o esforço de processamento de um falante ao ouvir uma sentença em que haja o processo de retomada, e o segundo se caracteriza pelas relações entre os pronomes e as expressões a que eles fazem referência (estruturas correferentes). Apesar de tratar de estruturas correferentes, os pronomes, mencionados, nesse segundo tema do processamento anafórico, se configuram como pronomes recíprocos e pronomes reflexivos, não abrangendo o pronome átomo ou outro tipo de categoria anafórica, como o SN. Dentro dessas duas abordagens de pesquisa sobre o processamento anafórico, elegemos a primeira por abordar a natureza de cada categoria e também por explorar como cada categoria influencia o processamento anafórico individual de cada falante. Essa escolha proporciona uma introdução sucinta ao que será discutido na hipótese da carga informacional.

De acordo com Maia (1997), o processamento anafórico estaria condicionado a partir do tipo de retomada, já que esse processo pode ser realizado de diversas formas, como podemos constatar nos estudos descritivos anteriores sobre os tipos de estratégias de retomada de ODA de 3ª pessoa no espanhol, já mencionados anteriormente. Sendo assim, segundo o autor, a memória de trabalho dependeria da relação entre antecedente e elemento anafórico, já que no momento do entendimento de uma sentença com retomada, haveria a ativação ou reativação do referente na mente do indivíduo, podendo essa ativação ser capaz de gerar um menor ou maior custo de processamento para a memória de trabalho.

Ainda no âmbito do processamento anafórico, destacamos a hipótese da carga informacional (Almor, 1999). O autor ressalta que a hipótese em questão está relacionada ao fenômeno em que, durante uma retomada anafórica, na ausência da introdução de nova informação ao contexto, o referente se destaca discursivamente, facilitando sua identificação e recuperação. Isso resulta em um menor custo de processamento, como ocorre nos casos de retomada por meio do clítico, já que esse elemento não adiciona informação nova.

No entanto, segundo Almor (1999), elementos anafóricos do tipo SN possuem uma alta carga informacional, ou seja, há uma maior quantidade de informação semântica carregada por esse elemento, tendo em vista que esse tipo de elemento pode acrescentar informação nova ou até mesmo se referir de forma indireta ao seu antecedente. Diferentemente do que ocorre com os SNs, elementos anafóricos do tipo pronome átono, como os clíticos, por exemplo, possuem uma baixa carga informacional, pois ainda que possuam um alto grau de continuidade referencial com o seu antecedente, não possuem a capacidade de adicionar informação, gerando um menor custo de processamento, como destacamos anteriormente.

Tendo em vista o grau de processamento mais elevado, os SNs possuem mais informações e detalhes que influenciam no

processamento anafórico do falante. Após revisarmos os estudos sobre o processamento anafórico e a hipótese da carga informacional, é importante ressaltar que uma abordagem quantitativa dos casos de estratégia de retomada pela repetição do sintagma nominal (SN) nas variedades analisadas seria insuficiente. Isso se deve ao fato de que o SN, por sua capacidade de veicular informações novas, pode apresentar diferentes tipos. Diante dessa constatação, surge a motivação para aprofundar nossa compreensão dessa categoria, propor uma classificação dos diferentes tipos dessa categoria e examinar qual deles os falantes de Santander e Santiago do Chile preferem ao retomar o objeto direto anafórico de 3ª pessoa pelo SN. Ao aprofundarmos a análise dessa categoria, identificamos propostas já existentes relacionadas aos tipos morfossintáticos de expressões referenciais. Utilizamos essas propostas como fundamentação para a nossa própria classificação, a qual será apresentada na próxima seção.

PROPOSTAS DE CLASSIFICAÇÃO DE TIPOS MORFOSSINTÁTICOS DE EXPRESSÕES REFERENCIAIS

Na literatura da área, há uma dissonância de conceitos em relação ao termo “expressões referenciais”. O primeiro, que destacamos aqui, é o conceito proposto por Maingueneau e retomado e apresentado no estudo de Cavalcante (2003), uma vertente mais discursiva do termo: “formas de designação de referentes, as quais se diferenciam pelo modo como indicam o “co-enunciador”” (Cavalcante, 2003, p. 2). Em outras palavras, se refere a como o enunciador pretende que ele identifique e interprete o referente. No entanto, esta não é a classificação que levamos em conta para definir o termo expressões referenciais em nossa pesquisa. Para fazê-lo,

destacamos o conceito de Vázquez Rozas (2004) que, assim como o primeiro, é também discursivo, porém com cunho sintático.

De acordo com Vázquez Rozas (2004), as expressões referenciais são as unidades linguísticas que têm como função fundamental a construção do discurso, de maneira que seja possível a identificação de unidades sobre as quais queremos fazer referência ou falar. Essa autora, porém, classifica as expressões referenciais em dois tipos distintos: o primeiro compreende a primeira menção do referente no discurso, ou seja, a introdução de um novo elemento; já o segundo tipo refere-se a unidades previamente mencionadas. Nessa segunda categoria, observa-se a continuidade referencial, pois há menção a referentes já apresentados anteriormente.

Neste ponto, a autora realiza uma análise que julgamos equivocada, uma vez que ela classifica erroneamente as frases nominais indefinidas como expressões referenciais do primeiro tipo, segundo a autora, essa categoria seria apropriada para a introdução de referentes novos. Entretanto, discordamos da designação “frases nominais indefinidas” e propomos que se considere como expressões referenciais não apenas essas frases nominais, mas também as frases nominais definidas. Ambas têm a capacidade de introduzir informações novas, similar ao que ocorre com os SNs indefinidos e definidos. Essa classificação se baseia na natureza do determinante: uma frase nominal com um artigo indefinido é considerada indefinida, enquanto aquela com um artigo definido é considerada definida.

Adicionalmente, Vázquez Rozas (2004) categoriza os pronomes como indicadores referenciais, pressupondo que, por não agregarem informações novas, apenas essa categoria asseguraria e indicaria continuidade referencial. No entanto, observamos que isso não se aplica exclusivamente aos pronomes, pois SN em posição de ODA de 3ª pessoa também desempenha esse papel. Embora pronomes e SNs difiram em relação à carga informacional - os pronomes possuem baixa carga informacional por não introduzirem informações

novas, enquanto os SNs tendem a ter uma carga informacional mais substancial, podendo adicionar novas informações - a categoria dos SNs apresenta uma diversidade de naturezas. Alguns SNs não introduzem informações novas, atuando apenas como elementos de continuidade referencial, semelhante aos pronomes. Isso ocorre mesmo que sintaticamente os SNs tenham uma carga informacional mais elevada do que um pronome átono.

Para esclarecer, neste estudo, adotamos o conceito de expressões referenciais conforme proposto por Vázquez Rozas (2004), especificamente o segundo tipo apresentado pela autora. No entanto, ressaltamos que agrupamos nesse tipo todas as estratégias de retomada do objeto direto anafórico de 3ª pessoa. Isso se justifica pelo fato de que esses elementos, ao funcionarem como uma forma de retomada, mantêm a continuidade referencial com seu antecedente, o que engloba a categoria do SN.

Após compreendermos melhor o termo “expressões referenciais”, destacamos dois estudos que propuseram classificações dos tipos morfossintáticos dessas expressões: os estudos de Bentivoglio (1983) e Fant (1985). No entanto, consideramos essas propostas antigas e insuficientes. Por esse motivo, além de fornecer um breve panorama dessas propostas de classificação, apresentamos nossa contribuição para classificar os tipos morfossintáticos de expressões referenciais do tipo SN, que é o foco de nosso estudo.

Vamos começar com a proposta de classificação de Fant (1985). Nessa proposta, o autor apresenta tipos morfossintáticos de expressões referenciais encontrados nas análises dos dados referente à duas categorias: a de complemento direto e a de complemento indireto, porém sem fazer distinção entre essas duas categorias, agrupando esses dois tipos de complemento em um único bloco. Os tipos morfossintáticos de expressões referenciais encontrados por Fant (1985) foram: Sintagma Nominal; Sintagma de Infinitivo; Pronome Pessoal; Pronome Demonstrativo; Pronome Relativo e Clítico.

Conforme mencionamos, embora seja uma tentativa interessante de proposta, ao unir dois tipos de complementos em um único grupo, essa tipologia carece de transparência. Não é possível discernir se esses tipos se enquadram nas duas categorias de complemento ou se há algum tipo exclusivo apenas para um determinado tipo de complemento, ou seja, para o complemento direto ou indireto. Essa falta de transparência impossibilita o reconhecimento dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais que são selecionados em cada categoria.

Como mencionamos anteriormente, outro estudo que propõe uma classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais é o de Bentivoglio (1983). Utilizamos essa classificação como base para a nossa proposta sobre as expressões referenciais do tipo SN, no que se refere ao objeto direto anafórico de terceira pessoa no espanhol.

O estudo de Bentivoglio (1983) possui como foco principal a continuidade e, além de trabalhar com esse conceito, a autora investiga também a distância referencial entre os elementos anafóricos, variável que não destacamos neste estudo. Portanto, com o objetivo de pesquisar a continuidade do tópico NP e a distância referencial, Bentivoglio (1983) propõe uma classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais da seguinte forma: Concordância Verbal; Pronomes Átonos (clíticos); Pronomes Tônicos (Pronomes Pessoais; Pronomes Demonstrativos; Pronomes Tônicos com clíticos correferenciais); Frases Nominais com clíticos correferenciais; Frases Nominais Definidas (só com artigo definido; com determinantes – demonstrativo, possessivo, como modificador “genitivo” ou adjetivo com modificador cláusula relativa; Nomes Próprios).

Essa classificação foi criticada por Vázquez Rozas (2004) já que, segundo a autora, a proposta tipológica feita por Bentivoglio (1983) apresenta uma lacuna na categorização sintática, posto que não há, em sua classificação, expressões referenciais indefinidas,

sendo uma classificação que só contempla as frases nominais definidas, isto é, há uma preferência por uma categoria em detrimento de outra. Considerando a crítica feita por Vázquez Rozas (2004) a essa proposta de classificação de Bentivoglio (1983), a mais completa que encontramos, propomos uma classificação, que julgamos ser mais completa, dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais do SN em posição de ODA de 3ª pessoa.

Há, na proposta de Bentivoglio (1983), algumas lacunas e excessos que atribuímos ao fato da autora se preocupar, em sua pesquisa, em analisar outras categorias funcionais que não somente o complemento direto. Sendo assim, na nossa proposta, desconsideramos alguns tipos de expressões referenciais levados em consideração pela autora, tendo em vista que essas categorias fazem referência ao sujeito, categoria não investigada em nossa pesquisa, considerando que fazemos um recorte para detalhar somente a categoria de ODA de 3ª pessoa e mais especificamente do tipo SN. Tendo em vista o nosso direcionamento para a categoria dos SNs, destacamos que adicionamos tipos de expressões referenciais à nossa classificação para que fosse possível um melhor detalhamento dos SNs em função de ODA de 3ª pessoa.

Considerando a proposta de Bentivoglio (1983) e suas limitações, propomos uma classificação das expressões referenciais do tipo SN realizadas em posição de ODA de 3ª pessoa para o espanhol:

Quadro 1 - Proposta de classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais do tipo SN

Sintagma Nominal Definido	<ul style="list-style-type: none"> a) Com artigo definido; b) Com determinante (forte); c) Com determinante forte e especificador; d) Com artigo e especificador; e) Com modificador cláusula relativa; f) Com nomes próprios
---------------------------	---

Sintagma Nominal Indefinido	<ul style="list-style-type: none"> a) Com artigo indefinido; b) Com artigo indefinido e especificador; c) Com determinante (fraco); d) Com determinante (fraco) e especificador; e) Sem artigo; f) Sem artigo e com especificador; g) Com modificador cláusula relativa; h) Sem artigo e com desinência de plural; i) Com pronome indefinido;
-----------------------------	--

Fonte: Adaptado de PUERTAS (2023: 170).

Ao apresentarmos esse quadro com a nossa proposta de classificação de tipos morfossintáticos de expressão referencial do SN em posição de ODA de 3ª pessoa, destacamos algumas mudanças realizadas a partir da proposta que utilizamos como base, a de Bentivoglio (1983). A primeira delas é a substituição do termo Frase Nominal, usado por Bentivoglio (1983), pelo termo Sintagma Nominal. Essa alteração se deu pela frequência encontrada do SN como estratégia de retomada do ODA de 3ª pessoa, sendo mais relevante para os casos de estratégia de retomada o detalhamento da categoria de SN e não a de Frase Nominal.

Ainda com relação a essa mudança, apesar de manter a classificação definida feita na categoria “Frases Nominais” para a categoria de SN, propomos algumas alterações nas subclassificações desse tipo de expressão referencial. A mais destacável, está na classificação da categoria dos determinantes, já que na proposta de 1983 não havia, por parte da autora, uma classificação dos tipos de determinantes presentes nas expressões referenciais do tipo Frases Nominais Definidas, substituída, nesta pesquisa, pela categoria, “Sintagma Nominal Definido”. Sendo assim, especificamos o tipo de determinantes a partir da tipologia de determinantes fortes

e fracos (Leonetti, 1999b)⁶, além de fazer alguns acréscimos nessa classificação já existente.

Ainda no âmbito dos acréscimos, destacamos mais duas categorias ao tipo de expressão referencial SN definido: a de SN definido com artigo definido e um especificador e a categoria de SN com determinante forte com especificador. Destacamos ainda, a introdução de uma nova categoria de expressão referencial: o SN indefinido. Essa inclusão representa uma contribuição significativa da nossa proposta, diferenciando-se das abordagens anteriores, incluindo a de Bentivoglio (1983), que não reconhecia o SN indefinido como um tipo de expressão referencial. Discordamos dessa perspectiva, pois, a partir de nossa análise, evidenciamos que a estratégia de realização de ODA por SN pode envolver tanto interpretações definidas quanto indefinidas. Assim, identificamos a necessidade de detalhar essa forma de expressão referencial. Na nova categoria de SNs indefinidos, os subdividimos em cinco subclasses, conforme apresentado anteriormente no Quadro 1.

Apesar da estratégia de retomada de ODA de 3ª pessoa pela repetição do SN não ser a única estratégia possível no espanhol, destacamos, mais uma vez, que a escolha em priorizar esse tipo de estratégia está na falta de descrição dessa categoria na posição de objeto direto anafórico de 3ª pessoa nos estudos. Além disso, nesses poucos estudos que consideraram essa estratégia de retomada (Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021), pudemos observar que a estratégia de retomada pelo SN só fica atrás, em relação à produtividade, da estratégia de retomada por clítico, a estratégia mais produtiva no espanhol. Como já destacamos anteriormente, considerando a diferença na carga informacional da categoria dos pronomes átonos (clíticos) e dos SNs, os estudos anteriores se contentam em fazer uma análise quantitativa dos tipos de estratégia de retomada de ODA de 3ª pessoa, sem nenhum tipo de especificação, pois como

6

Para obter mais informações sobre a tipologia de determinantes, consultar Leonetti (1999b).

podemos observar, a estratégia de retomada por clíticos não é passível de especificação. Já que o clítico é um pronome, isto é, uma estrutura sintática em que não há subclassificações, o que se mostra o oposto do que ocorre com a categoria de SN, tendo em vista que cada SN pode assumir diferentes tipos. Acreditamos que só contabilizar esse tipo de estratégia é uma perda qualitativa, tendo em vista que, por sua alta carga informacional, essa categoria pode assumir diferentes naturezas. Por esse motivo, acreditamos que o detalhamento realizado é de grande importância para os estudos descritivos dos tipos de estratégias de realização do ODA de 3ª pessoa.

METODOLOGIA

Neste capítulo, focamos na apresentação da metodologia utilizada nesta pesquisa. Começamos detalhando algumas informações principais do *corpus* e após esse momento inicial, apresentamos o programa estatístico que utilizamos para a rodagem dos dados.

Para que esses objetivos fossem alcançados, utilizamos o *corpus* oral PRESEEA (*Proyecto para el estudio sociolingüístico del Español de España y de América*) que é composto por entrevistas transcritas realizadas através de conversas semidirigidas gravadas e que estão disponíveis on-line no *site* do projeto. Para essa pesquisa, analisamos 20 entrevistas, das quais dez pertencem a informantes da variedade do espanhol de Santander e as outras 10 da variedade do espanhol de Santiago do Chile.

Considerando o número significativo de dados e visando uma melhor análise, destacamos que fizemos uso do programa GoldVarb X, que se caracteriza como uma ferramenta computacional que permite tornar a análise mais precisa. Nossa análise se dividiu em algumas etapas, sendo a primeira a análise em si das 20 entrevistas.

Após essa primeira etapa, cada uma das ocorrências foi reavaliada para garantir sua relevância na pesquisa antes de prosseguirmos para a última análise, na qual os dados foram submetidos a rodagem para obtenção de resultados estatísticos.

Para analisar os tipos morfossintáticos de expressões referenciais do tipo SN, utilizamos a classificação que propomos e apresentamos no quadro 1 na seção 2.2. Os tipos morfossintáticos de expressões referenciais funcionam como uma espécie de detalhamento do conteúdo das estratégias de retomada pela repetição do SN.

ANÁLISE

Levando em consideração o conceito de carga informacional e processamento anafórico, apresentados na seção 2, destacamos, a seguir, duas tabelas em que detalhamos os tipos morfossintáticos e apresentamos o número de ocorrências levantadas nas variedades do espanhol de Santander e Santiago do Chile, respectivamente:

Tabela 1 – Detalhamento do tipo morfossintático de expressão referencial nas ocorrências de realização de ODA de 3ª pessoa por SN na variedade de Santander

ESPAÑHOL DE SANTANDER		
Tipos Morfossintáticos de Expressão Referencial (SN)	Número de Ocorrências	Porcentagem
SN definido com artigo definido	37 oc.	23,42 %
SN definido com det. Forte	22 oc.	13,92 %
SN definido com det. forte e especificador	2 oc.	1,27%
SN definido com artigo e especificador	10 oc.	6,33%
SN definido com modificador cláusula relativa	0	0

ESPAÑHOL DE SANTANDER		
Tipos Morfossintáticos de Expressão Referencial (SN)	Número de Ocorrências	Porcentagem
SN definido com nomes próprios	2 oc.	1,27%
SN indefinido com artigo indefinido	19 oc.	12,02%
SN indefinido com artigo indefinido e especificador	3 oc.	1,9%
SN indefinido com determinante fraco	10 oc.	6,33%
SN indefinido com determinante fraco e especificador	0	0
SN indefinido sem artigo	27 oc.	17,09%
SN indefinido sem artigo e com especificador	2 oc.	1,27%
SN indefinido com modificador cláusula relativa	0	0
SN indefinido sem artigo com desinência de plural	16 oc.	10,13%
SN indefinido do tipo pronome indefinido	8 oc.	5,06%
TOTAL	158 oc.	100%

Fonte: PUERTAS (2023: 198-199).

Na tabela 1, considerando todas as ocorrências encontradas para a estratégia de retomada por repetição do SN na variedade de Santander (158 ocorrências), podemos observar uma maior produtividade de dois tipos morfossintáticos: o tipo SN definido com artigo definido (23,42%), exemplo (3), e o tipo SN indefinido sem artigo (17,09%), exemplo (4). Além desses dois tipos morfossintáticos, os mais selecionados pelos falantes de Santander, encontramos também uma boa produtividade dos tipos SN definido com determinante forte (13,92%), exemplo (5), e SN indefinido com artigo indefinido (12,02%), exemplo (6). Após destacar os casos que tivemos mais ocorrências, cabe a nós apresentar os tipos menos selecionados pelos falantes. Destacamos que os tipos morfossintáticos com nenhuma ou pouca ocorrência são tipos morfossintáticos que são

formados por um modificador cláusula relativa ou por um especificador, como podemos observar na tabela 1.

- (3) I.: primero/ echo **las alitas** (...) echas un poquitín en una fuente de/ en un recipiente / de cristal/ apto para / tipo de hornos // metes **las alitas** // eeh / que se vayan haciendo un poquitín / a fuego lento / después metes las // los ingredientes // echas unas patatucas / tipo patata panadera.

(Puertas, 2023, p. 193).

- (4) I.: ¿qué me gustaría? Que se generase **trabajo**. E.: muy bien. I.: porque creo que no se está generando **trabajo** / y que lo poco que hay se está destruyendo completamente...

(Puertas, 2023, p. 194).

No exemplo (3), o SN antecedente “las alitas”, referente à explicação do preparo de uma receita, é retomado por um SN definido, já que é encabeçado pelo artigo definido feminino plural “las”. Já no exemplo (4), observamos a repetição do SN “trabajo” como estratégia para retomar o antecedente. Tanto o antecedente quanto o SN retomado, ambos sem artigo ou determinante, são considerados SNs indefinidos na nossa classificação morfossintática de expressão referencial.

- (5) I.: eeh la verdad es que ahora no tengo ningún viaje en mente // tengo // tengo **exámenes** y tengo que hacer ir a Madrid pero bueno pues // E.: uhum I.: y lo que si intentaré es acercarme otra vez a Granada cuando // cuando termine **estos exámenes** si puede ser...

(Puertas, 2023, p. 195).

- (6) I.: eeh/ pero si puede / y podemos / pues salimos para las afueras / pues a pasar el día / te llevas **un bocadillo** porque claramente E.: claro I.: no te da más de sí la economía E.: claro / claro sí / sí /sí I.: es decir / a comerte un plato del día que te / te vale / mínimo / doce euros / un domingo E.: sí / sí I.:

mínimo / ¿eh? E.: de ahí para arriba l.: exactamente /
 pues te llevas una tortilla de patatas hecha/ un poco
 de pan E.: uhum l.: y te haces **un bocadillo**.

(Puertas, 2023, p. 196).

No exemplo (5), o antecedente “exámenes”, um SN sem encabeçamento, é retomado pelo SN “estos exámenes”. Apesar de não ser uma retomada idêntica, o SN retomado, agora classificado como definido com determinante forte, devido ao demonstrativo “estos”, mantém continuidade referencial com o antecedente “exámenes”. Diferentemente do que ocorre no exemplo (5), no exemplo (6), o antecedente “un bocadillo” é retomado pelo mesmo SN “un bocadillo”, um SN indefinido com artigo indefinido, já que é encabeçado pelo artigo “un”.

Após esse panorama do detalhamento do tipo morfossintático de expressão referencial da estratégia de retomada de ODA pela repetição do SN no espanhol de Santander, apresentamos a tabela 2 com os dados da variedade de Santiago do Chile.

Tabela 2 - Detalhamento do tipo morfossintático de expressão referencial nas ocorrências de realização de ODA de 3ª pessoa por SN na variedade de Santiago do Chile

ESPAÑOL DE SANTIAGO DO CHILE		
Tipos Morfossintáticos de Expressão Referencial (SN)	Número de Ocorrências	Porcentagem
SN definido com artigo definido	76 oc.	28,15%
SN definido com det. Forte	28 oc.	10,34%
SN definido com det. forte e especificador	1 oc.	0,4%
SN definido com artigo e especificador	10 oc.	3,7%
SN definido com modificador cláusula relativa	1 oc.	0,4%
SN definido com nomes próprios	4 oc.	1,5%

ESPAÑHOL DE SANTIAGO DO CHILE

Tipos Morfossintáticos de Expressão Referencial (SN)	Número de Ocorrências	Porcentagem
SN indefinido com artigo indefinido	26 oc.	9,63%
SN indefinido com artigo indefinido e especificador	5 oc.	1,86%
SN indefinido com determinante fraco	11oc.	4,07%
SN indefinido com determinante fraco e especificador	0	0
SN indefinido sem artigo	52 oc.	19,26%
SN indefinido sem artigo e com especificador	13 oc.	4,8%
SN indefinido com modificador cláusula relativa	3 oc.	1,11%
SN indefinido sem artigo com desinência de plural	32 oc.	11,85%
SN indefinido do tipo pronome indefinido	8 oc.	2,96%
TOTAL	270 oc.	100%

Fonte: PUERTAS (2023: 198-199).

Na tabela 2, referente aos tipos morfossintáticos de expressões referenciais do tipo SN no espanhol de Santiago do Chile, conseguimos perceber uma diferença em relação à tabela 1, referente à variedade de Santander. Na variedade de Santiago do Chile, observamos uma distribuição mais ampla dos casos de estratégias de retomada de ODA de 3ª pessoa por meio da repetição do SN em relação aos tipos morfossintáticos. Isso contrasta com a distribuição apresentada na variedade de Santander. Em outras palavras, no espanhol falado em Santiago do Chile, encontramos ocorrências em quase todos os tipos morfossintáticos. O único tipo sem nenhuma ocorrência foi o de SN indefinido com determinante fraco e especificador.

Apesar dessa diferença, podemos aproximar as duas variedades com relação aos tipos morfossintáticos selecionados pelos falantes de ambas as variedades, no sentido de que há uma

equivalência nos tipos morfossintáticos mais produtivos nas duas gramáticas. Assim como ocorreu em Santander, os tipos morfossintáticos de expressões referenciais (SN) mais selecionados pelos falantes de Santiago do Chile foram os tipos SN definido com artigo definido (28,15%), exemplo (7), seguido do tipo SN indefinido sem artigo (19,26%), exemplo (8). Além desses dois tipos, outros que se mostraram produtivos nesta variedade, como pudemos ver na tabela 2, foram os tipos SN indefinido sem artigo com desinência plural (11,85%), exemplo (9), SN definido com determinante forte (10,34%), exemplo (10), e SN indefinido com artigo indefinido (9,63%), exemplo (11).

(7) I.: al P <"nombre propio"> le entregan **las llaves** porque era un colegio donde daban alimento también pues // y al P le le / le daban **las llaves** porque él / él era el que repartía las galletas.

(Puertas, 2023, p. 200).

(8) I.: me gusta **la música** / porque yo estoy trabajando y escuchando **música** / la tele lo / lo que veo de / lo que tengo / cuando tengo tiempo de ver tele veo noticias no más y / y el K M y ni una huevadas más pues.

(Puertas, 2023, p. 200).

No exemplo (7), o SN "las llaves", objeto direto do verbo "entregar", é retomado pelo mesmo SN, isto é, "las llaves". No entanto, ao ser complemento do verbo "dar", essa retomada é classificada como um SN morfossintático definido com artigo definido feminino plural, uma vez que o substantivo "llaves" é precedido pelo artigo definido ("las").

Observa-se no exemplo (8), que "la música" é retomada pela estratégia de realização de ODA de 3ª pessoa por meio da repetição do SN. Contudo, o SN retomado não apresenta total identificação com o antecedente, pois, ao ser complemento direto do verbo "escuchar" no gerúndio ("escuchando"), o elemento anafórico não é precedido por nenhum artigo, sendo assim considerado um SN morfossintático indefinido sem artigo.

- (9) I.: no de hecho nadie tiene **problemas** / o sea / la persona que tiene **problemas** igual ha sabido llevar eeh que no pues / o sea / se hace al marido ver que no es nada malo / que después si quiere la va a buscar la va a dejar.

(Puertas, 2023, p. 201).

- (10) I.: anécdota una vez me compré **un gorro** lo busqué lo busqué lo busqué yo quería tener **ese gorro** fui al estadio justo me coloqué en la barra brava y me lo robaron de ahí no fui más al estadio / sentí el gorrito / me había costado tanto buscarlo y juntar la plata pues / así que de ahí decidí no volver nunca más al estadio.

(Puertas, 2023, p. 202).

- (11) E.: ya / si pudieras o tuvieras la posibilidad de comprar una casa de veraneo / ¿en qué lugar la comprarías y por qué? I.: ¿de veraneo? o sea yo creo que la compraría en litoral / en en C/ por una cuestión de de tiempo o sea / de distancia E.: claro I.: claro no saco nada con comprarme **una casa** en la décima región por precioso que sea el lugar si si pasa algo me demoro doce horas en ir a verla.

(Puertas, 2023, p. 203).

No exemplo (9), há uma retomada direta do termo anterior, “problemas”, por meio do mesmo sintagma nominal (SN), que atua como elemento anafórico. Esse termo anafórico, representado pelo SN “problemas”, desempenha a função de complemento do verbo “ter” e é classificado como tipo morfossintático indefinido sem artigo, evidenciado pela ausência de um artigo e pela presença da marcação de plural.

No exemplo (10), que se encaixa no tipo morfossintático SN definido com determinante forte, notamos a retomada indireta do antecedente “un gorro” pelo elemento anafórico “ese gorro”, que age como complemento direto do verbo “ter”. Esse SN retomado é categorizado como definido com determinante forte, conforme a classificação de determinantes de Leonetti (1999a). Nesse caso,

o substantivo “gorro” é precedido por um determinante considerado forte, especificamente um adjetivo demonstrativo (“ese”).

No exemplo (11), ocorre uma retomada anafórica indireta, em que o antecedente “una casa de veraneo” é retomado pelo elemento anafórico do tipo SN, representado por “una casa”. Esse SN atua como complemento direto do verbo “comprar”. Essa expressão anafórica é classificada como um SN morfossintático indefinido com artigo indefinido, pois é encabeçada pelo artigo indefinido “una”.

Diferentemente do panorama encontrado na variedade de Santander, só um tipo morfossintático de expressão referencial não foi contemplado no espanhol de Santiago do Chile, o tipo SN indefinido com determinante fraco e especificador, como apresentamos anteriormente. No entanto, apesar de só haver um tipo sem número de ocorrência, pudemos observar outros tipos morfossintáticos que não se mostraram produtivos entre os falantes dessa variedade: SN definido com determinante forte e especificador (0,37%), SN definido com modificador cláusula relativa (0,37%) e SN indefinido com modificador cláusula relativa (1,11%). Portanto, assim como constatamos no espanhol de Santander, os falantes do espanhol de Santiago do Chile parecem preferir formas menos informativas para a retomada do ODA de 3ª pessoa pela repetição do SN, isto é, SNs sem a presença de um especificador ou modificador cláusula relativa em detrimento de SNs encabeçados por um artigo ou determinante, ou até mesmo, sem nenhum tipo de encabeçamento, SNs que trariam uma carga informacional menor comparada a carga informacional de um SN com um especificador ou modificador cláusula relativa.

DISCUSSÃO

As estratégias de retomada de ODA de 3ª pessoa é um tema bastante explorado nos estudos descritivos do espanhol. No entanto, como destacamos anteriormente, há um apagamento de uma determinada estratégia que, de acordo com estudos descritivos mais atuais, parece estar ganhando força em variedades não peninsulares do espanhol. Nossa pesquisa traz uma inédita contribuição no que tange à estratégia de retomada pela repetição do SN, estratégia essa pouco contemplada nos estudos anteriores. Sendo a maior contribuição do nosso trabalho o detalhamento dessa estratégia. Como descrevemos anteriormente, a categoria de SN, por possuir um nível de carga informacional elevado, se diferencia bastante da categoria dos clíticos com relação ao nível informacional. Tendo em vista esse fato, destacamos que a estratégia de retomada de ODA de 3ª pessoa pela repetição do SN pode apresentar diferentes tipos, já que assume diferenças morfossintáticas. Sendo assim, apresentamos uma proposta de classificação dos tipos morfossintáticos de expressões referenciais da categoria SN para auxiliar futuros estudos descritivos sobre outras variedades do espanhol com relação a esse tipo de estratégia.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Após a análise dos dados apresentados na seção 4, concluímos que os falantes de ambas as variedades do espanhol mostraram uma preferência pelos tipos morfossintáticos de expressões referenciais do tipo SN mais simples. Estes se caracterizam pela ausência de especificadores ou modificadores, estando esses entre os tipos menos selecionados, como pudemos observar nas tabelas 1 e 2.

Acreditamos que essa predileção a tipos sem a presença de um especificador ou modificador pode ser atribuída à natureza menos informativa desse tipo morfossintático. A falta de um especificador ou modificador resulta em um nível menor de carga informativa, pois tanto o modificador quanto o especificador naturalmente agregam mais informações ao SN.

Os tipos morfossintáticos de SN mais escolhidos pelos falantes de Santander e Santiago do Chile, que são mais simples e apenas acompanhados por determinante, podem ser comparados à estratégia prototípica mais selecionada pelos falantes de espanhol: a estratégia de retomada por clíticos. Como destacamos anteriormente, essa é uma categoria com pouca carga informacional, uma vez que não adiciona informações novas. Essa pode ser uma explicação para o possível crescimento da produtividade do tipo de estratégia de retomada de ODA de 3ª pessoa pela repetição do SN desses tipos morfossintáticos com menos carga informativa nessas duas variedades.

REFERÊNCIAS

ALMOR, Amit. Noun-phrase anaphora and focus: the Information Load Hypothesis. **Psychological Review**, v. 106, n. 4, p. 748-765, 1999.

ARRUDA, Niquelme Cardoso. **A realização do objeto direto anafórico em línguas românicas: um estudo sincrônico no português e no espanhol**. 2012. 165f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

BENTIVOGLIO, Paola. Topic Continuity and Discontinuity in Discourse: A study of spoken Latin-American Spanish. *In*: GIVÓN, Talmy. **Topic Continuity in Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1983. p. 259-311.

CAVALCANTE, Mônica Magalhães. Expressões Referenciais – Uma proposta Classificatória. **Caderno de Estudos Linguísticos**, Campinas, v.10, n. 44, p. 105-118, 2003.

FANT, Lars. Procesos anafóricos y valor enfático en el español hablado. **Español Actual: Revista de Español vivo**, n. 43, p. 5-26, 1985.

GIVÓN, Talmy. Topic Continuity in Discourse: An introduction. *In*: GIVÓN, Talmy. **Topic Continuity in Discourse**. Amsterdam: John Benjamins Publishing Company, 1983. p. 259-311.

HUANG, Yan. Anaphora and the Pragmatics-Syntax Interface. *In*: HORN, Laurence. R; WARD, Gregory. **The Handbook of Pragmatics**. Nova Jersey: Blackwell Publishing Ltd, 2004, p. 288-314.

LEONETTI, Manuel. El artículo. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madri: Espasa, v. 1, 1999a, p. 787-890.

LEONETTI, Manuel. **Los Determinantes**. Madri: Arco Libros, 1999b.

MAIA, Marcus. The processing of object anaphora in Brazilian Portuguese. *In*: **Recherches Linguistiques de Vincennes**. França, no. 26, p. 151-172, 1997.

MIKTOV, Ruslan. Anaphora Resolution: The State of the Art. *In*: **Research Report**. Ed. 1. Wolverhampton: School of Languages and European Studies, University of Wolverhampton. 1999. p. 1-34.

OLIVEIRA, Géssica. **A influência do fator distância na seleção das diferentes estratégias de realização do objeto direto anafórico na gramática dos falantes de Medellín**. 2019. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

PUERTAS, Júlia Cheble. **A estratégia de retomada de objeto direto anafórico de 3ª pessoa por repetição do sintagma nominal no espanhol de Santander e Santiago do Chile**. 2023. 270f. Tese (Doutorado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2023.

SIMÕES, Adriana Martins. **O objeto pronominal acusativo de 3ª pessoa nas variedades de espanhol de Madri e Montevidéu comparado ao português brasileiro**: clíticos como manifestação visível e objetos nulos como manifestação não visível da concordância de objeto. 2015. 387 f. Tese de doutorado – Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2015.

SILVA DOS SANTOS, Marcelo. **Contextos favorecedores para a seleção das estratégias de retomada de objeto direto anafórico na gramática dos falantes de Encarnación (Paraguai)**. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

VÁZQUEZ ROZAS, Victoria. Algunas Reflexiones sobre el Cálculo de la Distancia Referencial. *D.E.L.T.A*, v. 20, n. 1, p. 28-47, 2004.

FINANCIAMENTO DA PESQUISA:

Essa pesquisa foi realizada com o auxílio da Bolsa de Doutorado da CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior), número do processo: 88882.424929/2019-01 (Migrado -SACPAIS).

4

Júlia Cheble Puertas

**LA ESTRATEGIA DE RETOMA
DE OBJETO DIRECTO ANAFÓRICO
DE 3ª PERSONA POR REPETICIÓN
DEL SINTAGMA NOMINAL
EN LAS VARIEDADES DEL ESPAÑOL
DE SANTANDER Y SANTIAGO DE CHILE:**

UNA PROPUESTA DE CLASIFICACIÓN TIPOLOGICA DEL
SINTAGMA NOMINAL

El estudio de los tipos de estrategias para retomar el ODA de tercera persona es un campo bien explorado en el ámbito de los estudios descriptivos del español. Sin embargo, existe una deficiencia en estos estudios con respecto a una estrategia de retoma específica: la estrategia de retoma de ODA de tercera persona mediante la repetición del SN. Esta estrategia, o no está cubierta por los estudios o lo que pasa es que se considera una estrategia improductiva en español (Arruda, 2012).

Sin embargo, estudios descriptivos más recientes (Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021) están tomando un camino diferente al encontrado anteriormente. Tanto en el estudio de Oliveira (2019) como en el de Silva dos Santos (2021), la estrategia de retomar la ODA de 3ª persona repitiendo el SN no solo resultó productiva en las variedades de español de Medellín (Oliveira, 2019) y de Encarnación (Silva dos Santos, 2021), ya que resultó ser la segunda estrategia más productiva en ambas variedades, justo detrás de la estrategia prototípicamente más productiva en español: la estrategia de recuperación por clíticos. Teniendo en cuenta estos trabajos descriptivos más recientes, nuestra investigación tuvo como uno de los objetivos analizar los tipos de estrategias de retoma de ODA de tercera persona en dos variedades de español para poder realizar un estudio comparativo.

De modo que nuestra investigación fuera más efectiva, decidimos hacer una comparación entre una variedad peninsular (Santander), una variedad con muy pocos estudios sobre los tipos de estrategias de retoma de ODA de tercera persona y ningún estudio sobre la estrategia de repetición de SN, y una variedad no peninsular (Santiago de Chile) que a diferencia de la otra variedad, cuenta con algunos estudios sobre los tipos de estrategias de retoma de ODA de tercera persona, pero que, una vez más, no contemplan el tipo de estrategia en el que nos centramos en este estudio. Respecto a la variedad no peninsular, tuvimos como punto de partida los estudios de Oliveira (2019) y Silva dos Santos (2021) quienes también

analizaron variedades no peninsulares del español, como pudimos comprobar. Por tanto, al considerar estos estudios y la escasez de investigaciones que abordaran este tipo de estrategia en variedades de español peninsular, creímos que este tipo de estrategia aparecería mayoritariamente en la variedad de español de Santiago de Chile frente al español de Santander, hecho que pudimos confirmar en nuestra investigación. Cuando trabajamos con tipos de estrategias de retoma de ODA de tercera persona, nos encontramos ante un evento lingüístico, denominado anáfora. Por tanto, es importante comprender que, a pesar de la multiplicidad de significados que puede adquirir este término, tomamos en cuenta, en esta investigación, el concepto de Huang (2004).

Según el autor, anáfora sería la relación entre dos elementos denominados como antecedente y elemento anafórico en la que la interpretación del elemento anafórico está determinada por la interpretación del antecedente. Estos elementos son correferenciales, según Mikto (1999), porque tanto el antecedente como el elemento anafórico tienen el mismo referente en el mundo, es decir, son estructuras con el mismo índice lingüístico. Considerando la correferencialidad de estos dos elementos, nos encontramos ante elementos que mantienen una continuidad referencial. Aún en el campo de los estudios anafóricos, traemos un concepto de extrema relevancia a nuestra investigación: el de procesamiento anafórico. Cuando comparamos las estrategias de retoma de ODA de tercera persona por clítico y por repetición de SN, notamos una clara diferencia en relación al procesamiento anafórico de las categorías de clítico y SN.

Según Almor (1999), la categoría SN tiene una mayor carga informativa y por tanto el grado de procesamiento por parte del hablante es más lento, a diferencia de lo que ocurre con el clítico, que tiene una menor carga informativa y tiene un procesamiento más rápido por parte del hablante. Al resaltar la hipótesis de carga informativa, nos damos cuenta que debido a la característica de una mayor carga informativa, el SN puede asumir diferentes naturalezas,

es decir, puede ser un SN encabezado por un artículo definido o indefinido, puede traer consigo un especificador o modificador, característica que no la encontramos con la categoría de pronombres, por ejemplo, como sí ocurre con los clíticos. Por eso, y basándose en estudios descriptivos recientes que consideran el tipo de estrategia de reanudación por repetición de SN, sentimos la necesidad de detallar, por parte de estos estudios, este tipo de estrategia. Para hacer posible este detalle, tuvimos que investigar el concepto de expresiones referenciales. Como destacamos en el caso de las anáforas, el término expresiones referenciales es compartido por varios autores con diferentes significados, sin embargo, en nuestro estudio consideraremos el significado de Vázquez Rozas (2004), en el que la autora señala que estos elementos, denominados expresiones referenciales, tienen una continuidad referencial. En los estudios de Bentivoglio (1983) y Fant (1985) se intenta proponer una clasificación de los tipos de expresiones referenciales. Sin embargo, en ninguna de las dos propuestas se encuentra un detalle relevante de los tipos morfosintácticos de las expresiones referenciales respecto al ODA de 3ª persona del tipo SN, porque o bien estas propuestas tienen en cuenta otras categorías como el sujeto u objeto indirecto o porque mezclan las categorías de complemento directo e indirecto en un mismo bloque.

A pesar de subrayar que ninguna de estas propuestas es satisfactoria en cuanto a la retoma del ODA de 3ª persona por repetición del SN, destacamos que entre las dos clasificaciones, la de Bentivoglio (1983) es más completa. Por ello, nos basamos en la propuesta de clasificación de Bentivoglio (1983) para crear nuestra propuesta de clasificación centrada exclusivamente en la categoría SN en una posición de retoma del ODA de 3ª persona. En nuestra propuesta para clasificar los tipos morfosintácticos de expresiones referenciales de tipo SN, dividimos los tipos en dos grupos: SN definidos y SN indefinidos, y dentro de estos dos grupos hicimos subclasificaciones. En el primer grupo, los SNs definidos, tenemos los SNs con artículo definido; con determinante fuerte; con determinante fuerte

y especificador; con artículo definido y especificador; con modificador de cláusula relativa y con nombres propios y en el segundo grupo, de los SNs indefinidos, tenemos los SNs con artículo indefinido; con artículo indefinido y especificador; con determinante débil; con determinante y especificador débil; sin artículo; sin artículo y con especificador; con modificador de cláusula relativa; sin artículo y con terminación plural y con pronombre indefinido. Para realizar esta propuesta de clasificación, nos basamos también en la clasificación de determinantes de Leonetti (1999).

Para realizar esta investigación se analizaron 20 entrevistas transcritas del corpus oral PRESEEA, de las cuales 10 entrevistas son de la variedad de español de Santander y 10 de la variedad de español de Santiago de Chile. Para estudiar las ocurrencias, también utilizamos el programa Goldvarb X, después de codificar las ocurrencias, ejecutamos los datos en este programa. A partir del análisis de datos pudimos verificar y confirmar estudios descriptivos recientes (Oliveira, 2019; Silva dos Santos, 2021) que encontraron que la estrategia de retoma de ODA de 3ª persona por repetición de SN fue la segunda estrategia más productiva en las variedades del español de Medellín y Encarnación, conclusión que confirmamos en nuestro estudio cuando encontramos que la estrategia de retoma de ODA de 3ª persona por repetición de SN fue la segunda más productiva, sólo detrás de la estrategia prototípicamente más productiva en español, la estrategia de retoma por clítico, como también lo confirmaron los estudios de Oliveira (2019) y Silva dos Santos (2021). Al analizar los tipos morfosintácticos de expresiones referenciales de tipo SN en posición ODA de 3ª persona, llegamos a la conclusión de que los tipos morfosintácticos más seleccionados por los hablantes de ambas variedades de español analizadas fueron tipos más sencillos, es decir, expresiones referenciales sin la presencia de un especificador o modificador, estando estos entre los tipos menos seleccionados.

En español de Santander, el 23,42% de las ocurrencias de retoma por repetición del SN fueron del tipo SN definido con artículo definido y el 17,09% del tipo SN indefinido sin artículo ni determinante. En español de Santiago de Chile, el 28,15% eran del tipo SN definido con el artículo definido y el 19,26% del tipo SN indefinido sin artículo ni determinante. En conclusión, los hispanohablantes parecen preferir los SNs que tienen una menor carga informativa, a pesar de que la categoría SN ya es una categoría con una alta carga informativa, pero si comparamos los SNs con el artículo definido y los SNs con presencia de un especificador es claro el cambio en la carga informativa que existe entre estos dos tipos, siendo el primero un SN sin mucha información adicional y el segundo con alguna información adicional aportada por el especificador o modificador.

REFERENCIAS

ALMOR, Amit. Noun-phrase anaphora and focus: the Information Load Hypothesis. **Psychological Review**, v. 106, n. 4, p. 748-765, 1999.

ARRUDA, Niquelme Cardoso. **A realização do objeto direto anafórico em línguas românicas: um estudo sincrônico no português e no espanhol**. 2012. 165f. Tese (Doutorado em Linguística e Língua Portuguesa) – Universidade Estadual Paulista, Faculdade de Ciências e Letras, Campus de Araraquara, 2012.

FANT, Lars. Procesos anafóricos y valor enfático en el español hablado. **Español Actual: Revista de Español vivo**, n. 43, p. 5-26, 1985.

HUANG, Yan. Anaphora and the Pragmatics-Syntax Interface. *In*: HORN, Laurence. R; WARD, Gregory. **The Handbook of Pragmatics**. Nova Jersey: Blackwell Publishing Ltd, 2004, p. 288-314.

LEONETTI, Manuel. El artículo. *In*: BOSQUE, Ignacio; DEMONTE, Violeta. **Gramática Descriptiva de la Lengua Española**. Madri: Espasa, v. 1, 1999a, p. 787-890.

LEONETTI, Manuel. **Los Determinantes**. Madri: Arco Libros, 1999b.

MIKTOV, Ruslan. Anaphora Resolution: The State of the Art. In: **Research Report**. Ed. 1. Wolverhampton: School of Languages and European Studies, University of Wolverhampton. p. 1-34, 1999.

OLIVEIRA, Géssica. **A influência do fator distância na seleção das diferentes estratégias de realização do objeto direto anafórico na gramática dos falantes de Medellín**. 2019. 135f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

SILVA DOS SANTOS, Marcelo. **Contextos favorecedores para a seleção das estratégias de retomada de objeto direto anafórico na gramática dos falantes de Encarnación (Paraguai)**. 2021. 157 f. Dissertação (Mestrado em Letras Neolatinas) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2021.

VÁZQUEZ ROZAS, Victoria. Algunas Reflexiones sobre el Cálculo de la Distancia Referencial. *D.E.L.T.A*, v. 20, n. 1, p. 28-47, 2004.

5

*Jean Léo Léonard
Guylaine Brun-Trigaud*

QUESTIONS D'ARÉOLOGIE OCCITANE:

**LE "GRADIENT
DE GASCONITÉ" REVISITÉ**

RÉSUMÉ

L'*aréologie* telle qu'elle est conçue dans ce chapitre se fonde sur un moyen technique : la distance d'édition (Gabmap). En se basant sur l'exemple du gascon au sein de l'occitan, elle explore les endémismes et l'effet structurant de divers attracteurs diasystémiques, afin de définir les aires dialectales, mettant l'accent sur la vicariance de structures émergentes. Les données du THESOC permettent de revisiter l'aréologie du gascon telle que la concevaient initialement Séguy et Lalanne, reliant *modalités* (unités discrètes) et *transitions* (zones d'interférence) à la façon de Ricardo Carvalho Calero. L'analyse du gascon révèle des sous-dialectes (Est vs Ouest), des transitions externes et des motifs endémiques plus ou moins intriqués. Le *Gradient de Gasconité* (GG) de Jean Séguy sert de parangon, mais est revisité à la lumière des ressources modernes en géolinguistique computationnelle. En effet, l'aréologie par distance d'édition, avec sa palette d'algorithmes divers (Classification ascendante hiérarchique, Complete link, Moyenne pondérée et non pondérée, regroupements par logique floue, positionnement multidimensionnel, etc.), permet de déployer un éventail à la fois diversifié et cohérent de dynamiques émergentes, dans la perspective d'une dialectologie multidimensionnelle.

Mots Clés: Aréologie ; occitan ; gascon ; distance d'édition ; géolinguistique ; diasystème ; phonologie ; gradient ; réseau dialectal.

INTRODUCTION: CONTEXTUALISATION ET PROBLÉMATISATION

La présente contribution a pour finalité d'apporter des pistes de réflexion et des méthodes pour améliorer « la cartographie des variétés de (...) langues romanes, afin de trouver un terrain d'entente sur les variations dialectales contemporaines », comme l'annonçait la thématique de VariaR en cette année 2023. Quel savoir, quelles connaissances aussi bien linguistiques que sociologiques, géohistoriques, voire sémiotiques⁷, cherche-t-on à construire lorsqu'on analyse le trésor que constituent les données d'atlas linguistiques ? Quelles méthodes utiliser, en vue de quels résultats, tant pour la linguistique générale et romane que pour l'étude du domaine de spécialité ? Quelle est la tradition, quelles sont les attitudes de recherche en vigueur dans ce domaine empirique, et quel en est l'apport – apport patent, mais aussi, le cas échéant, apport caché ou latent ?

Dans ce cas précis, le domaine retenu est un dialecte situé dans la marge sud-ouest (SO) du domaine occitan : le gascon. La méthode retenue sera une avancée récente d'une technologie (la dialectométrie) dont le creuset empirique a précisément été le dialecte gascon, dans sa diversité interne davantage que dans sa relation à la fois métonymique et complexe à l'occitan (en tant que partie d'un tout, mais qui ne saurait se réduire à cette condition fragmentaire)⁸.

7 Non seulement les langues sont des systèmes sémiotiques – et en aucun cas des organismes vivants, ou comparables, contrairement à la vision idéaliste des premiers classificateurs de langues, dans leur hubris de territorialisation taxinomique à tout prix –, mais la dialectologie, en faisant usage de cartes, de figures et de schémas, fait un abondant usage d'objets sémiotiques. Or, « l'objet sémiotique est (...) susceptible d'une double description : à la fois en tant que procès et en tant que système » (Badir, 2014, p. 185). Nous ne perdrons jamais ces deux perspectives de vue – procès dynamique et système combinant des traits typologiques propres – en analysant les objets de connaissance aréologiques/géolinguistiques que sont ces supports de visualisation cartographiques.

8 Voir Léonard & Gélébert (2023) pour une approche analogue de la pensée de Théobald Lalanne, co-fondateur avec Jean Séguy de la dialectométrie gallo-romane.

La conception de cette méthode d'optimisation taxinomique du diagnostic de diversité interne d'un domaine géolinguistique à l'aide d'un gradient de dialectalité spécifique ou idiosyncrasique n'est pas le fruit du hasard : c'est à la fois le résultat d'une réflexion critique sur les tâches ultimes de la dialectologie en tant que discipline de linguistique théorique et descriptive, et une stratégie d'évitement des construits essentialistes impliqués par toute nomenclature dialectale, dans le contexte très précis de l'originalité foncière du gascon au sein du domaine occitan, supposé l'englober dans un seul diasystème (Weinreich, 1954).

Après avoir présenté dans la section 2 la notion d'aréologie de Jean Séguy (1956, 1973b), qui prolonge la conception que se faisait jadis Georges Millardet de la géographie linguistique, nous définirons succinctement dans la section 3 le Gradient de Gasconité (désormais GG), du même auteur, et soumettrons ce construit heuristique au test que nous fournit, a posteriori, la méthode des aires floutées et du positionnement multidimensionnel. Nous verrons ainsi que le GG de Séguy atteint son objectif de caractérisation typologique et de localisation des foyers géolinguistiques d'innovation – tous situés au sud-ouest et au sud-est du domaine, entre Landes sub-girondines et Pyrénées centrales de part et d'autre du couloir béarnais. Mais cette seule caractérisation ne saurait suffire : il reste à décrypter les rôles que peuvent jouer les différentes aires en relation d'interdépendance ou d'opposition géohistorique, en tant que modalités ou en tant que transitions. Cette approche critique des notions d'aréologie de l'Ecole de dialectologie de Toulouse contribue, selon nous, à l'avancement des connaissances en dialectologie descriptive et théorique, dans l'objectif d'une meilleure lecture des résultats que nous apportent des outils de traitement automatique des données linguistiques, comme c'est le cas avec les ressources fournies par l'application en ligne Gabmap, servant à dialectométrer des corpus d'atlas linguistiques ou de parole spontanée.

L'ARÉOLOGIE SELON JEAN SÉGUY

L'aréologie désigne l'analyse de la dynamique des aires en géolinguistique ou en géographie culturelle : *composition* (configurations) et *disposition* (hiérarchie, intrication) en sont les maîtres mots, sur les axes de l'horizontalité et de la verticalité, en termes de motifs émergents, à partir de la base de données – ici, de faits dialectaux atlantographiques, par le THESOC⁹, qui valorise les données du NALF¹⁰, pour le domaine occitan. Cette approche peut se réaliser de manière qualitative (isoglosses, diasystème, typologie) aussi bien que quantitative (dialectométrie, dialectologie computationnelle, ici, à l'aide de Gabmap : v. Nerbonne *et al.* (2001, 2011), Nerbonne & Heeringa (2005), Nerbonne & Kretzschmar (2003) et surtout, pour le domaine occitan : Chagnaud *et al.* 2021). Nous analyserons ici les motifs aréologiques en termes de modalités et de transitions, en nous inspirant de la démarche du linguiste et dialectologue galicien Ricardo Carvalho Calero (Dubert-Garcia, 2021). Les modalités se définissent en tant qu'entités discrètes, comme des dialectes ou des sous-dialectes, voire comme des variétés ou singletons, tandis que les transitions sont constituées de zones de résonance entre ces entités (intrication, tuilage, floutage des aires). Le gascon, au sein du domaine ou, en d'autres termes, du diasystème occitan, constitue un exemple particulièrement probant de dialecte doté de sous-dialectes (gascon maritime ou occidental, gascon oriental ou pyrénéen) dans sa modalité centrale, avec des transitions externes (gascon garonnais, englobant le gascon intermédiaire) – cf. carte infra reprenant les aires du « gradient de gasconité » de Jean Séguý, sur des bases dialectométriques (cf. ALG vol. IV, et Séguý 1971, 1973c).

9 Thesaurus occitan, base de données en ligne : <http://thesaurus.unice.fr/>.

10 Nouvel Atlas Linguistique de France : projet initialement conçu par Albert Dauzat (v. Glessgen ; Sauzet, 2020). Pour Dauzat, il s'agissait de donner à l'ALF de Gilliéron un rejeton moderne, en multipliant le nombre de points d'enquêtes et en enrichissant le questionnaire à la lumière des avancées de son temps sur la méthode « Les Mots et les Choses », ou *Wörter und Sachen*. Il en résultait une riche série de nouveaux atlas linguistiques et ethnographiques, confiés à des spécialistes des sous-domaines linguistiques, selon les grandes régions de la Gallo-Romania, mais aussi des autres langues de France (dont les atlas bretons et germaniques), sous l'égide du CNRS.

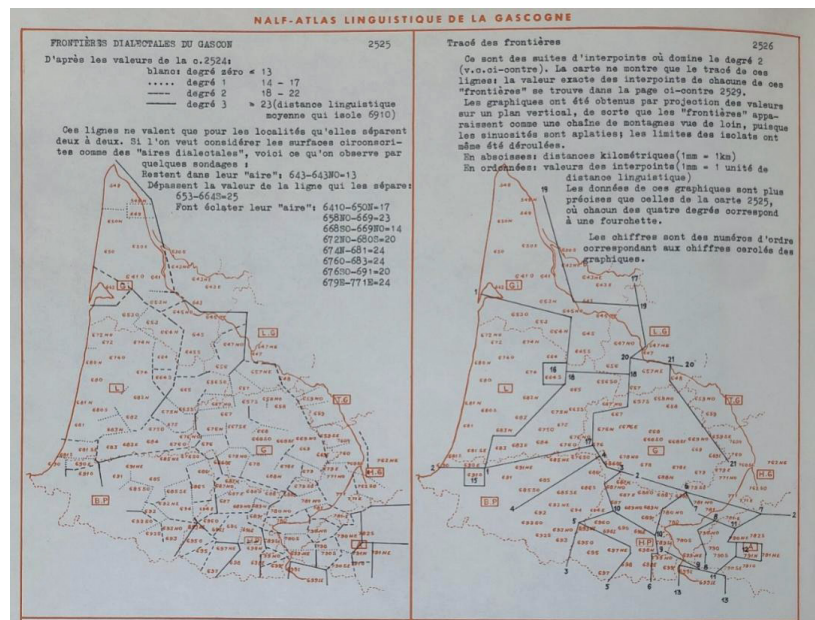
Dans un article fondateur, Jean Séguy (1956, p. 3) définissait l'aréologie selon trois axes, d'après ses propres termes :

- a. AREOL-DESCR : "Une aréologie synchronique ou descriptive, qui localise et circonscrit la surface des faits considérés isolément (analyse) et combinés (synthèse)" ;
- b. AREOL-DIACHR : "[une] aréologie diachronique ou histoire des variations des aires dans le temps" – par exemple, à travers la comparaison d'atlas linguistiques de différentes époques, comme l'ALF vs l'ALG ;
- c. AREOL-DYN : "[une] aréologie génétique et dynamique, celle qui dégage et explique les causes de la formation des aires" – c'est précisément pour cette approche que l'auteur propose un jeu de cartes pédologiques, géographiques, historiques, etc., afin d'explorer l'incidence des facteurs externes sur la variabilité du fait dialectal en domaine gascon (comme par exemple l'incidence des divisions féodales, telles que les pagi, cf. Séguy (1956, p. 45-47).

Les deux cartes de la figure 1 infra rendent compte de la méthode dialectométrique/typologique de Séguy. Dans cette synthèse d'aréologie descriptive du gascon (cf. alinéa AREOL-DESCR supra), Jean Séguy délimite dans un premier temps sur la carte 2525, selon une démarche analytique, les aires constitutives de la variation interne du gascon à l'aide d'un jeu de lignes au tracé variable, en fonction des valeurs différentielles calculées au moyen de la distance de Hamming entre diverses entités émergentes du domaine, selon une logique gradiente, de seuils de différenciation : "degré zéro" de variation si la "distance dialectale" entre les points de l'atlas est inférieure ou égale à 13 (<13), pointillés pour le "degré 1" si cette valeur est comprise entre 14 et 17, ligne hachurée pour le "degré 2" si comprise entre 18 et 22 et enfin, "degré 3" si la distance est supérieure ou égale à l'indice 23. Dans un deuxième temps (c. 2526), l'auteur propose une représentation cartographique davantage synthétique, en traçant par des vecteurs en ligne continue "les suites d'interpoints où domine le degré 2" de la carte

précédente. Il précise que “les chiffres sont des numéros d’ordre correspondant aux chiffres cerclés des graphiques”, afin de compenser le lissage des frontières projetées sur la carte (geste réduisant le continu à du discontinu, afin de dégager des aires discrètes).

Figure 1 - Frontières dialectales du gascon et tracé des frontières

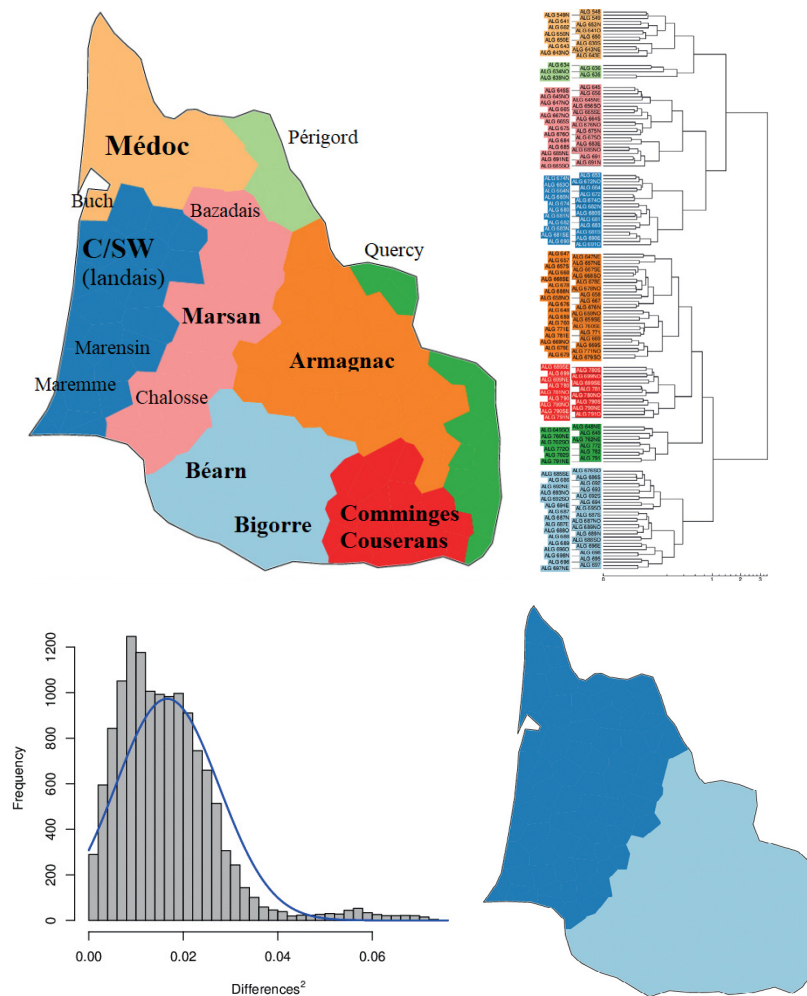


Source : ALG VI (Séguy, 1973c).

Le traitement réalisé par Gabmap des données phonologiques du THESOC par classification ascendante hiérarchique, qui sert le plus souvent d'étalon en dialectométrie pour définir des chorèmes (aires) et des dendrèmes (clades, embranchements), permet de faire émerger des aires congruentes¹¹ :

11 Informations sur la base de données THESOC pour la totalité des données phonologiques de l'ALG : 164 localités ou points d'enquête, 288 cartes ou entrées ; 44 112 opérations ou occurrences (*instances*) ; 26 2038 caractères, dont 100 hapax, 25 1770 scores, dont 187 hapax. La distribution statistique de la gamme de distances - proche d'une courbe de Gauss, figure dans le tableau fréquences/différences en-dessous de la carte et du dendrogramme.

Figure 2 -: Aréologie descriptive : données ALG par THESOC - traitement Gabmap par Classification ascendante hiérarchique ou Méthode de Joe Ward -, huit intervalles



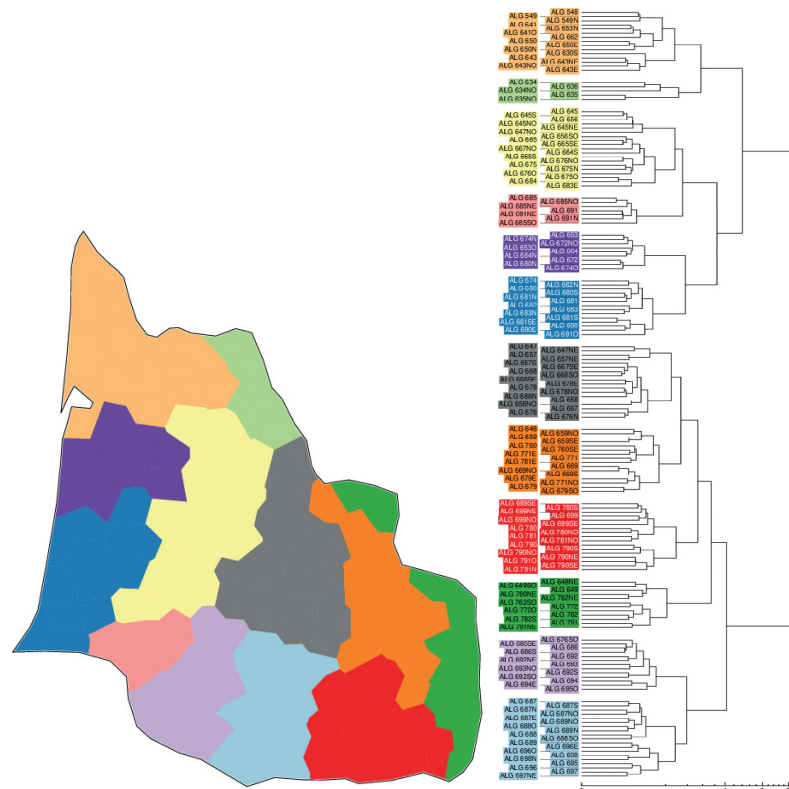
Source : THESOC.

En comparant les deux cartes de Jean Séguy (figure 1) avec le résultat d'un traitement à l'aide des outils de taxinomie modernes par distance d'édition tel que Gabmap, pour la Classification ascendante hiérarchique (CAH) ou Méthode de Joe Ward (figures 2 et 3, respectivement à 8 et 12 intervalles ou classes diasystémiques), on constate une congruence générale (dès la figure 2 supra) avec les premiers essais d'analyse et de synthèse d'aréologie quantitative (figure 1 supra), confirmée plus en détail dans la figure 3, avec ses douze classes. Nous avons fait apparaître quelques ethnoglottonymes tels que Maremme et Marensin ou (grand) landais pour le gascon maritime, ou Armagnac (armagnacais) en gascon oriental sur la carte de la figure 2 à titre purement indicatif (nous avons attribué la dénomination « Médoc » pour ce qu'on aurait pu tout aussi bien appeler « girondin »¹²). Nous avons également pris soin de flanquer le diagramme de la courbe de distribution des différences d'une carte petit format rendant compte de la dichotomie gascon occidental vs oriental, sur une échelle de deux intervalles par méthode de Ward, afin de planter le tableau général des subdivisions dialectales du domaine.

12

Ceci dit, la Gironde est une entité géohistorique qui ne se réduit pas à la simple région du Médoc, elle-même complexe et diversifiée, dans ses prolongements landais et son arrière-pays guyennais au cours de l'histoire, cf. Daney (2012) et Dartigue (1950).

Figure 3 – Aréologie descriptive : données ALG par THESOC – traitement Gabmap par CAH, douze intervalles



Source : THESOC.

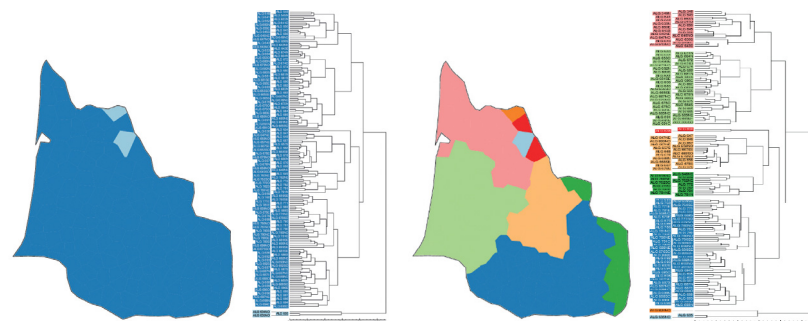
Mais la méthode de Ward ne rend compte que de la trame en surface de la diversité dialectale d'un domaine linguistique : c'est une poupée gigogne contenant de multiples poupées plus petites. En ce sens, c'est un algorithme atomiste, qui segmente un continuum dialectal. Afin de sonder les structures de profondeur d'un réseau dialectal, des solutions techniques (algorithmes) plus réductionnistes sont nécessaires.

Quel est l'apport d'un algorithme comme celui du Voisin le plus éloigné ou Voisin maximal (Complete link/Complete linkage) ? En quoi cette méthode de calcul des groupes identifiables dans un ensemble composite diffère-t-elle de la méthode de classification hiérarchique, dont les résultats sont si congruents avec la méthode cumulative de Séguy ? Il s'agit tout autant que la méthode de Ward d'un algorithme de hiérarchisation taxinomique, opérant sur des regroupements catégoriels, mais on peut dire que, à la différence du précédent, il a en quelque sorte « le bras plus long », et il permet de détecter les différences massives¹³ d'ordre supérieur. Comme l'indique la division dichotomique à deux intervalles, par la carte-vignette placée à gauche de la figure 4, cette méthode est éminemment réductrice : à son « niveau (ou ici, intervalle) 2 », elle oppose clairement non plus deux grandes composantes ou sous-dialectes du gascon : elle oppose cette fois d'emblée deux langues – le gascon (occitan) vs le poitevin-saintongeais (langue d'oïl, dans son principal dialecte du centre-ouest) frontalier et de l'exclave « gavache » de Montségur (dite « petite Gavacherie »). Sa vertu heuristique est donc en quelque sorte davantage d'ordre phylogénétique, ce qui n'était pas le cas avec la méthode de Joe Ward, ce qui réalise a posteriori un contraste entre les deux séries de résultats selon un parcours allant d'AREOL-DESCR à AREOL-DYN. En affinant la granularité interne du gascon, en portant la différenciation à hauteur de 8 intervalles, en revanche, que voit-on ? Quel panorama nous offre cet algorithme réductionniste sur la diversité interne du gascon à proprement parler ?

13 Comme nous le fait remarquer Alexandre Génadot, de l'Institut de Mathématiques de l'Université de Bordeaux – équipe Optim'A!, à la lecture d'une première version de ce texte « la méthode « complete link » est une variante de la classification hiérarchique. Pour moi vous utilisez : A) la méthode de classification hiérarchique avec a) la distance de Ward et b) la distance correspondant à « complete-link » (le maximum), B) des méthodes de type « k-means » : moyenne pondérée ou non et par logique floue ». On ne saurait mieux expliciter notre démarche, sur le plan de la mise en abyme des méthodes de calcul et de la vicariance des séries de résultats investis pour tester l'hypothèse de Jean Séguy selon laquelle la « gasconité » dialectale serait mesurable. Au-delà du terme de « gasconité », lui-même contestable par sa teneur a posteriori essentialiste, c'est d'ailleurs avant tout la notion de « fait dialectal » que l'École de Toulouse rassemblée autour du grand oeuvre de l'ALG tentait d'élucider, dans une perspective épistémologique avant tout.

Le gascon occidental se distingue clairement, une fois de plus, du gascon oriental : une aire girondine-bazadaise au NO s'associe à une aire marense-maremmoise-marsannaise au SO, qui s'oppose à un bloc complexe qui associe l'armagnacais et le liseré garonnais d'une part au CE, et le bloc des parlers pyrénéens d'autre part, au SE. En périphérie de ce grand bloc des parlers gascons gravitent en quelque sorte « par défaut (de gasconité, mais aussi d'occitanité) » les parlers gavaches (donc allogènes : poitevin-saintongeais), comme segment relevant du *tertium comparationis* sur le plan taxinomique. Le point ALG 634 NO (Puynormand) est occitan mais allogène au reste du réseau dialectal gascon, tout autant que le sont les points de la Gavacherie de Montségur (635 et 635NO : Saint Vivien de Montségur), quoique pour des raisons différentes – ces deux derniers sont de langue d'oïl, comme évoqué plus haut, tandis que le premier (634 NO) est un îlot de type périgourdin, interférentiel entre nord-languedocien, gascon bordelais, limousin et (dans une moindre mesure) saintongeais.

Figure 4 - Aréologie descriptive : données ALG par THESOC et traitement Gabmap par Méthode du Voisin le plus éloigné (Complete link), totalité du corpus, phonologie : 8 (en haut) et 2 intervalles (en bas)



Source : THESOC.

Quoiqu'il en soit, on reconnaît là une quadripartition, entre 1) gascon occidental, 2) gascon oriental, 3) gascon pyrénéen et 4) une aire de transition dite « cœur de gascon » (landes méridionales,

Lavedan et plaine béarnaise). On retrouve là cette combinaison de procès et de système que représentent les objets sémiotiques, a fortiori, les objets de connaissance (ce qui en fait les objets de valeur pour ces destinataires que sont le linguiste et le public au sens large) : le degré d'atomisme vs réductionnisme des aires présentées dans chacune des deux dispositions – celle obtenu par la CAH et celle par la méthode du Voisin le plus éloigné (Complete Link) varie de manière dynamique en tant que *procès* de calcul des distances interponctuelles, mais aussi en fonction des échelles retenues. Chaque série de résultats offre à la lecture un *système* différent d'auto-régulation de la différence entre dialectes, dans leurs différents états (modalités, transitions, singletons).

LE « GRADIENT DE GASCONITÉ » SELON SÉGUY

Toutefois, Jean Séguy était convaincu, non sans raison, que le but de cette forme de dialectologie générale (Léonard, 2012) qu'est l'aréologie dialectale, ne saurait avoir pour seule finalité, voire pour raison d'être tout court, de déterminer des dialectes et de disserter sur leur ontologie, ou conditions de vérité fondant leur existence – la *vexata quaestio* de l'existence des dialectes, qui avait opposé Gaston Paris et Paul Meyer à Graziado Isaia Ascoli à la fin du 19^{ème} siècle. Sous sa forme quantitative, qui était la dialectométrie, l'aréologie théorique ne pouvait qu'être typologique et par conséquent, Séguy (1973a,b) envisageait une hiérarchie des tâches, en termes de protocole de découverte, qui dérogeait à cette seule quête taxinomique – classer les langues et leurs dialectes, vieille tradition consacrée depuis les comparatistes, August Schleicher (1821-1868) avec son Stammbaum ou arbre généalogique des langues indo-européennes, puis les néogrammairiens. D'ailleurs, on peut suggérer a posteriori que ce n'est pas un hasard si la dialectométrie, dans le domaine roman, est née par les efforts conjoints de Th. Lalanne (1949-52, voir aussi

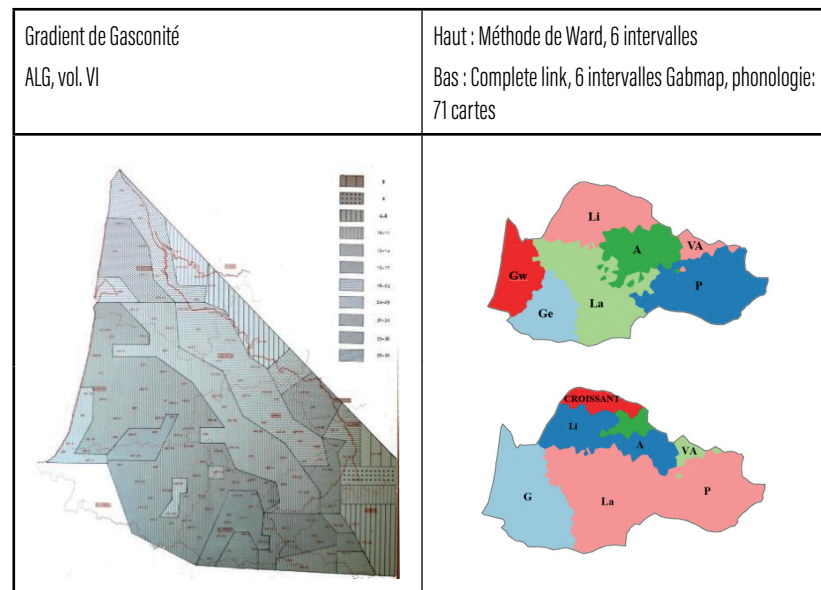
Fossat 2016) et de J. Séguy (1971, 1973a,b), suivis ensuite par J.-L. Fossat (1978) et D. Philps (1985, 1986), précisément dans le domaine gascon, objet de tant de questionnements sur son affiliation (ou non) au domaine occitan : l'approche résolument typologique et taxinomique de la dialectométrie permettait de transcender cette question, en faisant porter l'attention sur le fait dialectal en lui-même et pour lui-même (dans un esprit saussurien), et d'explorer ses dynamiques d'autopoiesis ou d'auto-organisation.

La raison d'être d'un atlas, linguistique ou autre, est de délimiter des surfaces, de tracer des frontières. La chose est impossible s'agissant de territoires dialectaux. Plus exactement, le problème n'a pas de sens, puisque le fait visé n'a pas d'existence objective. Aussi n'en est-il jamais question dans l'ALG. La dernière carte, intitulée *Champ gradient de gasconité*, ne doit pas faire illusion. Cette [densité des traits dialectaux gascons] est maximale à la tête du gradient, et devient plus légère à mesure qu'on s'approche de la périphérie, où des vestiges de noir font brusquement place au blanc pur (...). Les calculs que nous avons effectués ne peuvent donc servir à déterminer les contours et la superficie de ce qu'on appelle traditionnellement le béarnais, le médocain, le lectourois, le bigourdan, etc. Cela n'a jamais été le propos. (Séguy, 1973b, p. 18-19).

La notion de « gradient de gasconité » va dans ce sens, selon une perspective « émergentiste » avant l'heure en quelque sorte : Jean Séguy rassemble tous les faits dialectaux propres au gascon et au gascon seulement, quel que soit le paramètre (phonologie, morphologie, lexique, syntaxe, voire sémantique), et recherche quelle est la répartition de ces traits spécifiques dans le domaine, sans préjuger des catégories existantes a priori (« dialectes », « sous-dialectes », variétés, etc.). Ces « faits dialectaux » sont-ils regroupés de manière compacte ou diffuse ? Sur quelle étendue du territoire ? Quels motifs spatiaux émergent sur les cartes ? Selon quel modèle sous-jacent – modèle de diffusion des ondes, modèle de chaînes, etc.? L'extension de ces aires et sous-aires est-elle

harmonieuse et prédictible, ou bien est-elle erratique ? Ce Gradient de Gasconité, ou ce complexe intriqué de traits dialectaux est-il composite, sur le plan catégoriel ? Est-il constitué d'un seul tenant, ou au contraire, est-il le produit de multiples foyers et périphéries ? Quels sont les facteurs externes qui peuvent expliquer ces fluctuations ou variations ? En somme, quel est le rôle des relations structurales implicationnelles – comme par exemple, la répartition aréale des effets de la distribution complémentaire, comme pour $-LL- > t, tj, t, th$ en position finale, mais $-LL- > -r-$ en contexte intervocalique devant voyelle basse notamment, soit $-LL- > T/_\# \mid -r-/ V_V$? Quel est le rôle des endémismes, de la chronologie relative ?

Figure 5 - Gradient de Gasconité, ALG, vol. VI vs situation du gascon et de ses deux principaux sous-dialectes (occidental : Gw et oriental : Ge) par traitement du corpus phonologie THESOC



Source : ALG, vol. VI (Séguy, 1973c) et Léonard, Brun-Trigaud & Picard, 2023.

Autant de questions que l'hypothèse du GG permet de poser à titre heuristique dans une quête de connaissance qui transcende la question de l'ontologie et de la taxinomie des dialectes. Si un dialecte est en principe constitué d'un ensemble condensé et spécifique de traits formant un (sous-)système cohérent sur le plan structural, avec un nombre important de variables intriquées, non endémiques, comme c'est le cas pour les variables phonologiques retenues par Jean Séguy pour le Gradient de Gasconité, qu'est-ce que ce noyau idiosyncrasique peut nous apprendre sur les structures en profondeur du domaine étudié et, partant, sur le fonctionnement des langues du monde et les mécanismes de diversification/unification dialectale ? Le tableau infra présente un échantillon de quelques variables constitutives du GG à titre purement indicatif, parmi la liste retenue par Jean Séguy, initialement inspirée par Théobald Lalanne (qui évoquait l'idée de travailler à définir un "gradient de pureté du dialecte", sur la base d'un noyau de traits structuraux distribués en plusieurs paramètres), l'un des enquêteurs pionniers de l'ALG, spécialiste du gascon maritime (composante du gascon occidental).

Tableau 1 - Un échantillon de traits représentatifs du gascon, dont traits du GG de Jean Séguy (T = Trait, T* = Trait hors GG de Séguy : T*1 est spécifique au gascon dans le domaine occitan, T*3 l'est moins)

Variable, phonétique diachronique	Changement	Règle phonologique (processus)
T*1. -n-	$n > 0$	Amuïssement par dénasalisation ($n > 0 / V_V$)
T2a. -s-	$-s > d$	désibilisation occlusive
T2b. -d-	$-d > z$	assibilisation
T*3. -ks-	$-ks > \int, js$	palatalisation, spirantisation palatale
T4a	$f > h-$	débuccalisation
T4b	$f > h- > 0$	Amuïssement de h- initial secondaire
T4c fr-	$fr > hr$	Débuccalisation dans CC à son. croissante

Variable, phonétique diachronique	Changement	Règle phonologique (processus)
T 4d. fr-	<i>fr</i> > <i>rr</i>	assimilation trémulante -cc-
T 5a. fl-	<i>fl</i> - > <i>esl</i> -	prothèse v & réflexion assibilante
T 5b. fl-	<i>fl</i> - > <i>hl</i> , <i>ehl</i>	débuccalisation & prothèse v
T 6a -ll-	-ll- > t / _#	dépalatalisation
T 6b -ll-	-ll- > r / V _V	

Source : Séguy ALG VI (notamment Séguy 1973c, p. 31-32).

Les cartes thématiques infra (à droite de la figure 6) illustrent le caractère non endémique – et, partant, spécifiquement gascon – des traits de type 4 et 6 du GG de Séguy, pour les entrées ‘couteau’ et ‘feu’ de la base THESOC. Ces distributions spatiales ont été effectuées à l’échelle du domaine occitan en son entier, afin de montrer comment ces variables contribuent à caractériser le gascon en tant que dialecte occitan¹⁴.

Dans la partie supérieure de la figure 6, trois cartes illustrent le trait idiosyncrasique gascon de la débuccalisation de la fricative labiodentale : *f* > *h*, passant donc à une approximante laryngale. C’est le trait 4a (T4a dans le tableau supra), et il est emblématique du gascon – et il est notoire que ce trait typologique converge avec un processus analogue aussi bien en espagnol qu’en basque, plus au sud, jusque dans ses tendances évolutives vers l’amuïssement, comme dans le liseré endémique de la dernière carte en haut à droite. Les deux étapes évolutives de ce processus de lénition/approximantisation de la fricative labiale, à savoir la débuccalisation *f* > *h* ainsi que

14

Voir Allières (2001, p. 230-237) pour un synopsis succinct récapitulant les grandes variables géolinguistiques du gascon – et, bien entendu Massoure (2012).

son aboutissement zéro par amuïssement sont en relation d'implication amuïssement $F \rightarrow$ débuccalisation *Laryng*¹⁵.

La distribution aréologique (spatiale) des deux aboutissements illustre bien la polarité ou l'opposition entre des foyers compacts (modalités) et des périphéries (transitions). Il s'agit là d'un cas d'école d'auto-organisation de l'espace matérialisant la chronologie relative d'une séquence de processus de changement phonologique. On notera qu'à la frontière orientale du gascon, c'est une solution de neutralisation du phénomène qui a été retenue par les variétés dialectales du liseré garonnais, plutôt qu'un emprunt de la fricative labiale par contact avec les parlers languedociens plus à l'est et limousins plus au nord. T4a,b est d'ailleurs un changement phonétique (ou une loi phonétique) dont le caractère imbriqué, précisément, avait déjà fasciné un précurseur méconnu de J. Séguy (1973a) et de Th. Lalanne (1949-52), y compris dans sa conception avant l'heure de l'aréologie, qu'il se contentait d'appeler « géographie linguistique »¹⁶ : Millardet (1923, p. 302-312, sur le traitement sériel de #F- ibéro-roman et gascon) – v. Léonard (2020) et Swiggers (2001).

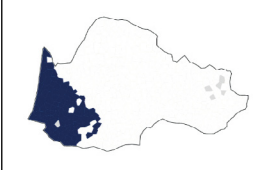

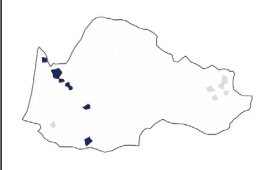


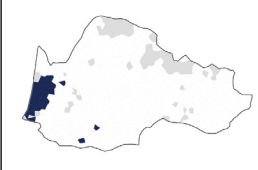
Dans la série des trois cartes respectivement en haut et en bas de la figure 6, les évolutions de la fricative labiodentale sourde latine initiale de mots correspondent aux traits 4a et 4a' du tableau 1 supra ; les réflexes à occlusive coronale [+/-antérieure] finale sourde

15 Formules triviales, mais heuristiques, en termes millardétien de « superposition des aires » (Millardet, 1923), que l'on retrouvera appliquées au diasystème slovène (Léonard ; Perko, 2020), ainsi qu'au diasystème fennique (Léonard, 2022), dans une approche typologique qui se veut résolument implicationnelle en aréologie dynamique.

16 Millardet distinguait nettement entre deux phénomènes fondamentaux en géolinguistique théorique, ou aréologie : indépendance des aires, d'une part contre superposition des aires d'autre part. Au premier phénomène, on doit les fluctuations fréquentes des isoglosses, créant ces embrouillaminis qui ont fait le désespoir des premiers dialectologues ou de leurs commentateurs, dont Paul Meyer et Gaston Paris ; au second phénomène, on doit non seulement les bourrelets ou faisceaux d'isoglosses à l'état brut, mais aussi, en entrant dans le détail de ces recouvrements partiels ou phénomènes de « tuilage » (selon le terme de Séguy), leur chronologie relative, ou l'interdépendance des règles ordonnées dont on retrouve des indices dans ces entrelacs, comme dans la figure 6, dans la dernière colonne.

-*t#* issus de l'ancienne latérale géminée latine correspondent aux traits 6a et 6b du tableau 1 supra. Les aires, générées sur Gabmap, reflètent le traitement par lexies ('feu', 'feuille' pour T4a, 'couteau', 'agneau' pour T6a et 'agneler' pour T6b).

Figure 6 – Distribution spatiale compacte vs| endémique de traits typologiques gascons (phonologie) – cartes par traitement Gabmap

T4a 106 tokens 'feu' #F- > <i>h-</i>	T4a 105 tokens 'feuille' #F- > <i>h-</i>	T4a' : 10 tokens 'feu' (#F- >) <i>h-</i> > zéro
Compact	Compact	Endémique : liseré garonnais
		
T6a 'couteau' -LL- > <i>t, tʃ</i> # 128 tokens : /kutet/ /kutetʃ/ : 7, / kuteç/ : 1, /kuceʃ/ : 1	T6a 'agneau' -LL- > <i>t, tʃ</i> # 131 tokens #F- > <i>h-</i> à délatéralisation occlusive	T 6b 'agneler' 25 tokens
Compact	Compact	Endémique compact
		

Source : Gabmap.

Ces cartes-vignettes de la figure 6 nous permettent une saisie des aires compactes vs endémiques ou transitionnelles. Ainsi, l'aréologie de -LL- > *w* et de #F- amuï ci-dessus, illustre deux formes d'endémisme phonologique : la vocalisation CULTELLU > *kutew* 'couteau' n'est que partiellement spécifique au provençal, puisqu'elle se retrouve en Guyenne périlimousine ; l'amuïssement de la fricative glottale issue de F- dans FORCA > *urka* 'fourche' est le produit d'une règle ordonnée, dépendante du traitement gascon F- > *h-*,

qui forme un liséré transitionnel discontinu avec le languedocien (cf. T4a' dans la figure 6). Dans le premier cas, les réflexes guyennais sont autant de bruit diasystémique ; dans le second, les réflexes avec amuïssement de l'attaque initiale sont un renforcement d'une tendance spécifique (gasconne). On pourrait, à l'aide des cartes de distribution spatiale des caractères ainsi que des mots-témoins sur Gabmap, déployer la gamme des aires de chacun de ces 25 traits du GG, comme nous venons de le faire pour quelques variables reprises à la liste du tableau 1 dans la figure 6 supra, et observer le jeu de la dialectique entre compacité/intrication et endémisme des variables. Ce travail que Séguy n'aurait sans doute pas manqué de juger fastidieux ne ferait jamais que reproduire ses résultats dialectométriques, publiés dans le volume VI de l'ALG. Mais le seul fait de pouvoir effectuer ce retour sur les données contribue à optimiser les conditions de falsifiabilité popperienne, autrement dit, de validation, de la proposition de Jean Séguy, ce qui n'est pas le moindre atout d'un outil moderne en dialectométrie tel que Gabmap. On peut également opter, grâce à la fonction du point de référence, pour une mise en abyme du GG avec chaque point du réseau dialectal recensé par l'ALG, dans une démarche cette fois non plus seulement holistique et cumulative, mais métonymique à deux égards – la partie pour le tout, mais aussi la partie vers ce tout spécifié, dialectalement « marqué » que constitue le GG.

Liste 1 – Traits de phonétique diachronique caractéristiques du GG selon Jean Séguy

F- + voyelle > h / f

R- initial

-S- > -ð-

-D- > z/d

-C + e,j ; -TY- > z/d

FR- > fr-

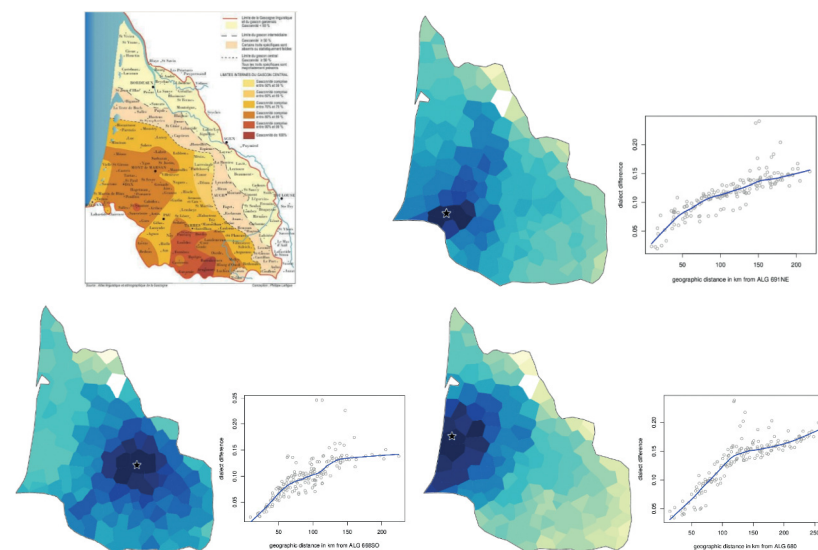
FL- > fl-
-LL final > l / t',t
-LL- > l / r
-N- > n / 0
-EN(U/E) e + n > ɲ, j
Voisement des sourdes après L, N, M, R > sonore/sourde
Sourdes intervocaliques maintenues
-T finale romane palatalisé
A tonique sous l'effet de nasale
A posttonique + cons. lat > e / non
-ANA > -ana / aɲ
-ARIU > ej / je / e
-ARIA > ej / je / e
O ouvert après nasale > u / o
o final posttonique après nasale > u / o
Suff. -ORIU > yj, e, ej, œj, u
Pénultième des proparoxytons apocopés > e
Pénultième des proparoxytons apocopés > e, a, i, o, u
[e] au contact de labiale > y

Source : Séguy 1973c, p. 31-32.

À titre d'illustration d'au moins deux des formes d'aréologie de Séguy (alinéas (a) et (c) : descriptive vs dynamique), on comparera donc le profil de résonance géolectale panoccitane, en distance linéaire, pour un point représentant un micro-pic de gasconité dans l'aire béarnaise, au SO (691NE : Sainte Suzanne) à un point situé dans l'une des deux aires de transition : ALG 668SE (Biran) et un autre point situé au cœur

du gascon landais (ALG 680 : Mézos). Les cartes et les diagrammes à échelles logarithmiques de la relation distance dialectale/kilométrique au centre et à droite ont été générés à l'aide de Gabmap (figure 7).

Figure 7 – Gradient de Gasconité et progression logarithmique de la distance dialectale/géographique de trois points d'enquête de l'ALG (691NE en haut à droite, 668SE en bas à gauche et 680 en bas à droite) – totalité du corpus phonologique de l'ALG



Source : ALG : Gradient de Gasconité remanié par Philippe Lartigue¹⁷, et distance linguistique/km par traitement Gabmap des données phonologiques de l'ALG.

Ces trois profils dynamiques de relation de la partie au tout (métonymie géolectale) sont autant de reflets anamorphiques de la structure gradiente globale proposée par Jean Séguy sur la base de relevés dialectométriques : le pic-îlot de gasconité maximale représenté par le point ALG 691 NE (Sainte Suzanne), en haut à droite de la carte remaniée par Ph. Lartigue, dans une logique de *pagi*, ou divisions géohistoriques anciennes, appartient jadis par le fief de Herrère à la

vicomté du Béarn, tandis que son église relevait de l'abbaye Saint-Jean de Sordes (Landes). Le coeur de son aire de résonance forme donc un premier chorème dense avec l'est du sous-dialecte occidental, qui remonte vers le nord en suivant une ligne de force qui va du marsanais au bazadais ; son deuxième flanc en deçà des landes à l'ouest est nettement pyrénéen, et s'étirole au nord-ouest, en Gironde, ainsi que dans tout le sous dialecte du gascon oriental. En-dessous, à gauche, le point de référence 668 SE (Biran, dans le Gers), en plein pays d'Auch, se situe dans l'une des aires à faible coefficient de gasconité (<50% de traits) selon le GG de Séguy. Dans cette région carrefour, en étoile, formant un noeud entre Auch et Toulouse, ce parler entre en résonance forte avec l'ensemble de la variété armagnacaise, et il est connecté à la ceinture externe des variétés pyrénéennes au sud, ainsi qu'au béarnais, mais il a pour anti-zone, ou front de résistance le gascon maritime dans son ensemble. Son antipode typologique est clairement le libournais, au nord-ouest. Enfin, la troisième localité retenue pour notre jeu d'anamorphoses métonymiques du GG (au moyen de la fonction « point de référence » dans Gabmap), n'est autre que ALG 680 : Mézos – une localité au centre du gascon landais dans sa composante ethnolinguistique dite du « gascon noir ». Cette fois-ci, le motif ou « pattern » aréologique n'est pas un couloir central ou transitionnel, comme dans le cas du point béarnais, ni une étoile, comme dans le cas du parler gersois, mais une progression quasi-euclidienne, qui distingue nettement l'aire du « gascon noir » – son coeur, ou son foyer – de sa périphérie béarno-marsanaise, et dont la résonance aréologique s'étirole au NO en Gironde ainsi que sur un vaste « plateau » pyrénéo-armagnacais, avec pour aire de réfraction la Haute-Garonne et le liseré garonnais à l'est. Enfin, on remarquera des polygones blancs à l'est du NO, qui correspondent à un parler allogène – le poitevin-saintongeais de la « Petite Gavacherie » ethnolinguistique, avec ses variétés dites « gavaches », implantées au 15ème siècle suite à des migrations agricoles dans le Blayais et près de Coutras, au sud de la Libourne. Ces points peuvent être considérés comme des anti-aires ou des antipodes typologiques d'œil, par rapport au type d'oc des parlers gascons.

AIRES FLOUTÉES ET POSITIONNEMENT MULTIDIMENSIONNEL : STRATES ARÉOLOGIQUES ET MODÉLISATION DE DON RICARDO

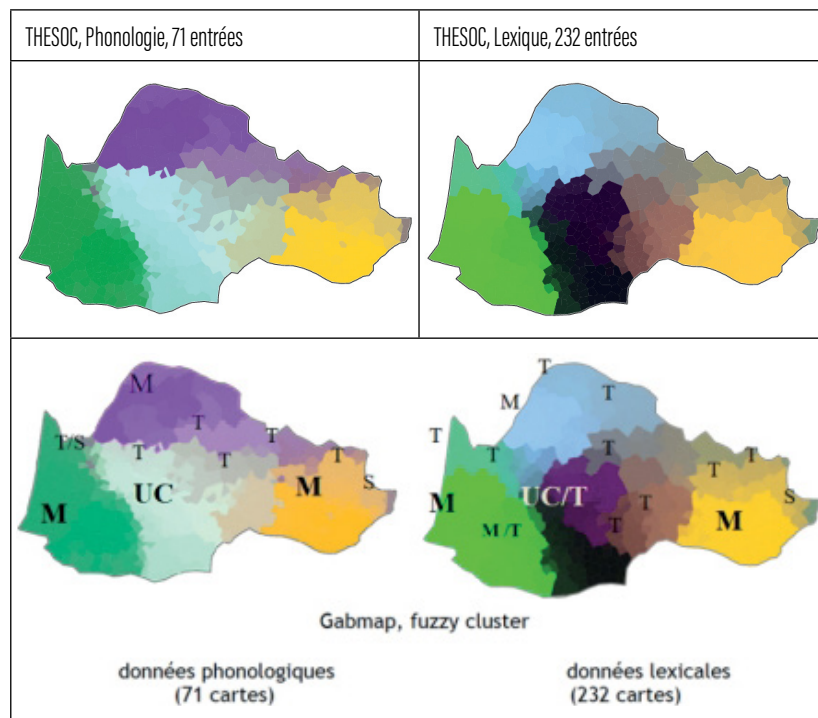
En réalité, le GG de Jean Séguy, fleuron en son temps inespéré de l'entreprise dialectométrique, n'est guère autre chose qu'un construit émergent heuristique permettant de transcender la *vexata quaestio* (ou polémique) de l'ontologie des dialectes, comme le suggère cet autre construit heuristique qu'est la carte des groupes par structures floues, où conformément au « modèle de don Ricardo »¹⁸, nous avons indexé les modèles ou modalités dialectales (M), les unités centrales (UC)¹⁹, les aires de transitions (T) et les singletons

18 L'écrivain, linguiste et dialectologue Ricardo Carvalho Calero (1910-1990) a publié une grammaire de référence du galicien, et il a contribué à fixer la norme écrite du galicien contemporain au début des années 1980. Selon lui, même s'il reconnaissait les tendances à la variation dialectale dans le domaine du galicien, ce linguème (selon le terme neutre de Mario Alinei) n'en faisait pas moins partie du continuum dialectal galicien-portugais, et à ce titre, elle ne formait qu'une modalité ou un seul dialecte au sein de cet ensemble plus large – les autres variétés de galicien pouvant être considérées comme transitionnelles avec l'asturien, le castillan ou la modalité centrale du sous-domaine (voir le très bel exposé par Dubert-Garcia de cette « doctrine de don Ricardo », *op. cit.*).

19 Le languedocien occidental peut être considéré comme l'UC par excellence dans le domaine occitan. Cf. les remarques de Pierre Bec au sujet de la centralité et référentialité du languedocien dans son *Manuel pratique d'occitan moderne* : « c'est l'ensemble dialectal le plus archaïsant et le plus près du diasystème (puisque ce dernier se définit en l'occurrence par rapport à lui), qui doit servir de référence aussi bien écrite qu'orale, et non l'inverse. Cet occitan-type (...) est représenté par le languedocien, dialecte particulièrement conservateur aussi bien dans ses structures phonologiques que morphosyntaxiques et qui est, géographiquement (...) le plus central et le plus étendu » (Bec, 1973, p. 25). Ici, la dialectométrie confirme ce que l'on savait par ailleurs de la relative « centralité » du languedocien – une centralité davantage rétentrice qu'innovatrice, à la différence du provençal, à l'extrémité orientale du domaine, et qui contraste nettement avec la latéralité (ou « excentricité structurale » par innovation) du gascon. C'est ce que suggère d'ailleurs Pierre Bec dans la note (2) p. 25 de son manuel : « La solution graphique et linguistique occitane [qui adosse la codification de référence à la variété languedocienne] est donc aux antipodes de la solution félibréenne, qui se fonde sur la notation d'un seul parler (le bas-rhodanien), comptant précisément parmi les plus évolués, non seulement de l'occitan, mais du provençal lui-même. Le système dit « mistralien » (même si Mistral l'a adopté à contrecœur) nie donc en essence, et par ses principes mêmes, toute référence aux dialectes plus conservateurs et par là à l'ensemble occitanophone en dehors de lui. Il *désoccitanise* le provençal pour en faire *la* langue par excellence » (*ibidem*).

(S)²⁰, pour les cartes phonologiques et lexicales du THESOC, traitées par Gabmap – les aires du GG de Séguy sont d’ailleurs rendues bien plus visibles par le lexique que par la phonologie à proprement parler (figure 8).

Figure 8 – Modalités vs transitions dans le domaine occitan, d’après cartes à frontières floues (générées sur Gabmap), corpus THESOC, phonologie et lexique



Source : Léonard et al. (2023), modifié (selon le modèle de don Ricardo).

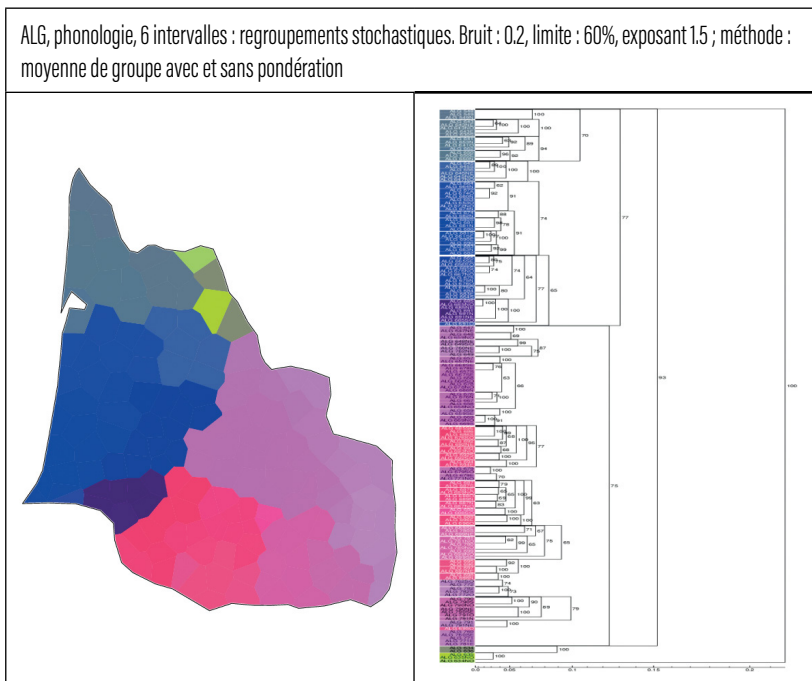
20

Ces notions sont empruntées au dialectologue galicien Ricardo Carvalho Calero, alias « don Ricardo » (Dubert-García, 2021) – hormis la notion de « singleton », pour laquelle Séguy utilisait le terme par défaut « îlot », mais dont les connotations insulaires nous gênent. « Singleton » est selon nous plus propre à dénoter une idiosyncrasie systémique susceptible d’émerger à certains seuils de calcul de la distance structurale interponctuelle.

C'est de cette approche d'aréologie théorique critique, fondée sur des données et des résultats de géolinguistique computationnelle récents, par l'application Gabmap, qu'il sera question ici, dans une perspective de dialectologie générale (Léonard, 2012). La vertu heuristique de tels objets de connaissance (visualisations aréologiques) réside ici à la fois dans le caractère holiste et le compromis entre approche par entités sinon discrètes, du moins à géométrie variable (les modalités) d'une part, et fluctuations, bourrelets d'isoglosses et treillis de traits (les transitions). Qu'en est-il de l'application des méthodes probabilistes ou stochastiques à l'aréologie gasconne (figure 9, infra), près d'un demi-siècle après les premiers articles programmatiques de Jean Séguy au début des années 1970 ?

La même méthode appliquée au corpus de l'ALG (phonologie) fait nettement apparaître à l'ouest des modalités aréologiques denses, telles que le gascon maritime et le médocain-girondin ainsi que le bazadais-marsanais, le béarnais au sud-ouest (qui tient autant de la modalité que de la transition, à divers égards), d'une part, contre le bas-pyrénéen et l'armagnacais d'autre part, à l'est. Toutes les autres variétés apparaissent comme transitionnelles – y compris les sous-dialectes pyrénéens (haut-pyrénéen, haut-garonnais, ariégeois, agenais) –, sans compter les singletons, comme les variétés « gava-ches » d'oïl au nord-est du domaine, ainsi que le libournais. Dans toutes ces aires transitionnelles, les indices de cohérence des blocs sont moins élevés (entre 60 et 80 sur 100). À leur racine, les grands blocs sont d'une grande solidité (indices entre 75 et 100).

Figure 9 – Aires de l'ALG calculées selon un algorithme de logique floue, phonologie



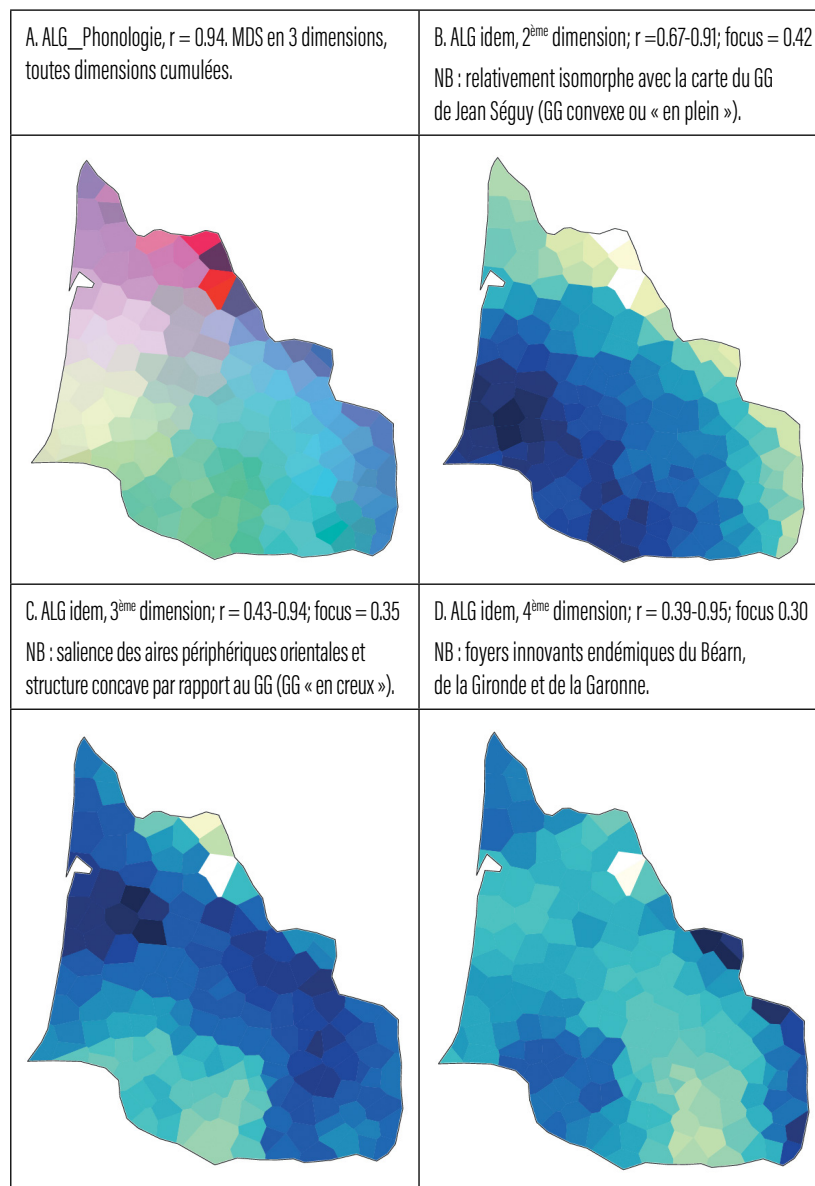
Source : ALG.

Le positionnement multidimensionnel (désormais PMD) permet d'éplucher les différentes couches de variables géolectales qui se superposent pour former un paysage diasystémique sous forme de gradient, en l'occurrence, un continuum dialectal constitué de sous blocs, qui sont détaillés dans les cartes de la figure 10 ci-dessous²¹. La première carte en haut à gauche, d'ordre cumulatif (carte A), est analogue à celle que nous venons d'analyser, par logique floue, si ce n'est que la trame des transitions y est plus visible. Sa composition générale diffère notablement de celle de la carte du GG de Séguy, que ce soit selon la sémiologie graphique utilisée par Séguy

21 Voir d'autres exemples de traitement par PMD des diverses composantes d'un réseau dialectal dans Osenova *et al.* (2009) et Pickl (2016).

(des blocs, des bandes et des hachures) ou par Philippe Lartigue (des aires lissées stylisées, plus ou moins foncées). En revanche, la seconde carte (indexée B), celle de la deuxième dimension sur un palier de 0.67 à 0.91, avec emphase sur le seuil de 0.42 converge bien davantage avec cette représentation aréologique : on reconnaît bien ces deux foyers de gasconité que sont le gascon maritime (au sud de la Gironde) d'une part, et le complexe haut-pyrénéen et haut-garonnais au sud-est d'autre part. Un couloir bas-pyrénéen étiole cette gasconité méridionale, pour confluer avec les trois bandes périphériques transitionnelles, en teint plus clair sur la carte de Lartigue, et en dégradés bleu-vert-jaune sur la carte de la 2ème dimension selon Gabmap. Les autres dimensions sont moins isomorphes avec le GG, et relèvent, comme la première, d'un autre ordre de saisie des dynamiques aréologiques : la carte C (3ème dimension, $r = 0.43-0.94$, emphase sur le seuil 0.35) permet d'individuer le gascon landais (en réalité ici, grand-landais) ou cœur du « gascon noir », en prolongement avec le médocain-girondin occidental. C'est surtout une grande aire transversale de relatif consensus structural que révèle ce niveau d'analyse. Cette aire transversale passe par le bazadais-marsanais pour rejoindre l'armagnacais, dont la résonance se poursuit jusqu'aux aires hautes-garonnaise et ariégeoise, laissant de côté deux anti-aires : au sud, un bloc béarno-pyrénéen ; au nord le girondin oriental et les variétés gavache et libournaise. La carte D, qui déploie la quatrième dimension aréologique ($r = 0.39-0.95$, seuil 0.30) fait émerger un complexe très composite dans les périphéries : le girondin au nord, l'agenais au centre-est, formant un cordon garonnais qui descend au sud-est jusqu'à l'Ariège. À ce stade, le haut-garonnais revêt le rôle d'une sorte d'antipode typologique.

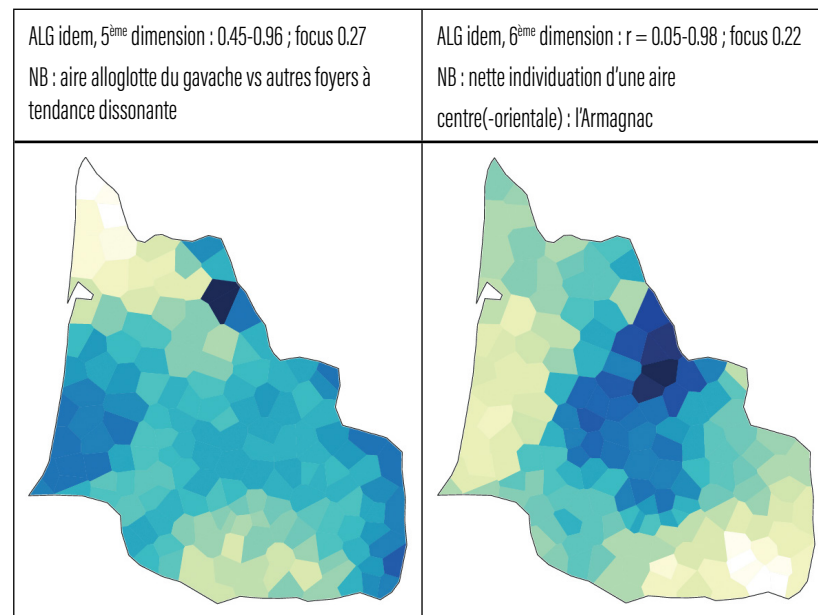
**Figure 10 – Positionnement multidimensionnel (ou MDS : Multidimensional Scaling),
 ALG, phonologie : totalité (ou 3D), 2ème, 3ème et 4ème dimension**



Source : Cartes PMD sur Gabmap, générées par les auteurs, sur la base des données phonologiques de l'ALG.

Enfin, les dimensions 5 et 6, avec pour seuil les indices 0.27 et 0.22 font apparaître des variétés à forte idiosyncrasie : dans le premier cas (5ème dimension), le « gascon noir » à l'ouest, l'enclave saintongeaise de Monségur ainsi que le liseré garonnais et gersois, fortement influencé par le languedocien occidental ; dans le second cas (6ème dimension), l'armagnacais, dont le rôle de catalyseur central semble se confirmer – statut qui rappelle ce qu'on appelle ordinairement le « cœur de gascon ». La centralité de ce sous-dialecte au centre du gascon oriental permet d'autant plus de distinguer des anti-aires ; d'une part le gascon maritime au centre-ouest, d'autre part le haut-garonnais et l'ariégeois. Le lien, voire la fusion avec l'aire béarnaise confirme cette impression de centralité relative du gerso-armagnacais, au point de transcender en partie la dichotomie est-ouest. La figure 11 permet d'aller encore plus avant dans cette démarche multidimensionnelle.

Figure 11 – Positionnement multidimensionnel, ALG, phonologie : totalité (ou 3D), 2^{ème}, 3^{ème} et 4^{ème} dimensions



Source : cartes PMD générées par les auteurs sur Gabmap.

Ces considérations font écho à ces remarques de Jean Séguy dans son article programmatique, fondateur de la dialectométrie, cité plus haut :

Dans l'identification savante des dialectes, ou typologie dialectale, la démarche est la même que dans l'identification naïve : mais l'analyse y est plus poussée, de sorte que la caractérisation est définie par un ensemble de traits nombreux. Ces traits ne sont pas forcément endémiques de ce dialecte : c'est la constellation qu'ils forment qui marque le type. Cette valorisation est parfois arbitraire, mais pas toujours : ce sont les isoglosses importantes de Bloomfield, remarquables par la longueur et la continuité de leur parcours (...). Jusqu'ici, l'identification des dialectes et celle des êtres de la nature est la même à ses divers niveaux. Au-delà de ce point, on se heurte à une différence radicale entre les deux catégories d'objets. L'espace qu'occupe chacun des êtres de la nature est tranché net : il serait ridicule de se demander où commence et où finit un hanneton. Il n'en va pas de même pour les dialectes (...). Où finit le domaine territorial du béarnais et où commence celui de l'armagnacais ? L'imbrication des critères, le dégradé des occurrences interdisent de tracer une frontière. Mettre le problème entre parenthèses, en disant par exemple que le béarnais est le gascon parlé à Pau et à l'armagnacais celui qu'on parle à Nogaro n'est qu'une dérobade, sinon une distorsion de la réalité. La démonstration a été donnée cent fois, et nous n'allons pas la recommencer (Séguy, 1973b, p. 17-18).

Or, si l'on pense davantage en termes de « modalités » vs « transitions diasystémiques » la relation entre les « dialectes », ou aires d'un certain niveau de densité structurale et de caractérisation typologique, comme vient de le faire Séguy dans l'extrait supra, on s'émancipe de l'aporie cosubstantielle à la notion de dialecte, en tant que terme condamné à une impossible discontinuité catégorielle sur le plan empirique. L'un des arguments en faveur d'un modèle articulant modalités et transitions, tient précisément à la relation, éminemment métonymique, entre la partie et le tout, entre centre (constitué

d'un ou plusieurs noyaux, ou sous-dialectes) et périphéries, ainsi qu'en termes de champ d'extension des phénomènes de résonance structurale. Un autre facteur constitutif de la diversité des aires, comme l'évoque Séguy, est l'endémisme (polycentrisme composite, issu d'évolutions parallèles), qui peut agir comme effet structurant à différentes échelles, mais aussi comme bruit ou floutage des aires.

CONCLUSION ET PERSPECTIVES

L'aréologie en tant que géolinguistique théorique auxiliaire de la linguistique générale, telle que la pratiquait jadis Georges Millardet (1923), en étant attentif à la chronologie relative et aux relations d'implication structurale entre phénomènes observables, dans une optique postnéogrammatrice, a donc connu une nouvelle vie à travers l'entreprise de l'ALG – même si Millardet est loin d'être une figure de référence pour l'équipe de l'École de Linguistique et de Dialectologie de Toulouse, qui a connu son âge d'or autour du projet ALG ainsi que de la revue *Via Domitia* dans les années 1950-60, puis à travers les projets d'ethnolinguistique pragmatique, de dialectologie computationnelle et de dialectologie sociale animée par Jean-Louis Fossat dans les années 1970-80. Une telle approche s'avère heuristique, et permet de mieux distinguer les différents types d'endémismes qui contribuent à renforcer ou au contraire à brouiller les aires dialectales, dont les formes spécifiques condensées constituent les dialectes, autrement dit, les décideurs multiples de tout diasystème, reliés entre eux par un modèle de chaînes transitionnelles (cf. Polian ; Léonard, 2009).

Le Gradient de Gasconité de Séguy-Lalanne est-il un construit heuristique – en dépit de ses connotations qui pourraient paraître a priori quelque peu puristes, si l'on n'était conscient à quel point

la conception de Séguy transcende tout purisme²², et se veut épistémologique ? Y a-t-il un « noyau dur » de dialectalité qui définirait tout dialecte, au-delà du blason savant ou populaire des dialectes et sous-dialectes locaux par pays ou par terroirs ? Un tel « coeur de dialectalité » est-il homogène ou au contraire hétérogène et, en ce cas, quelles sont les propriétés spécifiques de ses différentes composantes ou modules ? Dans le sens d'un modèle comme celui de don Ricardo après tout, les noyaux denses du GG, qui s'étagent sur trois niveaux de 80 à 100%, peuvent être interprétés comme autant de « modalités », tandis que les bandes périphériques, à moins de 70 et de 50% comme autant de transitions²³. En outre, si tel est le cas, alors la dynamique interne de diversification du gascon procéderait suivant un modèle d'expansion d'ondes, dont le principal mécanisme serait une forte génération d'innovations (gasconnes) dans les foyers maritimes et pyrénéens, contenue, voire comprimée sur sa surface externe, par des bandes de rétention et/ou d'interférences avec les traits structuraux en provenance du nord (Gironde, zone périgourdine) et de l'est (frange garonnaise, à tropisme languedocien). Dans une telle vision des dynamiques spatiales, d'ordre quasi euclidienne, voilà que l'agentivité des divers décideurs multiples que

22 Voir les débats sur le blog <http://gasconha.com/spip.php?article2562> au sujet de l'interprétation que l'on peut faire du GG des dialectologues toulousains. L'animateur fait bien de rappeler que cette perspective de recherche n'a pas été conçue afin de discriminer (certains Gascons seraient-ils ainsi « plus gascons » que d'autres ?), mais bien au contraire, de se doter d'un instrument pour observer des tendances (dynamiques) géohistoriques et culturelles – la langue n'étant jamais qu'une composante de la sémiosphère (Lotman, 1999) que partagent les membres d'une société donnée dans l'espace et dans le temps.

23 On peut aussi se demander si, par exemple, chercher un « gradient de lusóité » en portugais européen aurait un sens, et quelle serait la part de régions sous-dialectales fortement caractérisées comme l'aire de Porto et de Braga (le baixo minhoto-duriense) au nord, de Castelo Branco au sud, et quel profil d'intrication structurale auraient les aires transitionnelles. Pour des domaines dialectaux d'oïl, la méthode du gradient de dialectalité serait heuristique pour des dialectes comme le poitevin-saintongeais (Jagueneau, 1987) ou le normand (cf. Brasseur, 1982), voire le picard, dont les foyers de dialectalité les plus denses sont concentrés dans des zones périphériques – région niortaise et marais poitevin et nord-vendéen pour le premier, Cotentin et îles anglo-normandes pour le second, alors que les aires plus exposées aux influences d'Île-de-France composent de vastes bandes transitionnelles où l'endémisme se dissout à vaste échelle.

sont les dialectes ou les sous-dialectes, détectables à des nuages de condensation autour de centres de gravité, ainsi que par la CAH (Classification Ascendante Hiérarchique) ou encore, de manière étagée ou « en terrasse » par le PMD est sérieusement remise en question. On a à faire à un modèle d'ordre gravitationnel, avec des noyaux denses fonctionnant comme attracteurs, mais dont la puissance décroît régulièrement par paliers successifs.

Or, en jouant sur les effets de vicariance (pluralisme des procédures d'objectivation du réel) que fournit la gamme des algorithmes de Gabmap, ainsi qu'en ayant recours à des représentations stochastiques ou probabilistes (cartes à logique floue) et le PMD dans ses différentes strates, on voit apparaître un champ de force, tel que nous l'avons décrit dans la section 4 : d'une part un gascon maritime ultra-innovant, doté des deux composantes intriquées, mais différenciées (le « gascon noir » vs le bloc des variétés girondines), d'autre part un complexe qui ne se laisse pas réduire à la simple dichotomie interne est/ouest, car une transversale verticale va du Béarn vers le Gers (de Pau à Auch), formant un « coeur de gascon » central, tandis que les variétés pyrénéennes (Basses et Hautes pyrénées, Haute-Garonne) constituent un deuxième noyau de gasconité innovante. Sur les marges externes, à l'est du domaine, s'égrènent de multiples variétés en situation de singletons (exclave saintongeaise de Montségur, poussées libourno-limousines au nord-est), ou en relation de continuité (transition) avec l'arrière-pays dialectal du languedocien occidental (le liseré garonnais, l'Ariège).

Certes, on peut voir là la confirmation du paradoxe saussurien, constructiviste avant l'heure, qui veut qu'en linguistique, le point de vue crée l'objet : tantôt un espace dialectal gascon divisé selon une ligne de partage est/ouest, et une gamme de sous-dialectes et variétés correspondant plus ou moins aux *pagi* médiévaux qui justifient leurs dénominations (béarnais, bazadais, armagnacais, etc.), comme avec la méthode de Ward ; tantôt une quadripartition comme avec la méthode du Voisin le plus éloigné, et qui confirme la

division est-ouest. Mais on peut aussi envisager la structuration de l'espace géolinguistique en prenant d'emblée le parti-pris de transcender ces subdivisions d'entités typologiques contrastées, afin de favoriser la recherche de structures plus en profondeur, par cette forme de surcaractérisation, qui donne la primauté au facteur « singularité des variables gasconnes ». On obtient alors les cartes du GG que nous avons montrées ici, mais elles ne se suffisent pas vraiment à elles-mêmes, car le parti-pris retenu pour les constituer (un gradient d'idiosyncrasie diasystémique) ne peut donner qu'une structure étagée, procédant par ondes, qui s'avère donc en partie circulaire – on n'opposera somme toute qu'un noyau innovant, spécifiant, à une périphérie rétentrice ou interférentielle. Il fallait donc l'analyser selon le PMD pour mieux comprendre la valeur heuristique du GG : elle tient au fait qu'il y a deux, voire trois foyers d'intense innovation dans le réseau dialectal gascon : bayonnais-landais vs pyrénéen central et oriental. Pau, capitale du Béarn, se situe à la transition entre ces trois « noyaux », et ce centre historique rayonne à travers un couloir passant en relais par le « cœur de Gascogne » (Marsan, Armagnac, Gersois), remontant jusqu'au sud de la Gironde au nord-ouest et à une zone-tampon tout le long du cours de la Garonne à l'est. C'est dans ces fronts de résistance de la Gironde et du liseré garonnais que le GG est au plus bas, et que se maintiennent les rétentions ou que s'avancent les interférences avec d'autres dialectes occitans (limousin-périgourdin au nord et languedocien à l'est). On est ainsi amenés à considérer un espace dialectal davantage comme un champ de forces géopolitiques, sociolinguistiques et ethno­linguistiques, entre dialectes et sous-dialectes entendus comme autant de décideurs multiples, d'agents géolinguistiques, plutôt que comme un espace à fragmentation... En somme, davantage comme un espace dynamique, sans cesse renouvelé et stimulé par des vagues d'innovation faisant face à des zones de réfraction ou d'innovations concurrentes, que comme un espace statique ou – vision plus erronée encore, mais qui a longtemps prévalu en dialectologie – en voie de déstructuration au cours des âges.

RÉFÉRENCES

- ALF : **Atlas Linguistique de la France** (v. Gilliéron & Edmont). Paris : H. Champion, 1902-1910.
- ALG : **Atlas Linguistique et Ethnographique de la gascogne** : voir SÉGUY (1973), infra. Paris : C.N.R.S., Editions, 1956-1973.
- ALLIÈRES, Jacques. **Manuel de linguistique romane**. Paris : Honoré Champion, 2001.
- BADIR, Sémir. Épistémologie sémiotique. La théorie du langage de Louis Hjelmslev. Paris : Honoré Champion, 2014.
- BEC, Pierre. **Manuel pratique d'occitan moderne**. Paris : Picard, 1973.
- BRASSEUR, Patrice. Limites dialectales en Haute-Normandie. *Études Normandes*, 31e année, n°3, **Du Cauchois au normand**, p. 11-23, 1982.
- CHAGNAUD, Clément ; GARAT, Philippe ; BRUN-TRIGAUD, Guylaine. Identification of clusters of lexical areas using geographical factors. *In* : VAN DE VELDE, Hans ; HAUG HILTON, Nanna ; KNOOIHUIZEN, Remco (eds). **Language Variation – European Perspectives VIII Selected papers from the Tenth International Conference on Language Variation in Europe (ICLaVE 10)**, Leeuwarden : Juin 2019. John Benjamins B.V. p. 210-225, 2021.
- DARTIGUE, Charles. **Histoire de la Guyenne**, Paris : Presses Universitaires de France (Que-Sais-Je ?), 1950.
- DANEY, Charles. **Histoire de la Gironde. Petite histoire du département de 1789 à nos jours**. Pau : éditions Cairn, 2012.
- DUBERT-GARCIA, Francisco. A clasificación das variedades dialectais do galego de Ricardo Carvalho Calero. **Madrygal. Revista de Estudos Galegos**, n° 24, p. 69-80, 2021.
- FOSSAT, Jean-Louis. Etat des recherches dialectométriques sur le domaine gascon : « fonction maximale » et « fonction minimale » du dialecte. *In* : WERLEN, Iwar (ed.), **Probleme der schweizerischen Dialektologie**. Fribourg : Editions Universitaires. p. 109-139, 1978.

FOSSAT, Jean-Louis. Le parcours de Th. Lalanne : du recueil de données (1947-1952) aux cartes synthétiques de l'Atlas linguistique de la Gascogne maritime, **Géolinguistique** [Online], 16 | p. 106-129, 2016, DOI: <https://doi.org/10.4000/geolinguistique.517>, consulté le 19/02/2024.

GILLIERON, Jules ; EDMONT, Edmond. **Atlas linguistique de la France**. Paris : Champion, 9 volumes. 1902-1910 ; supplément 1920.

GLESSGEN, Martin ; SAUZET, Maguelone. La trajectoire et l'exploitation lexicale des Nouveaux atlas linguistiques de la France. **Bien Dire et Bien AprAndre**, n° 35, p. 9-45, 2020.

JAGUENEAU, Liliane. **Structuration de l'espace linguistique entre Loire et Gironde. Analyse dialectométrique des données de l'Atlas linguistique et ethnographique de l'Ouest. 1987**. Thèse (doctorat d'Etat), dir. Jean-Louis FOSSAT – Université de Toulouse-le-Mirail, Toulouse, 1987.

MASSOURE, Jean-Louis. **Le Gascon, les mots et le système**. Paris : Honoré Champion, 2012.

MILLARDET, Georges. **Linguistique et dialectologie romanes ; Problèmes et Méthodes, Montpellier-Paris (Société des Langues Romanes)**. Paris : Champion, 1923.

LALANNE, Théobald. **L'indépendance des aires linguistiques en Gascogne maritime**. Saint-Vincent-de-Paul : chez l'auteur (2 vol), 1949-52.

LÉONARD, Jean Léo ; PERKO, Gregor. De la Val Rézia à la Mura. Esquisse de modélisation diasystémique de la conjugaison slovène par le centre (transitionnel) et par les marges. **Verbum XLII**, n° 1-2, p. 85-129, 2020.

LÉONARD, Jean Léo. **Éléments de dialectologie générale**, Paris : Michel Houdiard éditeur, 2012.

LÉONARD, Jean Léo. Actualité de la pensée de Georges Millardet en linguistique et dialectologie romanes à travers sa contribution à la *RlaR*. **Revue des langues romanes**, Tome CXXIV n°1 | p. 77-110, 2020, URL : <http://journals.openedition.org/rlr/2938> ; DOI : <https://doi.org/10.4000/rlr.2938>, 2020.

LÉONARD, Jean Léo. Parangons inférentiels dans l'Atlas linguistique du finnois de Lauri Kettunen. Une approche réalisationnelle en morphologie flexionnelle d'un corpus dialectal fennique. **Corpus** [En ligne]. DOI : <https://doi.org/10.4000/corpus.6393>, 2022.

LÉONARD, Jean Léo, BRUN-TRIGAUD Guylaine ; PICARD Flore. Atlas linguistiques et perspectives dialectométriques. In : SIBILLE, Jean ; LOUISE, Esher (éds). **Manuel de linguistique occitane**. Berlin : Mouton, p. 471-520, 2023.

LÉONARD, Jean Léo ; GÉLÉBERT, Grégory. Gnose de Théobald Lalanne, dialectométrie et complexité. **LHUMAINE**, n° 2, 2023. Accessible sur <https://lhumaine.numerev.com/articles/revue-2/2893-gnose-de-theobald-lalanne-dialectometrie-et-complexite>.

LOTMAN, Yuri. **L'espace sémiotique. La notion de frontière. La sémiosphère**. Limoges : PULIM, 1999.

NERBONNE, John ; COLEN, Rinke; GOOSKENS, Charlotte; KLEIWEG, Peter; LEINONEN, Therese. Gabmap - a web application for dialectology. **Dialectologia : revista electrònica**, special issue, II, p. 65-89, 2011.

NERBONNE, John ; HEERINGA, Wilbert. Computational Comparison and Classification of Dialects. **Dialectologia et Geolinguistica**, vol. 9, p. 69-83, 2001.

NERBONNE, John ; VAN GEMERT, Ilse ; HEERINGA, Wilbert. **A Dialectometric View of Linguistic "Gravity"**, **Alpha Informatica report**, Groningen, University of Groningen, 2005. Accessible sur <https://citeseerx.ist.psu.edu/viewdoc/summary?doi=10.1.1.530.5957>, consulté le 18/08/2023.

NERBONNE, John ; KRETZSCHMAR, William. Introducing Computational Techniques in Dialectometry. **Computers and the Humanities**, 37, 245-255, 2003.

OSENOVA, Petya ; HEERINGA, Wilbert ; NERBONNE, John. A Quantitative Analysis of Bulgarian Dialect Pronunciation. **Zeitschrift für Slavische Philologie**, vol. 66, No. 2, p. 425-458, 2009.

PHILPS, Denis. **Atlas dialectométrique des Pyrénées Centrales**. Thèse d'Etat sous la dir. de J.-L. Fossat. Toulouse : Université de Toulouse-le-Mirail, 1985.

PHILPS, Denis. **L'automatisation des atlas linguistiques**, in **Actes du XVIIème congrès international de Linguistique Romane**. Aix-en-Provence : Université de Provence, vol. 6, 465-486, 1986.

PICKL, Simon. Fuzzy dialect areas and prototype theory : Discovering latent patterns in geolinguistic variation. In Marie-Hélène, CÔTÉ; Remco, KNOOIHUIZEN; John NERBONNE (eds.), **The future of dialects**, Selected Papers from Methods in Dialectology XV (proceedings), p. 75-98, 2016. Berlin : Language Science Press. DOI :10.17169/langsci.b81.84.

POLIAN, Gilles ; LÉONARD, Jean Léo. La morphologie dans ALTO (Atlas Linguistique du Tselal Occidental) : Réseau dialectal et systèmes à décideurs multiples. **Géolinguistique**, n° 11, p. 149-201, 2009. Accessible sur https://shs.hal.science/halshs-00682294/PDF/Article_Preprint_Morphologie_ALTO_Tselal_2009. Consulté le: 12/02/2024.

SÉGUY, Jean. Les cartes auxiliaires de l'Atlas linguistique de la Gascogne : essai d'aréologie méthodique. **Via Domitia**, no 3, p. 36-62, 1956.

SÉGUY, Jean. La relation entre la distance spatiale et la distance lexicale. **Revue de Linguistique Romane**. Vol. 35, p. 335-357, 1971.

SÉGUY, Jean. La fonction minimale du dialecte. *In* : GARDETTE, Pierre (éd.) : **Les dialectes romans de France à la lumière des atlas linguistiques régionaux**. Paris : éd. CNRS, p. 21-42, 1973a.

SÉGUY, Jean. La *dialectométrie* dans l'Atlas linguistique de la Gascogne. **Revue de Linguistique Romane**, n° 37, p. 1-24, 1973b.

SÉGUY, Jean. **Atlas linguistique et ethnographique de la Gascogne. Volume VI Notice explicative**. Paris : éditions du CNRS, 1973c.

SÉGUY, Jean. **Atlas linguistique et ethnographique de la Gascogne**, 6 volumes, Paris : CNRS, 1956-1973.

SWIGGERS, Pierre. Dialectologie et méthodologie de la linguistique. Georges Millardet et la **Revue des Langues Romanes**, **Revue des langues romanes**, n°105, p. 517-535, 2001.

WEINREICH, Uriel. Is a structural dialectology possible ? **Word**, 4, p. 388-400, 1954.

6

*Jean Léo Léonard
Guylaine Brun-Trigaud*

**QUESTÕES DE GEOGRAFIA
DIALETAL DO OCCITANO:
O "GRADIENTE DE GASCONIDADE" REVISITADO**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.6

Este capítulo aborda técnicas recentes no tratamento dialeto-métrico e cartográfico de variedades das línguas românicas, com foco no dialeto gascão localizado na margem sudoeste do domínio occitano. Os dois autores abordam questões relacionadas à metodologia usada para analisar a diversidade linguística, destacando uma tecnologia recente de dialetometria por distância de edição (aplicação on-line Gabmap). O objetivo é caracterizar a diversidade interna do gascão, evitando construções essencialistas que se reduzam a uma nomenclatura dialetal trivial.

O capítulo também discute a abordagem de áreas dialetais (*aréologie*, no original em francês), que examina a dinâmica das áreas geolinguísticas, tanto qualitativa quanto quantitativamente. Refere-se ao trabalho de Jean Ségué e apresenta os três eixos de determinação de áreas dialectais de acordo com este autor (co)fundador com Théobald Lalanne da dialetometria: geolinguística sincrônica, diacrônica e genética. A análise da variação interna do gascão é baseada em dados dialeto-métricos diversificados em termos de algoritmos de hierarquização (próximos e distantes, pelo Método de Ward vs. *Complete link*), destacando áreas e transições entre os dialetos.

Os mapas apresentados no capítulo descrevem inicialmente os resultados da análise dialeto-métrica de Jean Ségué, que divide as áreas dialetais com base em limiares de diferenciação. Também ilustram a congruência entre esses resultados e uma análise subsequente usando ferramentas de taxonomia moderna. Em um segundo momento, o capítulo visa contribuir para o avanço do conhecimento em dialetologia descritiva e teórica, utilizando a gama de algoritmos oferecida por ferramentas de processamento automático de dados linguísticos como Gabmap (<https://dev.clarin.nl/node/1917>), incluindo posicionamento multidimensional, agrupamentos difusos etc. O capítulo continua a discussão abordando a análise de dialetos, em particular do gascão, à luz desses diversos métodos algorítmicos para examinar a diversidade dialetal em profundidade. Os autores comparam várias abordagens para determinar as diferenças na estruturação dos dialetos.

O método *Complete link* ou *Método do vizinho mais distante* é descrito como mais reducionista do que a Classificação hierárquica ascendente ou Método de Joe Ward, pois permite detectar diferenças maciças em um nível mais alto. Os resultados mostram uma quadripartição entre o gascão ocidental, o gascão oriental, o gascão pirenaico e uma área de transição chamada "coração do gascão". Essa análise destaca diferenças filogenéticas entre os dialetos gascões, especialmente entre o gascão ocidental e o gascão oriental. O capítulo também aborda o conceito de Gradiente de Gasconidade de acordo com Jean Séguy, que adota uma abordagem emergente ao reunir traços dialetais específicos do gascão. O objetivo é analisar a distribuição desses traços no domínio dialetal do gascão, sem pressupor categorias dialetais existentes. Essa abordagem busca entender a difusão de traços dialetais, a extensão das áreas, os modelos espaciais emergentes (ou modalidades vs. transições vs. unidades isoladas: os dois primeiros termos são do escritor, linguista e dialetólogo Ricardo Carvalho Calero [1910-1990], também conhecido como "don Ricardo"), e os fatores externos que podem explicar as variações. Finalmente, os autores destacam que o objetivo dessa análise não é delinear fronteiras entre os dialetos, pois os territórios dialetais são complexos e não podem ser estritamente delimitados. Pelo contrário, a abordagem visa explorar as dinâmicas e relações entre os traços dialetais, evitando se concentrar na ontologia dos dialetos como categorias preexistentes.

Nesse sentido, os autores exploram a hipótese do Gradiente de Gasconidade (ou GG) e seu potencial heurístico para entender as estruturas geolinguísticas profundas do gascão, bem como o estudo dos mecanismos de diversificação e unificação dialetal, como construção de densidade tipológica ou dimensão idiossincrásica de um espaço dialetal. O GG é composto por um conjunto específico de traços fonológicos que servem para caracterizar o gascão como um dialeto occitano. Esses traços fonológicos refletem evoluções particulares exclusivas do gascão. Os autores apresentam um exemplo

de traço do GG, como a desbucalização da fricativa labiodental *f* em *h*, a transformação da *muta cum liquida fl* em *hl* e a despalatalização oclusiva da geminada *-ll-* (no sufixo nominal da série fonolexical de lexias em *-ELLU-*). Por exemplo, o processo de desbucalização da fricativa labiodental *f* em *h* é um traço emblemático do gascão, e os mapas ilustram como esse traço evolui a partir de centros compactos no centro do domínio, se desvanecendo em direção às periferias de transição, na margem externa do gascão oriental.

É enfatizada a importância de compreender a distribuição espacial desses traços fonológicos específicos do gascão e como eles contribuem para definir esse dialeto no contexto dialetal occitano. A análise espacial dos traços fonológicos do GG ajuda a destacar as áreas onde essas características são particularmente pronunciadas e específicas do gascão. Essa metodologia contribui para a validação da hipótese de um “gradiente dialetal” em um determinado domínio e para uma melhor compreensão das dinâmicas dialetais profundas em um espaço dialetal românico.

Isso leva os autores a “testar” o GG usando a gama de configurações vicariantes fornecidas pela função “ponto de referência” no Gabmap. Essa abordagem “metonímica”, típica da dialetometria clássica, que compara um ponto (a parte) com todos os outros pontos na rede dialetal (o todo), permite que os autores examinem a natureza do Gradiente de Gasconidade de Jean Séguy, usando ferramentas e dados de geolinguística computacional, como metonímia geolinguística, bem como a relação entre distância geográfica e distância dialetal enquanto função logarítmica. O objetivo é melhor entender as dinâmicas dialetais dentro do gascão e analisar como as variedades dialetais se distribuem geograficamente, em comparação com a construção do GG de Jean Séguy, que serve como referência. Assim, são comparados três pontos de pesquisa do Atlas Linguístico da Gascônia (ALG): 691NE (Sainte Suzanne) na área bearnesa (caracterizada por uma forte gasconidade), 668SE (Biran) em uma área de transição com baixa gasconidade, e 680 (Mézos),

fortemente idiossincrático, localizado na área do gascão negro. Os gráficos e mapas gerados com o Gabmap mostram como esses três pontos se posicionam em um Gradiente de Gasconidade com base na distância geográfica. A análise mostra que o ponto 691NE está localizado em uma região onde a “gasconidade” é muito forte (zona epibearnesa), enquanto o ponto 668SE está em uma zona de transição onde a “gasconidade” é menor. O ponto 680, no coração da área do “gascão negro”, se destaca por uma progressão quase euclidiana, centrada em um corredor sudoeste-nordeste.

Em seguida, os autores abordam o conceito de geolinguística quantitativa, examinando como diferentes camadas ou níveis estocásticos de variáveis geoletais se sobrepõem para formar um continuum dialetal. Os mapas multidimensionais (MDS ou PMD: *Multidimensional Scaling* ou Posicionamento Multidimensional) permitem analisar essas dinâmicas “areológicas” (quer dizer, geolinguísticas), distinguindo as *modalidades* (áreas centrais), as *transições* (zonas de contato e mistura de variáveis) e *singletons* (variedades idiossincráticas, “ilhas dialectais” e outras variedades erráticas em termos de “gasconidade”). Essas análises mostram como algumas regiões, como o *gascão marítimo*, o *médoc-girondino* e o *bazadais-marsanais*, se destacam como áreas centrais de forte coerência estrutural. Por outro lado, outras regiões, como o *alto-garonnais*, o *agenais* e o *armagnacais*, tendem a funcionar como zonas de transição entre as modalidades.

Em seguida, os autores discutem as reflexões de Jean Séguy sobre a identificação dos dialetos, explorando os limites de sua abordagem em termos de “Gradiente de Gasconidade”. Séguy enfatiza que a caracterização dos dialetos se baseia em um conjunto de traços distintivos que, individualmente, não são necessariamente endêmicos a um dialeto específico. É a combinação desses traços que define um tipo dialetal. No entanto, ele destaca a dificuldade de definir fronteiras claras entre os dialetos devido à interseção dos critérios e à graduação das ocorrências. Assim, essas lacunas na

análise ou aporias são facilmente resolvidas pelo reducionismo fenomenológico proposto por don Ricardo, usando seu modelo que opõe modalidades ou unidades centrais a transições ou zonas de transição/contato/polimorfismo. Portanto, opta-se por uma abordagem baseada nos conceitos de modalidades e transições diassistêmicas para melhor compreender os dialetos. Esse modelo simples permite superar as limitações da categorização dialetal reconhecendo a relação metonímica entre as partes (os subdialetos) e o todo (os dialetos), em um registro metonímico de nível superior ao atomismo dos pontos de referência *vicariantes* (quer dizer *alternativos*, com objetivos heurísticos para explorar a arquitetura geolinguística do diassistema). Também é destacado que o endemismo pode atuar como um fator estruturante das áreas dialetais, bem como introduzir ambiguidade em sua delimitação.

Assim, os autores sugerem que a metodologia do estudo das áreas dialetais que Jean Seguy chamava de "aréologie", como forma de geolinguística teórica, se revela uma ferramenta valiosa para a análise dos dialetos quando a observação é direcionada para a relação entre modalidades e transições na estruturação espacial dos dialetos, realizando uma *epochè* (ou *suspensão de juízo*) que dispensa qualquer construção essencialista de ordem geo-histórica. A análise multidimensional revela a complexidade das dinâmicas dialetais, com núcleos densos de inovação cercados por zonas de retenção ou interferência. Em última análise, a visão do espaço dialetal evolui para ser considerada como um campo de forças geopolíticas, sociolinguísticas e etnolinguísticas em constante evolução, em vez de uma fragmentação estática condenada a uma estratificação de leitura opaca. A ferramenta fornecida pelo PMD, em particular, oferece uma melhor compreensão das dinâmicas linguísticas na diversidade interna de um espaço dialetal.

Por fim, essas análises multidimensionais e com o uso de lógica difusa ou agrupamentos difusos ajudam a compreender melhor as dinâmicas dialetais dentro do gascão e a distinguir as

áreas centrais das zonas de transição. Essas abordagens, com base em dados geolinguísticos computacionais, oferecem novas perspectivas para o estudo dos dialetos e variações linguísticas, e permitem abordar de maneira concreta a questão *vexata quaestio* da ontologia dos dialetos ou dos limites dialetais em um espaço geolinguístico.

Em conclusão, este capítulo, com base em uma análise das escritas de romanistas no domínio occitano e, mais especificamente, gascão, bem como nos conceitos da dialetometria, propõe uma imersão na complexidade do “fato dialetal” valorizado pela Escola de Linguística e Dialectologia de Toulouse, na França, concentrando-se no caso do gascão. Destacaram-se os desafios da categorização dialetal tradicional, especialmente a dificuldade em traçar fronteiras nítidas entre os dialetos, sem simplesmente aderir à hipótese nula de inexistência de dialetos e de limites dialetais, o que limitaria a investigação heurística. Pelo contrário, esta pesquisa propõe uma abordagem inovadora introduzindo os conceitos de *modalidades vs. transições vs. singletons* diassistêmicos, a fim de compreender melhor a dinâmica espacial dos dialetos, tanto na diacronia quanto na sincronia.

Com base em dados linguísticos coletados no Atlas Linguístico e Etnográfico da Gascônia (ALG) de Jean Séguy, demonstra-se como essa nova abordagem permite transcender as limitações das classificações tradicionais. Ao considerar os dialetos como “protagonistas múltiplos” dentro de um campo de forças geopolíticas e sociolinguísticas em constante evolução, o capítulo oferece uma perspectiva mais dinâmica do espaço dialetal, fundamentada em uma ampla gama de abordagens (vicariância dos resultados por seleção de algoritmo), com base em um conjunto de traços dialetais previamente selecionados pelo linguista. Portanto, a implicação do linguista é fundamental, em contraste com uma abordagem que delegaria todo o “poder heurístico” à calculabilidade diassistêmica e à engenharia algorítmica. Assim, buscou-se estabelecer um equilíbrio na distribuição de tarefas entre o linguista ou dialetólogo e a

máquina, defendendo uma dialetometria empiricamente ancorada em fatos linguísticos rastreáveis, verificáveis e explicados previamente. Nesse sentido, o “Gradiente de Gasconidade” provou ser convincente e exemplar para pesquisas futuras.

O capítulo instiga a repensar a noção de dialeto sob a perspectiva do “fato dialetal”, característico da época buscada por Jean Séguy no âmbito da dialetologia geral, e a considerar os dialetos como elementos de um sistema em constante evolução, em vez de entidades estáticas ou degradadas em relação a um padrão ideal ou a uma protolíngua reconstruída, ou com base em considerações externas triviais (geohistória). Essa abordagem oferece novas perspectivas para a análise de dialetos no contexto da dialetologia geral e enriquece nossa compreensão das dinâmicas linguísticas regionais - das quais a geolinguística é apenas um dos termos definidores. O próximo horizonte, portanto, deve se concentrar na teoria de sistemas complexos dinâmicos e dar mais espaço para métodos estocásticos e bayesianos.

7

Marilucia de Oliveira

**IMAGENS PRELIMINARES
DA DIVERSIDADE LINGÜÍSTICA
NA AMAZÔNIA BRASILEIRA**

DOI: [10.31560/pimentacultural/2024.99512.7](https://doi.org/10.31560/pimentacultural/2024.99512.7)

Resumo

Este trabalho corresponde à versão escrita da exposição oral realizada no III Colóquio Internacional VariaR – Variação em Línguas Românicas, realizado em Montpellier, de 14 a 16 de junho de 2023. Descreve e discute a distribuição da diversidade e variação linguística na Amazônia Brasileira com base em resultados de estudos já publicados. Trata-se, portanto, de um texto de revisão da literatura em que apresentamos os resultados por meio de imagens. Nele são apresentados resultados de pesquisas realizadas com base em dados do Português Brasileiro (PB), de diferentes regiões do país, de comunidades afrodescendentes e de comunidades indígenas. Os resultados apontam diferenças e semelhanças entre os usos dos diferentes grupos mencionados.

Palavras-chave: Amazônia; variação e diversidade linguística; cartografia linguística.

INTRODUÇÃO

A região Amazônica apresenta diferentes diversidades, daí se dizer que não temos uma Amazônia, mas várias. Dentre elas está a abundante diversidade linguística representativa das diferentes categorias linguísticas mencionadas no Inventário Nacional da Diversidades Linguística (INDL). Dentre as categorias registradas nessa região, estão as variedades que caracterizam comunidades afrodescendentes e indígenas, populações tradicionais abundantes na região.

Não raro, quando se menciona povos da Amazônia, vêm à tona as comunidades indígenas. É verdade que a região apresenta uma grande diversidade ligada à presença de povos indígenas; mas há outras comunidades, também chamadas de comunidades tradicionais, que integram as populações que caracterizam essa região. Segundo a hipótese de Lucchesi (2017), de 1500 a 1800, o Brasil apresentava mais de 1000 línguas indígenas e em torno de 200 línguas africanas. Como houve um genocídio linguístico no Brasil, sobretudo na Amazônia, muitas línguas desapareceram e, com elas, uma parte importante da sociocultura da região, já que muitas não estavam documentadas. Petter (2006) denomina essa redução drástica de línguas de processo violento de homogeneização que teria criado um “multilinguismo localizado”, o que é corroborado pelo fato de que apenas 2% da população brasileira fala línguas que não a portuguesa, e esse uso se encontra localizado principalmente na Amazônia, onde se concentra o maior número de variedades faladas no Brasil. Ou seja, diferentemente de séculos atrás, a diversidade linguística, representada por línguas indígenas, concentra-se praticamente na região Amazônica, onde ainda podemos contar com um significativo número de línguas indígenas, se compararmos com outras regiões, mas tímido se compararmos com séculos anteriores. Dados do IPHAN (2016) revelam que o Brasil está entre os países que mais apresentam diver-

side linguística do mundo, mas, infelizmente, essa diversidade está ameaçada, especialmente se considerarmos a tragédia que aconteceu nas comunidades tradicionais no Brasil, a comunidade lanomâmi é exemplo disso, nos quatro últimos anos (2018-2022)²⁴.

Se, por um lado, na região, é forte a presença indígena, por outro, é preciso reconhecer a incontestável presença negra nela, sobretudo no estado do Pará onde, segundo dados do IBGE (2020), há o maior número de localidades quilombolas²⁵ da região Norte. O Pará, como veremos mais adiante, apresenta o quarto maior número de localidades com comunidades quilombolas do Brasil. É preciso lembrar que além da presença indígena e europeia na formação da Amazônia, faz parte dessa paisagem humana o negro. Isso está evidenciado no alto número de localidades quilombolas presentes no Estado do Pará; mais de 500, se considerarmos os agrupamentos quilombolas oficializados ou não. Entretanto, essas comunidades ainda são tema de escassos estudos de natureza linguística.

O presente texto pode ser caracterizado como uma revisão bibliográfica, embora não siga o modelo tradicional praticado nos estudos linguísticos, em que predomina uma exposição dos trabalhos consultados por meio de texto. Aqui, como o título do texto diz, vamos comunicar os resultados sobretudo por meio de imagens, que chamamos de preliminares porque ainda há muito que se estudar na Amazônia.

Os resultados a serem apresentados referem-se a variações e diversidade registradas nos níveis lexical, fonético e morfossintático. No nível lexical, apresentaremos dados oriundos de comunidades

24 <https://www.greenpeace.org/brasil/blog/genocidio-indigena-garimpo-ilegal-esta-matando-criancas-yanomami-e-nao-e-de-hoje/>

25 Remanescentes das comunidades dos quilombos, "que são grupos étnicoraciais, segundo critérios de autoatribuição, com trajetória histórica própria, dotados de relações territoriais específicas, com presunção de ancestralidade negra relacionada com a resistência à opressão historicamente sofrida, nos termos do Decreto n. 4.887, de 2003" (IBGE, 2020).

quilombolas, comparando-os com os registrados no Atlas Linguístico do Brasil (ALiB), destacando especificidades e intercessões entre eles. Limitamo-nos à descrição e discussão de um item. No nível fonético, apresentaremos resultados relativos à palatalização de /l/ em posição prevocálica, fenômeno característico do falar paraense, apontando diferença entre os resultados registrados em comunidades afrodescendentes (Oliveira; Dias, 2019) em capitais brasileiras (Oliveira; Lima; Razky, 2016), e em comunidades indígenas (Guedes, 2017). No nível morfossintático, abordaremos a concordância verbal, registrada em Oliveira *et al* (2022), relacionando a simplificação do paradigma verbal também à atuação de fatores de natureza fonético-fonológica, evidenciando a interface entre esses níveis na referida variação. Os resultados referentes aos três níveis mencionados seguiram a orientação da dialetologia moderna, da sociolinguística laboviana ou ainda da geossociolinguística, com adoção da geografia linguística para distribuição diatópica dos resultados obtidos. Por isso, também, a abundância de imagens.

Para a construção do referido texto, usaremos cartas linguísticas, quadros, tabelas ou gráficos usados pelos autores dos trabalhos que serão abordados. A maioria deles tem autoria ou co-autoria da autora do presente texto, que desenvolve pesquisa na Amazônia desde 1999. Iniciaremos por uma breve explanação sobre a população negra e indígena na Amazônia, com destaque para dados dos estados do Pará e Amapá. Em seguida, apresentaremos os resultados do levantamento realizado, o qual será seguido da discussão dos resultados.

AMAZÔNIA BRASILEIRA: COMUNIDADES TRADICIONAIS

Tradicionalmente, quando se fala em Amazônia, é comum se pensar nos povos indígenas, o que é plenamente justificável, já que,

como foi dito, essa região é a principal responsável pelo atual multilinguismo localizado que ocorre no Brasil (Petter, 2006). Ou seja, antes da colonização, e mesmo depois dela, havia nas palavras da autora, um multilinguismo generalizado no Brasil, já que havia várias línguas usadas no território que hoje corresponde ao Brasil. Atualmente, contamos com menos de 200 línguas indígenas no Brasil; muitas em perigo de extinção. No que pese esse cenário lamentável, a Amazônia ainda é o território brasileiro que acolhe o maior número de línguas faladas, portanto, é nessa região que se materializa o multilinguismo localizado existente no país, estando, por conta disso, entre os países que apresentam alta diversidade linguística. Em se tratando dos negros no Brasil, cabe ressaltar que, se de um lado, tivemos várias línguas indígenas que foram extintas, também tivemos o silenciamento e denegação de línguas e culturas africanas. A tabela 1 apresenta um resumo da entrada de escravizados trazidos ao Grão-Pará, de acordo com o historiador Bezerra Neto (2012).

Tabela 1 – A escravidão no Grão-Pará (1680-1841)

Período	Quantidade	A média anual considerando-se o período mencionado é de 390.03 por ano. A concentração maior de tráfico de escravos africanos está no oitocentos.
1680-1698	846	
1702-1755	1.311	
1756-1778a	17.627	
1778-1800b	17.970	
1801-1810	10.927	
1811-1820	6.175	
1821-1830	3.412	
1835-1841	62u	
Total	58.895	

Fonte: Bezerra Neto (2012).

Como se pode notar, é no oitocentos que se concentra, no Grão-Pará, o número mais elevado de escravizados. Isso demonstra que a Amazônia recebeu um número significativo de africanos escravizados e, que, portanto, sua cultura e língua devem ter deixado traços que vão além dos lexicais, tradicionalmente mencionados por linguistas e filólogos portugueses ou brasileiros. Informações populacionais contemporâneas também reforçam essa presença africana. Dados do IBGE (2020) mostram que essa intensa entrada de escravizados na Amazônia deixou marcas populacionais que se estendem aos dias atuais, conforme se pode visualizar na tabela 2:

Tabela 2 - Municípios com localidades indígenas e quilombolas estimadas segundo Regiões e Unidades da Federação - Informações para o Censo Demográfico 2020

UF	Municípios com localidades indígenas	Municípios com localidades quilombolas
Brasil	828	1674
Norte	194	123
Rondônia	27	6
Acre	12	0
Amazonas	61	10
Roraima	14	0
Pará	56	65
Amapá	5	11
Tocantins	19	31
Nordeste	232	811
Maranhão	30	108
Piauí	8	73

UF	Municípios com localidades indígenas	Municípios com localidades quilombolas
Ceará	29	65
Rio Grande do Norte	7	40
Paraíba	28	54
Pernambuco	57	110
Alagoas	32	56
Sergipe	2	51
Bahia	39	254
Sudeste	147	514
Minas Gerais	102	420
Espírito Santo	4	28
Rio de Janeiro	8	36
São Paulo	33	30
Sul	150	136
Paraná	39	29
Santa Catarina	45	24
Rio Grande do Sul	66	83
Centro-Oeste	105	90
Mato Grosso do Sul	36	18
Mato Grosso	59	17
Goiás	9	54

Fonte: IBGE (2020).

Os dados mostram que o Brasil tem 1674 municípios que têm localidades quilombolas. Na região Norte, há 123 municípios que acolhem localidades quilombolas e 194 em que se encontram comunidades indígenas. Esses dados justificam que os estudos sobre a diversidade linguística na região Amazônica levem em conta as comunidades indígenas e quilombolas sob pena de formosarmos uma lacuna nos estudos sobre a formação do Português Brasileiro nessa região.

Reiteramos que, a partir daqui, apresentaremos resultados de pesquisas realizadas no Brasil, levando em consideração também os dois tipos de comunidades tradicionais mencionadas.

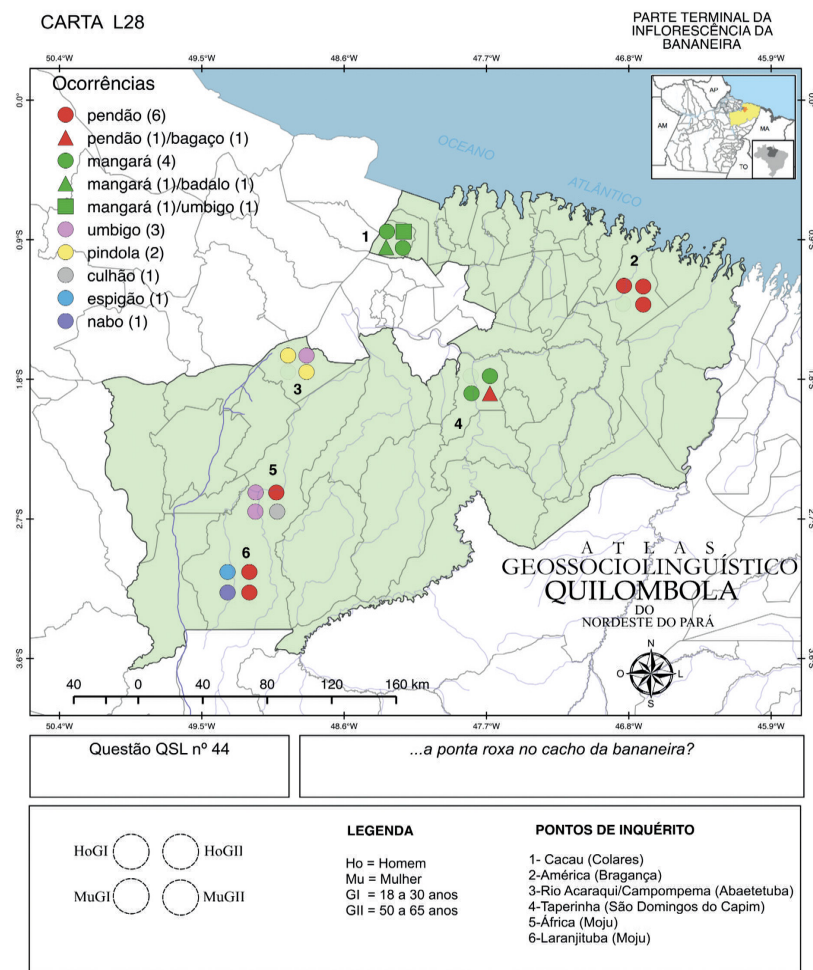
IMAGENS DA DIVERSIDADE LINGUÍSTICA NA AMAZÔNIA

Nesta seção, vamos apresentar resultados de natureza lexical, fonética e morfossintática referente à variação e diversidade linguísticas na Amazônia. Iniciaremos pela exibição das imagens de natureza lexical. Os resultados são oriundos de comunidades quilombolas, localizadas no Nordeste Paraense, registrados em Dias e Oliveira (2019), e do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso, 2014).

DIVERSIDADE LEXICAL NA AMAZÔNIA

Abaixo, segue a distribuição diatópica da diversidade lexical para “denominação para a parte terminal da inflorescência da bananeira”, com base na pesquisa de Dias e Oliveira (2019).

Figura 1 - carta linguística (L28 do AGQUINPA), denominação para “parte terminal da inflorescência da bananeira”



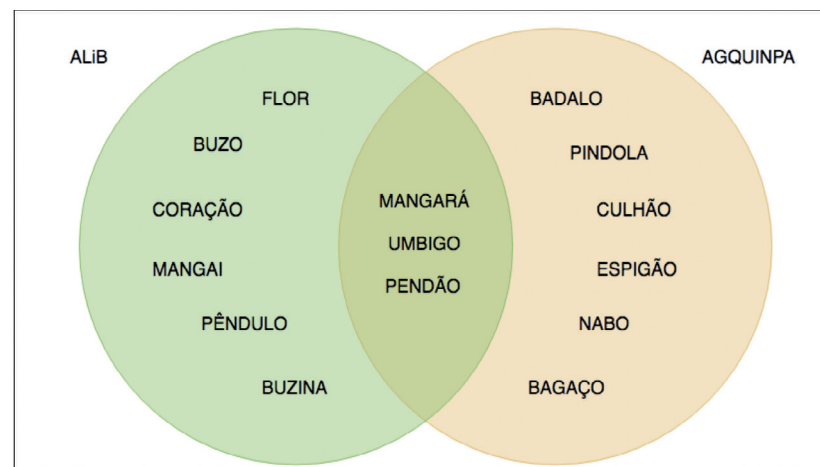
Fonte: Dias e Oliveira (2019).

Como se pode notar, a diversidade lexical para a referida denominação é bastante produtiva. A variante mais frequente é “pendão”, que não ocorreu em todas as comunidades investigadas. Por

outro lado, é a única variante que ocorre na comunidade América, não se registrando lá variação para a referida denominação. Se, de um lado, há lexias que ocorrem em várias comunidades, há aquelas que são exclusivas, é o caso culhão, espigão, nabo.

Oliveira e Dias (2019) apresentam a distribuição da mesma variação lexical para as capitais do Brasil, a partir de dados do volume 2 do Atlas Linguístico do Brasil (Cardoso, 2014). Os resultados estão apresentados na figura 02:

Figura 2 - interseção entre variantes do AGQUINPA e do ALiB



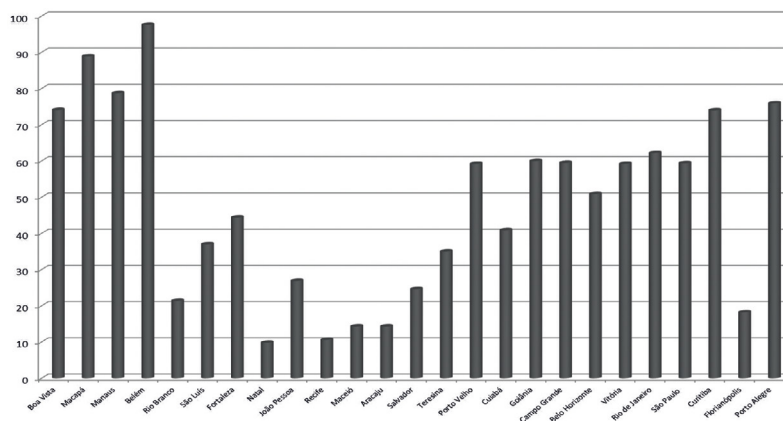
Fonte: Dias e Oliveira (2019).

Os dados mostram que as variantes que ocorrem num e noutra atlas são apenas: mangará, umbigo e pendão, o que demonstra que as comunidades afrodescendentes pesquisadas fazem uso de variantes também usadas nas capitais brasileiras, e aponta, de outra parte, que há mais diferenças do que semelhanças entre esses usos, já que o número de variantes que corresponde à interseção é baixo se comparado ao número de itens que se localizam na área em que não há interseção.

VARIAÇÃO FONÉTICA

Dentre os fenômenos muito frequentes e produtivos no estado do Pará, está a palatalização. Obviamente, a palatalização não ocorre só neste Estado, pois a palatalização de /t/ e /d/ já foi amplamente estudada no Português Brasileiro. Aqui, vamos nos referir à palatalização de /l/, registrada dialetológica e sociolinguisticamente a partir de Oliveira (2007), no PB. Esse tipo de palatalização está para o paraense, em termos linguísticos, como o açaí, em termos culinários²⁶, por isso, merece o devido destaque no presente trabalho. A seguir, mostramos os resultados para a palatalização de /l/, registrados por Oliveira, Lima e Razky (2016), a partir de dados de 25 capitais brasileiras.

Gráfico 1 - palatalização de /l/ nas capitais brasileiras



Fonte: Oliveira, Lima e Razky (2016).

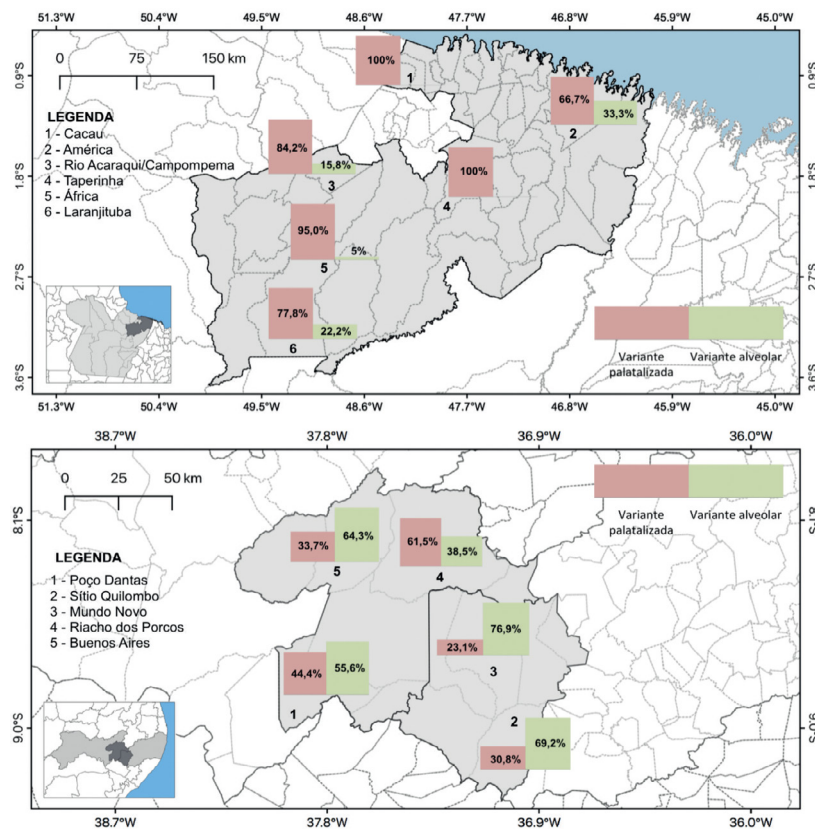
Esses resultados mostram que as regiões brasileiras apresentam índices diferentes em relação ao fenômeno. A oposição mais significativa se dá entre os estados da região Amazônica e da região Nordeste. Cabe ressaltar que a região Amazônica, apesar de apresentar altos índices, exibe frequências mais baixas quando se trata de Porto Velho e Rio Branco, talvez por conta da forte migração nordestina nessas cidades. Oliveira (2023, em fase de elaboração), apresenta como hipótese para essa alta frequência de palatalização de /l/ no Pará, a atuação dos sistemas fonético-fonológicos de línguas indígenas bem como da sócio-história das cidades investigadas. Ou seja, segundo a autora, algumas cidades paraenses apresentariam índices mais baixos de palatalização, como as que se localizam na região sul do Pará, onde há forte migração nordestina e presença sulista. Assim, cabe ressaltar que os altos índices de palatalização de /l/ registrados no ALiB estão relacionados à sócio-história das cidades selecionadas como ponto de inquérito. As áreas investigadas, urbanas ou rurais, também têm impacto sobre isso²⁷.

A seguir, apresentamos a distribuição da palatalização de /l/ em comunidades quilombolas da Amazônia e da região de Moxotó-Ipanema, em Pernambuco, região Nordeste do Brasil.

27

No momento, trabalhamos sobre a palatalização de /l/ em não capitais do Brasil. Os resultados preliminares mostram um decréscimo na frequência da palatalização nessas áreas. Os resultados cartográficos serão publicados no volume 5 do ALiB.

Figura 3 - Frequência da palatalização de /l/ em dois atlas linguísticos



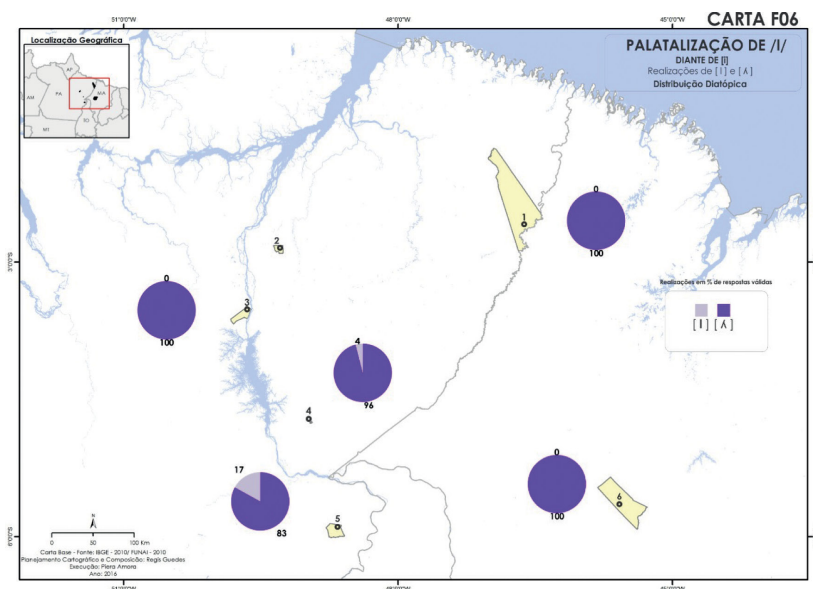
Fonte: Oliveira e Dias (2019).

Os resultados apresentados acima corroboram os apresentados no gráfico no que se refere aos estados do Pará, na Amazônia, e em Pernambuco, na região Nordeste. As comunidades do Nordeste paraense apresentam altos índices de palatalização. O mais baixo registrado corresponde a 66%, obtendo-se em outras comunidades índices bem produtivos, chegando-se à aplicação categórica em algumas comunidades, como Cacau e Rio Acaraqui. Em contrapartida, quando se trata das comunidades localizadas em Pernambuco,

o mais alto índice alcançado é 61,5%, ou seja, menor do que o índice mais baixo encontrado nas comunidades do Pará. Cabe lembrar que Recife, capital de Pernambuco, recebeu um dos mais baixos índices de palatalização de /l/ (cf. gráfico 1), em torno de 10%. Isso evidencia que, nessas comunidades, o fenômeno segue a tendência das capitais investigadas por Oliveira, Lima e Razky (2016).

Por fim, resta destacar que Guedes (2017), ao estudar a palatalização de /l/ em cinco comunidades indígenas, registrou altos índices de palatalização, tal qual mostra a carta que segue:

Figura 4 - frequência de palatalização em cinco comunidades indígenas²⁸



Os resultados demonstram que as comunidades indígenas investigadas apresentam alta tendência de palatalização, o que pode

28 Tembé (ponto 1), Asuriní (Ponto 3), Guaraní Mbyá (ponto 4). Suruí Aikewára (ponto 5), Guajajára (ponto 6).

estar ligado ao fato de em seu sistema fonético-fonológico, tanto vocálico quanto consonantal, serem produtivos sons com características palatais (Cf. Guedes, 2017, p.113-114).

SIMPLIFICAÇÃO DO PARADIGMA VERBAL EM ARAPUCU E SILÊNCIO

Os estudos sobre contato linguísticos apontam a simplificação morfológica como um dos resultados de contato entre línguas. No Brasil, essa simplificação em favor da forma não marcada já foi mais comum, mas ainda hoje pode ser encontrada na zona rural e em comunidades quilombolas, por exemplo. De acordo com Lucchesi *et al.* (2009) a presença da escola foi um dos fatores responsáveis pelo uso da não simplificação nas zonas urbanas. Como a escola se estendeu à zona rural, chegando a comunidades quilombolas, cresceu o uso de formas não simplificadas nessas comunidades.

No Brasil, o paradigma verbal, em alguns casos, pode ser reduzido a duas formas como: eu canto, tu canta, ele canta, nós canta, vocês canta, eles canta. (cf. Lucchesi *et al.*, 2009). Com base em dados coletados em 2017, Oliveira *et al* (2022) apontam o uso da simplificação verbal para o verbo *ir* nos municípios de Arapucu e de Silêncio, comunidades localizadas no Baixo Amazonas. Segue, no quadro 3, a forma padrão do PB, bem como a forma simplificada registrada em Oliveira *et al* (2022).

Quadro 1 - simplificação verbal em Arapucu e Silêncio

Paradigma do PB	Redução do paradigma verbal em Arapucu e Silêncio
Eu fui	Eu fui
Tu foste	Tu fui

Paradigma do PB	Redução do paradigma verbal em Arapucu e Silêncio
Ele foi	Ele fui
Nós fomos	Nós fui
A gente foi	A gente fui
Eles foram	Eles fui

Fonte: Oliveira et al. (2022).

As autoras destacam o fato de essas realizações terem sido encontradas no falar de pessoas idosas, especialmente mulheres. Para além das alterações no nível morfológico, a pesquisa trata da interação entre níveis, ou seja, o uso de “fui”, resultaria da pressão de fatores morfológicos e fonético-fonológicos. Assim, a forma “fui” seria resultado também da materialização do alçamento vocálico que ocorre nas comunidades investigadas. Para evidenciar o que afirmam, as autoras apresentam resultados referente ao levantamento do alçamento vocálico nas comunidades. Nessas comunidades ocorre o alçamento, sem restrição de posição, conforme se pode constatar em quadro apresentado no artigo em que foi publicada a pesquisa.

Quadro 2 – O alçamento em sílabas com diferentes tonicidades

	Pretônica	Tônica	Postônica
Arapucu - GilSe	<i>encustava</i> (encostava), <i>mudinha</i> (modinha), <i>bunito</i> (bonito), <i>murava</i> (morava), <i>muradô</i> (morador),	<i>issis</i> (esses), <i>tuda</i> (todas), <i>fugu</i> (fogo)	<i>tavu</i> (estávamos),
Arapucu - GilCe	<i>acuntecia</i> (acontecia), <i>mulhadu</i> (molhado), <i>ulhando</i> (olhando), <i>dubei</i> (dobrei), <i>chucô</i> (chocou), <i>afugado</i> (afogado), <i>murava</i> (morava), <i>subrado</i> (sobrado), <i>cunfiança</i> (confiança),	<i>butu</i> (boto), <i>nuvu</i> (novo), <i>canua</i> (canoa), <i>agustu</i> (agosto),	<i>tinhu</i> (tinham), <i>vinhu</i> (vinham), <i>difiçu</i> (difícil),

Silêncio - GIISe	<i>murava</i> (morava), <i>murô</i> (morou), <i>murá</i> (morar), <i>dubrava</i> (dobrava), <i>vurtei</i> (voltei), <i>ulhava</i> (olhava), <i>tumava</i> (tomava), <i>urelha</i> (orelha), <i>prumessa</i> (promessa), <i>rivista</i> (revista), <i>ivuluído</i> (evoluído), <i>ivangélicu</i> (evangélico)	<i>avú</i> (avô), <i>unde</i> (onde), <i>tuda</i> (toda), <i>murtu</i> (morto), <i>arroz</i> (arroz), <i>ispusa</i> (esposa), <i>tucu</i> (toco), <i>buca</i> (boca), <i>pulu</i> (pelo), <i>huje</i> (hoje), <i>fulha</i> (folha), às viz (às vezes)	SEM OCORRÊNCIA
Silêncio - GIISe	SEM OCORRÊNCIA	SEM OCORRÊNCIA	SEM OCORRÊNCIA

Fonte: Oliveira et al (2022).

Assim, a forma não marcada “foi” se atualiza como “fui” para satisfazer o alçamento vocálico praticado nas comunidades linguísticas investigadas.

DISCUSSÃO

Os resultados aqui apresentados por meio de imagens referentes a diferentes espaços da região Amazônica fortalecem a necessidade de se estudar a diversidade linguística nela presente. Com relação aos resultados de natureza lexical, cabe ressaltar que a comparação realizada apresenta duas conjecturas importantes a fazer. Primeiro, há diferença clara no uso de itens lexicais entre as comunidades tradicionais investigadas e as registradas nas capitais do Brasil. Em contrapartida, é preciso considerar que essa diferença pode ter sido acentuada pelo fato de se tratar de áreas bem distintas, capitais *versus* comunidades quilombolas. Assim, parece razoável aguardar a publicação dos resultados referentes a essa variação no Atlas Linguístico do Brasil, prevista para o volume 5 e 6, a fim de se implementar uma comparação mais refinada, no sentido de averi-

guar se espaços de natureza mais rurais ou "rurbanos"²⁹ apresentariam resultados mais aproximados, ou se a diferença será mantida.

Quanto aos resultados referentes à palatalização, é, no mínimo, curioso que as comunidades indígenas tenham apresentado valores tão aproximados aos encontrados nas capitais da região Norte. É comum se encontrar em comunidades indígenas sistemas linguísticos ricos em sons de traço palatal. É preciso implementar pesquisas para investigar com mais acuidade as características desses sistemas. É possível que, de alguma forma, a presença indígena tenha exercido algum tipo de pressão sobre a tão alta palatalização encontrada nessa região, especialmente em cidades como Belém, Macapá e Manaus, capitais que apresentam índices categóricos ou próximos do categórico para a palatalização de /l/. Encontrar evidências dessa pressão pode ser uma importante tarefa para os estudiosos do contato entre o português e línguas indígenas na Amazônia. Além disso, pode trazer luz a muitas questões ligadas ao português popular brasileiro. No mais, como dissemos, as áreas pesquisadas, rurais ou urbanas, têm impacto sobre o fenômeno, como indicam preliminarmente a pesquisa que estamos desenvolvendo a partir de dados de não capitais brasileiras.

Por fim, mas não menos importante, retomamos os resultados referentes à simplificação verbal em que temos uma espécie de interação entre morfossintaxe e fonética. Os resultados mostram que, na Amazônia, podem ser encontradas evidências do contato da língua portuguesa com línguas africanas, o que pode indicar a presença, na região, se não de crioulos, de transmissão linguística irregular, para usar as palavras de Lucchesi *et al.* (2009). Mas, é preciso dizer que as características das variedades encontradas nessas comunidades podem estar ligadas ao contato com línguas africanas, mas, também, ao contato com línguas indígenas amazônicas,

como ficou evidenciado nos resultados registrados em Oliveira *et al.* (2022), mencionados nesta revisão da literatura.

Posto isso, recomendamos que as pesquisas sobre a diversidade linguística na Amazônia, além de buscarem especificidades, investiguem o que pode ser resultado do contato de diferentes variedades e/ ou línguas nela presentes, destacando seu papel nessa diversidade, sob pena de silenciarmos e denegarmos as contribuições dessas comunidades à língua falada no Brasil.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O presente texto tratou da variação e diversidade linguística brasileira, explorando resultado de estudos referentes a capitais brasileiras e comunidades indígenas e afrodescendentes que se localizam na Amazônia. Foram apresentados resultados acerca da diversidade lexical, variação fonética e concordância verbal. Os resultados apontam semelhanças e diferenças entre os usos das comunidades tradicionais e das capitais brasileiras, bem como diferenças e semelhanças entre os usos das comunidades tradicionais investigadas no nível lexical, o que fortalece a argumentação de que esses povos tradicionais apresentam culturas distintas. Em relação à palatalização de /l/, pode-se afirmar que as comunidades indígenas usam mais a palatalização do que as comunidades quilombolas do Pará. Já as comunidades quilombolas localizadas no Pará usam mais palatalização do que as de Pernambuco. Quanto à redução do sistema verbal, os resultados apontam para uma clara interação entre morfossintaxe e fonética, o que sugere uma análise complexa do fenômeno identificado, sem esquecer de acionar a pressão dos contatos e migrações na região.

REFERÊNCIAS

BEZERRA NETO, J. M. **Escravidão no Grão-Pará**: séculos XVII-XIX. Belém: Paka-Tatu. 2012.

CARDOSO, S. A. M. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1**. v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

DIAS, M. P.; OLIVEIRA, M. B. de. Inflorescência terminal da bananeira em dois Atlas Linguísticos brasileiros: um estudo comparativo. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 5(2), 2019. <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i2.1642>. Acesso em 23 de maio de 2023.

GUEDES, R. J. da C. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos Estados do Pará e Maranhão**. 2017. 295 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. 2 v.

IBGE. **Base de Informações sobre os Povos Indígenas e Quilombolas**, 2019. Disponível em: https://geoftp.ibge.gov.br/organizacao_do_territorio/tipologias_do_territorio/base_de_informacoes_sobre_os_povos_indigenas_e_quilombolas/indigenas_e_quilombolas_2019/Notas_Tecnicas_Base_indigenas_e_quilombolas_20200520.pdf, 2020 Acesso em: 20 de julho de 2023.

IPHAN. **Guia de pesquisa e documentação**: patrimônio cultural e diversidade linguística. v. 1. Brasília-DF, 2016. Disponível em: http://portal.iphan.gov.br/uploads/publicacao/indl_guia_vol1.pdf. Acesso em: 11 jul. 2021.

LUCCHESI, D.; BAXTER, A.; RIBEIRO, I. (Org.). **O português afro-brasileiro**. Salvador: EDUFBA, 2009.

LUCCHESI, D. A periodização da história sociolinguística do Brasil. **DELTA: Documentação e Estudos em Linguística Teórica e Aplicada**, 33(2). Recuperado de <https://revistas.pucsp.br/index.php/delta/article/view/34369>. Acesso em: 20 de julho de 2023.

PETTER, M. As línguas africanas no Brasil. *In*: CARDOSO, S.; MOTA, J.; MATTOS E SILVA, R. V. (Org.). **Quinhentos anos de história linguística do Brasil**. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 2006. p. 117-141.

OLIVEIRA, M. B. de. **Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba-PA**. 2007. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

OLIVEIRA, M. B.; LIMA, A. F.; RAZKY, A. Palatalização de l diante de i no português brasileiro. **Revista Linguística (Online)**, v. 32, p. 63-72, 2016.

OLIVEIRA, M.; Dias, M. P. Mapeamento da palatalização de /l/ em comunidades quilombolas. In: SANTOS, L. I. S.; PHILIPPSEN, N. I (Org.). **Pesquisa Linguística na Amazônia Brasileira: descrição, ensino e formação docente**. Unicamp: Pontes, 2019. p. 151-170.

OLIVEIRA, M. B.; COSTA, C. S.; MAGNO, A. P. T.; PAZ, F. H. S. Voltando a Helvécia, Indo à Amazônia: eu foi, ele fui?. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 29-41, 2022. Doi: 10.5433/2237-4876.2022v25n1p29. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/45451>. Acesso em: 3 nov. 2023.

OLIVEIRA, M. B. **A palatalização de /l/ nas não capitais do Brasil**. Em preparação.

8

Marilucia de Oliveira

IMAGES PRÉLIMINAIRES DE LA DIVERSITÉ LINGUISTIQUE EN AMAZONIE BRÉSILIENNE

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.8

INTRODUCTION

L'Amazonie présente différentes diversités, c'est pourquoi on dit que nous n'avons pas une seule Amazonie, mais plusieurs. Dans cette région, on peut trouver une abondante diversité linguistique qui représente les différentes catégories linguistiques mentionnées dans l'Inventaire National de la Diversité Linguistique (INDL). Parmi les catégories enregistrées dans cette région se trouvent les variétés qui caractérisent les communautés afro-descendantes et indigènes, populations traditionnelles abondantes dans l'Amazonie. Les résultats qui seront affichés dans ce texte font référence aux variations et à la diversité linguistique enregistrées aux niveaux lexical, phonétique et morphologique. Au niveau lexical, nous présenterons les données des communautés quilombolas, en les comparant avec celles enregistrées dans l'Atlas Linguistique du Brésil (ALiB). Au niveau phonétique, nous afficherons des résultats liés à la palatalisation du /l/ en position pré-vocalique à partir de données du ALiB (Oliveira ; Lima ; Razky, 2016), soulignant des différences enregistrées dans les communautés afro-descendantes (Oliveira ; Dias, 2019) et dans les communautés autochtones (Guedes, 2017). Au niveau morphologique, nous allons décrire la concordance verbale, citée dans Oliveira *et al* (2022), reliant la simplification du paradigme verbal du Portugais Brésilien (PB) à l'action de facteurs de nature phonétique-phonologique, en mettant en évidence l'effet de ces trois derniers niveaux sur ce type de concordance verbale.

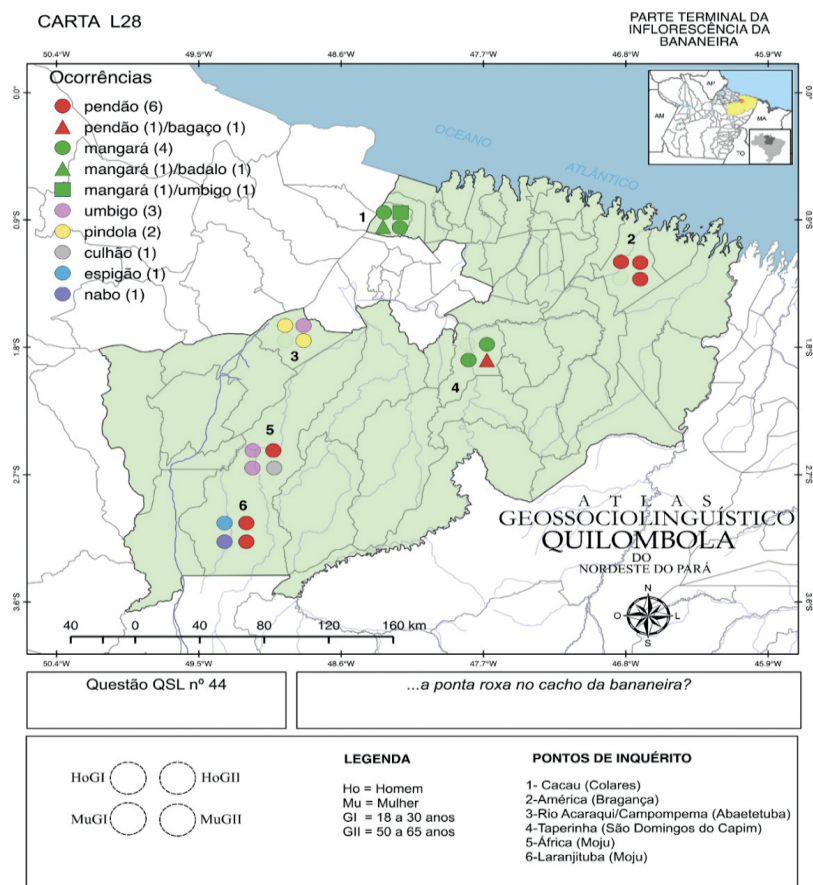
DIVERSITÉ ET VARIATION LINGUISTIQUE EN AMAZONIE

Nous commencerons cette section en affichant des images de nature lexicale. Les résultats proviennent des communautés afro-descendantes, situées au Nord-Est du Pará, cités dans Dias et Oliveira (2019), et dans l'Atlas linguistique du Brésil (Cardoso, 2014).

DIVERSITÉ LEXICALE

Vous trouverez ci-dessous la distribution diatopique de la diversité lexicale pour la « dénomination de la partie terminale de l'inflorescence du bananier », basée sur les recherches de Dias et Oliveira (2019).

Figure 1 - Dénomination de la partie terminale de l'inflorescence du bananier

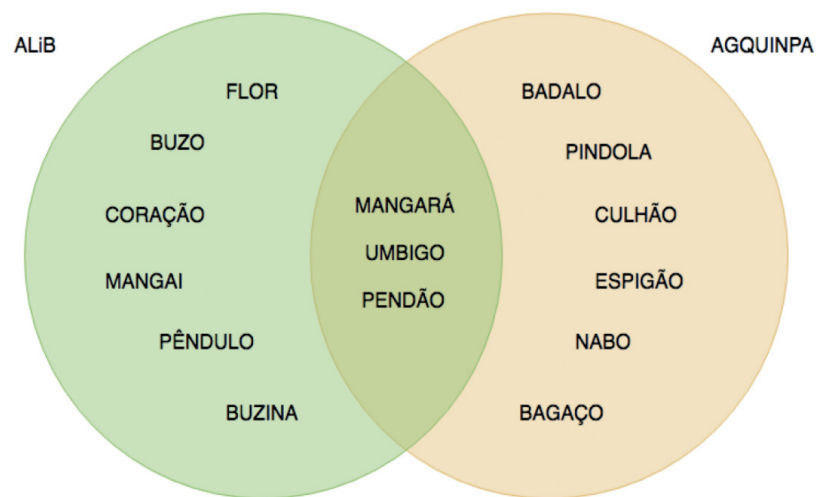


Source : Dias et Oliveira (2019).

La variante la plus courante est « pendão », mais elle n'est pas présente dans toutes les communautés étudiées. En revanche, c'est la seule variante qui se produit dans la communauté América. Si, d'une part, il existe des items lexicaux qui se produisent dans plusieurs communautés, il y a celles qui sont exclusives, c'est le cas de « culhão », « espigão » et « nabo ».

Oliveira et Dias (2019) présentent la répartition de la même variation lexicale pour les capitales du Brésil, à partir des données du volume 2 du Atlas Linguistique du Brésil (Cardoso, 2014). Les résultats sont affichés dans la figure 02 :

Figure 2 - Intersection entre les variantes du AGQUINPA³⁰ et du ALiB



Source : Dias et Oliveira (2019).

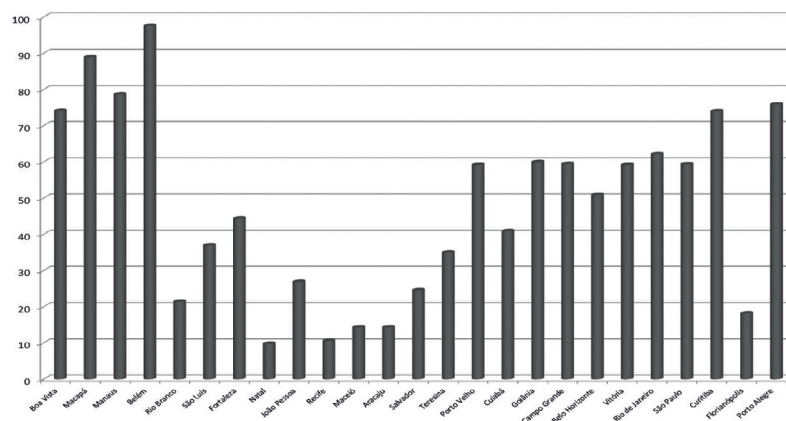
Les données montrent que les variantes présentes dans les deux atlas sont uniquement : « mangará », « umbigo » et « pendão », ce qui démontre que les communautés afro-descendantes étudiées utilisent des variantes également utilisées dans les capitales brésiliennes.

Les résultats soulignent, d'autre part, qu'il y a plus de différences que de similitudes entre ces usages, puisque le nombre de variantes qui correspondent à l'intersection est faible par rapport au nombre de variantes qui se trouvent dans la zone où il n'y a pas d'intersection.

VARIATION PHONÉTIQUE

Nous affichons les résultats de la palatalisation de /l/, enregistrés dans Oliveira, Lima et Razky (2016), sur la base de données provenant de 25 capitales brésiliennes.

Graphique 1 - Palatalisation de /l/ dans les capitales du Brésil

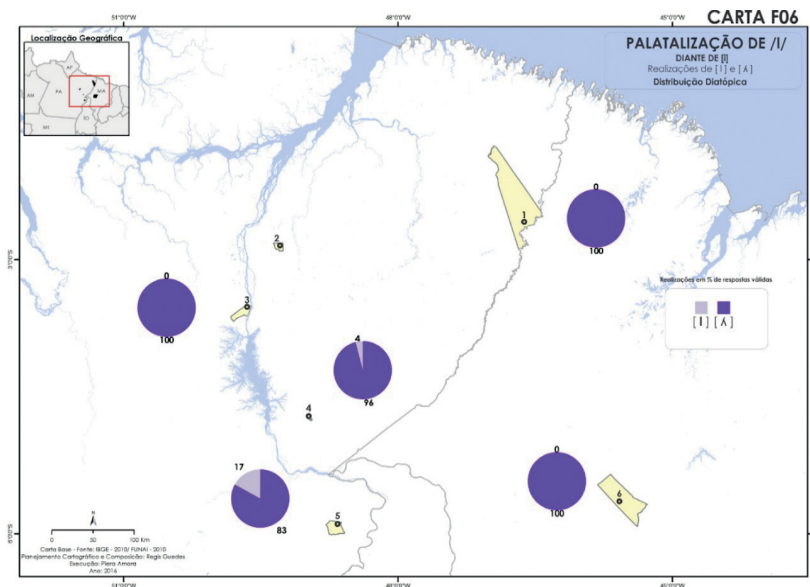


Source : Oliveira, Lima et Razky (2016).

Ces résultats montrent que les régions brésiliennes présentent des taux différents par rapport au phénomène. L'opposition la plus significative se trouve entre les états de la région amazonique (Boa Vista, Macapá, Manaus, Belém, Rio Branco, Porto Velho) et de la région du Nord-Est brésilien (Natal, Maceió, Aracaju, Recife, par exemple).

Il convient de souligner les résultats trouvés par Guedes (2017). L'auteur a étudié la palatalisation de /l/ dans cinq communautés indigènes, il a enregistré des taux élevés de palatalisation, comme le montre l'image suivante :

Figure 3 - Fréquence de palatalisation dans cinq communautés indigènes



Source : Guedes (2017).

Les résultats démontrent que les communautés autochtones étudiées ont une forte tendance à la palatalisation, ce qui peut être lié à leur système phonétique-phonologique, où il y a abondants sons de caractéristiques palatales. (Guedes, 2017, p.113-114).

SIMPLIFICATION DU PARADIGME VERBAL DANS DEUX COMMUNAUTÉS AFRO-DESCENDANTES

Sur la base des données collectées en 2017, Oliveira *et al* (2022) soulignent l'utilisation de la simplification verbale pour le verbe "aller" en Arapucu et Silêncio, communautés afro-descendantes situées dans la Basse Amazonie. Le tableau 1 montre le modèle standard du BP, ainsi que la simplification verbale citée dans Oliveira *et al* (2022).

Tableau 1 – Simplification verbale en Arapucu et Silêncio

Paradigme verbal du PB	Réduction du paradigme verbal en Arapucu et Silêncio
Eu fui	Eu fui
Tu foste	Tu fui
Ele foi	Ele fui
Nós fomos	Nós fui
A gente foi	A gente fui
Eles foram	Eles fui

Source : Oliveira et al (2022).

Les auteurs soulignent que cette variation a été retrouvée dans le discours des personnes âgées, notamment des femmes. Ils expliquent que, par l'action de facteurs phonétiques, « fui » remplace « foi » (non marqué) ; c'est-à-dire, « fui » résulte de l'élévation des voyelles moyennes dans les communautés étudiées. Pour démontrer ce qu'ils affirment, les auteurs présentent les résultats de l'enquête sur l'élévation des voyelles dans les communautés investiguées. L'élévation de voyelles moyennes se produit dans ces communautés, sans restriction de position, comme le montre le tableau présenté dans l'article dans lequel la recherche a été publiée.

Tableau 2 – Élévation vocalique dans des syllabes à accents différents

	Pretônica	Tônica	Postônica
Arapucu - GISe	<i>encustava</i> (encostava), <i>mudinha</i> (modinha), <i>bunito</i> (bonito), <i>murava</i> (morava), <i>muradô</i> (morador),	<i>issis</i> (esses), <i>tuda</i> (todas), <i>fugu</i> (fogo)	<i>tavu</i> (estávamos),
Arapucu - GISe	<i>acuntecia</i> (acontecia), <i>mulhadu</i> (molhado), <i>ulhando</i> (olhando), <i>dubei</i> (dobrei), <i>chucô</i> (chocou), <i>afogado</i> (afogado), <i>murava</i> (morava), <i>subrado</i> (sobrado), <i>cunfiança</i> (confiança),	<i>butu</i> (boto), <i>nuvu</i> (novo), <i>canua</i> (canoa), <i>agustu</i> (agosto),	<i>tinhu</i> (tinham), <i>vinhu</i> (vinham), <i>difíçu</i> (difícil),
Silêncio - GISe	<i>murava</i> (morava), <i>murô</i> (morou), <i>murá</i> (morar), <i>dubrava</i> (dabrava), <i>vurtei</i> (voltei), <i>ulhava</i> (olhava), <i>tumava</i> (tomava), <i>urelha</i> (orelha), <i>prumessa</i> (promessa), <i>rivista</i> (revista), <i>ivuluído</i> (evoluído), <i>ivangélicu</i> (evangélico)	<i>avú</i> (avô), <i>unde</i> (onde), <i>tuda</i> (toda), <i>murtu</i> (morto), <i>arroz</i> (arroz), <i>isposa</i> (esposa), <i>tucu</i> (toco), <i>buca</i> (boca), <i>pulu</i> (pelo), <i>hujé</i> (hoje), <i>fulha</i> (folha), <i>às viz</i> (às vezes)	SEM OCORRÊNCIA
Silêncio - GISe	SEM OCORRÊNCIA	SEM OCORRÊNCIA	SEM OCORRÊNCIA

Source : Oliveira et al (2022).

Les auteurs concluent que la forme non marquée « foi » est mise à jour en « fui » pour satisfaire à l'élévation des voyelles pratiquée dans les communautés linguistiques étudiées.

CONCLUSION

Ce texte a abordé la variation et la diversité linguistique brésilienne, explorant des résultats enregistrés aux capitales brésiliennes et aux communautés indigènes et afro-descendantes situées en Amazonie. Les résultats affichés concernent la diversité lexicale, la palatalisation de /l/ et la concordance verbale. Les résultats mettent

en évidence des similitudes et des différences entre les usages des communautés traditionnelles et des capitales brésiliennes, ainsi que des différences et des similitudes entre les usages des communautés traditionnelles étudiées au niveau lexical, ce qui renforce l'argument selon lequel ces peuples traditionnels ont des cultures distinctes.

En ce qui concerne la palatalisation de /l/, on peut affirmer qu'elle est hautement productive dans les capitales amazoniennes et entre les communautés autochtones situées dans cette région. Concernant la réduction du système verbal, les résultats soulignent une interaction entre le niveau morphologique et le niveau phonétique, ce qui suggère une analyse complexe du phénomène identifié, sans oublier de prendre en compte la pression des contacts et des migrations dans la région.

RÉFÉRENCES

CARDOSO, S. A. M. *et al.* **Atlas Linguístico do Brasil. Cartas linguísticas 1.** v. 2. Londrina: EDUEL, 2014.

DIAS, M. P.; OLIVEIRA, M. B. de. Inflorescência terminal da bananeira em dois Atlas Linguísticos brasileiros: um estudo comparativo. **RELACult - Revista Latino-Americana De Estudos Em Cultura E Sociedade**, 5(2). Página inicial e final, 2019. <https://doi.org/10.23899/relacult.v5i2.1642>. Acesso em 23 de maio de 2023.

GUÉDES, R. J. da C. **Perfil geossociolinguístico do português em contato com línguas Tupí-Guaraní em áreas indígenas dos Estados do Pará e Maranhão.** 2017. 295 f. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – Universidade Federal do Pará, Belém, 2017. 2 v.

OLIVEIRA, M. B. de. **Palatalização da lateral alveolar /l/ em posição prevocálica em Itaituba-PA.** 2007. 230 f. Tese (Doutorado em Linguística). Universidade Federal de Alagoas, Maceió, 2007.

OLIVEIRA, M. B.; LIMA, A. F.; RAZKY, A. Palatalização de l diante de i no português brasileiro. **Revista Linguística (Online)**, v. 32, p. 63-72, 2016.

OLIVEIRA, M.; Dias, M. P. Mapeamento da palatalização de /l/ em comunidades quilombolas. *In*: SANTOS, L. I. S.; PHILIPPSEN, N. I (Org.). **Pesquisa Linguística na Amazônia Brasileira: descrição, ensino e formação docente**. Unicamp: Pontes, 2019. p. 151-170.

OLIVEIRA, M. B.; COSTA, C. S.; MAGNO, A. P. T.; PAZ, F. H. S. Voltando a Helvécia, Indo à Amazônia: eu foi, ele fui?. **Signum: Estudos da Linguagem**, [S. l.], v. 25, n. 1, p. 29–41, 2022. Doi: 10.5433/2237-4876.2022v25n1p29. Disponível em: <https://ojs.uel.br/revistas/uel/index.php/signum/article/view/45451>. Acesso em: 3 nov. 2023.

OLIVEIRA. M. B. **A palatalização de /l/ nas não capitais do Brasil**. Em preparação.

9

Gildaris Pandim

LES COLLOCATIONS AVEC LE VERBE « DONNER » EN PORTUGAIS

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.9

RESUMÉ

Les collocations, l'un des types d'unités phraséologiques, sont fonctionnelles dans une langue et contribuent fortement à la transmission d'un message. Formées notamment avec les verbes de haute fréquence, comme le verbe-support « donner », objet d'analyse de cette recherche, le recours à cette construction sémantico-syntaxique dans le discours traduit une bonne maîtrise de la langue de la part du locuteur. Son usage révèle **également** la connaissance des codes culturels et sociaux inhérents à une société. En effectuant des recherches à partir du corpus Africa, certains des phrasèmes repérés avec le verbe « donner » révèlent des aspects linguistiques et extralinguistiques spécifiques aux variétés du portugais parlé dans les pays africains de langue officielle portugaise. Partant du principe que les langues reflètent les éléments du monde à partir d'un prisme culturel, le but consiste à décrire et analyser ces constructions, sachant que la plupart d'entre elles sont absentes dans les ressources dictionnaristiques en portugais.

Mots Clés : Phraséologie ; portugais ; Afrique ; donner.

INTRODUCTION

Les structures avec les verbes-supports « faire, donner, avoir, mettre ou prendre » sont fréquentes dans la langue portugaise. Ces phrasèmes font partie du patrimoine linguistico-culturel de la langue portugaise. En consultant le verbe « donner » dans sa forme infinitive sur le corpus Africa, il apparaît 1,345 fois dans 524 textes différents, soit une fréquence de 373,9 exemples pour un million de mots. On se pose les questions suivantes : comment ces collocations sont-elles utilisées sur le corpus Africa ; apparaissent-elles dans le Corpus du portugais, composé en grande partie de textes rédigés en portugais dans la norme brésilienne et norme européenne ; y aurait-il des registres de ces collocations dans les ressources dictionnairistiques ?

Nombreuses sont les collocations repérées sur le corpus d'étude qui partagent le sens commun du portugais brésilien ou de l'europpéen, comme « dar conta » (se rendre compte), « dar continuidade » (continuer), « dar apoio » (aider, apporter un soutien), « dar entrada » (soumettre, déposer), « dar razão » (donner raison), « dar prioridade » (prioriser), « dar guarida » (abriter, accueillir, cacher), « dar ouvidos » (écouter, être à l'écoute) et « dar cabo » (achever, abandonner).

Cela ne se passe pas avec d'autres collocations trouvées, comme « dar sete passadas » (faire sept pas, dans un sens folklorique, mystique), « dar dores » (avoir des contractions dues à l'accouchement), « dar maka » (provoquer des conflits), « dar fala » (discuter ou saluer), « dar bofa » (frapper), « dar chamboco » (frapper avec un bâton), « dar terra » (enterrer quelqu'un), « dar de querena » (s'enivrer, rendre ivre) et « dar uma gata » (s'enivrer, être ivre).

Ainsi, ce travail vise à étudier les collocations, l'un des types de phrasème. Leur degré de fixation est variable : elles permettent notamment la flexion verbale. Pour ce faire, on fait appel à des

recherches menées en sociolinguistique, en phraséologie mais aussi en linguistique de corpus, car la discipline dispose aujourd’hui d’outils pour procéder à l’identification, au repérage, à la catégorisation et au traitement des unités phraséologiques.

En raison de leur basse fréquence dans les corpus, le traitement informatique des phrasèmes suscite encore, néanmoins, des questionnements d’ordre pratique et théorique (Colson, 2016). Des outils d’exploration de corpus ont été développés pour la langue française, comme le Lexicoscope (version 2.0) qui permet l’exploration de profils combinatoires de mots ou d’expressions, en se basant sur les dépendances syntaxiques (université Grenoble Alpes).

Dans ce sens, se pose également la question de la représentativité du corpus à partir duquel ces phrasèmes seront repérés, car « construire un corpus représentatif dépend étroitement des phénomènes que l’on souhaite observer » (Sorba, 2022, p. 141). Les corpus mis en ligne et à disposition des usagers en portugais ne sont pas très fréquents, notamment en ce qui concerne le portugais parlé dans les Pays africains de langue portugaise (PALOP).

Le corpus Africa disponible depuis 2019 sur la plateforme CQPweb est un important outil linguistique dans le domaine du portugais parlé dans les PALOP qui permet la réalisation d’études contrastives. Corpus comparable regroupant les cinq variétés du portugais, utilisées en Angola, au Cap-Vert, en Guinée-Bissau, au Mozambique et en Saint-Tomé et Príncipe, il met à disposition des utilisateurs des textes oraux et écrits de divers genres, extraits de journaux, de livres littéraires, d’entretiens, entre autres sources.

Cette recherche a pour objectif principal d’identifier, de repérer et de décrire, dans une perspective synchronique, les collocations formées à partir du verbe « donner » en portugais, repérées sur le corpus Africa. Pour cela, la méthodologie de travail se résume à (a) élaborer une liste des collocations formées avec le verbe « donner » dans toutes ses formes verbales ; (b) supprimer les collocations qui

partagent un sens commun par rapport au portugais dans sa variante brésilienne ou portugaise, à l'aide de corpus d'exclusion comme des dictionnaires et le « Corpus do português » ; (c) répertorier les fréquences et les contextes d'usage des collocations choisies ; (d) procéder à une analyse de ces collocations, afin d'expliquer comment, en plus du paramètre géographique, leur usage relève de paramètres sociaux, puisque les variations ne sont pas que linguistiques.

L'APPORT THÉORICO-MÉTHODOLOGIQUE

L'OBJET D'ÉTUDE : LES PHRASÈMES

Partant d'un simple exercice d'observation des unités phraséologiques, on s'aperçoit qu'il s'agit d'une combinaison de mots plus ou moins fixe, et donc qu'il y a un degré de figement à prendre en compte. « Dar nome aos bois » (dénoncer quelqu'un), par exemple, est une expression considérée comme figée, car ses variations syntaxiques n'auraient pas de sens dans la langue portugaise : « dar um bom nome aos bois », « dar nome aos devidos bois ». D'autre part, « tomar a decisão de » (prendre la décision de), ne connaît pas le même degré de figement, car l'on peut dire également « tomar uma decisão » (prendre une décision), « tomar a boa decisão » (prendre la bonne décision), « tomar a decisão correta » (prendre la décision correcte), « tomar a decisão final » (prendre la décision finale), mais il ne s'agit pas non plus d'une combinaison libre de mots comme « vestir uma camiseta verde » (porter un t-shirt vert).

La phraséologie de la langue générale englobe l'étude des unités caractérisées par leur complexité : les proverbes, les dictons, les expressions idiomatiques, les collocations et les locutions, qui se regroupent sous le même hyperonyme, bien que leur valeur

sémantique permette la formation de structures syntaxiques différentes. Comme n'importe quel mot dans la langue courante, certaines de ces unités peuvent d'ailleurs être comprises dans un sens littéral ou figuré. Par exemple, le proverbe « uma galinha de poupa dá outras galinhas de poupa » (corpus Africa) dont le sens littéral en portugais est « une poule à huppe donne naissance à d'autres poules à huppe », remet à l'idée que l'on suit nos chemins de vie selon les modèles transmis par nos ancêtres.

Présents également dans les textes de spécialité, les phrasèmes spécialisés constituent des objets d'étude en terminologie. Dans le domaine juridique, le corpus composés de contrats de prestation de services présente par exemple : « presente contrato », « execução dos serviços prestados » ou encore « infringir a cláusula » (Pandim, 2014). Aussi bien dans la langue générale que dans celle spécialisée, la structure de ces unités est diversifiée.

González Rey (2021) soutient que les phrasèmes constituent les constructions les plus aptes à décrire les situations les plus complexes d'un point de vue aussi bien dénotatif que connotatif. Toutefois, la définition de phraséologie suscite encore des débats (Cavalla ; Sorba, 2017 ; Colson, 2022 ; Mel'čuk, 2013), notamment en ce qui concerne la notion de figement. Partant d'une approche lexicologique de la phraséologie, Gross (*apud* Gonzalez Rey, 2021), indique qu'il y aurait quatre situations possibles en rapport avec le degré de figement des compléments dans les locutions verbales :

- l'élément bloqué peut être en position de complément direct sans complément second (« tomar uma decisão ») ;
- le premier complément est bloqué tandis que le second est libre (« esticar uma bofa em alguém ») ;
- le premier complément est libre et le second figé (« levar alguém ou algo a sério ») ;
- les deux compléments sont figés (« separar o joio do trigo »).

Dans cette perspective, seraient fréquentes les constructions du type (i) verbe + préposition ; (ii) pronom + verbe + préposition + nom ; (iii) verbe + adjectif, entre autres constructions. Toutefois, la notion de compositionnalité peut être comprise de manière différente par d'autres chercheurs. En effet, Vieira (2014) na literatura linguística, referências a expressões idiomáticas que revelam algumas inconsistências ou considerações superficiais sobre o tópico. Devido ao grande interesse em idiomatismos, essa situação vem mudando, porém, em alguns casos, as referências não só ainda mantêm um tratamento inadequado do tópico, mas também consideram toda unidade multivocabular como idiomática. Também as construções com verbo suporte são tratadas assim. Embora construções com verbo suporte exibam esquematização e, em um número significativo de casos, significado figurado, elas também exibem um alto grau de variação formal e semântica que é importante considerar quando se lida com a idiomatidade imputada a algumas instâncias de tais construções. Há construções intermediárias e híbridas no continuum formas procedurais – formas lexicais e também construções com verbo suporte não-lexicalizadas (bastante produtivas entend que si l'idiomaticité entretient un rapport avec l'irrégularité et l'imprévisibilité lexicale, morphosyntaxique et sémantico-pragmatique, les phrasèmes se situent dans le continuum entre le lexique et la grammaire.

Sorba (2022) propose ainsi de dépasser le cadre lexicologique de traitement de la phraséologie, car selon la chercheuse, cette approche est désormais considérée comme incomplète. À l'instar de Mel'čuk (2013), elle garde le terme de figement non pas pour caractériser et identifier ces unités par rapport à d'autres lexies de la langue, mais surtout pour faire référence au continuum, à leur degré de figement.

Ainsi, « le critère sémantique ne suffit pas à identifier un fait lexical relevant du figement : c'est l'absence de libre actualisation de chaque élément lexical qui est déterminante » (Gross, 1996 *apud* Sorba, 2022, p. 27). Un phrasème se caractérise par sa particularité

de ne pas être construit selon les règles générales de la langue. « Un phrasème ne peut pas être librement construit par le locuteur : il doit donc être stocké dans sa mémoire » (Mel'čuk, 2013). De ce fait, suivant les propos de Sorba (2022), on considère que les collocations étudiées dans le cadre de cette recherche présentent des degrés de fixation variables, allant du plus figé au moins figé, en fonction des constructions linguistiques.

LE CORPUS D'ÉTUDE : LE CORPUS AFRICA

Le corpus Africa dispose d'un total de 3,597,231 mots et 3,082 textes de différents genres, dont 19% est composé de textes littéraires, 52% de textes journalistiques et 25% de textes variés. Composé de cinq corpus oraux et écrits des cinq variétés africaines du portugais comparables entre eux, chacun de ces corpus dispose de 640,000 mots et recueille des textes produits à partir des années 2000. Même si la langue écrite représente la majorité des productions choisies pour composer le corpus Africa (de l'ordre de 96%), les 4% restants dédiés à la langue orale concernent essentiellement le discours informel.

Image 1 - Interface du corpus Africa - recherche avancée

Select the text-type restrictions for your query:		
Country	Modality	Text type
<input type="checkbox"/> Angola <input type="checkbox"/> Cabo_Verde <input type="checkbox"/> Guine_Bissau <input type="checkbox"/> Mocambique <input type="checkbox"/> Portugal <input type="checkbox"/> Sao_Tome_e_Principe	<input type="checkbox"/> Escrito <input type="checkbox"/> Oral	<input type="checkbox"/> Correspondencia <input type="checkbox"/> Direito <input type="checkbox"/> Jornal <input type="checkbox"/> Livro_literario <input type="checkbox"/> Livro_tecnico <input type="checkbox"/> Oral <input type="checkbox"/> Politica <input type="checkbox"/> Revista <input type="checkbox"/> Varia

Source : Corpus Africa sur CPQweb.

Il offre aux usagers la possibilité d'analyser les mots en contexte afin d'effectuer des recherches à propos de leurs valeurs sémantiques, registres de langue ou bien leurs valeurs sociolinguistiques. Outil important aussi pour l'élaboration de produits lexicographiques, il permet dans l'onglet « recherche avancée » de choisir le type de sous-corpus, en fonction du pays que l'on veut cibler. Il est également possible de choisir la modalité de corpus, écrit ou oral ainsi que de faire le choix entre les typologies textuelles.

Lorsque l'on aborde la question du corpus et l'étude des phraséologies, il convient de considérer le genre textuel des textes qui composent le corpus d'étude. « Comme toutes les pratiques sociales, les genres sont des pratiques normées, cognitivement et socialement indispensables » (Sorba, 2022, p. 109). Il est indéniable le lien étroit entre les évolutions d'une société et les productions de genre textuel. On a vu surgir ces dernières décennies, par exemple, grâce aux réseaux sociaux, différentes formes de communication, avec l'apparition des publications ou des mèmes, concept en texte, image ou vidéo massivement repris, décliné et détourné sur Internet de manière souvent parodique (Larousse, 2010).

Dans ce sens, dans le processus d'articulation entre les formes linguistiques et les fonctionnements sociaux, les genres textuels contribuent aux interactions socio-discursives dans une langue. Rastier (2002) soutient que :

[...] l'étude des corpus montre que le lexique, la morphosyntaxe, la manière dont se posent les problèmes sémantiques de l'ambiguïté et de l'implicite, tout cela varie avec les genres, les champs génériques et les discours. [L'auteur ajoute encore que] pour parvenir à des traitements automatiques spécifiques et efficaces de corpus et adapter les stratégies applicatives, il convient de spécifier les fonctionnements propres aux différents discours, champs génériques et genres textuels (Rastier, 2002).

Tout texte est écrit dans un genre et au sein d'un discours, et cela varie en fonction des contraintes sociolinguistiques de registre de langue. Ces registres sont classés comme :

- familial :
 - « dar abuso » (se fier à quelqu'un) : « Mas não lrigues muito a esta mulher. Não lhe dês abuso. A Nina riu -se : - Abuso ? Que espécie de abuso havia eu de lhe dar ? »
 - « dar atrevimento » (accepter ou permettre la courtoisie de quelqu'un ou se fier à quelqu'un) : « A mulher ficou furiosa, desafiou a segunda para guerra e cobriu-a de nomes indecentes e bofetadas. Dura disse que assim é que se dava atrevimento a esses homens ».
 - « dar bofa » (frapper quelqu'un) : « Porra, se fosse minha dama, lhe dava bofa mesmo, não admitia se meter assim com a minha família, mesmo casados já e tudo ».
- soutenu :
 - « dar cumprimento » (accomplir) : « O segundo caso, a administração municipal obste à realização de inquérito ou sindicância às suas actividades, ou se recuse reiteradamente a dar cumprimento às decisões definitivas dos tribunais ».
 - « dar vazão » (faire avancer, donner lieu) : « Tomar medidas institucionais com vista a se dar vazão, em tempo útil, aos litígios laborais, garantindo a necessária equidade no acesso e a celeridade da justiça laboral ».
 - « dar seguimento » (continuer, donner suite) : « Se houve um início de golpe de Estado que depois abortou, dando lugar à renúncia, porque não se baseou na Constituição, para dar seguimento aos parâmetros legais neste caso ».

- courant :
 - « dar aula » (donner des cours) : « Possivelmente quem pretende formar em biologia vai ter que leccionar, dar aulas ».
 - « dar dores » (avoir des contractions de travail) : « (...) porque a parturiente terá de dar dores, acho que, de, de ter contracções - a Isabel já deve ter lido isso ».
 - « dar azo » (provoquer, causer) : « Isso pode dar azo ao divórcio porque ela não vai ela não vai viver com um marido que os familiares dele marginalizam -na ! » (exemples extraits du corpus Africa).

Le but dans cette recherche consiste à observer le comportement linguistique des collocations à partir de textes formatés en corpus. Pourquoi se pose donc la question du genre textuel ? Or, ces unités se caractérisent par leur caractère d'énoncés non libres, c'est-à-dire des phrasèmes lexicaux qui sont contraints par rapport au sens, et donc « [...] appartiennent bien au système de la langue, en tant que groupements usuels, syntaxiquement et sémantiquement contraints, mais leur développement change avec l'usage » (Dubreil, 2008). Le genre textuel déterminant la façon dont on parle, les expressions auxquelles on fait appel ou le registre de langue, il convient d'y prêter attention dans une recherche dans le domaine de la phraséologie.

LES RÉSULTATS : LES COLLOCATIONS AVEC LE VERBE-SUPPORT « DAR »

On constate une fréquence importante des collocations avec les verbes-support faire, donner, avoir, mettre ou prendre dans le corpus Africa. En recherchant la forme *dar**, par exemple, elle apparaît 1,649 fois dans 590 textes différents (fréquence de 458,41 exemples pour un million de mots).

Image 2 - Liste de fréquences avec la forme débutant par « dar* »

Frequency list: *Word frequencies in entire "Corpus Africa (CRPC subset)", starting with "dar"*

No.	Word	Frequency
1	dar	1,345
2	dará	51
3	daria	36
4	darem	30
5	darfur	17
6	darão	10
7	darei	10
8	darmos	10
9	daremos	9
10	darfour	7
11	dariam	7
12	dar-cl-á	5
13	darespectiva	5
14	dariene	5
15	dar-cl-ei	4

Source : *Corpus Africa sur CPQweb.*

On constate que la forme du verbe à l'infinifit présente une fréquence plus importante (77,32% par rapport aux autres formes), suivie du futur de l'indicatif et du conditionnel. Voici quelques exemples :

Tableau 1 - Exemples de phrasèmes avec « dar » extraits du corpus Africa

	Phrasème en portugais	Équivalent en français	Contexte corpus Africa
(1)	dar à luz	donner naissance à	Vou à machamba comunicar à minha mãe que o meu pai acabou de dar à luz !
(2)	dar assentimento	donner son consentement	Dar assentimento à ausência do Presidente da República do território nacional.
(3)	dar conta de	s'apercevoir	Ainda mais porque o homem e a mulher que vivem o tumulto de uma separação não têm equilíbrio e disponibilidade suficientes para dar conta do que as crianças estão sentindo.

	Phrasème en portugais	Équivalent en français	Contexte corpus Africa
(4)	dar continuidade	donner suite	(...) poderemos ser levados a pensar que o P. António Castanheira Nunes tivesse tomado o encargo de dar continuidade à iniciativa do conhecido cidadão brasílico-angolense (...).
(5)	dar entrada	commencer, soumettre	Vou já engolir esta de ter de sentar à mesa para tirar dúvidas com o cambomborinho que acaba de dar entrada ao sistema de ensino (...).
(6)	dar fé	donner la foi	Na guisa que desce da ladeira alguém chora constantemente : - Ah, meu irmãozinho ! A mulher passa pelos que vieram dar fé e lança :- Oh Deus !
(7)	dar lugar	donner lieu	(...) para dar lugar a uma situação em que a corrupção é literalmente praticada à luz do dia (...).
(8)	dar lustro	rendre illustre	(...) a ministra Ondina é a ninfa superior que veio do Olimpo para dar lustro a este Governo e vai ver que daqui a pouco você será nomeado director-geral de qualquer coisa.
(9)	dar o pontapé de saída	démarrer	(...) falta de meios financeiros para dar o pontapé de saída da prova máxima do futebol nacional da época 2003 / 2004.
(10)	dar palpites	s'immiscer, se mêler	(...) é feito com a balofa e bochechuda desfaçatez de quem se julga um iluminado para dar palpites sobre processos históricos que obviamente o ultrapassam.
(11)	dar um cheirinho	donner un avant-goût	Temos, por exemplo – só para dar um cheirinho aos curiosos (...).
(12)	dar um jeito	trouver une solution	É tão somente a oportunidade de se dar um jeito a isso.

	Phrasème en portugais	Équivalent en français	Contexte corpus Africa
(13)	dar uma saltada	faire un saut	Imaginava motivos para dar uma saltada até à vila.
(14)	dar sequência	donner suite	Vamos tratar do domínio da reforma do Estado na defesa e segurança, vamos dar sequência às acções (...)

Source : Corpus Africa sur CPQweb.

Mis à part les données quantitatives, une discussion s'avère importante dans le traitement et dans l'analyse des collocations formées à partir du verbe « donner » en portugais. En effet, à l'instar de Sorba (2022, p. 45), on considère que « donner » n'est pas un verbe- support complètement vide de sens (Gross, 1998) quand il forme des collocations, puisqu'il conserve en partie ses traits sémantiques inhérents.

Dans une étude menée à propos des verbes à haute fréquence « prendre » et « donner » dans une perspective diachronique (Cavalla ; Sorba, 2017, 2018), les chercheuses proposent d'analyser les traits sémantiques inhérents de chacune des collocations avec ces verbes dans le but de vérifier si le noyau sémantique du verbe s'altère ou non en fonction de ses associations avec les différents noms.

Partant du principe que « la collocation est une cooccurrence de deux constituants linguistiques entretenant une relation sémantique et syntaxique privilégiée » et que le verbe « donner » est un verbe à haute fréquence servant à former un grand nombre de phrasèmes (Cavalla ; Sorba, 2018), les chercheuses mènent leur étude afin d'observer les associations des collocations qui ont motivé un nouveau sens. Le verbe donner « véhicule l'idée d'un mouvement vers autrui qui établit un lien visant à transmettre un objet, concret ou abstrait » (Cavalla ; Sorba, 2018).

De ce fait, en se penchant sur les collocations formées à partir du verbe donner en portugais, on s'aperçoit que ce collocatif, lorsqu'il est associé à la base « cheiro » (odeur), le trait sémantique /émanation/ peut être perçu dans un sens concret (« cheiro de queimado » (odeur de brûlé), néanmoins, s'il s'associe à « vitória » (victoire), dans « cheiro de vitória » (odeur de la victoire), il le sera dans un sens abstrait ; on peut avoir également la collocation « dar um cheiro » qui signifie en portugais brésilien « embrasser, faire un câlin » (/interaction/).

Si le nom est au diminutif, « dar um cheirinho » - comme dans l'exemple (11) du tableau ci-dessus, un nouveau sens est attribué à cette collocation (donner un avant-goût), comme on constate dans cet exemple : « As muitas imagens da aplicação ajudam a dar um cheirinho do que se pode encontrar naquela que para muitos é a melhor região de praias do país e uma alternativa de peso ao concorrido Algarve » (extrait du Corpus do português - source portugais européen).

Le but de cette recherche consiste (donc) aussi à observer comment ces combinaisons donnent lieu à de nouveaux sens en portugais, caractéristiques des variantes des PALOP.

DISCUSSION

Parmi les 98 phrasèmes repérés initialement, 50 d'entre eux se présentent avec la forme à l'infinitif du verbe. Même si l'on retrouve des formes flexionnées au présent de l'indicatif, au passé (« pretérito perfeito simples », en portugais), et au subjonctif (« subjuntivo presente, imperfeito e futuro », en portugais), les plus fréquentes sont celles à la troisième personne au singulier du passé. Des 98 constructions initialement repérées, 48 ne figurent pas sur le Corpus du Portugais³¹, utilisé comme corpus d'exclusion.

31

Corpus do português [consulté le 5 mai 2023]. <<https://www.corpusdoportugues.org/>>

La plupart des collocations choisies apparaissent dans des textes littéraires (aux alentours de 60%) suivis de textes journalistiques. Afin de faire une analyse de ces collocations dans la discussion de ce travail, nous avons choisi les suivantes : (i) « dar fala (a alguém) », « dar uma fala (a alguém) », « dar uma falinha (a alguém) », utilisées au Cap-Vert ; (ii) « dar bofa » et « dar chamboco », utilisées respectivement en Angola et au Mozambique ; (iii) « dar bacela », utilisée au Mozambique.

« Dar uma fala », « dar fala », « dar uma falinha »

« Fala » en portugais est un nom qui désigne (1) l'acte de parler ; (2) la capacité de l'être humain de s'exprimer et de communiquer avec des mots ; (3) le langage oral ; (4) l'allocution, le discours ; (5) le timbre ou le ton de voix ; (6) une manière spéciale ou une caractéristique spécifique de parler ; (7) le mot, le vocable ; (8) le discours fait en public ; (9) une partie d'un dialogue parlé par un interlocuteur ; (9) l'émission de certains sons par certains animaux ; (10) en linguistique, la variété linguistique d'une région ou d'une communauté ; (11) en linguistique, la réalisation concrète et individualisée de la langue (la parole) (Porto Editora, en ligne). Les exemples sont nombreux sur le corpus Africa :

- (1) O semblante tornou-se pesado, a fala titubeante e a convicção foi morar para outro lado.
- (2) Mas à diferença da fala oral, que admite rupturas, espontaneidades, hesitações (...)
- (3) Mucase, como é carinhosamente tratado, é pessoa de pouca fala, mas determinado e abnegado naquilo que faz.
- (4) Até que um dia voltasse a S. Nicolau, para mais tarde doutrinar os moços na sua fala sentenciosa de velho.
- (5) Malongo ainda ouviu a fala dele vinda do quintal : - Esse colono vai pagar, tio.

- (6) E começou a falar, através do microfone dissimulado na camisa, colando a cadência da fala à do batuque, esta é a Igreja de Dominus (...).
- (7) Por instantes, por entre arrepios, Jambrós investiu-se de poderes especiais (sabe a divina providência como, ou, talvez, porque acredita na ressurreição dos corpos e dos gestos que se esgotam no convívio) e imaginou ter restituído fala e força anímica ao « Papai », a quem prometeu - imagine -se ! (Corpus Africa, 2019)

La polysémie du mot en portugais est retrouvée également dans la langue cap-verdienne, un phénomène qui ne peut pas être négligé dans cette étude, car les variétés du portugais africain se développent dans un contexte multilingue, où le contact linguistique est un facteur extralinguistique de taille. « L'être humain dans ses pratiques sociales, imprime ainsi sa marque sur l'espace, qui est à la fois produit par l'histoire et transformée par elle » (Calvet, 2016).

Dans l'usage courant, « fala » en cap-verdien désigne une discussion, une conversation (« N ouvi un fala », dans la variété de l'île de São Vicente - j'ai entendu une conversation), mais peut désigner aussi une conversation sérieuse, lorsque cela est utilisé avec le verbe donner : « N mestê dop un fala » - j'ai besoin de te parler (sérieusement). En effet, dans ce sens il s'agit d'un sujet spécifique à traiter avec quelqu'un. Sans l'article indéfini, « cond bo somá pa li, da fala » (si tu passes par-là, viens me dire bonjour) remet à une salutation. Lorsque l'on va juste saluer quelqu'un qui passe, l'on peut dire « N ta ba dop un falinha » (je passerai te voir/parler/saluer vite fait) - dans ce cas, la lexie « fala » est utilisée au diminutif.

À l'instar d'autres langues qui ont subi des évolutions successives, le portugais dans la réalité cap-verdienne s'enferme encore dans un emballage doré, car il s'agit de la seule langue officielle, langue seconde, établissant le lien avec d'autres communautés, notamment avec les pays de la CPLP, et contribue au processus de

l'organisation sociale, concrétisant l'apprentissage de connaissances spécialisées. Sa place se diffère de celle de la langue maternelle qui singularise et marque l'identité sociale, en renforçant la personnalité culturelle (Pandim, 2020, p. 1092).

L'environnement de mixité linguistique favorise les changements linguistiques qui s'opèrent dans l'usage quotidien de la langue portugaise, et ce même dans les écrits caractérisés par leur degré plus important de formalité, comme les textes littéraires ou journalistiques. Ainsi, on aperçoit dans les exemples ci-dessous que les collocations « dar fala », « dar uma fala » et « dar uma falinha » traduisent des spécificités de l'usage de la variante du portugais dans le contexte cap-verdien :

- (8) - Compadre não liga. Minha vida é este quintal. Quem me quer ver conhece a minha porta. Sam Maguita dando conta daquela presença aproxima um banco que oferece ao visitante dizendo, entretanto : - Só há saudação para Mé Suba. Eu já não conto!
- Comadre não fala assim - replica o velhote - Eu estava só a acabar de zangar com compadre e depois ia dar fala à comadre.
- Também não faz mal. Árvore sem folha já não dá sombra (Corpus Africa, L1089).
- (9) Velho discreto, muito amigo dos familiares da nossa casa. Era raro passar ao pé da porta sem dar fala, a ver como estavam os amigos. - Com Chiquinho, então, era uma cegueira. Muito amigo de Chiquinho, nhô Chic' Ana (Corpus Africa, L0384).
- (10) É um bom ingrato. Você esquece a gente de uma maneira... Fizemos -lhe algum mal ? Não se deve ser assim. Porque você se casou, era motivo para se fechar em casa com a sua gente ? Pelo menos, assomar à porta e dar uma fala. Mas não, senhor, nem isso. Os homens! (Corpus Africa, L1068).

- (11) Ou entamos pensamos com a sabedoria popular :
« livre-me Deus dos meus amigos, que dos inimigos sei eu livrar -me ». Eis descrito, caro e paciente leitor, o processo de solidariedade social, que, sociologicamente falando, leva os homens a aproximarem-se enternecidamente dos seus inimigos. Claro que o fazem com as devidas cautelas. Sabem que tanta ternura corre o risco de produzir o seu contrário quando o outro se encoraja a uma indesejável confiança – « dada a nossa amizade, eu gostaria de te dar uma falinha à-parte » - atrás da qual vem a história a repetir -se ! (...) Prefiro, porém, pensar menos filosoficamente, pois isso para mim « não rende cachupa » e só me interessa a filosofia de que possa extrair algum proveito (Corpus Africa, J10698).

Dans l'exemple (8), la représentation dans le texte littéraire d'une scène de la vie courante, notamment sous le format d'un dialogue, favorise le recours à des expressions linguistiques traduisant les mœurs et coutumes locales. Dans ce cas, les lexies variantes « saudação » (le salut) et « dar fala » (saluer quelqu'un) remettent à l'idée d'adresser une marque extérieure de reconnaissance et de civilité à quelqu'un. Dans ce contexte, il y a d'autres marqueurs qui traduisent et renforcent les enjeux socio-culturels autour de cet acte : « Quem me quer ver conhece a minha porta » (celui qui veut me voir sait où j'habite) ; « oferecer um banco ao visitante » (proposer au visiteur de s'asseoir) ; « eu já não conto » (je ne compte plus (pour toi)). Ces éléments rajoutés au proverbe « árvore sem folha já não dá sombra » (littéralement un arbre sans feuilles ne donne plus d'ombre) contribueraient à allouer à la scène un côté plus réaliste.

L'exemple (9) est construit pareillement : bien que la collocation « dar fala » soit utilisée, d'autres éléments linguistiques renforcent l'idée du salut : entretenir une relation forte d'amitié (« muito amigo dos familiares da nossa casa ») ; passer pour voir comment vont les amis (« ver como estavam os amigos »). Dans l'exemple (10), on constate le recours à la variante « dar uma fala », utilisée, dans

ce contexte, dans le même sens que les exemples (8) et (9). L'article indéfini dans ce cas n'apporte pas d'autre signification au phrasème, contrairement à ce que l'on peut voir en cap-verdien (avoir une conversation sérieuse avec quelqu'un ou parler d'un sujet spécifique avec quelqu'un). L'exemple (11) diffère nettement du sens que l'on peut retrouver dans la collocation « dar uma falinha » (saluer quelqu'un) car il est utilisé avec la locution « a parte » (en privé). Dans ce contexte, on comprend donc que le sens de ce phrasème renvoie à celui de « dar uma fala ».

« Dar bofa », « dar chamboco »

« Dar bofa » signifie frapper quelqu'un. « Bofa » vient de « bofetada », par réduction, étant utilisée en Angola (Porto Editora, en ligne). Cette source indique comme collocation utilisée en Angola, « esticar uma bofa », absente sur le corpus Africa. On y retrouve en revanche les phrasèmes « dar chamboco » e « dar chapada ». Alors que « bofa » sous-entend frapper quelqu'un en se servant de ses mains ouvertes sur le visage d'autrui, « dar chamboco » remet à l'idée de frapper avec un bâton : la lexie « chamboco » originée du nyungwe (*pau* – bâton en bois) peut désigner, selon le dictionnaire Porto editora : (i) un bâton en bois servant à frapper ; (ii) une canne, ou bien des verges (iii) un fouet, parfois en ayant des petites boules en caoutchouc dans les extrémités ; (iv) une fêrule (*palmatória*). On trouve aussi dans le même sens de « dar chamboco » le néologisme « chamboquear ».

Ces phrasèmes sont utilisés dans des textes littéraires, qui décrivent assez souvent des situations violentes envers les femmes ou les enfants :

- (12) Sabes o quê meter requisição, geleira pró cubíco e bina pró candengues, e assinar mesmo sem vergonha no dedo, a mulher do primo do camarada fulano de tal ? Porra, se fosse minha dama, lhe dava bofa mesmo, não admitia se meter assim com a minha família, mesmo casados já e tudo... (Corpus Africa, L1081).

(13) Mas foi assim, o Jaí lá na sala de espera, caso houvesse novidades, e eles devagarinho, o Sete bem calado só terem ido e terem vindo quase mais de meia-hora, e quando chegaram já o puto tava porreiro, a rir, a se dar duma coca-cola que a médica tinha oferecido, porque o ndengue já queria bazar sem dar mais satisfação com medo que fossem lhe dar bofa, agora que ele afinal tava bom e não tinha acontecido nada - nem mesmo a tal morragia interna (Corpus Africa, L1081).

(14) - Este velho é maluco, quer confusão com a tropa.
- Vamos dar-te chamboco - diz outro soldado, ameaçando Omar com a mão fechada, como se agarrasse um pau (Corpus Africa, V0305).

Dans l'exemple (12), faire appel à la collocation « dar bofa » confère de la force expressive au raisonnement du sujet parlant. Pour lui, il est inadmissible que sa femme se comporte mal avec sa famille et il pourrait même se servir de la force physique pour la dissuader d'avoir un mauvais comportement.

Dans l'exemple (13), extrait de la même source que l'exemple précédent, la collocation est utilisée pour décrire une situation médicale où un jeune garçon appréhende d'être battu. Mis à part le recours à la collocation « dar bofa », d'autres termes dans ce contexte remettent à un usage familier : « ndengue » (gamin, jeune garçon), « bazar » (s'en aller), « morragia » (« hemorragia » - hémorragie, avec la suppression des phonèmes initiaux, l'aphérèse). L'exemple (14) concerne la collocation « dar chamboco », utilisée notamment au Mozambique, et désigne par le contexte « frapper quelqu'un avec un bâton ».

« Dar bacela »

La lexie « bacela » signifie (i) cadeau, présent et (ii) gratification. Marqué comme spécifique du Mozambique, le mot vient du tsonga « bàselà » (Porto Editora, en ligne), une langue qui compte

parmi les langues nationales du pays. Dans les exemples qui suivent, « dar bacela » fait allusion à la situation des femmes qui travaillent dans les activités marchandes, plus précisément les vendeuses de fruits et légumes à la sauvette. L'économie alimentaire dans les pays africains connaît une longue tradition de commerce sous la responsabilité de femmes. En ce qui concerne les PALOP, au Cap-Vert, par exemple, la lexie « rabidante » désigne notamment la femme commerçante, qui revend des produits alimentaires ou autres³². « Rabidar » veut dire retourner, rétrograder ou acheter pour revendre. Au Mozambique, la lexie « gueva » désigne spécifiquement ces femmes vendeuses.

- (15) Às mulheres foram destinados os campos de tabaco, tarefa ligeira apenas na aparência. Os homens foram enviados para os canaviais e os mais fortes para a destronca e abertura de novos campos. Cebola bonita, cebola boa, compra menina bonita que eu dou bacela. A luz doirada jorra aos quatro ventos com uma intensidade que promete um dia escaldante. Mulheres com bebés nas costas, cestos na cabeça, esfregando os dentes com pau de mulala, dão voltas, apreciando, apalpando, comprando a gama de produtos expostos no mercado da Mafalala onde ganho o meu pão (Corpus Africa, L1037).
- (16) Com a poligamia, com a monogamia ou mesmo solitária, a vida da mulher é sempre dura. Compre batata, que eu dou bacela ! Gritos de vendeiras beijam-se em todos os ângulos, no compasso das melodias, embalando a marcha do sol, e assim escosa-se o dia, amanhã será outro dia, boa tarde, sol ! (Corpus Africa, L1037).

La collocation « dar bacela » traduit dans les contextes (15) et (16) une situation économique et culturelle de la femme assez souvent dans une famille monoparentale, qui doit faire face à la concurrence

32

Voir, par exemple, l'article « Alimentação e relações intergeracionais em Cabo Verde : uma análise de práticas alimentares em um bairro periférico ». [Consulté le 17 juillet 2023]. 10.22409/antropologica2023.i1.a56143.

afin de vendre ses produits et garantir la subsistance de ses enfants. Dans ce cas, en général, « dar bacela » se matérialise par l'offre d'une banane ou d'une pomme-de-terre, par exemple.

En faisant une recherche sur Google, la collocation est néanmoins utilisée dans d'autres contextes, par exemple « dar bacela nas recargas » qui consiste en une stratégie de marketing des opérateurs téléphoniques de donner des gratifications lors d'un achat de crédit téléphonique, et peut être comprise aussi comme « bakchich » dans ce contexte :

- (17) A existência de enormes quantidades de gás natural na Bacia do Rovuma estão a atrair muitos investidores nacionais e estrangeiros. O receio de alguns analistas é que estes recursos possam ser uma maldição para o país. Luís Mata, da organização da sociedade civil, refere por isso que « se há qualquer coisa nova é sempre problemático, até para abrir um projeto qualquer de pequena dimensão no interior às vezes tenho até de dar bacela, algo que motive »³³.

L'œuvre « Moçambicanos : para um léxico de usos do português moçambicano » (Lopes ; Siteo ; Nhamuende, 2002) indique que « bacela » signifie donner plus de ce qui est dû dans un acte d'achat d'un produit (en général des cacahuètes, des légumes, des fruits, du poisson ou de bonbons), en qualifiant le mot comme un emprunt. L'œuvre fait référence au verbe « bacelar », qui dispose d'une entrée dans ce lexique, avec l'indication des équivalents « dar bacela » et « gratificar ». Selon cette source, « bacela » aurait l'une des origines probables suivantes : soit de l'anglais indien « buckshee » ; soit du xhosa « basele » ; soit du zoulou « ibhanselo » ; soit de l'afrikaans « pasella » ; ou encore du chopi, du tsonga, du ronga et du tswa « basela ».

Les auteurs soutiennent que la plupart des mots utilisés en portugais spécifiques du Mozambique (les « mozambicanismes ») révèlent des éléments de l'histoire lexicale du pays, caractérisée par l'intégration de nouveaux mots, en particulier les emprunts aux autres langues. Dans une vision du portugais comme langue polycentrique, le travail engagé par l'Institut international de la langue portugaise (IILP) dans le cadre de l'établissement d'une plateforme digitale regroupant plus de 300.000 mots et plus de 2 millions de formes orthographiques intitulée Vocabulaire Orthographique Commun de la langue portugaise (VOC) (Ferreira ; Correia ; Almeida, 2017) met en lumière les mots d'usage commun dans les pays de langue officielle portugaise et le lexique spécifique de chaque variété.

Ainsi, les mots faisant partie des phrasèmes repérés dans cette étude comme « bacela », « chamboco », « bofa » y figurent. Le VOC, considéré comme un projet ouvert, recensant dans la base de données des noms, des articles, des prépositions, des déterminants numéraux, des pronoms, des verbes, des adjectifs, des conjonctions et des adverbes (Kuhn ; Pandim, 2021, p. 372-373), est l'un des outils permettant la construction de la mémoire lexicographique du portugais parlé dans des territoires divers, caractérisés par leur plurilinguisme et reflétant des réalités où la cohabitation linguistique et culturelle doit être mise en valeur.

Les phrasèmes peuvent être liés à des spécificités culturelles qui traduisent des attitudes sociales, des croyances, des superstitions, des formules de salutations et de politesse et font partie des actes de parole. Leur charge contextuelle leur confère des significations spéciales, car en plus des phénomènes d'ordre linguistique, on y trouve des enjeux en raison des aspects extralinguistiques.

CONSIDÉRATIONS FINALES

« La compétence lexicale est la connaissance et la capacité à utiliser le vocabulaire d'une langue qui se compose d'éléments lexicaux et grammaticaux » (Boitel, 2018). Ainsi, savoir communiquer dans une langue implique la maîtrise des composantes linguistique, discursive, référentielle, socioculturelle et stratégique. Faire appel à des phrasèmes dans une conversation requiert, en plus, la connaissance de certaines constructions disposant de moules plus ou moins modulables.

Les collocations, l'un des types de phrasèmes, sont fonctionnelles et fréquentes dans plusieurs langues. Formées avec des verbes-support comme le verbe « donner », objet d'étude de cette recherche, elles traduisent des manières de penser et de concevoir la réalité environnante, ce qui peut se révéler l'une des formes d'observer et de décrire le portugais parlé dans les pays africains de langue officielle portugaise.

Les contextes d'usage des collocations repérées représentent les signes d'une idiosyncrasie populaire qui contribuent à identifier des éléments caractéristiques des réalités des PALOP. Leur emploi et leur compréhension lient momentanément les locuteurs, car elles permettent une communication efficace tout en enrichissant les échanges entre eux, en raison de leur plus-value culturelle. Les étudier permet ainsi de répertorier le patrimoine linguistique et culturel du portugais.

Les 48 collocations repérées lors de cette étude sont issues de textes littéraires (de l'ordre de 60%), suivies de textes journalistiques (30%) et de textes variés (10%). Bien que le corpus Africa soit composé à 52% de textes journalistiques et 19% de textes littéraires, le genre littéraire présente plus de constructions de ce type, comme démontré dans d'autres études.

Les collocations analysées : (i) « dar fala, dar uma fala, dar uma falinha » ; (ii) « dar bofa, dar chamboco » ; et (iii) « dar bacela », sont intégrées à des contextes extraits dans la plupart des cas de textes littéraires, révélateurs d'une scénarisation dont l'usage qui est fait de la langue place au centre la transmission de messages en phase avec les codes et les mœurs culturels. Bien que leur étude à présent se limite sur le plan synchronique - très peu de ces phrasèmes se trouvent répertoriés dans les œuvres lexicographiques dédiées à la langue portugaise - des recherches plus poussées au niveau diachronique méritent également de voir le jour.

RÉFÉRENCES

BOITEL, Lucile. **Enseignement de la phraséologie en contexte lusophone brésilien : quelques collocations du verbe mettre**. 2018. Dissertação (Mestrado em estudos linguísticos) – Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2018.

CALVET, Louis-Jean. **La Méditerranée - Mer de nos langues**. Paris : CNRS Éditions, 2016.

CAVALLA, Cristelle ; SORBA, Julie. Prendre un bain, des risques ou la fuite : étude diachronique du figement. *In* : SOUTET, Olivier ; SFAR, Inès ; MEJRI, Salah (Éd.). **Phraséologie : sémantique, syntaxe, discours**. Paris : Honoré Champion, 2017. p. 187-201.

CAVALLA, Cristelle ; SORBA, Julie. Étude diachronique du figement : collocations verbo-nominales. *In* : SOUTET, Olivier ; SFAR, Inès ; MEJRI, Salah (Éd.). **Phraséologie et discours**. Paris : Honoré Champion, 2018. p. 131-142.

COLSON, Jean-Pierre. Ressources et outils en phraséologie informatique. *In* : IV Congrès international de dialectologie et de sociolinguistique. Variations, phraséologie et ressources. **Anais**. 2016. <https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/object/boreal:176878>. [Consulté le 26 janv. 2023]

COLSON, Jean-Pierre. Grammaire de construction et phraséologie : des corpus aux réflexions théoriques. **Langages**, v. 225, n. 1, p. 19-32, 2022.

CORPUS AFRICA, 2019. (<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/ca/>). [Consulté le 26 janv. 2023]

DUBREIL, Estelle. Collocations : définitions et problématiques. **Texto !**, v. XIII, n. 1, en ligne, 2008.

FERREIRA, José Pedro ; CORREIA, Margarida ; ALMEIDA, Gladis. **Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa**. Praia, Santiago : Instituto Internacional da Língua Portuguesa / Comunidade dos Países de Língua Portuguesa, 2017.

GONZALEZ REY, Isabelle. **La nouvelle Phraséologie du français**. 3e éd. Toulouse : Presses universitaires du Midi, 2021.

GROSS, Michel. La fonction sémantique des verbes supports. **Travaux de linguistique**, 37 (1), p. 25-46, 1998.

KUHN, Tanara Zingano ; PANDIM, Gildaris Ferreira. Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa. *In* : PILATI, Alexandre ; VIANA, Nelson. **Panorama da contribuição do Brasil para a difusão do português**. 1e éd. Brasília : FUNAG - Fundação Alexandre de Gusmão, 2021. v. 1. p. 363-376.

LAROUSSE, Pierre. (éd.). **Petit Larousse grand format**. Paris : Larousse, 2010.

LOPES, Armando Jorge ; SITO, Salvador Júlio ; NHAMUENDE, Paulino José. **Moçambicanismos** : para um léxico de usos do português moçambicano. Maputo : Livraria universitária UEM, 2002.

MEL'ČUK, Igor. Tout ce que nous voulons savoir sur les phrasèmes, mais.... **Cahiers de lexicologie**, n. 102, p. 129-149, 2013.

PANDIM, Gildaris Ferreira. Estudo bilíngue sobre os aspectos culturais da terminologia dos contratos de prestação de serviços português-francês. 2014. Tese (Doutorado em estudos linguísticos) – São José do Rio Preto - Paris : universidade Estadual Paulista - université Paris III "Sorbonne Nouvelle", 15 janv. 2014.

PANDIM, Gildaris Ferreira. O valor das línguas na realidade de ensino-aprendizagem em Cabo Verde. **Domínios de Lingu@gem**, v. 14, n. 4, p. 1087-1110, 2020.

PORTO EDITORA. **Dicionário infopédia da Língua Portuguesa [em linha]**. Porto : Porto editora. <https://www.infopedia.pt/dicionarios/lingua-portuguesa>. [Consulté le 17 juin 2023]

RASTIER, François. **Enjeux épistémologiques de la linguistique de corpus. Actes de la II Journées de Linguistique de Corpus.** Lorient : Presses Universitaires de Rennes, sept. 2002. http://www.revue-texto.net/Inedits/Rastier/Rastier_Enjeux.html. [Consulté le 13 juil. 2023]

SORBA, Julie. **Phraséologie et genres textuels. Perspectives synchroniques et diachroniques. Mémoire de synthèse présenté pour l'obtention de l'Habilitation à diriger des recherches.** Linguistique. Grenoble : université Grenoble Alpes (UGA), 2022.

VIEIRA, Márcia dos Santos Machado. Idiomaticidade em construções com verbo suporte do Português. **SOLETRAS**, n. 28, p. 99-125, 28 dez. 2014.

10

Gildaris Pandim

COLLOCATIONS WITH THE VERB “DONNER” IN PORTUGUESE

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.10

Collocations, one of the types of phraseological units, are functional in a language and strongly contribute to the conveyance of a message. Formed notably with high-frequency verbs, such as the supporting verb “dar” (give) in Portuguese, the subject of analysis in this research, the use of this semantic-syntactic construction in discourse reflects a good mastery of the language by the language learners. Its use also reveals knowledge of cultural and social codes inherent to a society. Through research based on the Africa corpus, some of the phraseological expressions identified with the verb “give” reveal linguistic and extralinguistic aspects specific to the varieties of Portuguese spoken in African countries with Portuguese as the official language. Assuming that languages reflect elements of the world through a cultural prism, the goal is to describe and analyze these constructions, knowing that most of them are absent in Portuguese dictionary resources.

Phraseological units convey specific ways of slicing reality within a community and are heavily laden with cultural connotations. In translation, phraseological units can pose challenges of equivalence and require possible adaptations. Drawing on research in sociolinguistics, phraseology, and corpus linguistics, the main objective of this study is to identify and describe synchronically the collocations formed with the verb “dar” in Portuguese, identified in the Africa corpus.

To achieve this, the working methodology involves: (a) creating a list of collocations formed with the verb “dar” in all its verb forms; (b) excluding collocations that share a common sense with Brazilian or Portuguese variants using exclusion corpora like dictionaries and “Corpus do português”; (c) recording the frequencies and usage contexts of selected collocations; (d) analyzing these collocations to explain how, beyond geographic parameters, their usage relates to social parameters, as the variations are not solely linguistic.

General language phraseology encompasses the study of units characterized by complexity: proverbs, sayings, idiomatic expressions, and collocations all falling under the same hyperonym, although their semantic value allows for different syntactic structures. Like any word in everyday language, some of these units can be understood both literally and figuratively. Specialized phrasemes are also present in technical texts and constitute objects of study in terminology. In the legal domain, for instance, especially concerning service contracts: “presente contrato,” “execução dos serviços prestados,” “infringir a cláusula” (Pandim, 2014). The structure of these units is diverse, both in general and specialized language.

The definition of phraseology still engenders debates (Cavalla; Sorba, 2017; Colson, 2022; Mel’čuk, 2013), particularly regarding the concept of fixity combinations. Departing from a lexicological approach to phraseology, Gross (cited in Gonzalez Rey, 2021) indicates that there are four possible situations regarding the degree of fixity combination in collocations: (i) the blocked element can be in a position of direct complement without a second complement; (ii) the first complement is fixed while the second is free; (iii) the first complement is free and the second is fixed; (iv) both complements are fixed. However, the notion of the compositionality of phraseological units is questioned by several authors.

Sorba (2022) suggests moving beyond the lexicological framework for handling phraseology because, according to the researcher, this approach is now considered incomplete. She emphasizes that, regarding the definition and concept of phraseologies, one must recognize that, unlike free combinations that have no combinatorial constraints apart from semantic compatibility, constraints and restrictions are strongly present in this type of structure. Following the example of Mel’čuk (2013), the researcher retains the term «fixation» not to solely characterize and identify these units in relation to other lexemes, but primarily to reference the continuum and their degree of fixity.

Thus, “the semantic criterion alone is insufficient to identify a lexical fact related to fixity: it is the absence of free updating of each lexical element that is decisive” (Gross, 1996 apud Sorba, 2022, p. 27). A phraseme is characterized by its peculiarity of not being constructed according to the general rules of the language. “A phraseme cannot be freely constructed by the speaker: it must therefore be stored in their memory” (Mel’čuk, 2013). Therefore, following Sorba’s perspective (2022), it is considered that the collocations studied in the scope of this research exhibit varying degrees of fixity (from more fixed to less fixed), which doesn’t diminish their distinct place within the language in comparison to other linguistic constructions.

The conducted research is carried out using the Africa corpus. It’s a significant linguistic tool in the domain of Portuguese spoken in the PALOP, available since 2019 on the CQPweb platform, enabling the execution of contrastive studies. This comparable corpus encompasses the five varieties of Portuguese used in Angola, Cape Verde, Guinea-Bissau, Mozambique, and Sao Tome and Principe. It offers users oral and written texts of various genres, extracted from sources such as newspapers, literary books, interviews, and more.

The Africa corpus contains a total of 3,597,231 words and 3,082 texts of different genres. Among these, 19% are composed of literary texts, 52% of journalistic texts, and 25% of other various types of texts. It is constructed from five oral and written corpora representing the five African varieties of Portuguese, making them comparable to each other. Each of these corpora contains 640,000 words and collects texts produced from the 2000s onwards. While the written language constitutes most of the chosen productions to build the Africa corpus (approximately 96%), the remaining 4% dedicated to the oral language mainly concerns informal speech.

A notable frequency of collocations with the high-frequency verbs “fazer, dar, ter, pôr”, or “tomar” is observed in the Africa corpus. When searching for the form dar*, for example, it appears 1,649 times

in 590 different texts (a frequency of 458.41 instances per million words). The infinitive form of the verb exhibits a higher frequency (77.32% compared to other forms), followed by the future tense and the conditional tense. Among the initially identified 98 phrasemes, 50 of them are presented in the infinitive form of the verb. Although inflected forms are found in the present indicative, past (“pretérito perfeito simples”), and subjunctive (“subjuntivo presente, imperfeito and futuro”), the most frequent ones are those in the third person singular of the past (“pretérito perfeito simples”). Out of the initially spotted 98 constructions, 48 are not included in the “Corpus do Português”, which is used as an exclusion corpus.

In the discussion of this investigation, we provide examples and analyses of the following collocations: (i) “dar fala (a alguém),” “dar uma fala (a alguém),” “dar uma falinha (a alguém),” used in Cape Verde (greet someone or speak seriously to someone) ; (ii) “dar bofa” (to slap) and “dar chamboco (to hit with a stick),” used respectively in Angola and Mozambique; (iii) “dar bacela”, (to give a bonus or gratuity) used in Mozambique. These examples are analyzed within the context of their usage, shedding light on their significance and cultural implications in the regions where they are employed.

The 48 identified collocations from this study originate from literary texts, making up about 60% of the total, followed by journalistic texts at 30%, and other various types of texts at 10%. Despite the Africa corpus being composed of 52% journalistic texts and 19% literary texts, literary texts present more constructions of this kind. Indeed, the exploration of extensive literary corpora unveils the richness of phraseological phenomena within this genre.

The analyzed collocations: (i) “dar fala, dar uma fala, dar uma falinha”; (ii) “dar bofa, dar chamboco”; and (iii) “dar bacela”, are integrated into contexts extracted mainly from literary texts. These contexts reveal a dramatization in which the usage of language is central to conveying messages that align with cultural norms and

codes. While their study is currently limited to a synchronic perspective, very few of these phraseological units are found in dedicated lexicographic works for the Portuguese language. Further research on a diachronic level is also deserving of attention.

The linguistic diversity present in these territories fosters linguistic changes that occur in the everyday use of the Portuguese language. This holds true even in written materials characterized by a higher degree of formality, such as literary or journalistic texts. As such, these collocations reflect the nuances of using the Portuguese variant within the African context.

Phraseological units can be connected to cultural specifics that reflect social attitudes, beliefs, superstitions, greeting and politeness formulas, and are part of speech acts. Their contextual weight imparts special meanings, as in addition to linguistic phenomena, extralinguistic aspects should not be overlooked.

The usage contexts of the identified collocations represent indications of a popular idiosyncrasy that helps identify characteristic elements of the realities within the PALOP regions. Their usage and understanding momentarily bind speakers, enabling effective communication while enriching their interaction due to their cultural added value. Thus, their study contributes to cataloging the linguistic and cultural heritage of the Portuguese language.

REFERENCES

- CAVALLA, Cristelle ; SORBA, Julie. Prendre un bain, des risques ou la fuite : étude diachronique du figement. *In* : SOUTET, Olivier ; SFAR, Inès ; MEJRI, Salah (Éd.). **Phraséologie** : *sémantique, syntaxe, discours*. Paris : Honoré Champion, 2017. p. 187-201.
- CAVALLA, Cristelle ; SORBA, Julie. Étude diachronique du figement : collocations verbo-nominales. *In* : SOUTET, Olivier ; SFAR, Inès ; MEJRI, Salah (Éd.). **Phraséologie et discours**. Paris : Honoré Champion, 2018. p. 131-142.

COLSON, Jean-Pierre. Ressources et outils en phraséologie informatique. *In* : IV Congrès international de dialectologie et de sociolinguistique. Variations, phraséologie et ressources. **Anais**. 2016. <https://dial.uclouvain.be/pr/boreal/object/boreal:176878>. [Consulté le 26 janv. 2023]

COLSON, Jean-Pierre. Grammaire de construction et phraséologie : des corpus aux réflexions théoriques. **Langages**, v. 225, n. 1, p. 19-32, 2022.

CORPUS AFRICA, 2019. (<http://alfclul.clul.ul.pt/CQPweb/ca/>). [Consulté le 26 janv. 2023]

DUBREIL, Estelle. Collocations : définitions et problématiques. **Texte !**, v. XIII, n. 1, en ligne, 2008.

GONZALEZ REY, Isabelle. **La nouvelle Phraséologie du français**. 3e éd. Toulouse : Presses universitaires du Midi, 2021.

MEL'ČUK, Igor. Tout ce que nous voulons savoir sur les phrasèmes, mais.... **Cahiers de lexicologie**, n. 102, p. 129-149, 2013.

PANDIM, Gildaris Ferreira. Estudo bilíngue sobre os aspectos culturais da terminologia dos contratos de prestação de serviços português-francês. 2014. Tese (Doutorado em Estudos Linguísticos) – São José do Rio Preto - Paris : universidade Estadual Paulista - université Paris III "Sorbonne Nouvelle", 15 janv. 2014.

PANDIM, Gildaris Ferreira. O valor das línguas na realidade de ensino-aprendizagem em Cabo Verde. **Domínios de Lingu@gem**, v. 14, n. 4, p. 1087-1110, 2020.

SORBA, Julie. **Phraséologie et genres textuels. Perspectives synchroniques et diachroniques. Mémoire de synthèse présenté pour l'obtention de l'Habilitation à diriger des recherches**. Linguistique. Grenoble : université Grenoble Alpes (UGA), 2022.

11

Aline Bazenga

POSSESSIVOS PRÉ-NOMINAIS EM PORTUGUÊS EUROPEU:

PERCEÇÕES E AVALIAÇÕES POR FALANTES
DE PORTUGUÊS LÍNGUA NÃO MATERNA DA
UNIVERSIDADE DA MADEIRA

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.11

RESUMO

Esta pesquisa tem por objeto os juízos produzidos por falantes não nativos do português sobre construções com possessivos pré-nominais (PPN), com e sem artigo definido, um fenómeno variável nas línguas românicas (LR). De modo a observar o comportamento deste tipo de falantes face ao uso variável do artigo definido diante de PPN em português europeu (PE), foi elaborado um questionário na plataforma *Qualtrics*. A sua aplicação ocorreu entre outubro e novembro de 2022 e contou com 84 participantes dos cursos de língua portuguesa não materna (PLNM) da Universidade da Madeira. Os resultados, analisados no quadro de uma abordagem sociolinguística laboviana da variação linguística, apontam para a relevância dos fatores “idade”, “nível de escolaridade”, “Língua Materna /L1” e “nível de competência em PLNM” dos participantes nas suas perceções e avaliações. Este trabalho constitui, assim, um contributo para os estudos de perceção sociolinguística, no âmbito da variação morfossintática do PE, com ênfase no uso variável do artigo definido com PPN, e as suas interfaces com os estudos sobre a aquisição / aprendizagem do PLNM.

Palavras-chave: uso variável do artigo definido com PPN em PE; termos de parentesco em PPN; perceção e avaliação sociolinguísticas; estudantes de PLNM da Universidade da Madeira.

CONTEXTUALIZAÇÃO

A investigação sobre avaliações sociolinguísticas e subjetivas de construções com PPN do PE por parte de falantes não-nativos desta língua surge na sequência do trabalho realizado por Bazenga (2023), sobre a produção destas construções por falantes madeirenses. Está orientada pelo objetivo de observar o comportamento sociolinguístico deste tipo de falantes do português, cujas competências nesta língua são distintas das dos falantes nativos. Procura-se averiguar em que medida existe ou não porosidade entre os sistemas linguísticos em contacto, ou seja, em que medida as propriedades de uma língua transitam para a outra, com a qual está em contacto. Mais concretamente, trata-se de estudar se uma possível transferência do sistema de PPN das L1 para a língua-alvo, o PE, ocorre no processo de interpretação de dados desta língua. Para tal, torna-se necessária uma revisão da literatura, estruturada em três subsecções: Variação nos sistemas de PPN nas LR; A especificidade dos nomes de parentesco em sistemas de PPN; Contacto linguístico em processos de aquisição /aprendizagem de uma língua não materna (L2, L3...).

VARIAÇÃO NOS SISTEMAS DE PPN NAS LR

As LR, apesar de formarem um grupo com propriedades linguísticas partilhadas, exibem uma diversidade interna, tanto a nível fonológico como a nível morfológico e sintático (Ricca, 2021). A morfossintaxe dos PPN constitui um domínio marcado pela variação não só no plano interlinguístico das LR (Van Peteghem, 2012; Simonenko; Carlier, 2022) como também no plano intralinguístico, na esfera de cada uma das línguas que integram o conjunto das LR. A Tabela 1 mostra que as LR apresentam padrões morfossintáticos mistos de PPN (Bouzouita; Larsson, 2020), com restrições de usos distintas.

Tabela 1 – PPN nas línguas românicas

Línguas Românicas (padrão)		Artigo definido "o"	Demonstrativo "este"	Artigo Indefinido "um"	Quantificador "cada"
Possessivo adjetival	Português europeu	X	X	(X)vc	X
	Galego	X	(X)	(X)	X
	Asturiano	X	(X)	-	
	Aragonês	X	-	-	
	Catalão	X	(X)	(X)	
	Italiano	X	X	X	
Possessivo determinante	Espanhol	-	(X)	-	-
	Francês	-	-	-	-

X: a maioria dos falantes aceita esta configuração

(X): alguns falantes aceitam esta configuração,

(X)Vc: falantes de variedades mais conservadoras aceitam esta possibilidade

-: não aceite pela maioria dos falantes

Fonte: adaptado de Bouzouita; Larsson (2020: 3-9), citado em Bazenga (2023).

No que se refere à coocorrência dos PPN com o artigo definido, a Tabela 1 mostra que uma língua como o português, na sua variedade europeia, contrasta claramente com o espanhol e o francês, línguas em que a ausência do artigo é categórica. No que diz respeito ao espanhol, os usos categóricos de PPN sem artigo resultam de uma mudança que terá ocorrido nesta língua no século XV (Lapesa, 2000, p. 430); até então, o espanhol contemplava um sistema que combinava a possibilidade de artigo definido coocorrer com possessivo ("el mi libro") com a do possessivo ser realizado sem o artigo ("mi libro"). Tanto o PE padrão como o italiano padrão surgem neste quadro como línguas que têm em comum muitas propriedades distributivas; no entanto, apesar de serem duas LR, caracterizadas pela realização do artigo definido diante de PPN, o seu desenvolvimento diacrónico apresenta aspetos divergentes (Kupisch; Rinke, 2011).

No PE contemporâneo, o uso do artigo definido, não está sujeito a uma regra variável nos termos definidos pela sociolinguística variacionista. Apresenta-se, assim, como de uso categórico; com efeito, em alguns contextos socio-pragmáticos (Bazenga, 2023), a sua não realização é categórica – tais como, quando o possessivo integra uma fórmula de tratamento – “Nosso Senhor”, “Nossa Senhora” – ou um vocativo – “Meu Amor” – ou surge em expressões formulaicas, por exemplo “em minha opinião”, “em meu poder”, “por minha vontade”, ou ainda quando é precedido de um demonstrativo – “este meu quintal” –, assim como em contextos predicativos – “aquela senhora é minha professora”, quando o falante se refere a uma das suas professoras e não a uma única professora (“aquela senhora é a minha professora”)³⁴. Noutros contextos, quando o N da estrutura PPN é um nome de parentesco (ou marcado pelo traço semântico [+ família]), em que as relações de posse se situam entre os membros da mesma família, o uso do artigo definido é variável em vários dialetos do PE, de forma mais acentuada nos seus dialetos insulares (Carrilho; Pereira, 2011, p. 132-133). O estudo realizado por Bazenga (2023), com foco na variedade insular e urbana do PE (Funchal) comprovou a vitalidade da variação do uso do artigo definido com PPN. Os resultados deste estudo mostram que nesta comunidade de fala o uso do artigo definido diante de possessivos está sujeito a uma regra variável: a variante com artigo, ou variante padrão, veiculada pela escola e pelos meios de comunicação social, obtém 86% dos usos, contra os 14% da variante não padrão, sem artigo definido, conforme ilustrado por algumas ocorrências retiradas de uma amostra de português falado no Funchal, capital da ilha da Madeira, em (1):

34 Trata-se de uma questão pragmática e de definitude do sintagma PPN, como observado por um dos revisores anónimos deste texto. A este respeito, como também assinalado pelo revisor, Raposo *et al.*, (2013, p. 729) esclarece que “em português, (...) os pronomes possessivos não codificam o traço semântico [+definido] já que (i) podem ocorrer quer em sintagmas nominais indefinidos, e (ii) em sintagmas nominais definidos, combinam-se necessariamente (na norma-padrão) com um determinante definido, que codifica diretamente esse valor”.

- (1) a. não a educação _por exemplo_ ∅minha mãe se fosse à escola ê [eu] eu ia levar uma acelerada (FNC17_HC1)
b. só que ∅ minha prima foi pó meio da fazenda (FNC13_HB1.2)
c. eh eh catarina salete (risos) más [mais] ∅minha prima a lara (FNC11_MA1)
d. portanto ∅ meu tio (FNC15_HC3)

Por outro, o estudo aponta para o facto de os falantes mais velhos e menos escolarizados serem tendencialmente os responsáveis pelos usos sem artigo, sobretudo quando os PPN incluem nomes de parentesco.

A par dos aspetos descritivos já mencionados para o PE, há ainda que referir que alguns dialetos do PE apresentam formas de PPN distintas das do PE padrão; com efeito, os dialetos do sul de Portugal, por exemplo, apresentam uma forma foneticamente reduzida, sem a semivogal [w], como em “Viste o [me]/* [mew] filho chegar?” (Labrousse, 2018, p. 37).

Em contraste com o PE, outras variedades extraeuropeias do português (Castro, 2006; Brito, 2022; Ferreira; Rio-Torto, 2022) – como as de São Tomé e Príncipe (Figueiredo, 2019; Gomes; Cordeiro, 2021; Cordeiro; Gomes, 2022) e do português do Brasil (PB) (Callou; Silva, 1997) – apresentam especificidades, facto que incrementa a variação dos sistemas de PPN já de si existente na esfera do PE. O PB, marcado por uma grande diversidade dialetal (Callou; Silva, 1997; Sedrins; Pereira; Silva, 2019, Guedes, 2019), é caracterizado pelo uso variável de artigo diante de PPN.

Ainda na esfera do português, os estudos diacrónicos apontam para uma mudança ocorrida no PE, consolidada no século XIX, período em que a variante com artigo passou a ser dominante diante de PPN (Rinke, 2010; Costa, 2016), facto que não terá acontecido no PB.

A ESPECIFICIDADE DOS NOMES DE PARENTESCO, OU N[+FAMÍLIA], EM SISTEMAS DE PPN

As estruturas com PPN, onde N é um nome de parentesco constituem um domínio onde a variação persiste noutras línguas românicas, além do português, como no galego (Silva Dominguez, 2021), em italiano (Penello, 2022, Cardinaletti; Giusti, 2018, Franco, 2021) e nos seus dialetos (Masi, 2020, Baldi; Savoia, 2021), assim como no catalão e no espanhol (Labrousse, 2018, 2020, Bernstein; Ordoñez; Roca, 2019). Algumas LR apresentam uma maior complexidade no seu sistema de PPN. É o caso do italiano, na sua variedade padrão, no qual o uso do artigo definido é categórico como em “La mia casa è bella/*mia casa è bella” (Franco, 2021, p.76), sendo a omissão do artigo igualmente categórica quando N é marcado com traço semântico [+família] se estiver no singular, como em “mio padre vs *il mio padre” (Mais, 2020, Franco, 2021, p.76); já quando N [+família] está no plural, como em “i mei fratelli / *mei fratelli”, o uso do artigo é categórico (Cardinaletti; Giusti 2018, Masi 2020), tal como quando o N [+família] estiver construído com sufixos avaliativos (como - *ina* (“*(La) mia sorellina/*(la) mia zietta/ *(la) mia nipotina è andata al mare”, exemplos de Franco, 2021, p. 76). A este quadro, já de si complexo, do sistema de PPN do italiano padrão, há ainda a considerar a grande diversidade observada nos dialetos italianos (Masi, 2020; Baldi; Savoia, 2021): nos dialetos do Norte de Itália, observa-se tanto a omissão do artigo (“me pare” (Pádua), “mi padre” (Ancona)) ou o seu uso (“il mi babbo” (Florença), exemplos de Cardinaletti; Giusti, 2018, p. 146); os dialetos do sul de Itália distinguem-se dos do Norte pelo facto de o artigo estar sempre presente e o possessivo ser uma forma pós-nominal (Masi, 2020, Baldi; Savoia, 2021), como em, “a’ cas miä” (Napolitano). Este conjunto de dialetos mostra alguma especificidade também quando o N [+família] está presente na estrutura e se os possessivos

se encontrarem na 1ª e 2ª pessoa do singular; neste contexto, observa-se um possessivo enclítico afixado como sufixo a N, em posição pós-nominal (Masi, 2020), como em “u frate tuoje” (Napolitano).

Os N [+família] não constituem um domínio de exceção apenas nas LR. Estudos realizados sobre outras línguas, como o de Stolz, Levkovych e Urdze (2017), referido por Franco (2021, p. 17) mostram que na variedade falada nas ilhas Faroé se desenvolveu um marcador clítico especial (“as”) que só pode ser sufixado ao nome pessoal e aos possuidores de parentesco; se o possuidor é um substantivo comum ou um topónimo, a posse é canonicamente expressa através de um sintagma preposicional nessa língua.

CONTACTO LINGUÍSTICO EM PROCESSOS DE AQUISIÇÃO/APRENDIZAGEM DE UMA LÍNGUA NÃO MATERNA (L2, L3...)

Atendendo ao quadro de variação existente no domínio dos possessivos, sumariamente apresentado em 1.1 e em 1.2, procurou-se saber um pouco mais sobre as características prototípicas de falantes de uma língua não materna. Uma língua não materna diferencia-se de uma língua materna ou L1 no seu processo de aprendizagem / aquisição (Madeira, 2017, p. 306; Broad, 2020). De entre os vários aspetos que apontam para a natureza diferenciada dos processos em que se desenvolvem, salienta-se o facto de o processo de aquisição de uma L2 ser “ influenciado por fatores ou diferenças individuais (Dömyei; Skehan, 2003), entre os quais se incluem a aptidão, a motivação, os estilos cognitivos, as estratégias de aprendizagem, a personalidade, as atitudes (...) (Madeira, 2017, p. 6-7), por um lado, e estar sujeita, por outro, à “influência tanto da L1 dos aprendentes (Odlin, 2005) como de outras L2 que estes tenham adquirido anteriormente

(Rothman *et al.*, 2013)” (Madeira, 2017, p. 307). No entanto, o processo de aquisição de L2 partilha características semelhantes com o de L1, nomeadamente, o fato de o seu desenvolvimento ser de natureza sequencial, independentemente da idade e do contexto de aquisição / aprendizagem. Ainda no que se refere a características comuns, Madeira (2017, p. 308) observa o seguinte:

“Ainda que alguns dos erros que se verificam nas produções de falantes não-nativos possam ser atribuídos à influência de conhecimento linguístico prévio, em particular, da sua L1, um número significativo de erros é comum a diferentes falantes não-nativos (que se distinguem não só pela sua L1, mas também pela idade, contexto de aquisição/aprendizagem, etc.), exibindo a sistematicidade que caracteriza os erros produzidos pelas crianças ao longo do processo de aquisição e desenvolvimento da sua L1.”

Atendendo a este quadro prévio, a interferência da língua materna ou L1 na tarefa de avaliação solicitada aos participantes, não sendo encarada de forma determinante, é bastante admissível. Nesta investigação procura-se verificar a hipótese geral de que falantes cuja L1 seja o espanhol ou o francês, duas LR caracterizadas pela ausência de artigo definido nos seus sistemas de PPN (cf. Tabela 1), tendem a formular as suas avaliações do PE em conformidade com o sistema dos possessivos da sua L1. Dito de outra maneira, se as construções PPN com omissão de artigo no PE forem avaliadas como corretas é porque de alguma maneira a aquisição das estruturas das PPN padrão do PE não está finalizada, podendo a influência da L1 estar a condicionar de alguma maneira este processo. Esta avaliação poderá também estar sob o efeito de outros fatores, tais como o grau de proficiência em PLN, o seu modo de aquisição, entre outros. Considerando este conjunto de premissas de conhecimento prévio sobre a interface entre sistemas de PPN variáveis nas LR (nas quais se inclui o PE) e em línguas não românicas / processos de aquisição de línguas não maternas, foi realizado um inquérito destinado a estudantes de PLN da Universidade da Madeira, cuja descrição mais detalhada ocupa a secção 2 deste capítulo, já a seguir.

METODOLOGIA

O inquérito a estudantes de cursos de PLNM da Universidade da Madeira realizou-se entre outubro e dezembro de 2022. De modo a estruturar esta secção, os aspetos relacionados com os recursos aplicados no inquérito, tanto na coleta como na análise de dados, são tratados em duas partes; na primeira, descreve-se a estrutura do questionário; na segunda, procura-se caracterizar a amostra de participantes no inquérito e responsáveis pela produção de dados para análise e discussão.

Neste inquérito, tanto as questões técnicas relacionadas com a construção do questionário como a análise dos dados produzidos pelo seu preenchimento estão orientados pelos fundamentos da sociolinguística laboviana (Labov, 2003, 2006), através da qual os factos linguísticos devem ser entendidos enquanto correlacionados com variáveis sociais, tanto no âmbito da sua produção como na esfera das suas avaliações subjetivas.

QUESTIONÁRIO

A estrutura do questionário comporta duas partes: uma primeira parte, com várias questões relacionadas com o perfil sociolinguístico do participante e com o seu perfil de aprendente de PLNM. Para além de questões relativas à idade, sexo e nível de escolaridade, procura-se também saber, de entre vários dados relacionados com a aquisição do PLNM, qual a língua materna dos participantes, se estes possuem conhecimentos de outras línguas para além da língua materna e do português, e o modo como avaliam o seu nível de proficiência em português. A esta primeira parte, segue-se um conjunto de 15 frases, todas com PPN, e nas quais se procura variar não só o constituinte à sua esquerda (presença vs omissão do artigo definido) como também o traço semântico de N (N [+ família] vs N [-família]),

a posição do SN possessivo na frase (posição inicial vs posição não inicial) / função sintática do SN na frase, e a forma do possessivo, em termos de propriedades morfológicas de pessoa e número (cf. constituintes em destaque na Tabela 2.)³⁵.

Tabela 2 – Frases com PPN para avaliação, em termos de “correto” (Sim/Não), por falantes de PLNM

#	
1	O carro foi uma surpresa de “nossos pais”.
2	Vou às compras com “a minha mãe”.
3	O relógio é de “teu avô”.
4	Vou ao centro com “minha amiga”.
5	“O meu país” é seguro.
6	Vou com “meu irmão” ao cinema.
7	Gosto de “meu carro”.
8	“Vossa família” é muito simpática.
9	Este livro é d’“a tua coleção”.
10	“A nossa casa” tem dois andares.
11	Gosto “do vosso carro”.
12	“Minha casa” tem jardim.
13	O casaco foi uma oferta “da vossa irmã”.
14	Vou com “minha irmã” ao parque de diversões.
15	“Minhas irmãs” são enfermeiras.

Fonte: Elaborado pela autora.

35

Embora a presença ou não de uma preposição a anteceder a estrutura de PPN no português, tanto no plano diacrónico como em sincronia, seja uma variável muito presente em grande parte dos estudos sobre esta matéria (veja-se, por exemplo, o trabalho de Bazenga (2023)), esta variável não foi considerada na análise dos resultados deste inquérito.

A variação explanada nas 15 frases construídas para efeitos de avaliação contempla as características da micro-variação observada no sistema do PE (Bazenga, 2023). A tarefa de avaliação requerida aos participantes consistiu na seleção de um dos valores “sim” ou “não” de acordo com o critério “correção”, para cada um dos 15 estímulos / frases. Por fim, é de referir que nove no conjunto das quinze frases integram variantes não padrão de PPN do PE, ou seja, sem artigo definido, sendo este subconjunto aquele que irá merecer toda a atenção na análise dos resultados (secção 3).

O questionário, realizado com recurso ao *software Qualtrics*, foi distribuído, via e-mail, a (ex)estudantes das disciplinas e cursos de PLNM da Universidade da Madeira, durante os meses de outubro e de novembro de 2023.

AMOSTRA

Participaram neste inquérito 84 falantes de PLNM, mas apenas 66 preencheram na íntegra o questionário; a amostra para análise dos dados é, deste modo, constituída pelos dados produzidos por 66 participantes. Esta amostra tem as características apresentadas, em síntese, na Tabela 3.

Tabela 3 - Estrutura da amostra (variáveis em termos percentuais)

Perfis sociolinguísticos	Percentagens
Sexo	
▪ Masculino	45%
▪ feminino	55%
Idade	
▪ 18-35 anos	36%
▪ 36-55 anos	30%
▪ 56-75 anos	34%

Perfis sociolinguísticos	Percentagens
Escolaridade em L1	
▪ Básica	18%
▪ Secundário	24%
▪ Superior	58%
L1	
▪ Espanhol	70%
▪ Inglês	15%
▪ Russo	3%
▪ Eslovaco	3%
▪ Ucrainiano	1,5%
▪ Polaco	1,5%
▪ Alemão	1,5%
▪ Francês	1,5%
Aquisição do PLNM/L2	
▪ Escola	50%
▪ Família	31,8%
▪ Outros	7,5%
Tempo de residência na ilha da Madeira	
▪ Entre 2 e 5 anos	31,5%
▪ Entre 5 e 10 anos	27,7%
▪ Até 2 anos	22,4%
▪ Mais de 10 anos	9,2%
▪ Nunca residiu na ilha da Madeira	9,2%

Fonte: Elaborado pela autora.

Os participantes encontram-se distribuídos de forma equilibrada quanto às variáveis “sexo” e “idade”. No que diz respeito à variável “nível de escolaridade”, observa-se uma predominância de participantes com formação superior. Já no que se refere ao “tempo de residência na ilha da Madeira,” uma percentagem muito pequena

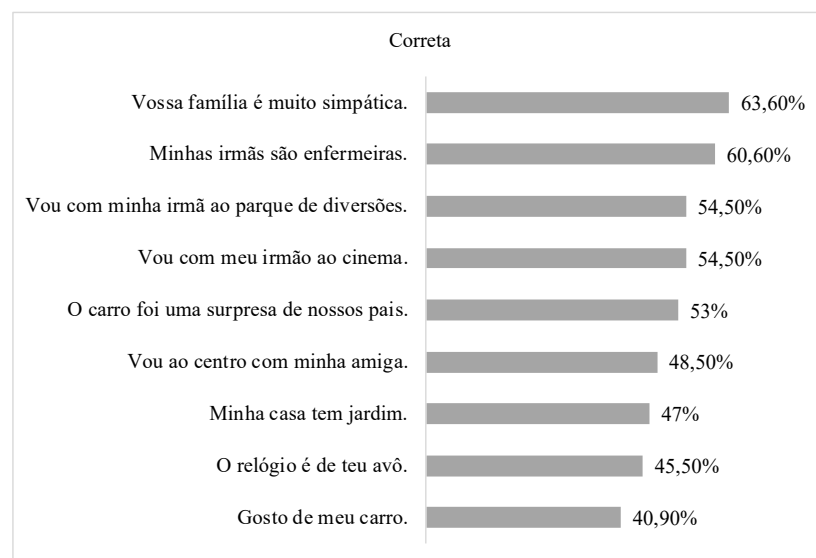
(9,2%) vive na ilha há mais de 10 anos; a mesma percentagem de participantes nunca lá viveu. Relativamente às “L1 faladas” pelos participantes, o espanhol é aquela que se encontra mais representada (70%), seguido do inglês (15%) e de outras línguas não românicas, como o russo, o eslovaco, o polaco, o ucraniano, o sueco, e de uma segunda LR presente, o francês. Todos os participantes foram ou ainda são alunos dos cursos de PLNM oferecidos pela Universidade da Madeira; no entanto, este modo de aquisição não transparece nas respostas dadas pelos participantes, quando questionados sobre o modo como aprenderam o português. Nesta questão, 50% dos participantes afirmam ter aprendido na escola, não sendo claro se se trata da Universidade da Madeira, ou uma outra instituição para além desta; outros terão também adquirido o português em contexto familiar (31,8%), o que confere uma certa especificidade a este grupo de participantes, questão que não foi desenvolvida nesta investigação³⁶. As línguas maternas/L1 dos participantes deste inquérito são caracterizadas, nas suas variedades padrão, por sistemas de PPN sem artigo, como é o caso do espanhol e do francês (Bouzouita; Larsson, 2020); outras não dispõem de artigo definido nas suas gramáticas, como é o caso do eslovaco, do polaco, do russo, do ucraniano e do sueco (Makarova; Polyakov, 2015), outras ainda, como o inglês e o alemão, apesar de possuírem o artigo definido não permitem a sua ocorrência com um possessivo, tal como as duas LR acima referidas. Face a esta configuração, marcada pela omissão generalizada do artigo definido com possessivos nas gramáticas das L1 dos participantes no inquérito, é de esperar que os valores de aceitação como “corretas” de frases com PPN sem artigo definido do PE sejam elevados. Por fim, nesta amostra, a maioria dos participantes (68,2%) possui competências em mais de uma língua para além da sua língua materna; 31,8% conhece apenas uma segunda língua – o português – para além da sua língua materna.

36 Este grupo de participantes, que assinalou a “Família” como modalidade de aquisição do português, poderá ser um grupo de falantes que nasceu ou viveu em comunidades de madeirenses na Venezuela, que considera o espanhol como L1. Coloca-se, assim, a questão, para a qual esta investigação não consegue fornecer uma resposta, do estatuto do português destes falantes: L2 ou Língua de Herança?

RESULTADOS

Os resultados globais das nove frases com PPN sem artigo definido mostram níveis de aceitação elevados. Com efeito, 5/9 destas frases são avaliadas como corretas, com mais de 50% das respostas obtidas (Gráfico 1). Estas cinco frases com estruturas não padrão apresentam a particularidade de incluírem um nome marcado [+família], o que parece confirmar o facto de os nomes de parentesco constituírem um domínio relevante nos diversos sistemas de PPN em contacto, caracterizado por uma certa opacidade à realização do artigo definido.

Gráfico 1 – Resultados gerais da avaliação como corretas de frases com sintagmas possessivos sem artigo definido a anteceder pelos participantes

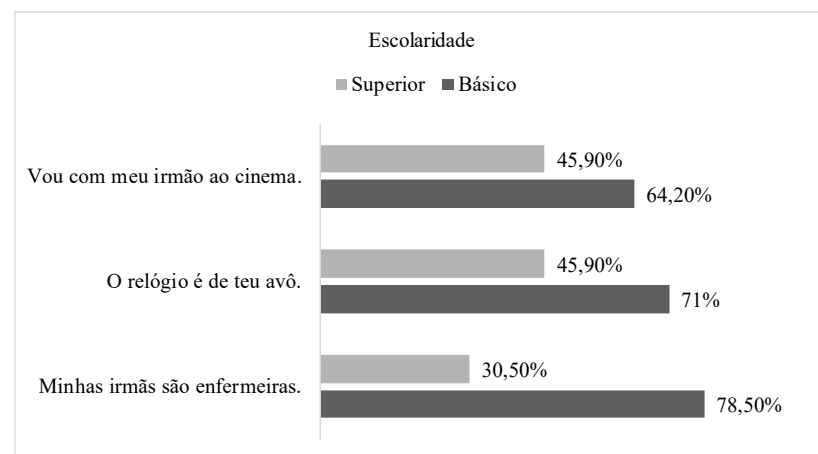


Fonte: Elaborado pela autora.

A correlação “posição inicial da frase” e “N [+família]” em frases como “Vossa família é muito simpática” e “Minhas irmãs são enfermeiras”, que recolhem 63,60 % e 60,60 %, respetivamente, de apreciações favoráveis quanto à sua correção, parece indicar que estes dois fatores contribuem para o tipo de avaliação feita pelos participantes.

Quando considerados os fatores extralinguísticos, como o “nível de escolaridade” dos participantes, é possível constatar um grande contraste nas avaliações de frases com PPN não padrão do PE por parte dos participantes: aqueles que apenas possuem a escolaridade básica sistematicamente avaliam como corretas as frases não padrão do PE. Os resultados mostram valores percentuais superiores, entre 25 e 30%, relativamente aos obtidos pelos participantes licenciados; aliás, a taxa de aprovação das frases não padrão por parte destes participantes nunca atinge os 50% (cf. Gráfico 2).

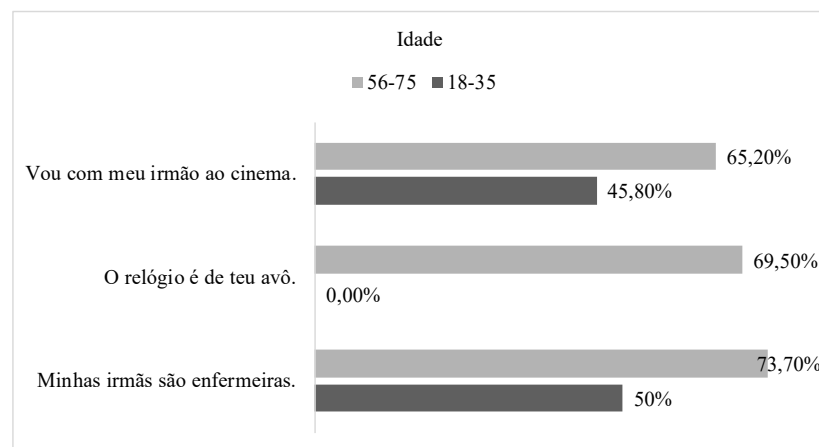
Gráfico 2 – Resultados da avaliação como corretas de frases com PPN sem artigo definido a anteceder e fator de “nível de escolaridade” dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

A idade dos participantes parece também condicionar as suas avaliações: os mais velhos, aqueles cuja idade se situa entre os 56 e os 75 anos, distinguem-se dos mais jovens, com idades compreendidas entre os 18 e os 35 anos, por avaliarem como corretas, de forma muito expressiva, as frases com a variante não padrão, como se pode observar nos exemplos que integram o Gráfico 3.

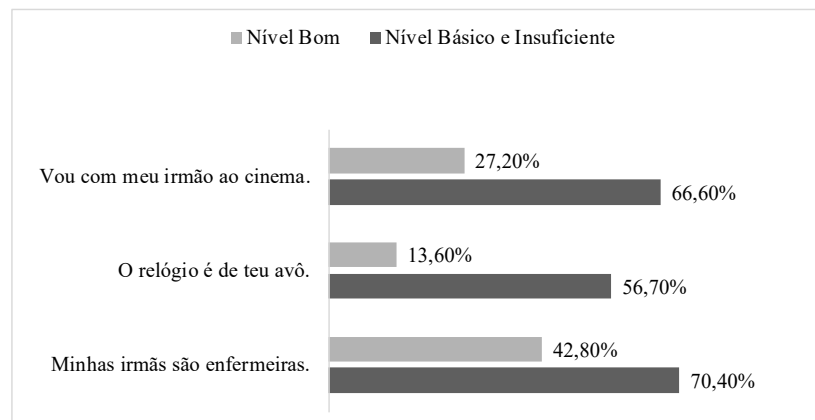
Gráfico 3 - Resultados da avaliação como corretas de frases com PPN sem artigo definido a anteceder e fator "idade" dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

O nível de proficiência em PLNM atribuído pelos participantes condiciona nitidamente as suas perceções sobre o carácter correto ou não de PPN não padrão do PE. Os resultados das avaliações emitidas por aqueles que consideram ter um nível bom de português mostram valores positivos muito inferiores aos daqueles que afirmam ter um nível básico e insuficiente de português (Gráfico 4).

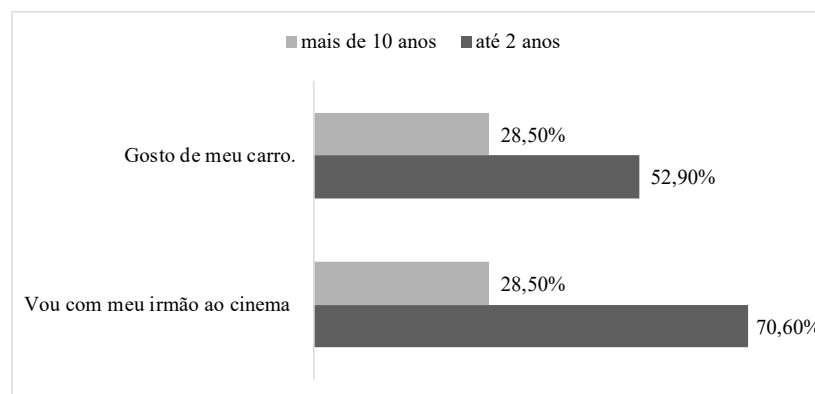
Gráfico 4 - Resultados da avaliação como corretas de frases com PPN sem artigo definido e fator de "nível de competência em PLNM estimado" pelos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

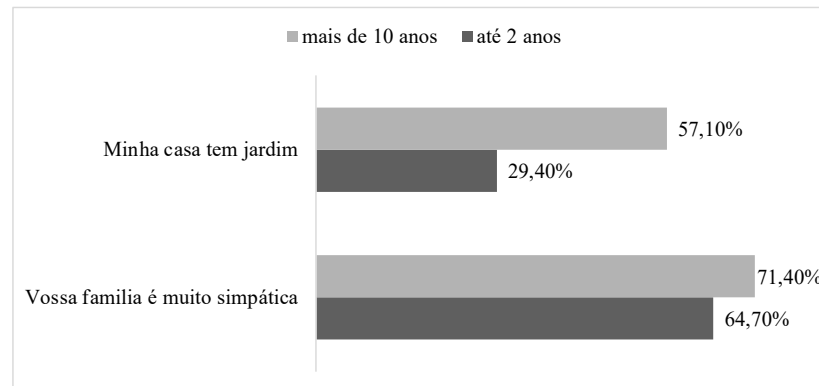
O tempo de residência na ilha da Madeira também parece condicionar as avaliações dos participantes como mostram os Gráficos 5 e 6, a seguir.

Gráfico 5 - Avaliação de frases com PPN em posição não inicial e fator "tempo de residência na ilha da Madeira" dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 6 – Avaliação de frases com PPN em posição inicial e fator “tempo de residência na ilha da Madeira” dos participantes

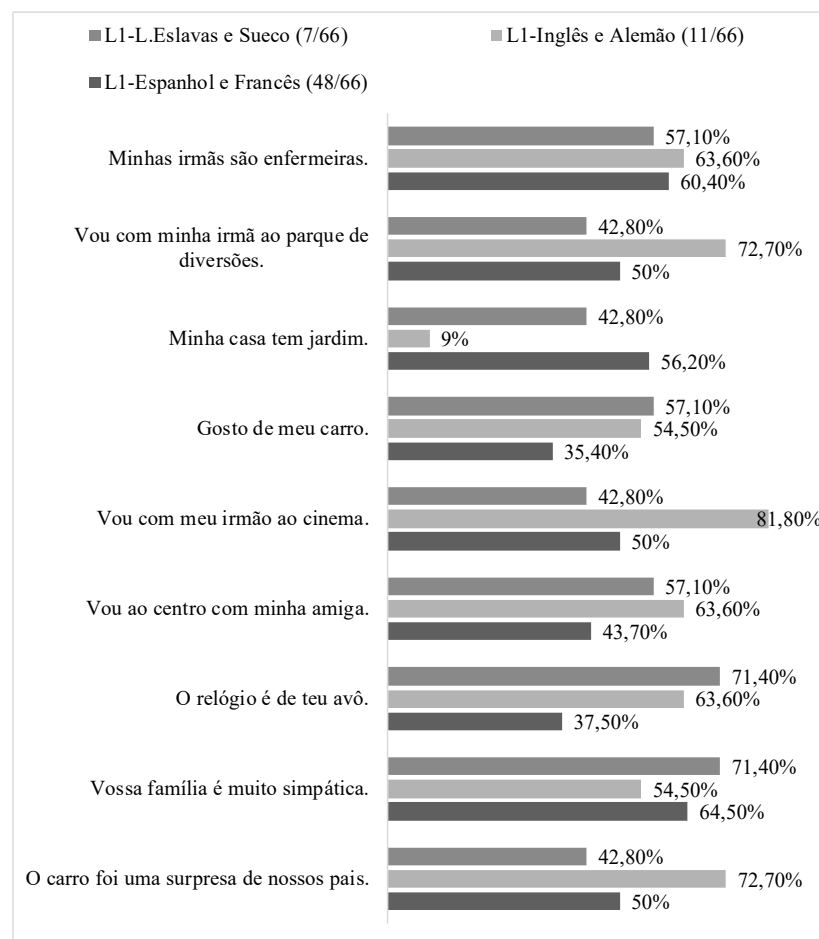


Fonte: Elaborado pela autora

Ambos os gráficos apresentam dois grupos de participantes em contraste - aqueles que residem há mais de 10 anos na ilha da Madeira, por um lado, e aqueles que lá residem há menos de 2 anos, por outro. Observa-se que este último grupo é responsável por maiores índices de aceitabilidade de frases não padrão quando o PPN não se situa em posição inicial, independentemente de o N ser marcado como [+família] ou não (Gráfico 5); quando as estruturas de PPN não padrão se encontram em posição inicial da frase (cf. Gráfico 6), estes falantes manifestam uma aceitabilidade inferior à manifestada pelo grupo de falantes residentes na ilha há mais de 10 anos, em alguns casos, de modo muito significativo, como em “Minha casa tem jardim” (Gráfico 6), frase que combina a posição inicial com o facto de N ser [-família].

O Gráfico 7, a seguir, mostra os valores percentuais resultantes da avaliação como correta de cada uma das nove frases contendo estruturas de PPN não padrão do PE, de acordo com o fator L1 dos participantes.

Gráfico 7 – Avaliação de frases com PPN não padrão e fator “L1” dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados apresentam-se muito díspares quando são consideradas as avaliações atendendo à L1 dos participantes. As frases com PPN não padrão do PE consideradas “corretas” com menor expressão nos três grupos considerados (L1- Espanhol e Francês, ou línguas românicas sem artigo com PPN, L1 - Inglês e Alemão,

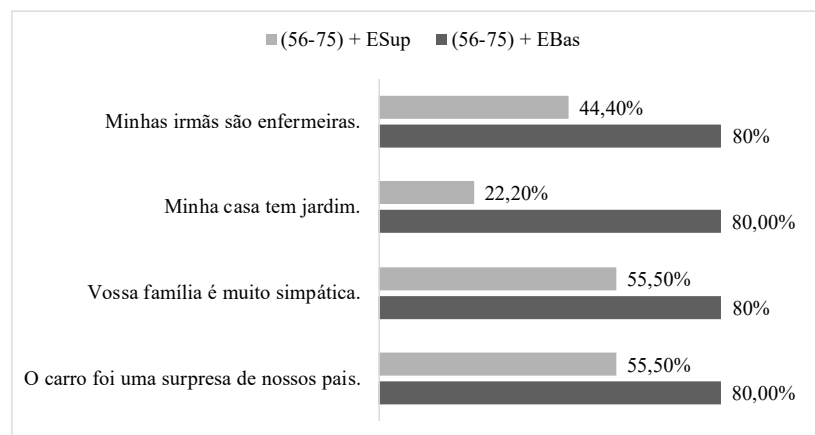
ou línguas não-românicas sem artigo com PPN, e L1- Línguas eslavas (russo, ucraniano, polaco, eslovaco), línguas sem artigo, e sueco, língua com artigo afixado) são as que contêm um N [-família] em posição inicial (“Minha casa tem jardim”), com 56% e 9% , e em posição final (“Gosto de meu carro”), com 35,4%, 54,5%, 57,10%. A primeira destas duas frases recebeu avaliações positivas (56,1%) do grupo L1- espanhol e francês. Por outro lado, a frase “Este relógio é de teu avô” é, talvez, a menos consensual nas avaliações. O grupo de L1 – espanhol e francês avalia-a como “correta”, com 37,5%, sendo esta também a que apresenta menor percentagem de aprovação neste grupo. Este valor contrasta com os 63,6% e 71,4% que resultam da avaliação dos grupos L1- Inglês e Alemão e L1 – línguas eslavas, respetivamente. Por fim, o grupo de L1 – Inglês e Alemão destaca-se dos demais ao atribuir avaliações muito positivas a duas frases que apresentam a mesma estrutura – “Vou com meu irmão ao cinema”, com 81,8% e “Vou com minha irmã ao parque de diversões”, com 72,7%. Estes valores são superiores aos produzidos também por este grupo, a respeito de frases em que o PPN com N[+família] se encontra em posição inicial, como em “Minhas irmãs são enfermeiras”, com 63,6%, e “Vossa família é muito simpática”, com 54,5%. Este resultado parece indicar que o fator posição é relevante para falantes de PLNM, marcados por L1 – Inglês e Alemão.

Num último conjunto de gráficos (do Gráfico 8 ao Gráfico 11) procura-se dar conta dos resultados obtidos pelo cruzamento de variáveis extralinguísticas na amostra de 66 participante – nomeadamente, “idade” (faixa etária (18-35 anos) vs faixa etária (56-75 anos) com “nível de competência estimado em PLNM” (básico e insuficiente vs bom) e em articulação com o “nível de escolaridade” (básico vs superior).

A combinação da “idade” e “nível de escolaridade” dos participantes, por um lado (Gráficos 8 e 9), e “nível de competência estimado em PLNM” e “nível de escolaridade” (Gráficos 10 e 11)

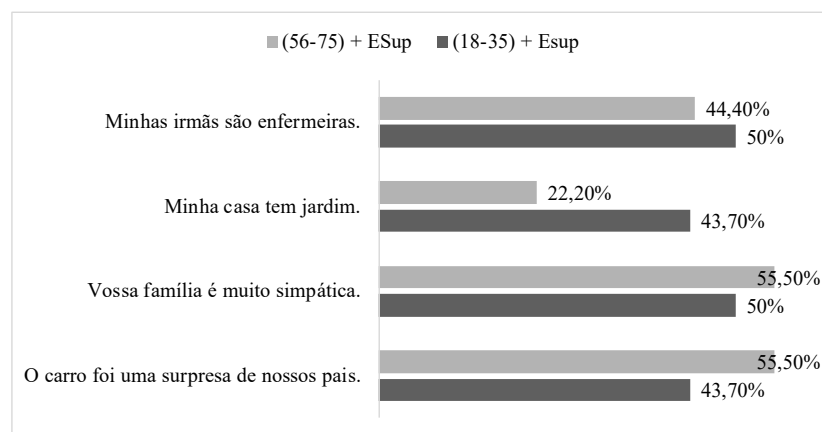
por outro, mostram resultados mais contrastivos, pondo em evidência a relevância destes fatores na tarefa de avaliação.

Gráfico 8 – Avaliação de frases não padrão do PE e fatores “idade” e “nível de escolaridade” dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

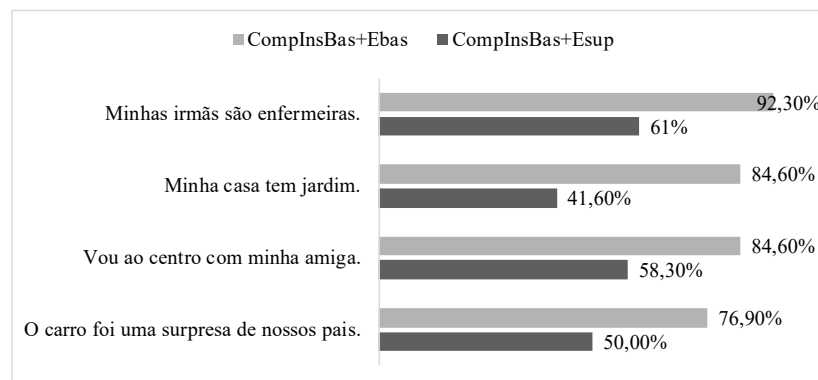
Gráfico 9 – Avaliação de frases não padrão do PE e fator “idade” no grupo de participantes licenciados



Fonte: Elaborado pela autora.

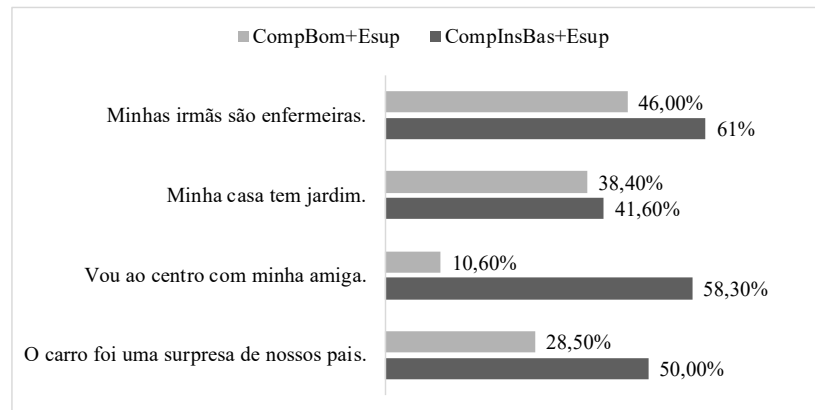
O primeiro conjunto de dados, expressos nos Gráficos 8 e 9, mostra que os participantes mais velhos e menos escolarizados avaliam as formas de PPN não padrão do PE de forma positiva, interpretando-as como corretas, contrariamente aos participantes, que apesar de se situarem na mesma faixa etária, têm formação do ensino superior (Gráfico 8); no Gráfico 9, a comparação dos dados produzidos por participantes muito escolarizados, mas pertencendo a faixas etárias distintas (18-35), considerados jovens, e (56-75), mais velhos, resulta num contraste mais ténue, apenas mais expressivo na avaliação da frase “Minha casa tem jardim”, considerada correta por 22,20% dos participantes mais velhos, contra 43,7% dos participantes jovens.

Gráfico 10 - Avaliação de frases não padrão do PE e fatores “nível de proficiência em PLN” (estimado pelos participantes) e “nível escolaridade” dos participantes



Fonte: Elaborado pela autora.

Gráfico 11 – Avaliação de frases não padrão do PE e fator “nível de proficiência em PLNM” estimado pelos participantes do grupo de licenciados



Fonte: Elaborado pela autora.

Os resultados expressos no Gráfico 10 permitem observar um padrão em que sistematicamente o nível de competência insuficiente e básico em PLNM correlacionado com a escolaridade básica dos participantes é responsável pela produção de juízos favoráveis de PPN não padrão do PE, em nítido contraste com aqueles que, apesar de considerarem o seu nível de competência insuficiente e básico, possuem uma escolaridade mais avançada de tipo superior. O Gráfico 11 compara a prestação de participantes diplomados do ensino superior com níveis de competência distintos em PLNM; aqueles que avaliam a sua competência em PLNM como “insuficiente ou básica” interpretam sistematicamente as PPN não padrão como estando corretas, de forma mais significativa e em claro contraste com as avaliações daqueles que consideram o seu nível de PLNM “bom”.

DISCUSSÃO

A aceitabilidade da ausência do artigo em PPN, patente no Gráfico 1, com valores acima dos 40%, embora não possa ser comparada com estudos similares realizados no âmbito do português, pode ser considerada elevada, quando comparada com os valores do seu uso por falantes madeirenses do PE / L1 – 14% - atestados na variedade do PE falada no Funchal (Bazenga, 2023). Os dados de percepção por falantes não nativos do português que resultam deste inquérito exibem, assim, uma certa especificidade, possivelmente relacionada com as condições próprias do processo de aquisição / aprendizagem do português.

Este processo situa-se num plano do contacto linguístico, entre a língua-alvo, o PLNM, e as línguas maternas L1 diferenciadas dos aprendentes. Os dados produzidos pela aplicação deste questionário revelam a pertinência de alguns mecanismos relacionados com desenvolvimento específico dos processos de aquisição / aprendizagem de uma língua não materna e referidos na subsecção **Contacto linguístico em processos de aquisição /aprendizagem de uma língua não materna (L2, L3...)** deste trabalho. Um desses fatores consiste na influência do conhecimento linguístico prévio, nomeadamente da língua materna ou L1 nestes processos. O efeito da L1 pode manifestar-se de várias formas, “não apenas através da transferência [de L1 para a língua-alvo], mas também, por exemplo, através de estratégias de “evitamento” de determinadas estruturas ou formas, ou a nível de efeitos no ritmo ou no percurso de aquisição” (Madeira, 2017, p. 314). Este aspeto poderá explicar os valores de aceitabilidade superior a 50 % da maioria das frases não padrão do PE pelos três grupos de participantes constituídos em função de tipologias distintas de L1. Esta tendência poderá estar relacionada com o facto de as gramáticas L1 contempladas nestes três grupos apresentarem sistemas de PPN distintos dos da língua-alvo, o português,

como já mencionado na secção dedicada à descrição da **Amostra**, traduzindo-se, em contexto de contacto linguístico tal como acima explicitado, impulsionado pelo processo de aquisição/aprendizagem de uma língua não materna, pela transferência da propriedade “omissão de artigo”, concebida como natural e correta, em estruturas PPN do PE indicadas para avaliação. Esta operação pode ser facilitada pela presença de um N [+família] pelas razões já evocadas. Atendendo ao critério L1 dos participantes, as frases que obtiveram interpretações como “corretas” inferiores a 50% foram, pelo Grupo L1 – Línguas Eslavas, Sueco “Vou com minha irmã ao parque de diversões”, “Minha casa tem jardim”, “Vou com meu irmão ao cinema”, “ O carro foi uma surpresa de nossos pais”, todas com 42,5%; o grupo L1-- Inglês e Alemão: “Minha casa tem jardim”, com 9%; L1– Línguas Românicas (Espanhol, Francês): “Gosto de meu carro”, com 35,4%, “Vou ao centro com minha amiga”, com 43,7% e “O relógio é de teu avô”, com 37,5%. Estes dados não deixam transparecer padrões específicos, sendo explicáveis como estando relacionados com outros fatores não contemplados por este inquérito, nomeadamente, fatores individuais na aquisição, tais como a motivação, estilos cognitivos no modo como são processados e memorizados os estímulos recebidos da língua não materna, as estratégias de aprendizagem, personalidade (extrovertida / introvertida), atitudes mais ou menos positivas em relação à língua alvo (Madeira, 2017, p. 309-10), ou ainda a idade de início da aquisição, se na adolescência ou em idade adulta (Madeira; Alexandre, 2022, p. 295).

Também poderão estar relacionados com uma outra situação não considerada nesta investigação e que se prende com o estatuto do PLNМ, que poderá ser o de uma L2 ou de uma L3 em termos de aquisição. Ora, se o PLNМ dos participantes for uma L3, esta condição acrescenta maior complexidade ao processo de aquisição, uma vez que “a aquisição de uma L3 poderá ser influenciada pelo conhecimento que o falante tem, não apenas da sua L1, mas também de outras L2, podendo a transferência ser feita a partir de qualquer uma das línguas adquiridas previamente.” (Madeira, 2017, p. 318).

Nesta situação, a complexidade traduz-se pela existência de pelo menos duas possibilidades: os falantes e aprendentes de uma L3 podem transferir apenas a partir da sua L2 ou, em alternativa, fazem-no tanto a partir de L1 como de L2. Madeira (2017, p. 320) chama a atenção para o facto de “apesar de haver muitos aspetos do processo de aquisição de L3 que não estão ainda bem compreendidos, parece claro que este apresenta algumas características que o distinguem da aquisição de uma L2.” Apesar da recolha de informação sobre perceção subjetiva que os participantes atendendo ao seu nível de proficiência em PLNM, o questionário não permite determinar em que “estádio final” (Madeira; Alexandre, 2022, p. 295) se encontram os seus processos de aquisição, algo que poderia fornecer explicações mais adequadas sobre os dados interpretativos em análise neste trabalho.

No entanto, quando se tem em conta a avaliação do nível de proficiência em PLNM estimado pelos participantes, os resultados mostram a pertinência deste fator nas suas interpretações. Os participantes com nível considerado bom produzem menos interpretações positivas (como “corretas” de PPNs não padrão do PE (Gráfico 4), em nítido contraste com as avaliações produzidas, todas acima de 50%, por participantes com nível estimado insuficiente e básico. Estas diferenças subjetivas poderão estar relacionadas com o facto de os efeitos de L1 se manifestarem mais em etapas iniciais nos processos de aquisição (Madeira; Alexandre, 2022, p. 295), algo que deverá suscitar maior aprofundamento no futuro.

A categoria N [+família] é mencionada na literatura como uma classe com propriedades especiais (Dahl; Koptjevskaja-Tamm, 2001; Jones, 2010). Uma dessas propriedades mais notáveis e, como evidenciado na secção **Contacto linguístico em processos de aquisição /aprendizagem de uma língua não materna (L2, L3...)**, é a de condicionar os usos do artigo definido em estruturas possessivas não só na área linguística românica, como também em gramáticas de línguas não românicas. Os resultados parecem demonstrar o

lugar de relevo desta categoria lexical, uma vez que as frases que contêm um nome de parentesco, ou com uma estrutura PPN [+família], recolhem sistematicamente interpretações positivas, sendo consideradas corretas pela maioria dos participantes, com valores acima dos 50%, independentemente da posição (inicial, não inicial) ocupada na frase. Quando N é “amigo”, como na frase “Vou ao centro com minha amiga”, embora se trate de um nome relacional, traço partilhado com os nomes de parentesco, os valores de aceitação são inferiores a 50% (cf. Gráfico 1), sugerindo que os participantes não reconhecem neste item lexical as particularidades associadas aos nomes de parentesco.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Os resultados deste trabalho fornecem dados preliminares a partir dos quais se poderá construir uma investigação mais sólida sobre os sistemas de PPN do PE em falantes de PLN (L2 e L3), tanto no plano da produção como no plano da percepção e das atitudes linguísticas. Parece notória, através dos padrões de aceitação de PPN não padrão do PE, marcados pela ausência do artigo definido e pela coocorrência de um N [+família] na estrutura, a relevância da classe lexical dos nomes de parentesco no estudo dos sistemas de possessivos. Em articulação com a realização de N[+família], também a posição das estruturas com PPN na frase – inicial, mediana ou final – constitui um fator que pode condicionar as percepções positivas ou negativas, em termos de correção, das estruturas-alvo.

Fica também patente a importância de fatores extralinguísticos – “idade” e “nível de escolaridade” – na análise dos comportamentos linguísticos solicitados aos participantes, em conformidade com a literatura produzida no âmbito da sociolinguística variacionista, aspetos que devem ser considerados em pesquisas futuras.

Esta abordagem teórico-metodológica deverá ser mantida, mas com a integração de fatores relacionados com os processos de aquisição /aprendizagem de uma língua não materna. Neste sentido, uma investigação futura sobre os sistemas de PPN do português deverá ter em conta algumas especificidades que não foram tratadas no presente inquérito, tal como a recolha de informações mais detalhadas sobre contextos e processos individuais de desenvolvimento da aquisição / aprendizagem do PLNM referidos na secção anterior, o estatuto do português L2 ou L3 ou ainda Língua de Herança. Uma vez que a hipótese dos efeitos da L1 neste processo de aquisição é algo que tem fundamento empírico, a pesquisa sobre o domínio da gramática em foco neste trabalho deverá ser acompanhada de uma reflexão sobre o grau de dificuldade que ele representa para as diversas gramáticas (L1 e L2, L3) em contacto.

REFERÊNCIAS

- BALDI, Benedetta; SAVOIA, Leonardo Maria. Possessives, from Franco-Provençal and Occitan Systems to Contact Dialects in Apulia and Calabria. **Languages** 6(2), 63, 2021. <https://doi.org/10.3390/languages6020063>.
- BAZENGA, Aline. Variação em construções possessivas pré-nominais do português: um estudo sobre os usos de falantes do Funchal (Ilha da Madeira, Portugal). **Reflexos** [Online], 6 | 2023, Online desde 19 abril 2023, Acessado em 14 setembro 2023. URL: <http://interfas.univ-tlse2.fr/reflexos/1108>.
- BERNSTEIN, Judy; ORDÓÑEZ, Francisco; ROCA, Francesc. On the emergence of personal articles in the history of Catalan. In: BOUZOUITA, Miriam; BREITBARTH, Anne, DANCKAERT, Lieven, WITZENHAUSEN, Elisabeth (eds), **Cycles in Language Change**. Oxford: Oxford University Press, 2019, p. 88-108. <https://doi.org/10.1093/oso/9780198824961.003.0006>.
- BERNSTEIN, Judy B.; ORDÓÑEZ, Francisco; ROCA, Francesco. Emphatic elements and the development of Definite articles: evidence for a layered DP In early romance. **Journal of Historical Syntax**, Vol. 5, p. 1-32, 2021.

BOUZOUITA, Miriam; LARSSON, Matti Marttinen. Variation and Change in the Romance Possessive Constructions: An Overview of Nominal, Adverbial and Verbal Uses. **Moderna språk**. 114 (3), p. 1-44, 2020.

BRITO, Ana Maria. Algumas áreas de variação sintática entre o PE e o PB e implicações para o ensino/aprendizagem do PLE. **Cadernos de PLE. Estudos Variacionistas e Aplicados em Língua não materna**, p. 6-31, 2022. DOI: <https://doi.org/10.34624/cadernosple.v0i0.31032>

BROAD, Douglas. Literature Review of Theories of Second Language Acquisition. **Journal of Applied Linguistics and Language Research**, Volume 7, Issue 1, p. 80-86, 2020.

CALLOU, Dinah; SILVA, Gisele M. O. O uso do artigo definido em contextos específicos. *In*: HORA, Dermeval (Org.). **Diversidade lingüística no Brasil**. João Pessoa: Idéia, 1997. p. 11-28.

CARDINALETTI, Anna; GIUSTI, Giuliana. Micro-variation in the Possessive Systems of Italian Dialects. *In*: EMONDS, Joseph; JANEBOVÁ, Markéta; VESELOVSKÁ, Ludmila (Ed.). **Language Use and Linguistic Structure Proceedings of the Olomouc Linguistics Colloquium 2018**. Palacký University Olomouc: Olomouc Modern Language Series (OMLS), 2018. p. 137-154.

CARDINALETTI, Anna. On the deficient/strong opposition in possessive systems. *In*: ARTEMIS, Alexiadou; WILDER, Chris (Ed.). **Possessors, Predicates and Movement in the Determiner Phrase 22**. Amsterdam: Benjamins, 1998. p. 17-53. DOI: <https://doi.org/10.1075/la.22.03car>

CARRILHO, Ernestina; PEREIRA, Sandra. Sobre a distribuição geográfica de construções sintáticas não-padrão em português europeu. **Anais do XXVI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística**. Lisboa: Universidade de Lisboa, p. 125-138, 2011.

CASTRO, Ana. Possessivos e artigo definido expletivo em PE e PB. **Revista Veredas**, n. 1 e 2, p. 1-18, 2006.

CORDEIRO, Livia Rodrigues; GOMES, Danielle Kely. Artigos Definidos em Sintagmas Possessivos no Português de São Tomé: Subsídios para Descrição de uma Regra Variável. *In*: MEIRELES, Vanessa; VIEIRA, Marcia dos Santos Machado (orgs.). **Variação em Português e em Outras Línguas Românicas**. São Paulo: Blucher, 2022. p. 99 -120. DOI 10.5151/9786555501292-05

COSTA, Tatiane Macedo. **Determinantes definidos: um estudo sobre a estrutura dos DPs na história do português.** 2016. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Estudos da Linguagem, Campinas, 2016.

DAHL, Östen; KOPTJEVSKAJA-TAMM, Masja. Kinship in grammar. *In*: BARON, Irene; HERSLUND, Michael; SØRENSEN, Finn (Ed.). **Dimensions of Possession.** Amsterdam: John Benjamins, 2001. p. 201-226.

DÖMYEI, Zoltán; SKEHAN, Peter. Individual differences in second language learning. *In*: DOUGHTY, Catherine J.; LONG, Michael H. (Ed.). **The Handbook of second language acquisition.** Oxford: Blackwell, 2003. p. 589-630.

LEDGEWAY, Adam; MAIDEN Martin (Ed.). **The Oxford guide to the Romance languages.** Oxford: Oxford University Press, 2016.

FERREIRA, Tânia; RIO-TORTO, Graça. Confluência e não confluência entre em PB e PE: presença e ausência de artigo antes de possessivo. *In*: RIO-TORTO, Graça (Ed.). **Português brasileiro e português europeu: um diálogo de séculos.** Universidade Politécnica de Macau: CELGA – ILTEC, 2022. p. 35-54.

FIGUEIREDO, Carlos Filipe de Guimarães. Uso variável do artigo definido no português da comunidade de Almojarife, São Tomé. **Journal of Ibero-Romance Creoles**, Lisboa, v. 9, n. 1, p. 358-389, 2019.

FRANCO, Ludovico. The morphosyntactic interaction of kinship terms with evaluative morphemes in Italian. **Quaderni Di Linguistica E Studi Orientali** 7, 2021. DOI: <http://dx.doi.org/10.13128/QUSO-2421-7220-12003>

GOMES, Danielle Kelly; CORDEIRO, Livia Rodrigues. O uso variável de artigo definido diante de pronome possessivo na variedade urbana do português de São Tomé. **Revista do GEL**, 18 (3), p. 95-114, 2021.

GUEDES, Shirley. Emprego do artigo definido em situação de contato dialetal. **Domínios de Linguagem**, 13(4), p. 1401-1432, 2019. DOI: <https://doi.org/10.14393/DL40-v13n4a2019-4>.

JONES, Doug. Human kinship, from conceptual structure to grammar. **Behavioral and Brain Sciences**, 33, p. 367-416, 2010.

KUPISCH, Tanja; RINKE, Esther. The diachronic development of article-possessor complementarity in the history of Italian and Portuguese. *In*: SIEMOUND, Peter (Ed.). **Linguistic universals and language variation**. Berlin-New York: Mouton de Gruyter, 2011. p. 92-127.

LABOV, William. Some sociolinguistic principles. *In*: PAULSTONE, Christina B.; TUCKER, G. Richard. (Ed.). **Sociolinguistics: the essential readings**. Massachusetts: Blackwell Publishing, 2003. p. 234-250.

LABOV, William. **The Social Stratification of English in New York City**. Cambridge: Cambridge University Press, 2nd ed. 2006.

LABROUSSE, Mallorie. Parallélismes et dissymétries dans l'évolution de l'alternance <article + possessif + nom> / <possessif + nom> avec les termes de parenté en catalan et en portugais européen. **Moderna språk**, 114 (3), p. 45-77, 2020. <https://ojs.ub.gu.se/index.php/modernasprak/article/view/5245>

LABROUSSE, Mallorie. *Étude diachronique et comparée. De l'alternance [article + possessif + nom] / [possessif + nom] En catalan, espagnol et portugais du 13ème au 20ème*. 2018. Tese (Doutorado em Linguística) – Université de Paris 8, Paris, 2018.

LAPESA, Rafael. Sobre el artículo con posesivo en castellano antiguo. *In*: CANO AGUILAR, Rafael; ECHENIQUE ELIZONDO, María Teresa (Ed.). **Estudios de morfosintaxis histórica del español**. Madrid: Gredos, vol. I, 2000. p. 413-435.

MADEIRA, Ana. Aquisição de língua não materna. *In*: FREITAS, Maria João; SANTOS, Ana Lucia (Ed.). **Aquisição de língua materna e não materna. Questões gerais e dados do português**. Berlim: Language Science Press, 2017. p. 305-330.

MADEIRA, Ana; ALEXANDRE, Nélia. Aquisição e desenvolvimento linguísticos: investigação e aplicações – sintaxe de português europeu L2. *In*: **Revista da Associação Portuguesa de Linguística**, nº 9-10, p. 280-300, 2022. <https://doi.org/10.26334/2183-9077/rapln9ano2022mr4>

MAKAROVA, Elena; POLYAKOV, Vladimir. The Origin of the Article in Indo-European Languages of Western Europe. **Mediterranean journal of social sciences**, v. 6I, p. 61-75, 2015.

MASI, Sonia. Variation in the Possession of Kinship Terms in the Dialects of Italy. **Proceedings of the 2020 CLA - Canadian Linguistic Association meeting**, 2020. https://cla-acl.ca/pdfs/actes-2020/Masi_CLA-ACL2020.pdf

MASI, Sonia. The Morphosyntax of kinship terms and enclitic possessive constructions in the dialect of Ardore Superiore. **Western Papers in Linguistics**, vol. 4, p. 1-44https://ojs.lib.uwo.ca/index.php/wpl_clw/article/view/13760/11215

MENON, Odete P. S. Uma regra variável no português do Brasil (PB): artigo diante de possessivo e de antropônimo: Curitiba (VAR SUL) versus João Pessoa (VALPB). *In*: MENON, Odete P. S.; FAGUNDES, Edson D. (Org.). **Estudos sobre o português no Sul do Brasil**. Curitiba: EDUTFPR, p. 23-51, 2022.

ODLIN, Terence. Crosslinguistic Influence and Conceptual Transfer: what are the concepts? **Annual Review of Applied Linguistics**, Volume 25, 2005, p. 3- 25.

DOI: <https://doi.org/10.1017/S0267190505000012>

PENELLO, Nicoletta. Possessivi e nomi di parentela in alcune varietà antiche e moderne. **Verbum IV (2)**, p. 327-348, 2002.

RAPOSO, Eduardo Paiva *et alii*. **Gramática do Português - Volume I, II**. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2013.

RICCA, Davide. Typological Diversity Within the Romance Languages. **Oxford Research Encyclopedia of Linguistics**, 2021. <https://doi.org/10.1093/acrefore/9780199384655.013.429>.

RINKE, Esther. A combinação de artigo definido e pronome possessivo na história do português. **Estudos de Linguística Galega**, 2, p. 121-139, 2010.

ROTHMAN, Jason; CABRELLI AMARO, Jennifer; BOT, Kees de. Third language acquisition. *In*: HERSCHENSOHN, Julia; YOUNG-SCHOLTEN, Martha (Org.). **The Cambridge Handbook of Second Language Acquisition**. Cambridge: Cambridge University Press, 2013. p. 372-393.

SEDRINS, Adeilson P.; PEREIRA, Déreck D.; SILVA, Cláudia R. A função sintática e o licenciamento de artigos definidos diante de antropônimos e de possessivos pronominais. Hm estudo com dados de fala em Carinaíba – Pernambuco. **Domínios de Lingu@gem**, Uberlândia, v. 13, n. 3, p. 1266-1295, 2019. DOI: 10.14393/DL39-v13n3a2019-17. Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/dominiosdelinguagem/article/view/42060>. Acesso em: 14 set. 2023.

SILVA DOMINGUEZ, Carme Silva. Estructuras con posesivo y sustantivos relacionales humanos en gallego y portugués europeo. Semejanzas y diferencias en una evolución común. **Studia linguistica romanica** 6, p. 16-44, 2021. DOI: <https://doi.org/10.25364/19.2021.6.2>

SILVA, Giselle; CALLOU, Dinah. O uso do artigo definido diante de possessivo. *In*: DUARTE, Inês; LEIRIA, Isabel (Org.). **Congresso Internacional sobre o Português**, vol. III. Lisboa: Colibri/ Associação Portuguesa de Linguística, 1996. p. 115-125.

SILVA, José Manoel Siqueira da. **Variação no preenchimento da posição determinante antes de possessivos pré-nominais**: padrões dialetais e contatos. 2020. Dissertação (Mestrado em Letras) – Universidade Federal de Sergipe, Sergipe, 2020.

SIMONENKO, Alexandra; CARLIER, Anne. The evolution of possessive phrases and the rise of DP in French, Spanish, and Portuguese. **Glossa: a journal of general linguistics** 7(1), 2022. DOI: <https://doi.org/10.16995/glossa.5703>.

STOLZ, Thomas; LEVKOVYCH, Nataliya; URDZE, Aina. Die Grammatik der Toponyme als typologisches Forschungsfeld: eine Pilotstudie. *In*: HELMBRECHT, Johannes; NÜBLING, Damaris; SCHLÜCKER, Barbara. **Namengrammatik, Hamburg**: Helmut Buske Verlag GmbH, 2017. p. 121-146.

VAN PETEGHEM, Marleen. Possessives and Grammaticalization in Romance. **Folia Linguistica**, 46/2, p. 605-634, 2012. <https://doi.org/10.1515/FLIN.2012.020>.

AGRADECIMENTOS

Este trabalho conta com a colaboração de Carina Pereira, estudante da disciplina Sociolinguística do 1º ano do mestrado Linguística: Sociedades e Culturas, que realizou o questionário no *Qualtrics* e procedeu às primeiras análises, sob minha orientação. A difusão do questionário contou com o contributo de Idalina Camacho, docente da Universidade da Madeira e responsável pelos cursos de PLNM nesta instituição, que forneceu a lista de contactos de (ex) estudantes destes cursos para preenchimentos dos questionários.

12

Aline Bazenga

POSSESSIFS PRÉ-NOMINAUX EN PORTUGAIS EUROPÉEN:

PERCEPTIONS ET ÉVALUATIONS
PAR DES LOCUTEURS DE PORTUGAIS
LANGUE NON MATERNELLE
DE L'UNIVERSITÉ DE MADÈRE.

Ce chapitre présente une enquête sur les jugements émis par des locuteurs non natifs du portugais à propos de constructions avec des possessifs pré-nominaux (PPN), avec et sans article défini. Il s'agit d'un phénomène variable dans les langues romanes (LR), dans leurs variétés standard et dialectes. En portugais européen standard (PE), l'utilisation de l'article devant les PPN est considérée catégorique, malgré quelques contextes socio-pragmatiques où son omission est obligatoire. Cette situation contraste avec celle en usage dans les variétés extra-européennes du portugais (africaines et brésiliennes), dans laquelle l'usage de l'article est soumis à une règle variable, dans les termes conçus par la sociolinguistique variationniste.

Aussi bien dans le cadre du PE (standard et dialectal) que dans d'autres variétés standard des LR, en particulier dans la zone géolinguistique de l'italien, les noms de parenté constituent une exception dans les systèmes de PPN. En effet, la présence d'un nom de parenté conditionne l'usage de l'article défini et l'on observe une tendance à son omission. Cette situation a été documentée dans plusieurs travaux sur l'italien (Masi, 2020 ; Franco, 2021) et sur le PE. Dans le domaine du PE, Bazenga (2023) a apporté de nouvelles données empiriques de production de l'omission de l'article devant PPN, lorsque le N appartient à la classe lexicale marquée par le trait sémantique [+famille], montrant que cette structure est soumise à une règle variable dans la variété insulaire de Funchal, capitale de l'île de Madère.

Suite à ces travaux, cette enquête vise à observer le comportement des locuteurs non natifs du portugais face à l'article défini avant les PPN en portugais européen (PE). Plus précisément, nous cherchons à analyser les jugements évaluatifs des constructions PPN en PE (avec des variantes standard et non standard) par des locuteurs dont les langues maternelles L1 sont différentes du PE. À cette fin, un questionnaire a été élaboré sur la plateforme *Qualtrics*. Ce questionnaire contient, en plus de questions permettant de déterminer les profils sociolinguistiques des participants, un ensemble

de 15 phrases pour lesquelles il est demandé d'évaluer leur "correction" grammaticale en sélectionnant l'une des options « oui/non ». L'application de ce questionnaire a eu lieu entre octobre et novembre 2022, par courrier électronique adressé aux anciens étudiants des cours de portugais langue non maternelle (PLNM) de l'Université de Madère. Un échantillon de 66 participants a été sélectionné pour l'analyse, menée dans le cadre de l'approche sociolinguistique labovienne de la variation.

Les résultats généraux soulignent l'importance des facteurs tels que « l'âge », « la scolarité », « la langue maternelle / L1 » et le « niveau de compétence en PLNM » dans les perceptions et les évaluations des participants. Ces deux derniers facteurs semblent être en rapport avec le processus d'acquisition / apprentissage d'une langue non maternelle (Madeira, 2017), caractérisé par certaines spécificités. Ce processus se produit dans une situation de contact linguistique, entre une langue maternelle ou L1 et une langue non maternelle, pouvant être L2, L3. Dans cette situation, l'un des aspects les plus étudiés dans la littérature concerne les effets de la L1 sur l'acquisition d'autres langues, en particulier lorsque les langues en contact sont structurellement différentes. Ces effets peuvent être plus ou moins prononcés selon les phases - initiale vs finale - de l'acquisition / apprentissage d'une L2. Ainsi, un niveau de compétence jugé insuffisant et/ou basique peut être associé à une phase initiale de l'acquisition d'une L2, avec un transfert plus important de propriétés de la L1. En revanche, un niveau de compétence évalué comme bon présuppose une meilleure maîtrise des structures de la L2 et sous-entend une diminution de l'influence de la L1. Ces résultats montrent généralement des valeurs élevées d'acceptation des structures PPN non standard en PE comme « correctes », liées à la présence d'un N [+famille]. Les évaluations positives diminuent considérablement lorsque le niveau de compétence en PLNM est jugé bon, suggérant que les locuteurs intègrent les propriétés du portugais standard à mesure qu'ils progressent dans le processus d'acquisition de cette langue.

Par ailleurs, en plus des facteurs mentionnés, il existe une certaine hétérogénéité dans les résultats ce qui rend impossible toute généralisation fiable. L'approfondissement de questions liées aux facteurs individuels (motivation, stratégies d'enseignement / apprentissage, croyances et attitudes envers la langue non maternelle), à l'âge du début de l'acquisition (adolescent / adulte) ainsi que les informations concernant le statut du PLNM (L2 ou L3) pourraient permettre une meilleure compréhension du phénomène dont il est question dans cette recherche, ce qui devrait être entrepris dans des enquêtes futures.

En conclusion, malgré les limitations mentionnées ci-dessus, ce travail constitue une contribution pour les études sur les perceptions et attitudes sociolinguistiques aussi bien que pour la recherche en variation morphosyntaxique dans le cadre des LR, dans le domaine des constructions possessives avec ou sans article et leurs interfaces avec les études sur l'acquisition / apprentissage du portugais L2, L3. Les données empiriques recueillies corroborent l'importance des noms de parenté en tant que domaine lexical d'exception, en fournissant des arguments empiriques en faveur de l'hypothèse de l'influence de la L1 dans le processus d'acquisition/ apprentissage d'une L2.

13

*Dennis Castanheira
Maria Maura Cezario*

**ENSINO, "SÓ QUE"
EM PERSPECTIVA
SOCIOFUNCIONALISTA**

RESUMO

Este capítulo tem como objetivo discutir estratégias para o ensino de gramática, por meio das reflexões sobre os usos do conector *só que* no português brasileiro. Para isso, são adotados os pressupostos teóricos do Sociofuncionalismo, defendidos, dentre outros autores, por Tavares (2013), Görski e Tavares (2013), Tavares e Görski (2015), Cezario, Marques e Abraçado (2016) e Castanheira (2018). Essa perspectiva tem como enfoque o estudo da variação linguística e das suas motivações sociais, discursivas e estruturais por meio da união das bases da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano. Metodologicamente, é adotado um olhar qualitativo bibliográfico e de pesquisa-ação, por meio da retomada dos principais trabalhos já desenvolvidos sobre o *só que* e de propostas de abordagem didática. Nossas reflexões demonstram que a articulação variação-discurso é essencial para o tratamento do tema na sala de aula, explorando seus padrões funcionais em contextos reais de uso.

Palavras-chave: Só que; Ensino; Sociofuncionalismo.

INTRODUÇÃO

O ensino de gramática atualmente é um tópico muito explorado e discutido nos estudos científicos da linguagem, sobretudo após iniciativas como o Mestrado Profissional em Letras (PROFLETRAS), que deram maior relevância ao tema na academia. De forma geral, são frequentes, por exemplo, trabalhos de análise de materiais didáticos, intervenção didática, propostas de atividades etc. No campo da morfologia e da sintaxe, essa temática demonstra ser de grande relevância diante de um cenário com inúmeras dificuldades por parte de discentes na apreensão dos conteúdos e de docentes na elaboração de estratégias didáticas adequadas. Dentre outros, os desafios de discutir o que, como e para que ensinar gramática permeiam esse debate e devem ser (re)pensados de diversas formas.

A fim de que haja novas perspectivas nesse âmbito, uma alternativa é o ensino de gramática sob um enfoque sociofuncionalista. Essa abordagem se caracteriza, do ponto de vista teórico, pelo estudo da variação linguística ligada aos padrões sociais, estruturais e discursivos por meio de fatores intra e extralinguísticos diversos, como fica claro em Tavares (2013), Görski e Tavares (2013), Tavares e Görski (2015), Cezario, Marques e Abraçado (2016) e Castanheira (2018). Essa perspectiva também inclui os pressupostos teóricos da Linguística Funcionalista Norte-Americana, buscando a motivação da variação e da mudança linguística a partir de fatores comunicativos e cognitivos, tais como informatividade, planos discursivos, marcação e transitividade (Hopper, 1979; Hopper; Thompson, 1980; Givón, 2012[1979]). A gramática na perspectiva sociofuncionalista é criada, moldada e modificada pelo uso e por forças ligadas aos objetivos comunicativos, à situação de uso, aos gêneros discursivos, aos grupos sociais, aos graus de formalidade etc. (Schmid, 2020). Nas duas últimas décadas, sobretudo, os pesquisadores funcionalistas aprofundaram o estudo da relação entre estrutura linguística

e processos cognitivos como capacidade de reconhecer padrões e a capacidade de ler intenções. Concebem que a gramática de uma língua é uma rede de construções, que são pareamentos simbólicos de forma e função. Estudam não somente uma dada construção, mas também as relações formais e semântico-pragmáticas entre construções, verificando também as construções que podem estar em variação entre si. Ganham destaque as relações entre construções com papéis semânticos e pragmáticos semelhantes e as relações entre várias funções de uma mesma construção.

Neste capítulo, nosso objetivo é discutir estratégias de ensino de gramática, a partir de propostas para docentes que atuem no Ensino Fundamental II e no Ensino Médio, a fim de que façam reflexões sobre usos da língua e, mais particularmente, sobre os usos de orações iniciadas por *só que*, como em (1), por meio de uma abordagem sociofuncional.

- (1) O ônibus já estava quase andando, mas o motorista a tinha visto e resolveu parar o ônibus para esperá-la, **só que** ela demorou muito e os passageiros começaram a gritar pro motorista dar a partida. (F., 18 anos, 2º grau, *Corpus Discurso & Gramática* – Rio)

Para atingir nosso objetivo, apresentaremos primeiramente a nossa fundamentação teórica, revisitaremos os trabalhos já desenvolvidos sobre o tema, por meio de revisão da literatura, e, por fim, apresentaremos nossas sugestões de abordagem, bem como as considerações finais e as referências bibliográficas citadas ao longo do artigo. Nossa contribuição com este capítulo é levar não somente o aluno, mas também o professor, a refletir sobre mecanismos do uso da língua portuguesa, mais especificamente, sobre os papéis de uma construção que não é apresentada na lista das conjunções das gramáticas tradicionais, a construção *só que*.

ENSINO DE GRAMÁTICA EM PERSPECTIVA SOCIOFUNCIONALISTA

Neste capítulo, adotamos como pressupostos teóricos para as discussões sobre ensino de gramática na escola o Sociofuncionalismo. De forma geral, é possível afirmar, conforme Tavares (2013), Tavares e Görski (2015), Cezario, Marques e Abraçado (2016) e Castanheira (2018), que a abordagem sociofuncionalista é caracterizada por unir os pressupostos teórico-metodológicos da Sociolinguística Variacionista e do Funcionalismo norte-americano, abordagens da Linguística contemporânea centradas na análise do uso linguístico e das suas motivações em diferentes níveis da gramática.


De forma geral, a Sociolinguística é uma teoria caracterizada pela discussão da variação entre formas alternantes, denominadas variáveis, e dos fatores que podem explicar seus usos. Precursora na discussão da relação entre língua e sociedade, essa teoria busca analisar aspectos intra e extralinguísticos como escolaridade, faixa etária, sexo e região são relevantes nos fenômenos variáveis (Labov, 1972). Não apenas esses fatores são relevantes para a compreensão das variações, mas também as comunidades de prática, revelando que grupos que se identificam por fazerem determinadas atividades em comum (como um coral, um grupo de departamento de uma universidade) podem ter uma identidade em termos linguísticos, ao utilizarem construções que lhes marcam (Schmid, 2020).

Por meio de uma metodologia bem delineada e delimitada, comumente tais pesquisas também focalizam a mudança linguística a partir de estudos de tempo real e tempo aparente. Tais discussões demonstram que situações de variação podem, ou não, gerar mudanças na língua que podem se encaixar de diferentes maneiras. Os estudos sociolinguísticos podem efetuar esse percurso por meio de fenômenos fonológicos, morfológicos, sintáticos ou semânticos (Mollica; Braga, 2003).

Outro ponto importante é que a Sociolinguística não se restringe apenas às análises dos padrões de uso, mas também à discussão das avaliações dos falantes, ao ensino de língua materna e estrangeira, ao contato linguístico. Isso se evidencia pela proposta de Eckert (2012), também sistematizada por Machado Vieira (2020), de que há “três ondas” na Sociolinguística que se caracterizam, respectivamente, da seguinte maneira: (i) perspectiva macrosociológica, que focaliza a identificação dos padrões de distribuição das variantes por meio da coleta e da análise de dados em comunidades de fala socialmente estratificadas; (ii) perspectiva etnográfica, cujos trabalhos apresentam maior envolvimento com a comunidade e a discussão de categorias mais abstratas; (iii) perspectiva estilística, que se caracteriza por focalizar a identificação das categoriais sociais que moldam identidades linguísticas e estão ligadas aos seus padrões.

Dessa forma, no rótulo “Sociolinguística”, há grande complexidade teórica e diversidade metodológica, devendo ser discutida uma perspectiva ampla e coerente com a efetiva realidade das pesquisas da área, que não se resumem a trabalhos eminentemente quantitativos no nível fonológico.

Já o Funcionalismo norte-americano surge a partir dos primeiros anos da década de 1970 com forte crítica ao Gerativismo, buscando verificar as relações entre diferentes modos de codificação da informação e seus efeitos de sentido (funções). Tem como principais referências as pesquisas de Talmy Givón, Sandra Thompson, Paul Hopper, Bernd Heine, Dwight Bolinger, Elizabeth Traugott, dentre outros. É uma teoria que se caracteriza pela análise dos usos linguísticos a partir do seu contexto pragmático por meio da simbiótica relação entre discurso e gramática, que é estudada por questões fonológicas, morfológicas, sintáticas, semânticas, discursivas, cognitivas e sociais. A pesquisa funcionalista, assim, tem como viés central a discussão de como objetivos comunicativos, processos cognitivos e frequência de uso podem motivar e explicar os padrões das línguas naturais.



Os objetivos comunicativos levam o falante a criar formas ou a usar formas antigas com novos significados e o ouvinte, capaz de ler intenções, busca, no contexto discursivo e situacional, meios de compreensão. Também pode acontecer, o que é mais comum, que o próprio ouvinte, a partir de inferências dadas pelo contexto, crie uma nova interpretação para uma forma. Se esse novo uso for repetido várias vezes em outras situações, podemos dizer que houve convencionalização do uso. Claro que há formas mais ou menos convencionalizadas, o que torna a convencionalização um tipo de processo, segundo Schmid (2020). Formas convencionalizadas, muitas vezes usadas em determinados contextos linguísticos, se consolidam (*entrenchment*) na gramática de um grupo de falantes e acabam perdendo o seu grau de novidade, o que pode levar os falantes a criar construções para serem mais expressivos. Assim, podemos dizer que surgem novas construções, como é o caso do uso de *só que*, que, embora não tenhamos feito um estudo diacrônico, deduzimos ser relativamente novo, pois não é previsto pelas gramáticas tradicionais e é menos frequente em textos escritos, sobretudo, formais.

O Funcionalismo norte-americano não concebe que haja uma gramática inata, mas sim que a gramática é fixada e renovada a partir de situações concretas de uso. Considera que o caráter fluído das categorias linguísticas é determinante para a variação e a mudança linguística. Dessa forma, não faz uma separação rígida entre as classes de palavras, entre os níveis gramaticais (fonologia, sintaxe, semântica e pragmática) e entre gramática e léxico. Em outras palavras, por não haver fronteiras rígidas entre as categorias, a variação e a mudança acontecem. Assim, compreendemos como surgem pronomes (como o pronome *a gente* derivado de um sintagma nominal formado pelo artigo *a* mais o substantivo *gente*), conjunções (muitas provindas de advérbios), auxiliares (provindos de verbos plenos), dentre outras mudanças.

Também não faz uma distinção rígida entre diacronia e sincronia, pois considera a língua um sistema adaptativo complexo,

que muda e se adapta a todo momento. Dessa forma, ao analisar a língua num dado momento, mesmo sem comparar diferentes momentos de língua, um linguista pode verificar usos mais ou menos convencionalizados, mais ou menos marcados, em diferentes situações. Assim, no caso do conector *só que*, apesar de não ser previsto pelas gramáticas tradicionais, já se encontra convencionalizado no português oral, mas ainda tende a não ser frequente no português escrito formal, possivelmente pela aprendizagem de diversos conectores no processo de escolarização, já que, com o avanço da escolaridade, é menos usado (Castanheira; Cezario; Brito, 2021).

Outra característica marcante do Funcionalismo norte-americano é a crítica ao princípio da arbitrariedade do signo, como concebido pelas linhas formalistas. Segundo os funcionalistas, a codificação linguística tende a ser icônica (princípio da iconicidade), dado que as formas linguísticas são escolhas feitas pelos falantes para dar conta de objetivos comunicativos. As construções linguísticas são motivadas no momento de sua criação e podem se tornar opacas com a repetição de uso em diferentes situações e momentos da história de uma língua. A partir da concepção de motivação/iconicidade, várias pesquisas foram feitas e muitos resultados de análises (Hopper, 1979; Hopper; Thompson, 1980; Görski, 1994; Furtado da Cunha; Silva, 2018, dentre muitos outros) demonstram que o falante codifica diferentemente os referentes que entram em cena num discurso de acordo com o grau de novidade (informatividade); marcam de modo diferente o plano principal de um discurso e o secundário (figura e fundo), marcam de modo diferente as orações em que uma ação transita de um agente para um paciente e as orações em que não há transitividade (graus de transitividade), entre outros fatores relevantes estudados.

O Sociofuncionalismo é a união dos pressupostos dessas duas perspectivas teóricas e, por isso, estuda a variação linguística ligada a questões discursivas. Inicialmente desenvolvido na

Universidade Federal do Rio de Janeiro³⁷, passou a ser expandido e trabalhado em vários outros centros de pesquisa, dentre os quais a Universidade Federal de Santa Catarina, a Universidade Federal Fluminense, a Universidade Federal do Rio Grande do Norte e a Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

É importante ressaltar, porém, que conforme Görski e Tavares (2013), essa associação teórica envolve uma “conversa na diferença”. Isso se explica pelo fato de a Sociolinguística e o Funcionalismo norte-americano terem bases que, *a priori*, poderiam ser contraditórias, já que o conceito de gramática da Sociolinguística não englobaria o discurso e o princípio funcionalista da iconicidade, em uma versão radical, não permitiria a existência de formas alternantes em prol de um mesmo significado.

No entanto, isso precisa ser relativizado, já que existem vários estudos do Funcionalismo norte-americano que indicam um abrandamento dessa ideia, bem como trabalhos sociolinguísticos que expandem o que é gramática. Dessa forma, o diálogo sociofuncionalista é coerente e já tem sido realizado de maneira consistente e consolidada há algumas décadas.

Além disso, conforme Tavares, Pedro e Albano (2021), na interface presente no Sociofuncionalismo, há como associar os conceitos de “variável” e “domínio funcional”, o que possibilitará discutir alguns domínios, como o da adversidade, por exemplo, foco do nosso capítulo. Para os autores, isso envolve diálogos entre as duas teorias e amplia as discussões já presentes na literatura sobre o tema.

Podemos afirmar, então, que, sob um viés sociofuncional, é central a discussão sobre variação e mudança. No âmbito fonológico, morfossintático, semântico ou discursivo, tais trabalhos focalizam como ocorre a competição de formas e quais são as suas motivações

37

Sobretudo a partir das pesquisas realizadas pelo Programa de Estudos sobre o Uso da Língua (PEUL) sob a orientação de Anthony Naro (Cezario; Marques; Abraçado, 2016).

sociais, estruturais e pragmáticas, a fim de que seu mapeamento seja efetivo e cada vez mais amplo e complexo. Dos pressupostos funcionalistas, a gramaticalização é o mais discutido, e hoje, numa perspectiva construcionista, a construcionalização (Traugott; Trousdale, 2013), tendo em vista que atua diretamente na mudança formal e funcional dos elementos.

Tais postulados se evidenciam pelas elucidações dos seguintes autores: Tavares (2013), Görski e Tavares (2013), Cezario, Marques e Abraçado (2016) e Castanheira (2018). Algumas das temáticas apresentadas por tais pesquisadores são: ordenação de adverbiais temporais e locativos; ordenação SV/VS; estratégias de relativização; reorganização do quadro pronominal; complexos verbais; preposições; conjunções; cláusulas hipotáticas; marcadores discursivos etc.

Expandindo as discussões sociofuncionalistas, é necessário debater o ensino de gramática (Görski; Martins, 2021). Trabalhar com a gramática na escola é certamente um dos maiores desafios dos professores de língua portuguesa atualmente, já que envolve inúmeras questões, dentre as quais se destacam o descompasso entre a tradição e os usos linguísticos, os avanços dos estudos da Linguística contemporânea e os postulados das diretrizes oficiais para o Ensino Fundamental e Médio.

No âmbito sociofuncionalista, o preconceito linguístico, por exemplo, é um assunto passível de tratamento e sistematização. Por meio de uma discussão sociofuncional, há como desmistificar as ideias prescritivistas ligadas ao estabelecimento da norma-padrão como uma “régua” do bom uso da língua portuguesa. Demonstrando que os contextos de uso e as funções discursivas podem motivar os padrões linguísticos, a ideia de adequação pode ser explorada de maneira mais detalhada, já que a situação comunicativa é essencial para observar como as formas linguísticas são usadas.

Com isso, a pluralidade de normas passa a ser um tema também sistematizável. Conforme Faraco (2008), não há como determinar a existência de uma norma, mas de várias, que têm características diferentes a serem mapeadas e respeitadas. Nesse sentido, norma não é aquilo que é normativo, a regra, mas aquilo que é normal, usado, frequente. Se há diferentes usos para os elementos linguísticos a depender do contexto discursivo, conseqüentemente, há diversas normas que coexistem.

Nos Parâmetros Curriculares Nacionais e na Base Nacional Comum Curricular, o ensino de gramática é ligado à contextualização por meio da prática de análise linguística/ semiótica. Em linhas gerais, trabalhar a gramática via análise linguística é considerar os efeitos de sentido, as especificidades pragmáticas, o contexto, o gênero textual, a variação linguística etc. Nesse sentido, a prática de análise linguística/ semiótica pode ser diretamente relacionada ao ensino sob um viés sociofuncionalista, já que a gramática é vista como organismo vivo, variável e mutável, e os aspectos discursivos são entendidos como motivadores para a organização dos elementos linguísticos nas diferentes situações comunicativas.

Castanheira e Ilogti de Sá (2022), por exemplo, propõem que o ensino de sujeito e adjuntos adverbiais de tempo seja integrado sob um viés sociofuncional. Segundo os autores,

A percepção das diferentes possibilidades de ordenação dos elementos na oração, assim como a observação de dados sobre o uso real do sujeito e seu (não) preenchimento podem ser úteis em diversos momentos em sala de aula, particularmente nas tarefas envolvendo produção textual. Nesse contexto, é possível trabalhar com os alunos aspectos relacionados, por exemplo, à coesão textual, à repetição de palavras/estruturas, à concordância e à ordenação de constituintes (Castanheira; Ilogti de Sá, p. 88).

Para Castanheira e Ilogti de Sá (2022), a variação e o discurso no ensino desses elementos devem ser ligados não apenas aos tópicos gramaticais, mas também à produção textual, inclusive das redações de vestibular, bastante trabalhadas hoje em dia no contexto escolar. Assim, além das aulas de sujeito, adjuntos adverbiais e concordância, há como discutir a tessitura textual por meio da coesão e da coerência, e também o gênero textual.

Outro exemplo dessa reflexão é a proposta de Castanheira (2023). O autor propõe o ensino de pronomes pessoais com função de sujeito por uma perspectiva sociofuncionalista, a fim de que sejam considerados os processos de variação e mudança e as influências do discurso na reorganização do quadro pronominal. Nesse âmbito, destacam a discussão da variação “tu” e “você” e “nós” e “a gente” e a entrada do “você” e do “a gente” no português do Brasil via gramaticalização.

De acordo com Castanheira (2023), são propostas possíveis: a apresentação de vídeos de falantes de diferentes regiões e faixas etárias, a fim de que sejam trabalhados os fatores sociais; a análise de textos com distintos graus de monitoramento a fim de que sejam discutidos os pronomes em variação em contextos discursivos heterogêneos; a sistematização do ensino de pronomes em relação ao ensino de sujeito e concordância verbal a fim de que sejam trabalhados tópicos gramaticais de maneira integrada, indo além dos compêndios gramaticais; a análise de textos antigos com as formas novas na língua ainda em estágios de implementação a fim de que os alunos conheçam outros usos.

Dessa forma, o ensino de gramática em perspectiva sociofuncionalista envolve, de forma ampla, muitas possibilidades, que devem ser integradas nas discussões gramaticais e textuais, na fala e na escrita, na variação e no discurso. Para que isso seja feito, deve haver cada vez mais propostas com fenômenos diversos que contemplem as especificidades do português do Brasil de maneira devidamente contextualizada.

SÓ QUE: O QUE (NÃO) DIZEM A TRADIÇÃO E AS PESQUISAS LINGÜÍSTICAS

Para discutir as possibilidades de abordagem do *só que* em sala de aula, é preciso, primeiramente, entender quais são as suas características. É válido, nesse sentido, visitar a literatura sobre o tema, sobretudo a tradição gramatical e os estudos linguísticos já desenvolvidos. Vejamos alguns dados desse uso retirados do *Corpus Discurso & Gramática*:

- (2) aí eu falei “ah é?” aí eu fui... co... comecei a andar... sem... sem cadeira de rodas... que nem um velho... né? aí fui amparado pela enfermeira... aí fui até o elevador... **só que**::...o elevador... estava com defeito... então tive que ir até o outro elevador... do outro lado do prédio... (A., 29 anos, Nível Superior Incompleto, *Corpus Discurso & Gramática* – Niterói)
- (3) No dia 16/7/93 eu estava malhando na academia, que logo após o término haveria um churrasco e umas cervejas, **só que** essas cervejas eram várias caixas, e todo o pessoal encheu a cara, e foram parar num bairro próximo que se chama Jesuítas, e lá beberam mais. (A., 24 anos, Nível Superior Incompleto, *Corpus Discurso & Gramática* – Rio)

Dados como os (2) e (3) demonstram o uso de orações coordenadas com valor básico adversativo, muito comum no português brasileiro oral. A forma *só que* é uma instanciação de um esquema muito produtivo de formação de conectores, com o uso de um advérbio (ou outras classes) no lugar de X seguido pela forma *que*, como *ainda que* e *sempre que*. No entanto, não há, nas gramáticas normativas consultadas, menção ao *só que* como elemento de conexão ou como introdutor de orações coordenadas sindéticas. Isso demonstra que tal conector não é contemplado pela tradição

e, em sala de aula, deve ser considerado como um elemento a ser inserido nas aulas de classes de palavras e articulação de orações por meio da iniciativa do professor.

É relevante, nesse âmbito, revisitar o trabalho de Castanheira, Cezario e Brito (2021). Em sua pesquisa, os autores identificaram e discutiram os padrões de uso do *só que* por meio de uma amostra composta por entrevistas sociolinguísticas do *Corpus Discurso & Gramática*, destacando as cidades do Rio de Janeiro e de Niterói. A partir de 137 dados, demonstraram que há padrões sociais e funcionais envolvidos em seus usos e que é preciso considerar diferentes nuances pragmáticas em sua discussão. Para tanto, os autores consideraram as propostas de Longhin (2003) e de Santos (2003). Longhin (2003) defende que há diferentes valores para o *só que* e que seus usos estão relacionados à adversidade. Já Santos (2003) discute os efeitos de sentido de “mas” em textos de literatura infantil e juvenil e constata que há mais de dez possibilidades pragmáticas para tal conectivo.

A aproximação dos trabalhos se deve à possibilidade de compatibilização de *mas* e *só que* no domínio da adversidade. Castanheira, Cezario e Brito (2021) demonstram que os efeitos encontrados por Santos (2003) para o *mas* também estão presentes nos usos de *só que*, o que reforça essa ideia. De maneira detalhada, os autores defendem que há distintas nuances, dentre as quais a quebra de expectativa, a retificação, a restrição, a progressão temporal, a ênfase e a mudança de condução discursiva.

Outro ponto relevante no trabalho de Castanheira, Cezario e Brito (2021) é a constatação de que o *só que* pode ser usado combinado ao *mas*, como em (4). Esse dado é relevante ao pensarmos que, efetivamente, como demonstram, por exemplo, Santos (2003) e Gonçalves (2014), o *mas* pode ser usado junto ao *e*, ao *aí* e a outros conectores adversativos (*entretanto*, *contudo*, *no entanto* etc.).

- (4) ...era uma música agitada... tudo bem... mas só que eu não esperei o cara falar... entendeu? tinham que falar... anunciar... por exemplo "está entrando Adriana..." eh "com roupa de banho... pra vocês agora..." aí quando ele acabasse de falar... é que eu soltava a música... eu soltei a música antes dele falar... (J.A, 15 anos, 2º grau, *Corpus Discurso & Gramática -RJ*)

Para discussão do *só que*, é importante retomar, também, o trabalho de Pedro (2019). O autor demonstra que, na análise da competição entre *mas* e *só que*, o primeiro tem mais de 92% das ocorrências e que são relevantes para a discussão a função e a escolaridade. Pedro (2019) também defende que há microfunções relacionadas à quebra de expectativa: contra-argumentação, refutação, diferença e não satisfação de condições nos usos de *mas* e *só que*. Outras questões são: ambos são utilizados em sequências narrativas, descritivas e argumentativas, por indivíduos com diferentes graus de escolaridade, sexo e de distintas faixas etárias.

É válido ressaltar, ainda, que Pedro (2019) e Castanheira, Cezario e Brito (2021) comprovam que a escolaridade é um ponto muito relevante nessa discussão. Os autores, em diferentes *corpora*, mapearam que, diante do aumento da escolaridade, o uso de *só que* diminui. Isso se deve possivelmente às questões normativas, já que, nos primeiros níveis, "a escola possivelmente ainda não conseguiu combater o emprego da variante informal" (Pedro, 2019, p. 87).

Para fazer outro tipo de discussão, Pedro (2019) aplicou um questionário para alunos do 6º, do 7º, do 8º e do 9º ano da rede particular de ensino de Natal, em que eles deveriam marcar a opção mais adequada de conectivo. Seus resultados são essenciais para a reflexão sobre tema, visto que indicam que 50,4% dos alunos utilizam o *só que* como indicador de contraste semântico e que, diante do avanço da escolaridade, os alunos deixam de selecionar o *só que* e passam a selecionar o *mas*.

DISCUSSÃO: PROPOSTAS PARA O ENSINO

Conforme discutido, o *só que* não é trabalhado no contexto escolar e, por isso, é preciso efetivamente pensar em estratégias didáticas que estejam ligadas a tal perífrase, bem como refletir os seus usos mais frequentes, ou seja, aqueles que o caracterizam em relação a diferentes pontos da constituição linguística e da sua ligação a fatores extralinguísticos e pragmáticos. Para isso, por meio da metodologia de pesquisa-ação, apresentaremos algumas alternativas didáticas.

Nesse âmbito, o primeiro aspecto a ser considerado é: em quais aulas da educação básica o *só que* poderá ser trabalhado com mais sistematicidade? Nossa proposta poderá ser vista no Quadro 1:

Quadro 1 – Só que na sala de aula

Em quais aulas trabalhar de maneira sistemática?	Por que fazer?	Como fazer?	De quais textos retirar exemplos?
Varição linguística	Demonstrar que a variação ocorre linguisticamente não apenas nos níveis sonoro e lexical, mas também em aspectos morfossintáticos, bem como demonstrar que há distintas normas e que a tradição gramatical não pode ser o único ponto a ser considerado no estudo da língua	Trabalhar, no <i>continuum</i> fala e escrita, a variação no domínio funcional da adversidade, a fim de explorar os usos de <i>só que</i> ligados à pluralidade de normas e à limitação da norma padrão.	Vídeos do <i>YouTube</i> . Entrevistas. Conversas de <i>WhatsApp</i> . Postagens escritas de redes sociais.

Em quais aulas trabalhar de maneira sistemática?	Por que fazer?	Como fazer?	De quais textos retirar exemplos?
Mudança linguística	Demonstrar que a mudança linguística ocorre no nível morfosintático e que o <i>só que</i> é um novo conector na língua.	Trabalhar, com textos de diferentes épocas, as ocorrências de <i>só que</i> .	Textos de sincronias passadas (cartas pessoais, diários, entrevistas). Textos atuais (postagens em redes sociais, artigos de opinião, resenhas).
Conexão textual	Demonstrar que as formas adversativas são muitas e complexas e que é preciso analisar suas especificidades em diferentes contextos de uso.	Trabalhar, por meio de textos de diferentes gêneros, os elementos adversativos, pela identificação, pelo agrupamento e pelos efeitos de sentido.	Postagens de redes sociais. Memes. Entrevistas. Relatos de experiência.
Articulação de orações	Demonstrar que as orações coordenadas sindéticas adversativas podem ser introduzidas por elementos que vão além das listas consagradas de conjunções.	Trabalhar, por meio de distintos textos, as orações coordenadas sindéticas adversativas, demonstrando que diferentes elementos simples e perifrásticos podem introduzi-las e ampliando as listagens da tradição.	Redações de vestibular. Relatos de experiência falados e escritos. Artigos de opinião de jornais e <i>sites</i> . Postagens escritas de redes sociais.

Fonte: elaboração nossa.

Acerca desse Quadro, é importante fazer alguns esclarecimentos. Primeiramente, é preciso dizer que o *só que* é um conteúdo que deve ser retomado sempre que possível nas aulas de diversas temáticas e que não deve ser trabalhado apenas nessas aulas, mas que, de fato, há alguns momentos mais propícios para que isso seja feito e, por isso, elencamos tais possibilidades no Quadro 1.

Em relação à variação linguística no domínio funcional da adversidade (Pedro, 2019), é possível afirmar que sua relevância está diretamente relacionada à elaboração de aulas que não sejam esquemáticas e prontas, por exemplo, sobre os tipos de variação, muitas vezes restritas a inúmeros clichês sobre o tema. Pela discussão do *só que*, será possível ir além dos casos já explorados de maneira exaustiva sobre variação diatópica, diamésica e diafásica.

É evidente, porém, que a variação não é mais um tópico a ser explorado, mas uma concepção ampla a ser explorada de maneira constante no ensino. Nosso destaque se deve à necessidade de haver dias específicos em que essa será apresentada e sistematizada de modo mais latente. Ou seja, não deverá haver apenas uma aula de variação, mas essa discussão precisará ser feita com mais sistematicidade e, nesse âmbito, o *só que* poderá ser um importante instrumento de ilustração e exploração, já que é um elemento presente na fala das pessoas e está em variação com outros conectores adversativos.

Para tanto, o trabalho com textos inseridos no *continuum* fala e escrita é essencial, visto que, conforme evidenciam Castanheira, Cezario e Brito (2021), seus usos são mais frequentes na modalidade oral. Além disso, como os autores apontam que há uma relação com a escolaridade, é preciso que essa expressão seja trabalhada por meio de textos que tenham esse hibridismo, como conversas de *WhatsApp*, entrevistas escritas, postagens de redes sociais e vídeos do *YouTube*.

Já em relação à mudança linguística ligada ao *só que*, sua importância está na inserção da discussão de mudança na escola, o que ainda é pouco feito e, quando ocorre, costuma estar ligado sempre aos mesmos casos. O trabalho com o *só que* amplia o debate para a morfossintaxe, indo além de questões fonéticas e lexicais, que geralmente são o foco dos materiais didáticos. Além disso, possibilita demonstrar que o quadro de conectores não é estanque e que há

novos pareamentos surgindo na língua portuguesa, o que deve ser considerado em uma perspectiva viva de língua.

Para que isso seja feito de maneira adequada, é possível trabalhar com textos de diferentes sincronias, a fim de demonstrar que o *só que* é um elemento novo na língua, mas que está presente em textos de décadas passadas, por exemplo (Castanheira; Cezario; Brito, 2021). Podem ser usadas entrevistas, como a do *Corpus* Discurso & Gramática, cartas pessoais, diários antigos em comparação a postagens atuais em redes sociais e resenhas que tenham o uso do *só que*.

Outro tópico central é a conexão textual, visto que o *só que* possibilita demonstrar que os elementos de valor adversativo são múltiplos e que seus padrões de uso são contextualmente situados, como demonstra Pedro (2019), por exemplo. A fim de que isso seja efetuado, uma possibilidade é discutir, considerando textos de diferentes gêneros, o domínio da adversidade, com a identificação e o agrupamento dos efeitos de sentido, por meio de textos de redes sociais, memes, relatos de experiência e entrevistas atuais, por exemplo, que demonstram usos em distintas situações discursivo-pragmáticas.

Já nas aulas de articulação de orações, é relevante que esse tema seja tratado para que se demonstre que as orações coordenadas sindéticas adversativas são introduzidas também por conectores que não estão presentes nas listagens das gramáticas tradicionais. Isso fará com que o aluno entenda que é preciso ter uma visão mais ampla da língua, indo além dos compêndios normativos.

Isso pode ser feito por meio do trabalho com redações de vestibular, relatos de experiência e artigos de opinião publicados on-line e de modo impresso que tenham orações iniciadas por *só que* e por outros elementos simples e perifrásticos, o que fará com que o aluno (re)conheça os padrões de uso que já conhece e outros que serão apresentados apenas no ambiente escolar. No entanto, quais são as bases sociofuncionalistas que justificam tais inserções didáticas? Isso pode ser visto no Quadro 2:

Quadro 2 – bases sociofuncionais para o só que na sala de aula

Fundamentação teórica	Relevância
O estudo da língua em uso	O estudo da língua por meio de exemplos reais é uma das marcas sociofuncionalistas e isso é feito em nossas propostas pelo trabalho com situações comunicativas em que o <i>só que</i> seja efetivamente usado – e não em exemplos inventados.
A discussão da variação e da mudança	Pontos centrais na visão sociofuncional, a variação e a mudança são exploradas nas ideias apresentadas pela demonstração da vivacidade e da mutação no português brasileiro.
A pluralidade de normas	A exploração da pluralidade de normas é um ponto crucial para o Sociofuncionalismo, já que considera a multiplicidade de usos das normas de uso e a inconsistência da norma-padrão.
O trabalho com o contexto	Uma das bases do Sociofuncionalismo é a análise contextual, que está presente em nossas propostas pela discussão dos usos de <i>só que</i> em diferentes textos de distintos gêneros textuais e do <i>continuum</i> fala e escrita.

Fonte: elaboração nossa.

Por meio do Quadro 2, é possível constatar que diferentes bases sociofuncionais estão em voga nas propostas apresentadas, visto que o olhar pautado no uso e nas questões sociodiscursivas é de grande relevância para a inserção do *só que* na sala de aula da educação básica. Para tanto, é preciso considerar, por meio de exemplos reais de uso, a pluralidade de normas, o *continuum* fala e escrita, o contexto discursivo e, sobretudo a variação e a mudança linguística.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante das discussões estabelecidas neste capítulo, é possível concluir que é preciso adotar diferentes estratégias para o ensino do conector *só que* na educação básica. Para isso, o olhar

sociofuncionalista, que congrega discussões da Sociolinguística e do Funcionalismo norte-americano, é essencial, visto que auxilia no mapeamento de questões morfossintáticas, sociais e discursivas em prol da descrição detalhada e multifacetada desse aspecto linguístico.

Um ponto a ser considerado é que tais propostas podem ser aplicadas em diferentes contextos pedagógicos e devem ser adaptadas de acordo com a realidade de cada docente, visto que há situações heterogêneas, sobretudo em um país como o Brasil, onde as condições de ensino ainda são muito desiguais. Nesse sentido, mesmo que algumas ideias não possam ser feitas integralmente, há como fazer adaptações e alterações para que estejam adequadas à realidade de cada professor.

Além disso, consideramos essencial que outros trabalhos com propostas para o ensino básico considerando os aspectos linguísticos e os seus efeitos de sentido sejam feitos no âmbito dos conectores e de outros elementos gramaticais para que haja, cada vez mais, um repertório amplo para docentes do Ensino Fundamental II e do Ensino Médio que estejam buscando maneiras de trabalhar esses tópicos em sala de aula.

É válido ressaltar, por fim, que o Sociofuncionalismo é uma base teórica que possibilita um diálogo direto com as preconizações das diretrizes oficiais para o ensino em vigor e que há muitos caminhos a serem explorados ainda, sobretudo na “ponte” entre os achados das pesquisas empíricas e as práticas pedagógicas em desenvolvimento. Para isso, é preciso considerar, de fato, a língua em uso em seus contextos comunicativos reais e seus diferentes efeitos discursivos.

CONTRIBUIÇÕES DOS AUTORES

Os autores foram responsáveis pela coleta e análise dos dados e pela redação do artigo. A seção sobre a aplicação da teoria sociofuncionalista ao ensino ficou a cargo de Dennis Castanheira.

FINANCIAMENTO DA PESQUISA

A pesquisa foi financiada pelo CNPq (processo: 306941/2021-0) e pela FAPERJ/ Edital Cientista do Nosso Estado (processo: E26/200.472/2023).

REFERÊNCIAS

- CASTANHEIRA, Dennis. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação-discurso. **Falange Miúda**, v. 3, p. 87-95, 2018.
- CASTANHEIRA, Dennis. Sociofuncionalismo e ensino de pronomes pessoais com função de sujeito. *In*: SOARES, Eliane Pereira Machado *et al.* (Org.). **Descrição, análise e ensino de línguas**. Rio Branco: Nepan Editora, 2023. p. 84-90.
- CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura; BRITO, Raquel Cardoso. Análise dos usos de orações iniciadas por [só que] no português brasileiro. **Palimpsesto**, v. 20, p. 167-187, 2021.
- CASTANHEIRA, Dennis; ILOGTI DE SÁ, Érika. Variação sintática e ensino em perspectiva sociofuncionalista. **Verbo de Minas**, v. 23, p. 77-99, 2022.
- CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. *In*: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JR., Celso (Org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-62.

CONCEIÇÃO, Priscila Thaiss. **Planos discursivos em diferentes níveis de escolaridade**: estudo de recontagem de Figura e Fundo. 2010. 118p. Dissertação (Mestrado em Linguística) – UFRJ, Rio de Janeiro, 2010.

CORPUS DISCURSO & GRAMÁTICA. Disponível em: <http://deg.uff.br/corpus-dg/> Acesso em: 20/01/2012.

ECKERT, Penelope. Three Waves of Variation Study: The Emergence of Meaning in the Study of Sociolinguistic Variation. **The Annual Review of Anthropology**, n. 41, p. 87-100, 2012.

FARACO, Carlos Alberto. **Norma culta brasileira**: desatando alguns nós. São Paulo: Parábola Editorial, 2008.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. **Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-64, 2018.

GIVÓN, Talmy. **A compreensão da gramática**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2012 [1979].

GONÇALVES, Fabíola. Duplo conector adversativo: um caso de gramaticalização. GELNE, 2014, NATAL. **Anais 25 Jornada do GELNE**. NATAL: EDUFERN, 2014. p. 1-9.

GÖRSKI, Edair Maria; MARTINS, Marco Antonio Rocha. Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa. **Revista Da Anpoll**, 52 (esp), 173-197, 2021.

GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v. 15, p. 75-97, 2013.

GÖRSKI, Edair Maria. O tópico semântico-discursivo na narrativa oral e escrita. Tese (Doutorado em Linguística). Faculdade de Letras, UFRJ, 1994.

HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Talmy. **Syntax and Semantics**. vol.12 Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979. p. 213-241.

HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language** 56, v. 2, p. 251-299, 1980.

LABOV, William. **Sociolinguistic patterns**. Philadelphia: University of Philadelphia Press, 1972.

LONGHIN, Sanderléia. **A gramaticalização da perífrase conjuncional só que**. 2003. 217f. Tese (Doutorado em Linguística) – Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2003.

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos. Língua, Sociedade e relações de poder: a produção escrita de surdos. *In*: FREITAS JR., Roberto; SOARES, Lia Abrantes Antunes; NASCIMENTO, João Paulo da Silva. (Org.). **Aprendizes surdos e escrita em L2: reflexões teóricas e práticas**. Rio de Janeiro: UFRJ, 2020. p. 36-56.

MOLLICA, Maria Cecília; BRAGA, Maria Luiza. **Introdução à Sociolinguística: o tratamento da variação**. São Paulo: Contexto, 2003.

PEDRO, Fernando Laerty Ferreira da Silva. **O uso dos conectores adversativos MAS e SÓ QUE na fala do natalense em entrevistas sociolinguísticas: foco na variação discursiva**. 2019. 110 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SANTOS, Leonor Werneck dos. **Articulação textual na literatura infantil e juvenil (e, mas, aí, então)**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2003.

SCHMID, Hans-Jörg. **The Dynamics of the Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment**. Oxford: University of Oxford Press, 2020.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e sociofuncionalismo. *In*: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro**. São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TAVARES, Maria Alice; PEDRO, Fernando Laerty Ferreira da Silva; ALBANO, Gabriela Fernandes. Para começo de conversa: a variável linguística na interface sociofuncionalista (Starting the conversation: the linguistic variable in the sociofunctionalism interface). **Estudos da língua(gem)**, v. 19, n. 4, p. 267-288, 2021.

THOMPSON, Sandra; HOPPER, Paul. Transitivity, clause structure, and argument structure: Evidence from conversation. University of California, Santa Barbara and Carnegie-Mellon University. *In*: HOPPER, Paul; BYBEE, Joan. **Frequency and the emergency of linguistic structure**. . Vol. 45. Amsterdam/Philadelphia: John Benjamins company, 2001. p. 27-60.

TRAUGOTT, Elisabeth; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes**. Oxford: Oxford University Press, 2013.

14

*Dennis Castanheira
Maria Maura Cezario*

**L'ENSEIGNEMENT, « SÓ QUE »
DANS UNE PERSPECTIVE
SOCIO-FONCTIONNALISTE**

INTRODUCTION

L'enseignement de la grammaire est actuellement un topique très exploré et discuté dans les études scientifiques du langage, surtout après des initiatives comme la Maîtrise Professionnelle des Lettres (PROFLETRAS) qui ont augmenté la pertinence de la thématique dans l'académie. En général, les travaux d'analyse de matériel didactique, d'intervention didactique, de propositions d'activités, etc. sont fréquents. Dans le domaine de la morphologie et de la syntaxe, ce thème s'avère urgent face à un scénario avec de nombreuses difficultés de la part des étudiants dans l'appréhension des contenus et des professeurs dans l'élaboration de stratégies didactiques appropriés. Entre autres, les difficultés de discuter quoi, comment et pour quoi enseigner la grammaire transpercent ce débat et doivent être (re)pensés de différentes manières.

Afin d'avoir de nouvelles perspectives dans ce domaine, une alternative est l'enseignement de la grammaire sous une approche socio-fonctionnaliste. Cette approche se caractérise, d'un point de vue théorique, par l'étude de la variation linguistique liée aux schémas sociaux, structurels et discursifs à travers divers facteurs intra et extralinguistiques, comme en témoignent Tavares (2013), Görski et Tavares (2013), Tavares et Görski (2015), Cezario, Marques et Abraçado (2016) et Castanheira (2018, 2022). Cette perspective inclut également les hypothèses théoriques de la linguistique fonctionnelle nord-américaine, cherchant la motivation pour la variation et le changement linguistiques, basée sur des facteurs communicatifs et cognitifs, tels que l'informativité, les plans discursifs, le marquage et la transitivité (Hopper, 1979 ; Hopper ; Thompson, 1980 ; Givón, 1979). La grammaire dans la perspective socio-fonctionnaliste est créée, façonnée et modifiée par l'usage et par des forces liées aux objectifs communicatifs, à la situation d'usage, aux genres discursifs, aux groupes sociaux, aux degrés de formalité, etc. (Schmid, 2020).

Au cours des deux dernières décennies, en particulier, les chercheurs fonctionnalistes ont approfondi l'étude de la relation entre la structure linguistique et les processus cognitifs tels que la capacité à reconnaître des modèles et la capacité à lire les intentions. Ils conçoivent la grammaire comme un réseau de constructions linguistiques liées par des connexions formelles et sémantico-pragmatiques. Ainsi, l'étude des constructions linguistiques prend également en compte les relations entre constructions, qui peuvent être en variation ou non.

Dans ce chapitre, notre objectif est de discuter des stratégies d'enseignement de la grammaire, basées sur des propositions pour les enseignants qui travaillent au collège et au lycée afin qu'ils puissent réfléchir sur les usages de la langue et, plus particulièrement, sur les usages de la construction de la proposition initiée par *só que* (*mais*), comme en (1), en utilisant une approche socio-fonctionnelle.

- (1) O ônibus já estava quase andando, mas o motorista a tinha visto e resolveu parar o ônibus para esperá-la, **só que** ela demorou muito e os passageiros começaram a gritar pro motorista dar a partida. (Le bus était presque en mouvement, mais le chauffeur l'avait vue et a décidé d'arrêter le bus pour l'attendre, mais, elle a mis trop de temps et les passagers ont commencé à crier pour que le chauffeur démarre.) (Fábio, 18 ans, lycée, *Corpus Discurso & Gramática* – Rio).

Notre contribution avec ce chapitre est d'amener non seulement l'étudiant, mais aussi l'enseignant, à réfléchir sur les mécanismes de l'utilisation de la langue portugaise, plus précisément, sur les rôles d'une construction qui n'est pas présentée dans la liste des conjonctions des grammaires traditionnelles, la construction *só que*.

L'ENSEIGNEMENT DE LA GRAMMAIRE DANS LA PERSPECTIVE SOCIO-FONCTIONNALISTE

Dans ce chapitre, nous adoptons le socio-fonctionnalisme comme hypothèse théorique pour les discussions sur l'enseignement de la grammaire à l'école. Généralement, il est possible d'affirmer, selon Tavares (2013), Tavares et Görski (2015), Cezario, Marques et Abraçado (2016) et Castanheira (2018a), que l'approche socio-fonctionnaliste se caractérise par l'union des hypothèses théoriques et méthodologiques de la sociolinguistique variationniste et du fonctionnalisme nord-américain, approches linguistiques contemporaines centrées sur l'analyse de l'usage linguistique et de ses motivations à différents niveaux de grammaire.

Initialement développé à l'Université Fédérale de Rio de Janeiro³⁸, le socio-fonctionnalisme a été élargi et travaillé dans plusieurs autres centres de recherche, dont l'Université Fédérale de Santa Catarina, l'Université Fédérale Fluminense, l'Université Fédérale de Rio Grande do Norte et l'Université d'État de Rio de Janeiro.

Sous un biais socio-fonctionnel, la discussion sur la variation et le changement est centrale. Dans une portée phonologique, morphosyntaxique, sémantique ou discursive, ces travaux s'intéressent à la manière dont s'opère la compétition des formes et quelles sont leurs motivations sociales, structurelles et pragmatiques pour que leur cartographie soit efficace et de plus en plus ample et complexe. Parmi les postulats fonctionnalistes, le thème de la grammaticalisation est l'un des plus discutés, et aujourd'hui, dans une perspective constructionniste, celui de la constructionnalisation

³⁸

Surtout à partir des recherches menées par le Programme d'Études sur l'Utilisation de la Langue (PEUL) sous la direction d'Anthony Naro (Cezario ; Marques et Abraçado, 2016).

(Traugott; Trousdale, 2013), considérant qu'il agit directement sur le changement formel et fonctionnel des éléments.

En élargissant les discussions socio-fonctionnalistes, il faut débattre de l'enseignement de la grammaire (cf. Görski ; Martins, 2021). Travailler avec la grammaire à l'école est certainement l'un des plus grands défis auxquels sont confrontés les enseignants de langue portugaise aujourd'hui, car il implique des nombreuses questions, parmi lesquelles se distinguent l'inadéquation entre la tradition et les usages linguistiques, les progrès des études linguistiques contemporaines et les postulats des directives officielles pour l'enseignement primaire et secondaire.

Dans les *Parâmetros Curriculares Nacionais* (Paramètres du Curriculum National) et la *Base Nacional Comum Curricular* (Base Commune du Curriculum National), l'enseignement de la grammaire est lié à la contextualisation par la pratique de l'analyse linguistique/sémiotique. En général, travailler la grammaire par l'analyse linguistique revient à considérer les effets de sens, les spécificités pragmatiques, le contexte, le genre textuel, la variation linguistique, etc. En ce sens, la pratique de l'analyse linguistique/sémiotique peut être directement liée à l'enseignement sous un biais socio-fonctionnaliste, puisque la grammaire est considérée comme un système variable et mutable et les aspects discursifs sont compris comme des facteurs de motivation pour l'organisation des éléments linguistiques dans différentes situations de communication (Oliveira ; Cezario, 2007).

Ainsi, l'enseignement de la grammaire dans une perspective socio-fonctionnaliste implique, largement, de nombreuses possibilités, qui doivent être intégrées dans les discussions grammaticales et textuelles, dans la parole et l'écriture, dans la variation et dans le discours. Pour ce faire, il doit y avoir de plus en plus de propositions avec des phénomènes divers qui abordent les spécificités du portugais brésilien de manière correctement contextualisée.

SÓ QUE: (LE NON) QUE DISENT LA TRADITION ET LA RECHERCHE LINGUISTIQUE ?

Regardons quelques données sur cette utilisation tirées du
Corpus Discurso & Gramática :

- (2) *af eu falei « ah é ? » af eu fui... co... comecei a andar... sem... sem cadeira de rodas... que nem um velho... né? af fui amparado pela enfermeira... af fui até o elevador... só que::...o elevador... estava com defeito... então tive que ir até o outro elevador... do outro lado do prédio... (puis j'ai dit « ah ouais ? » puis j'y suis allé... j'ai... j'ai commencé à marcher... sans... sans fauteuil roulant... comme un vieil homme... n'est-ce pas ? puis l'infirmière m'a soutenu... puis je suis allée vers l'ascenseur... mais::... l'ascenseur... était en panne... donc j'ai dû aller vers l'autre ascenseur... de l'autre côté du bâtiment...)* (Alex, 29 ans, Enseignement Supérieur Incomplet, *Corpus Discurso & Gramática* – Niterói)
- (3) *No dia 16/7/93 eu estava malhando na academia, que logo após o término haveria um churrasco e umas cervejas, só que essas cervejas eram várias caixas, e todo o pessoal encheu a cara, e foram parar num bairro próximo que se chama Jesuítas, e lá beberam mais.* (Le 16/07/93, je m'entraînais au gymnase, juste après la fin, il y aurait un barbecue et des bières, mais, ces bières étaient plusieurs boîtes, et tout le monde s'est saoulé, et ils sont allés dans un quartier voisin appelé Jesuítas, et là ils ont bu plus.) (André, 24 ans, Enseignement Supérieur Incomplet, *Corpus Discurso & Gramática* – Rio)

Des données telles que (2) et (3) démontrent l'utilisation de propositions coordonnées avec une valeur de base adversative, très courante en portugais brésilien oral. La forme *só que* est une

instanciation d'un schéma très productif pour former des connecteurs, avec l'utilisation d'un adverbe (ou d'autres classes) à la place de X suivi de la forme « que », comme *ainda que* (bien que) et *sempre que* (*chaque fois que*). Cependant, les grammaires normatives consultées ne mentionnent pas le *só que* comme élément de liaison ou comme introducteur de propositions coordonnées. Cela démontre qu'un tel connecteur n'est pas envisagé par la tradition et, en classe, il doit être considéré comme un élément à insérer dans les classes de mots et d'articulation de propositions à l'initiative de l'enseignant.

Il est pertinent, dans ce contexte, de revisiter les travaux de Castanheira, Cezario et Brito (2021). Dans leur recherche, les auteurs ont identifié et discuté des modèles d'utilisation du *só que* en utilisant un échantillon composé d'entrevues sociolinguistiques du *Corpus Discurso & Gramática*, mettant en évidence les villes de Rio de Janeiro et Niterói. Sur la base de 137 données, ils ont démontré qu'il existe des normes sociales et fonctionnelles impliquées dans leur utilisation et qu'il est nécessaire de considérer différentes nuances pragmatiques dans leur discussion. Ils soutiennent, en se basant sur Longhin (2003), qu'il existe différentes valeurs pour *só que*, que ses utilisations sont liées à l'adversité et que la construction a différents rôles, notamment la rupture des attentes, la rectification, la restriction, la progression temporelle, l'accent et le changement de direction discursive.

Il convient également de mentionner que Castanheira, Cezario et Brito (2021) et Pedro (2019), dans une étude qui compare les usages du *só que* et de *mas* (mais), prouvent que la scolarisation est un point très pertinent dans cette discussion. Les auteurs, dans différents *corpora*, ont cartographié que, compte tenu de l'augmentation de la scolarisation, l'usage de *só que* diminue. Cela tient peut-être à des questions normatives, puisque, dans les premiers niveaux, « l'école n'a peut-être pas encore réussi à lutter contre l'utilisation de la variante informelle » (Pedro, 2019, p. 87).

DISCUSSION : PROPOSITIONS POUR L'ENSEIGNEMENT

Comme discuté, le *só que* ne fonctionne pas dans le contexte scolaire et, par conséquent, il est nécessaire de réfléchir efficacement aux stratégies didactiques liées à une telle construction, ainsi que de refléter ses utilisations les plus fréquentes, c'est-à-dire celles qui la caractérisent par rapport à différents points de la constitution linguistique et son lien avec des facteurs extralinguistiques et pragmatiques.

Dans ce contexte, le premier aspect à considérer est : dans quelle classe de l'enseignement fondamental le *só que* peut être travaillé plus systématiquement ? Notre proposition peut être vue dans le Tableau 1 :

Tableau 1 – Bases sociofonctionnelles pour l'utilisation de « só que » en classe

Sur quelles classes travailler systématiquement ?	Pourquoi le faire ?	Comment le faire ?	De quels textes prendre les exemples ?
Variation linguistique	Démontrer que la variation se produit linguistiquement, non seulement dans les niveaux sonores et lexicaux, mais aussi dans les aspects morphosyntaxiques, ainsi que démontrer qu'il existe différentes normes et que la tradition grammaticale ne peut pas être le seul point à considérer dans l'étude de la langue.	Travailler, dans le continuum parole et écriture, la variation dans le domaine fonctionnel de l'adversité, afin d'explorer les usages de <i>só que</i> liés à la pluralité des normes et à la limitation de la norme formelle.	Vidéos YouTube. Entrevues. Conversations WhatsApp. Publications écrites sur les réseaux sociaux.

Sur quelles classes travailler systématiquement ?	Pourquoi le faire ?	Comment le faire ?	De quels textes prendre les exemples ?
Changement linguistique.	Démontrer que le changement linguistique se produit au niveau morphosyntaxique et que le <i>só que</i> est un nouveau connecteur dans la langue.	Travailler, avec des textes de différentes époques, les occurrences de <i>só que</i> .	Textes de synchronies passées (lettres personnelles, journaux intimes, entrevues). Textes actuels (posts sur les réseaux sociaux, articles d'opinion, critiques).
Lien textuel	Démontrer que les connecteurs adversatifs sont nombreux et complexes et qu'il est nécessaire d'analyser leurs spécificités dans différents contextes d'utilisation.	Travailler, avec des textes de genres différents, des connecteurs adversatifs, par identification, par regroupement et par effets de sens.	Publications sur les réseaux sociaux. Mèmes. Entrevues. Rapports de l'expérience.
Articulation des propositions	Démontrer que les propositions coordonnées adversatives peuvent être introduites par des éléments qui vont au-delà des listes de conjonctions établies.	Travailler, à travers différents textes, des propositions coordonnées adversatives, en démontrant que différents éléments simples et périphrastiques peuvent les introduire et en élargissant les listes traditionnelles.	Essais d'examen d'entrée à l'université. Rapports d'expérience oraux et écrits. Articles d'opinion de journaux et de sites Web. Publications écrites sur les réseaux sociaux.

Source : les auteurs.

Concernant la variation linguistique dans le domaine fonctionnel de l'adversité (Pedro, 2019), il est possible d'affirmer que sa pertinence est directement liée à la décomposition des classes schématiques et toute faites sur les types de variation, souvent cantonnées à de nombreux clichés sur le sujet. En discutant le *só que*, il sera possible d'aller au-delà des cas de variation déjà exhaustivement explorés.

Par conséquent, travailler avec des textes insérés dans le continuum de la parole et de l'écriture est essentiel, car, comme en témoignent Castanheira, Cezario et Brito (2021), leurs utilisations sont plus fréquentes dans la modalité orale. De plus, comme les auteurs soulignent qu'il existe un rapport à l'école, cette expression doit être travaillée en utilisant des textes qui ont cette hybridité, comme les conversations WhatsApp, les entrevues écrites, les publications sur les réseaux sociaux et les vidéos YouTube.

Par rapport au changement linguistique lié à *só que*, son importance réside dans l'insertion de la discussion du changement dans l'école, ce qui est encore rare et, lorsqu'il se produit, il est généralement lié aux mêmes cas. Le travail avec *só que* élargit le débat à la morphosyntaxe, dépassant les questions phonétiques et lexicales, qui sont généralement au centre des supports pédagogiques. De plus, il permet de démontrer que le cadre conjonctif n'est pas étanche et que de nouveaux appariements émergent dans la langue portugaise, qu'il faut considérer dans une perspective de langue vivante.

Un autre sujet central est le lien textuel, car le *só que* permet de démontrer que les éléments de valeur adversatifs sont multiples et que leurs modes d'usage sont contextuellement situés, comme le montre Pedro (2019), par exemple. Pour ce faire, une possibilité est de discuter, en considérant des textes de genres différents, le domaine de l'adversité, avec l'identification et le regroupement des effets de sens, avec des textes de réseaux sociaux, des mêmes, des rapports d'expérience et des entrevues actuels, par exemple, qui démontrent des usages dans différentes situations discursives-pragmatiques.

Dans les cours d'articulation de propositions, il est cependant pertinent que ce thème soit abordé afin de démontrer que les propositions coordonnées adversatives sont également introduites par des connecteurs qui ne sont pas présents dans les listes de grammaires traditionnelles, ce qui fera comprendre à l'élève qu'il est nécessaire d'avoir une vision plus ample de la langue, allant au-delà des manuels normatifs. Cela peut être fait en travaillant avec des essais d'examen d'entrée à l'université, des rapports d'expérience et des articles d'opinion publiés en ligne et sur papier qui ont des propositions commençant par *só que* et d'autres éléments simples et périphrastiques, ce qui fera (re)connaître à l'étudiant les modes d'utilisation qu'il connaît déjà et d'autres qui ne seront présentés que dans l'environnement scolaire.

CONSIDÉRATIONS FINALES

Au vu des discussions contenues dans ce chapitre, il est possible de conclure qu'il est nécessaire d'adopter différentes stratégies d'enseignement du connectif *só que* dans l'enseignement de base. Pour cela, la vision socio-fonctionnaliste, qui réunit les discussions de la sociolinguistique et du fonctionnalisme nord-américain, est essentielle, car elle aide à cartographier les questions morphosyntaxiques, sociales et discursives en faveur de la description détaillée et multiforme de cet aspect linguistique.

RÉFÉRENCES

- CASTANHEIRA, Dennis. Sociofuncionalismo: caminhos na interface variação-discurso. **Falange Miúda**, v. 3, p. 87-95, 2018.
- CASTANHEIRA, Dennis; CEZARIO, Maria Maura; BRITO, Raquel Cardoso. Análise dos usos de orações iniciadas por [só que] no português brasileiro. **Palimpsesto**, v. 20, p. 167-187, 2021.
- CASTANHEIRA, Dennis; ILOGTI DE SÁ, Érika. Variação sintática e ensino em perspectiva sociofuncionalista. **Verbo de Minas**, v. 23, p. 77-99, 2022.
- CEZARIO, Maria Maura; MARQUES, Priscilla Mouta; ABRAÇADO, Jussara. Sociofuncionalismo. In: MOLLICA, Maria Cecília; FERRAREZI JR., Celso (Org.). **Sociolinguística, sociolinguísticas**. São Paulo: Contexto, 2016. p. 45-62.
- CORPUS DISCURSO & GRAMÁTICA. Disponível em: <http://deg.uff.br/corpus-dg/> Acesso em: 20/01/2022.
- GIVÓN, Talmy. **A compreensão da gramática**. Tradução de Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2012 [1979].
- GÖRSKI, Edair Maria; MARTINS, Marco Antonio Rocha. Questões teórico-metodológicas da Sociolinguística em interface com o Gerativismo e Funcionalismo linguísticos e o ensino de Língua Portuguesa. **Revista Da Anpoll**, 52 (esp), 173-197, 2021.
- GÖRSKI, Edair Maria; TAVARES, Maria Alice. Reflexões teórico-metodológicas a respeito de uma interface sociofuncionalista. **Revista do GELNE**, v. 15, p. 75-97, 2013.
- HOPPER, Paul. Aspect and foregrounding in discourse. In: GIVÓN, Talmy. **Syntax and Semantics**. vol.12 Discourse and syntax. New York: Academic Press, 1979. Página inicial e final.
- HOPPER, Paul; THOMPSON, Sandra. Transitivity in grammar and discourse. **Language** 56, v. 2, p. 251-299, 1980.
- OLIVEIRA, Mariangela Rios; CEZARIO, Maria Maura. PCN à luz do funcionalismo linguístico. **Linguagem & Ensino**, v.10, n.1, p.87-108, jan./jun.2007.

PEDRO, Fernando Laerty Ferreira da Silva. **O uso dos conectores adversativos MAS e SÓ QUE na fala do natalense em entrevistas sociolinguísticas: foco na variação discursiva.** 2019. 110 fl. Dissertação (Mestrado em Estudos da Linguagem) – Programa de Pós-graduação em Estudos da Linguagem da Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2019.

SCHMID, Hans-Jörg. **The Dynamics of the Linguistic System: Usage, Conventionalization, and Entrenchment.** Oxford: University of Oxford Press, 2020.

TAVARES, Maria Alice. Sociofuncionalismo: um duplo olhar sobre a variação e a mudança linguística. **Interdisciplinar: Revista de Estudos em Língua e Literatura**, v. 17, p. 27-47, 2013.

TAVARES, Maria Alice; GÖRSKI, Edair Maria. Variação e sociofuncionalismo. In: MARTINS, Marco Antonio; ABRAÇADO, Jussara (Org.). **Mapeamento sociolinguístico do português brasileiro.** São Paulo: Contexto, 2015. p. 249-270.

TRAUGOTT, Elisabeth; TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Constructional Changes.** Oxford: Oxford University Press, 2013.

15

Veronica Manole

**VARIAÇÃO E VARIEDADE
NA INTERCOMPREENSÃO
ROMÂNICA:**

O ROMENO

RESUMO

Neste trabalho, debruçamo-nos sobre a variação e a variedade na intercompreensão (IC) românica, analisando a integração do romeno em manuais, projetos e outros materiais de IC. Num primeiro momento fazemos uma apresentação geral da IC, dos mitos que podem afetar a sua integração curricular, dos manuais e dos projetos mais relevantes. Num segundo momento, analisamos algumas das particularidades do romeno a nível lexical (palavras de origem eslava, húngara, grega ou turca) e morfológico (artigo definido enclítico, terminações específicas para caso e número), do ponto de vista do grau de transparência ou de opacidade deste idioma em contextos de IC. Propomos algumas soluções: reformulação dos textos através de substituições com sinónimos de origem latina ou românica (nem sempre possível em todos os contextos), ensino de terminações específicas da morfologia nominal, para a identificação do caso e do número. Concluimos que o romeno é um desafio na IC, mas consideramos que com estratégias adequadas e adaptadas às suas particularidades pode tornar-se mais acessível para os falantes de outros idiomas românicos.

Palavras-chave: Intercompreensão românica; línguas românicas; romeno; léxico; morfologia; opacidade; transparência.

INTRODUÇÃO

O objeto do nosso trabalho é fazer uma contextualização do romeno enquanto língua românica, tomando em consideração o seu lugar nos métodos de intercompreensão (doravante IC). Depois de uma breve apresentação dos métodos mais recentes que promovem a IC, pretendemos ilustrar algumas características que fazem com que o romeno seja um desafio para esta abordagem de aprendizagem. Para o efeito, apresentaremos algumas particularidades lexicais e morfológicas desta língua e proporemos algumas estratégias para tornar este idioma mais transparente e mais acessível para os falantes de outras línguas românicas.

Na secção seguinte faremos uma breve apresentação da IC ilustrando as diferentes aceções do termo e salientando que se trata de uma modalidade de comunicação já com alguma tradição, embora possa parecer uma estratégia comunicativa recente.

A IC – UM MÉTODO INOVADOR?

A IC é uma forma de comunicação multilíngue que permite aos falantes se expressar na sua própria língua e compreender a língua do outro, apostando na semelhança entre os idiomas. Usada no dia a dia em regiões fronteiriças ou em situações em que os falantes de línguas que pertencem à mesma família interagem entre si, a IC valoriza todo o leque de competências linguísticas de que dispõe um falante, com o intuito de fomentar a comunicação.

É de notoriedade a seguinte citação de Umberto Eco (1996, p. 326), em que o autor faz uma breve síntese da IC, mostrando como poderia ser aproveitada no contexto multilíngue europeu.

Uma Europa de políglotas não é uma Europa de pessoas que falam fluentemente muitas línguas, mas, na melhor das hipóteses, de pessoas que podem encontrar-se, **falando cada uma a sua própria língua e compreendendo a do outro, mas que, embora não sabendo falar esta língua fluentemente, a compreendam, mesmo com dificuldades**, podendo assim perceber o “gênio”, o universo cultural que cada um exprime ao falar a língua dos seus ancestrais e da sua tradição. (Eco, 1996, p. 326; *negrito nosso*).

Num dossiê da revista *Le Monde Diplomatique* dedicado ao multilinguismo, Françoise Ploquin defende o uso da IC na comunicação entre falantes de línguas românicas, evitando assim a hegemonia do inglês, que uniformiza as modalidades de comunicação, tornando-as mais pobres e não permite a cada falante se expressar de forma eficaz, de acordo com as possibilidades oferecidas pela sua língua e pela sua cultura.

Entre les langues romanes – français, italien, espagnol, catalan, portugais, roumain, **l’intercompréhension est non seulement souhaitable, mais elle est possible et rapide à acquérir. L’intercompréhension, c’est le fait de comprendre des langues sans les parler : chacun parle ou écrit dans sa langue, et comprend ou lit celle de l’autre.** Cette démarche, qui ne nécessite aucune connaissance préalable du latin, est de nature à souder un ensemble de pays appartenant à la même famille de langues, et qui ont des intérêts et des cultures proches. (Ploquin, 2005, p. 23, *negrito nosso*)

A IC pode ser definida³⁹, portanto, como *relação entre idiomas*: “relationship between languages in which speakers of different but related languages can readily understand each other without intentional study or extraordinary effort” (DG Translation, 2012, p. 1); *forma de comunicação*: “forme de communication dans laquelle chaque personne s’exprime dans sa propre langue et comprend celle de

l'autre" (Doyé, 2005, p. 7) e *capacidade de construir sentidos*: "capacidade de co-construir o sentido, no contexto do encontro entre línguas diferentes, e de fazer uso pragmático dessa capacidade numa situação comunicativa concreta" (Capucho; Cox, 2004, p. 87).

Enquanto estratégia de comunicação nas interações quotidianas, a IC já tem uma grande tradição. É conhecida a maneira em que os comerciantes da bacia do Mediterrâneo comunicavam na Idade Média, sendo documentada em estudos mais recentes a IC entre langue d'oïl e langue d'oc (Lodge, 2005) ou no espaço IC italo-românico (Carlucci, 2020a; 2020b).

Para o funcionamento desta forma de comunicação, há, evidentemente, pré-requisitos que dizem respeito às próprias línguas, pois é de esperar que a IC seja facilitada pela aproximação das línguas a nível fonético, fonológico, lexical, morfológico e sintático. Embora não seja impossível, a IC entre línguas que pertencem a famílias diferentes, por exemplo, românicas germânicas e eslavas, é mais difícil. Consideramos que há também pré-requisitos que dizem respeito aos próprios falantes, pois nem sempre têm conhecimentos linguísticos e metalinguísticos necessários para identificar os graus de aproximação entre línguas ou que raramente têm a disponibilidade para tentar perceber línguas consideradas "desconhecidas" ou de comunicar na sua própria língua de forma a ser entendido por um locutor estrangeiro.

Além do mais, há vários mitos sobre a IC junto do corpo docente (Melo-Pfeifer *et al.*, 2011), que torna a sua integração curricular problemática⁴⁰. Destacamos, a título de exemplo, seis preconceitos que nos parecem mais relevantes: "Para abordar a intercompreensão em sala de aula, o professor tem que ser poliglota"; "O professor de línguas deve evitar a intromissão de outras línguas na sua aula";

40

Escudé e Janin (2010, p. 9) falam da IC como ODNI (objeto didático não identificado), tomando em consideração a sua integração problemática nos sistemas tradicionais de ensino das línguas.

“Aprender uma LE é aprender a manobrar todas as competências em simultâneo”; “Os falsos amigos são um grande obstáculo durante a aprendizagem de uma LE”; “Promover outras línguas na minha aula coloca em perigo o futuro da minha disciplina”; “As abordagens intercompreensivas pretendem substituir as abordagens que habitualmente usamos na aula de LE”. Estes mitos podem ser facilmente desmistificados, uma vez que um professor não deve ser poliglota para ensinar a IC (basta ter conhecimento das estratégias comunicativas adequadas); a IC não pretende substituir o ensino tradicional das línguas estrangeiras, mas apenas ampliar a bagagem linguística de um falante e assim abrir outras possibilidades de comunicação; os falsos amigos não são um problema insuperável na aprendizagem das línguas, mas fomentam a reflexão metalinguística sobre as semelhanças e as diferenças entre os idiomas. Além do mais, ignorar a heterogeneidade linguística presente atualmente na sala de aulas (com alunos migrantes, oriundos de famílias mistas etc.) seria ignorar a riqueza cultural da sociedade contemporânea e assim perder a oportunidade de estimular junto dos alunos não apenas a capacidade de comparar línguas, mas também a abertura, a tolerância e a integração de pessoas com experiências de vida diferentes.

A IC proporciona a possibilidade de ter acesso a um universo muito mais abrangente do que o circunscrito pela(s) língua(s) considerada(s) conhecida(s). Por exemplo, um falante de uma língua românica pode descobrir dezenas de culturas que se expressam em espanhol, francês, italiano ou catalão e pode comunicar, de acordo com as estatísticas mais recentes, com uma parte significativa da população mundial⁴¹.

Na secção seguinte, debruçar-nos-emos sobre a IC românica, evidenciando os projetos e os manuais mais conhecidos, sem pretensões de exaustividade.

41 De acordo com o *site Ethnologue*, só o número de falantes de espanhol, francês e português ultrapassa mil milhões. O italiano conta com cerca de 68 milhões de falantes e o romeno cerca de 24 milhões.

A IC ROMÂNICA – BREVE APRESENTAÇÃO

A IC românica⁴² desenvolveu-se sobretudo a partir dos anos '90, graças ao trabalho de algumas personalidades marcantes, que tiveram um papel fundamental na criação de projetos, métodos e manuais específicos. Claire Blanche-Benveniste foi uma das pioneiras da IC e coordenou o método *EuRom4* (que teve continuação no manual *EuRom5*). Louise Dabène foi coordenadora do projeto *Galatea*⁴³, que pôs as bases da “Galasaga”, uma série de projetos, como *Galanet*⁴⁴ e *Galapro*⁴⁵, fomentando assim o uso da IC entre alunos universitários através de fóruns on-line e a formação de formadores. Jørgen Schmitt Jensen dirigiu o projeto *Intercommunicabilité romane*⁴⁶ e Tilbert E. Stegmann e Horst G. Klein foram os idealizadores e coordenadores do método *Die sieben Siebe* [Os sete passadores] – *EuroComRom*⁴⁷.

- 42 Para uma apresentação mais detalhada dos projetos e dos manuais de IC, ver Escudé e Calvo del Olmo (2019).
- 43 O projeto *Galatea* foi desenvolvido nos anos '90 por uma equipa de investigadores de seis universidades europeias e teve como resultado uma série de sete CDs com materiais didáticos para o ensino da IC (Carrasco Perea, 2006).
- 44 No âmbito do projeto *Galanet* foi criada uma plataforma on-line, que permitiu a interação multilíngue entre alunos universitários. As interações eram moderadas por professores, de acordo com cenários didáticos pré-definidos (Dégache, 2005).
- 45 *Galapro* foi uma plataforma para a formação *on-line* de formadores em IC. Contamos a nossa experiência de formanda neste projeto em Manole (2017), fazendo uma análise das formas de tratamento na construção da identidade discursiva de si e dos outros.
- 46 Inspirado na intercompreensão escandinava, o projeto *Intercommunicabilité romane* foi coordenado por Jørgen Schmitt Jensen, na Universidade de Aarhus (Dinamarca).
- 47 O manual da série *Die sieben Siebe*, redigido inicialmente em alemão por Horst G. Klein, Tilbert E. Stegmann no âmbito do projeto EuroComRom e ulteriormente adaptado em romeno, português, galego, francês, neerlandês, catalão, italiano, inglês, espanhol, vêneto, polaco e búlgaro, encontra-se no *site* da editora alemã Shaker Verlag.

Várias iniciativas de divulgação da IC se beneficiaram de apoio institucional da União Latina⁴⁸, da Comissão Europeia⁴⁹ ou do Conselho da Europa, que financiaram projetos didáticos ou a criação de redes de especialistas⁵⁰: *Itinéraires romans*, *Redinter*, *Romanicaintercom*, *Lecturio+*, *Eu+I*, *ICE*, *Intermar*, *Miriadi* etc. Os projetos e as várias iniciativas desenvolvidas em redes de especialistas de línguas românicas criaram materiais disponíveis on-line, manuais e instrumentos de avaliação. Graças a estes esforços, a IC ganhou mais visibilidade e começou a ser divulgada através de publicações, colóquios e congressos.

No que diz respeito aos manuais de IC, mencionamos o método *Die sieben Siebe* [Os sete passadores], que foi traduzido e adaptado em vários idiomas românicos, inclusive o romeno. Este método propõe um descobrimento gradual das línguas românicas, com base em sete níveis de semelhanças, chamados “passadores”: vocabulário internacional, vocabulário panromânico, correspondências fonéticas e gráficas, grafias e as pronúncias, estruturas sintáticas panromânicas, elementos morfossintáticos e afixos (prefixos e sufixos). O método de Teyssier (2004) aposta numa abordagem sobretudo linguística, apresentando detalhadamente elementos de fonética, morfossintaxe e léxico das línguas românicas e aproximando-se de uma gramática comparada do francês, do espanhol, do italiano, do português e do romeno. *EuRom5*, publicado em 2011 sob a coordenação de Elisabeta Bonvino, propõe uma série de textos jornalísticos em cinco línguas românicas (francês, italiano, espanhol, português e catalão), de forma a desenvolver as competências de compreensão

48 Dois projetos de IC românica da União Latina, *Itinéraires Romans* e *Limbo*, estão disponíveis *online*.

49 Ver o relatório *Intercomprehension: Exploring its usefulness for DGT, the Commission and the EU*, disponível *on-line*: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/893895f6-0c42-4494-95d4-9c81fafdb5a3>.

50 Infelizmente os *sites* de uma série de projetos já não estão disponíveis e os recursos didáticos realizados não estão acessíveis.

nos respetivos idiomas⁵¹. *Euromania*, manual destinado a crianças com idades entre 8 e 11 anos⁵², contém unidades didáticas com textos e atividades nas seguintes línguas românicas: francês, espanhol, italiano, português, romeno, occitano, catalão. Por fim, *PanromanIC*, publicado em 2022, tem seis línguas românicas principais – português, espanhol, catalão, francês, italiano, romeno – e dez línguas minoritárias: *corsu, sardu, galego, mirandês, occitan, francoprovançal, furlan, ladin, rumantcsh* e *armânească*. A integração do romeno neste manual tentou tomar em consideração a variação diatópica do idioma, incluindo gravações⁵³ feitas por uma falante nativa da República da Moldova e por falantes de duas regiões da Roménia.

Houve também avanços no que diz respeito à avaliação da IC. O projeto *Eval-IC*⁵⁴, implementado entre 2016 e 2019, produziu vários instrumentos úteis na avaliação da IC: modelos de competências para a IC recetiva, a IC interativa e a interprodução (IP), descritores de competências, protocolo e ferramentas de avaliação e uma bibliografia comentada. No âmbito do projeto *Miriadi*, entre os diferentes tipos de recursos, foram criados dois referenciais⁵⁵: REFIC (*Référentiel de compétences de communication plurilingue en intercompréhension*) e REFIDIC (*Référentiel de compétences en didactique de l'intercompréhension*). O primeiro instrumento, REFIC, é um guia para professores e aprendentes adultos e contém definições de atitudes, conhecimentos de capacidades utilizados na IC, promovendo, ao mesmo tempo, a inserção curricular da IC. A segunda ferramenta, REFIDIC, é dedicada ao apoio da formação de formadores e de professores, de forma a criarem e ministrarem cursos de IC.

51 O manual *EuRom5* tem também um *site* com informações adicionais e links úteis: <http://www.eurom5.com/>.

52 Para uma descrição do manual, ver também Couffin (2014).

53 No *site* do manual são disponíveis as gravações, as soluções dos exercícios e tabelas para professores.

54 Os materiais desenvolvidos no âmbito deste projeto estão disponíveis on-line: <https://evalic.eu/leprojet/>.

55 Ambos os referenciais se encontram disponíveis on-line: De Carlo e Anquetil (2019), Andrade *et al.* (2019).

A IC é integrada no CARAP⁵⁶ (*Cadre de référence pour les approches plurielles des langues et des cultures*), ferramenta desenvolvida pelo *European Centre for Modern Languages*, que contém descritores para quatro abordagens plurais: o despertar para as línguas, a IC entre as línguas aparentadas, a abordagem intercultural e a didática integrada das línguas. Mais recentemente, o *Companion Volume*⁵⁷, ferramenta que completa o *Quadro Europeu Comum de Referência para as Línguas*⁵⁸, integra e descreve a competência plurilingue/pluricultural, adaptando alguns dos descritores desenvolvidos no projeto *Miriadi*.

Na próxima secção, concentrar-nos-emos no romeno, evocando as suas particularidades lexicais e morfológicas, bem como o seu lugar especial na IC românica.

O ROMENO: UM DESAFIO PARA A IC ROMÂNICA

Estudos anteriores que analisam as percepções sobre o romeno em IC (Garbarino, 2009; Manole, 2014; Manole, 2016) mostram a convicção de que o romeno é uma língua muito diferente em relação às outras línguas românicas e, por conseguinte, bem mais difícil. Vejamos, a título de exemplo, dois testemunhos sobre os primeiros contatos com a língua romena no âmbito do projeto *Galanet* e dum minicurso on-line de romeno ministrado na Universidade de São Paulo:

56 Pode ser consultado on-line: <https://carap.ecml.at/Accueil/tabid/3577/language/fr-FR/Default.aspx>.

57 Pode ser consultado on-line: <https://rm.coe.int/cefr-companion-volume-with-new-descriptors-2018/1680787989>.

58 Pode ser consultado on-line: <https://www.dge.mec.pt/quadro-europeu-comum-de-referencia-para-linguas>.

Aiuto! Qualcosa mi dice che ho appena scoperto una lingua romanza che è più difficile del portoghese per me! ;-) Forse dovremmo aprire un punto di "aiuto" anche per il rumeno, se qualcuno ha voglia di aiutarci a capire qualche frase! (estudante Galanet; *apud* Garbarino, 2009, página).

Eu acho o romeno bem difícil. Quando leio entendo pouco e fico feliz quando tem um texto do mesmo assunto em outra língua porque "clareia" o texto em romeno. Gostei muito de ter contato com essa língua e quanto mais contato tiver, sei que vai ficando mais acessível, porque é difícil, rrsrs. (estudante da USP; *apud* Manole, 2014, página).

Como se pode observar, falantes de línguas românicas (uma italiana e um brasileiro) consideram o romeno bastante difícil: "più difficile del portoghese", "bem difícil". Porém, o falante brasileiro afirma que o contato mais prolongado com esta língua vai facilitar a compreensão: "quanto mais contato tiver, sei que vai ficando mais acessível". Aliás, quando os alunos ou os formandos utilizam estratégias de IC (procurar semelhanças, usar conhecimentos extralinguísticos para descobrir o significado, ler um texto sobre o mesmo assunto numa língua conhecida, etc.) descobrem que o romeno é mais acessível e que o seu desempenho na compreensão dos textos é melhor. Em geral, as percepções dos alunos/formandos vão mudando gradualmente em função do seu desempenho nos exercícios.

Na nossa opinião, o romeno constitui um desafio para os falantes de línguas românicas sobretudo devido às suas particularidades lexicais e morfológicas, que apresentaremos nesta secção.

PARTICULARIDADES LEXICAIS

A particularidade lexical que torna um texto romeno relativamente opaco para os falantes de línguas românicas são as palavras de origem não latina. Devido à sua evolução, a estrutura do léxico

romeno é diferente em relação às línguas românicas ocidentais. Há palavras de uso comum que são de origem eslava, húngara, grega ou turca⁵⁹, completamente opacas⁶⁰ para falantes de outro idioma românico, e que podem constituir uma dificuldade para a compreensão de um texto. Vejamos abaixo alguns exemplos:

Palavras de origem eslava: ro. *coborî* (< esl. *pogorî*) / ptg. *descer* (< lat. *descendĕre*); ro. *dovedî* (< esl. *dovesti*) / ptg. *provar* (< lat. *probāre*); ro. *greși* (< esla. *grěšiti*) / ptg. *errar* (< lat. *errāre*); ro. *opri* (< esl. *oprĕti*) / ptg. *parar* (< lat. *parāre*); ro. *plăti* (< esl. *platiti*) / ptg. *pagar* (< lat. *pacāre*); ro. *trăi* (< esl. *trajati*) / ptg. *viver* (< lat. *vivĕre*); ro. *trebui* (< esl. *trevobati*) / ptg. *dever* (< lat. *debĕre*).

Palavras de origem húngara: ro. *gazdă* (< hu. *gazda*) / ptg. *anfitrião* (< lat. *amphitryon, -ōnis*); ro. *gând* (< hu. *gand*) / ptg. *pensamento* (der. *pensar* < lat. *pensāre*); ro. *oraș* (< hu. *város*) / ptg. *cidade* (< lat. *civĭtas, -ātis*).

Palavras de origem grega: ro. *pat* (< ngr. *pátos*) / ptg. *cama* (< lat. tard. *cama*); ro. *țelină* (< ngr. *séliōn*) / ptg. *aipo* (< lat. *apium*).

Palavras de origem turca: ro. *murdar* (< tur. *murdar*) / ptg. *sujo* (< lat. *sucĭdus*); ro. *geam* (< tur. *cam*) / ptg. *janela* (< lat. *januella*. dim de *janua*).

Por conseguinte, a frase “Un oraș bogat e gazda unui festival de jazz” [tradução literal: Uma cidade rica é anfitriã de um festival de jazz] pode apresentar um grau elevado de opacidade para um falante de português, espanhol, italiano, francês ou catalão, uma vez que palavras-chave para a sua compreensão *oraș* (< hu. *város*), *bogat* (< esl. *bogatŭ*) e *gazda* (< hu. *gazda*) não são de origem românica. A frase pode ser reformulada com palavras de origem latina ou românica, tornando-se assim mais transparente: “O localitate urbană prosperă organizează un

59 Uma descrição detalhada do superstrato da língua romena pode ser encontrada em Reinheimer-Rîpeanu (2001, p. 43-47).

60 Para uma análise do léxico em termos de transparência e opacidade, ver Castagne (2007).

festival de jazz” [tradução literal: Uma localidade urbana próspera organiza um festival de jazz]. Evidentemente, a reformulação não implica uma equivalência total, mas a ideia geral da frase é mantida.

Há situações em que os equivalentes românicos de uma palavra romena com étimo eslavo são de origem germânica: ro. *război*, it. *guerra*; fr. *guerre*; cat. *guerra*; es. *guerra*; pt. *guerra*. Por conseguinte, a frase “Războiul din Ucraina este o greșeală groaznică a lui Putin și va plăti scump pentru ea” [tradução literal: A guerra da Ucrânia é um erro terrível de Putine e pagará caro por ela] deve ser reformulada porque contém palavras opacas: *război* (< esl. *razboj*); *greșeală* (substantivo derivado do verbo *greși* + suf. *-eală*; *greși* < esl. *grěšiti*); *groaznică* (< blg. *grozen*); *plăti* (< esl. *platiti*); *scump* (< esl. *skompŭ*). A frase reformulada “Conflictul din Ucraina este o eroare fatală a lui Putin și va suferi consecințe teribile pentru ea” [tradução literal: O conflito da Ucrânia é um erro fatal de Putine e vai sofrer consequências terríveis por ele] pode ser mais acessível para um falante de língua românica, uma vez que as palavras escolhidas são de origem latina ou românica: *conflict* (< lat. *conflictus*, fr. *conflit*); *eroare* (< lat. *error*, *-oris*, fr. *erreur*); *fatală* (< lat. *fatalis*, fr. *fatal*); *a suferi* (< lat. pop. *sufferire*); *consecințe* (< lat. *consequentia*, fr. *conséquence*); *teribile* (< lat. *terribilis*, fr. *terrible*).

Em Reinheimer-Rîpeanu (2001, 47) encontramos uma série de pares de sinônimos (o primeiro de origem eslava, o segundo de origem latina), que permitiriam, em alguns contextos, fazer reformulações de forma a tornar um texto romeno mais transparente: *ceas* – *oră* [pt. hora], *cinste* – *onestitate* [pt. honestidade], *dovadă* – *probă*, *argument* [pt. prova, argumento], *greșeală* – *eroare* [pt. erro], *iad* – *infern* [pt. inferno], *izvor* – *sursă* [pt. fonte; fr. source], *jertfă* – *sacrificiu* [pt. sacrifício], *leac* – *remediu*, *medicament* [pt. remédio, medicamento], *nădejde* – *speranță* [pt. esperança], *nărav* – *viciu* [pt. vício], *peșteră* – *grotă* [pt. gruta], *prăpastie* – *abis* [pt. abismo], *pizmă* – *invidie* [pt. inveja], *prilej* – *ocazie* [pt. ocasião], *rai* – *paradis* [pt. paraíso], *sfetnic* – *consilier* [pt. conselheiro], *slovă* – *literă* [pt. letra],

taină – *secret* [pt. segredo], *veşnic* – *etern* [pt. eterno], *vârstă* – *etate* [pt. idade], *zgârcit* – *avar* [pt. avarento].

Um importante desafio é usar reformulações para tornar um texto romeno mais transparente sem, porém, recorrer a uma língua artificial, com demasiados neologismos, que não são usados por falantes nativos. Na tabela abaixo podemos observar como alguns verbos de uso cotidiano, que integram o vocabulário fundamental e têm étimo eslavo, sendo, por conseguinte, opacos para um falante de língua românica ocidental, uma vez que os equivalentes nos respectivos idiomas têm origem latina. Nestes casos concretos, consideramos que a reformulação através de sinônimos parciais de origem latina ou românica é difícil.

Tabela 1 – Verbos romenos com étimo eslavo e os seus equivalentes em outras línguas românicas

romeno	italiano	francês	catalão	espanhol	português
<i>a citi</i>	leggere	lire	llegir	leer	ler
<i>a coborî</i>	scendere	descendre	baixar	descender	descer
<i>a iubi</i>	amare	aimer	amar	amar	amar
<i>a munci</i>	lavorare	travailler	treballar	trabajar	trabalhar
<i>a plăti</i>	pagare	payer	pagar	pagar	pagar
<i>a trăi</i>	vivere	vivre	viure	vivir	viver
<i>a trebui</i>	dovere	devoir	deure	deber	dever

Fonte: Autoral.

PARTICULARIDADES MORFOLÓGICAS

Algumas das particularidades morfológicas do romeno podem constituir um desafio na IC românica: a posição enclítica do artigo definido (exemplos: masculino singular *câine* [cão] – *câinele* [o cão]; feminino singular *casă* [casa] – *casa* [a casa]; neutro singular *restaurant* [restaurante] – *restaurantul* [o restaurante]), as desinências específicas para os casos (exemplos: nominativo e acusativo *câine* [cão], *casă* [casa], *restaurant* [restaurante]; genitivo e dativo *câinelui* [do/ao cão]; *casei* [da/à casa], *restaurantului* [do/ao restaurante]); a alteração do radical na formação do plural (exemplos: masculino singular *băiat* [rapaz] – masculino plural *băieți* [rapazes]; feminino singular *masă* [mesa] – feminino plural *meşe* [mesas]; neutro singular *avion* [avião] – neutro plural *avioane* [aviões]) e do feminino (exemplos: masculino singular *românesc* [romeno], feminino singular *românească* [romena]); os três gêneros (masculino, feminino, neutro) e as desinências específicas para a formação do plural (por exemplo, a desinência *-uri* para neutro plural: *glob* [globo] – *globuri* [globos], *cerc* [círculo] – *cercuri* [círculos], *arc* [arco] – *arcuri* [arcos]). Vejamos abaixo uma tabela mais completa, que contém substantivos masculinos: *prieten* [amigo], *munte* [montanha], femininos: *bursă* [bolsa], *viață* [vida], *cafea* [café], *localitate* [localidade], *mâncare* [comida] e neutros: *birou* [escritório, secretária], *dulap* [armário], *studiu* [estudo], *restaurant* [restaurante], *automobil* [automóvel].

Portanto, para uma melhor compreensão de um texto em romeno, seria necessário ter conhecimentos essenciais de morfologia flexional nominal. Consideramos que numa formação de IC românica, seria oportuno ensinar aos falantes de línguas românicas ocidentais alguns elementos de morfologia do romeno, para que possam identificar sobretudo as marcas de plural e de caso. Uma vez conhecidas as desinências, é mais fácil identificar as palavras. Por exemplo, *birou* (singular, nominativo-acusativo da palavra,

semelhante ao seu equivalente francês *bureau*) é mais transparente do que *biroului* (a forma de singular no genitivo-dativo), *birouri* (a forma do plural, nominativo-acusativo), *birourile* (plural, nominativo-acusativo com artigo definido), *birourilor* (plural, genitivo-dativo).

Tabela 2 – Elementos de morfologia flexional nominal em romeno

		masculino		feminino		neutro		
		- artigo definido	+ artigo definido	- artigo definido	+ artigo definido	- artigo definido	+ artigo definido	
sg.	nominativo	prieten	prietenul	bursă	bursa	birou	biroul	
	acusativo	munte	muntele	viață	viața	dulap	dulapul	
				cafea	cafeaua	studiu	studiul	
				localitate	localitatea	restaurant	restaurantul	
				mâncare	mâncarea	automobil	automobilul	
	genitivo	prietenului		bursei		biroului		
	dativo		muntelui		vieții		dulapului	
					cafelei		studiului	
					localității		restaurantului	
				mâncării		automobilului		
pl.	nominativo	prieteni	prietenii	burse	bursele	birouri	birourile	
	acusativo	munți	munții	vieți	viețile	dulapuri	dulapurile	
				cafele	cafelele	studii	studiile	
				localități	localitățile	restaurante	restaurantele	
				mâncăruri	mâncărurile	automobile	automobilele	
	genitivo	prietenilor		burselor		birourilor		
	dativo		munților		vieților		dulapurilor	
					cafelelor		studiilor	
					localităților		restaurantelor	
				mâncărurilor		automobilelor		

Fonte: Autorial.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste trabalho tentamos fazer uma apresentação do romeno enquanto desafio para a IC românica, tomando em consideração algumas das particularidades lexicais e morfológicas desta língua. Tendo, por vezes, um lugar periférico nos trabalhos de IC, o romeno configura-se como desafio para a IC⁶¹, e a inclusão deste idioma em projetos, manuais, métodos e outros materiais deve avaliar as áreas de transparência e de opacidade, ao nível fonético, fonológico, lexical, morfológico e sintático. Por razões de espaço, optamos por tratar de forma sucinta a transparência vs. opacidade ao nível lexical e morfológico e identificamos algumas estratégias de criar ou adaptar textos em romeno e assim torná-los mais acessíveis para falantes de outras línguas românicas. A reformulação dos textos através da substituição das palavras de origem eslava, húngara, grega ou turca por palavras de origem latina ou românica pode funcionar, mas nem sempre é possível em todos os contextos. Aliás, um excesso de palavras de origem latina ou românica pode tornar um texto artificial e estranho para um falante nativo. Outro desafio na compreensão do romeno é, sem dúvida, a sua morfologia. Neste trabalho debruçamo-nos sobre a morfologia nominal, sugerindo que um conhecimento das terminações específicas dos casos e dos números pode ajudar na compreensão textual.

Sem dúvida, a estas estratégias adaptadas às particularidades do romeno devem ser acrescentadas estratégias específicas da IC: a abertura para descobrir línguas consideradas desconhecidas, o uso dos conhecimentos extralinguísticos e enciclopédicos, o uso de conhecimentos sobre os gêneros discursivos e a estrutura textual, a capacidade de construir sentidos a partir de fragmentos transparentes, a capacidade de adaptar as estratégias de leitura ao texto e à língua que se pretende descobrir.

O breve relato dos manuais, projetos de IC, mostra que houve avanços no que diz respeito à integração do romeno na família românica, mas consideramos que no futuro são necessários projetos mais inclusivos e mais abertos a todo o *continuum* românico. Aliás, a IC poderá também ser utilizada para revitalizar e valorizar as línguas regionais como mostram Sheeren (2016) e o manual *PanromanIC*. Neste contexto, o romeno, com os seus dialetos – aromeno, meglenoromeno, istrioromeno – deixaria de ter um lugar por vezes marginal na IC e tornar-se-ia mais acessível para falantes de línguas românicas.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ANDRADE, Ana Isabel *et al.* Un Référentiel de compétences en didactique de l'intercompréhension. **EL.LE Educazione Linguistica. Language Education**. v. 8, n. 1, p. 252-264, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.30687/ELLE/2280-6792/2019/01/010>. Acesso em: 15.02.2024.

BENAVENTE FERRERA, Susana *et al.* **PanromanIC – Manuale di intercomprensione tra lingue romanze**. Bologna: Zanichelli, 2022.

BONVINO, Elisabeta *et al.* **Ler e compreender 5 línguas românicas – Leer y entender 5 lenguas românicas – Llegir i entendre 5 llengües romàniques – Leggere e capire 5 lingue romanze – Lire et comprendre 5 langues romanes**. Milano: Hoepli, 2011.

CANDELIER, Michel *et al.* **Cadre de référence pour les approches plurielles des langues et des cultures – Compétences et ressources**. Strasbourg: Éditions du Conseil de l'Europe, 2012.

CAPUCHO, Filomena; COX, Isa. Eu & I – Pioneer Experimentation in Intercomprehension Methodology. *In: Best practices of learning less widely-used languages in multicultural and multinational Europe*. Vilnius: Lietuviu Kalbos Instituto Leidykla, 2004, p. 87-91.

CARLUCCI, Alessandro. How Did Italians Communicate When There Was No Italian? Italo-Romance Intercomprehension in the Late Middle Ages. **The Italianist**. v. 40, n. 1, p. 19-43, 2020a.

CARLUCCI, Alessandro. Opinions about perceived linguistic intelligibility in late-medieval Italy. **Revue Romane**. v. 57, n. 1, p. 140-165, 2020b.

CARRASCO PEREA, Encarnación, L'intercompréhension romane, véritable projet européen: les dispositifs Galatea et Galanet (CD-Rom et plate-forme collaborative). **Synergies Europe**. n. 1, p. 165-171, 2006. Disponível em: <https://gerflint.fr/Base/Europe1/europe1.html>. Acesso em: 15.02.2024.

CASTAGNE, Éric. Transparences lexicales entre langues voisines. In: CASTAGNE, Éric (coord.) **Les enjeux de l'intercompréhension**. Reims: Epure, p. 155-66, 2007. Disponível em: <http://logatome.eu/Enjeux%20intercomprehension.pdf>. Acesso em: 15.02.2024.

COUFFIN, Gauthier. L'intercompréhension au cycle 3: quels enjeux pour la maîtrise des langues? L'exemple d'Euro-mania. **Tréma. Revue internationale en sciences de l'éducation et didactique**. v. 42, p. 54-65, 2014. Disponível em: <https://doi.org/10.4000/tréma.3197>. Acesso em: 15.02.2024.

COUNCIL OF EUROPE. **Common European Framework of Reference for Languages: Learning, Teaching, Assessment. Companion Volume with New Descriptors**. Strasbourg: Council of Europe, 2018. Disponível em: <https://rm.coe.int/cefr-companion-volume-with-new-descriptors-2018/1680787989>. Acesso em: 15.02.2024.

DE CARLO Maddalena; ANQUETIL, Mathilde. Un Référentiel de compétences de communication plurilingue en intercompréhension. **REFIC. EL.LE Educazione Linguistica. Language Education**. v. 8, n. 1, p. 163-234, 2019. Disponível em: <http://doi.org/10.30687/ELLE/2280-6792/2019/01/008>. Acesso em: 15.02.2024.

DE CARLO, Maddalena; GARBARINO, Sandra. Intercomprehension. Strengths and Opportunities of a Pluralistic Approach. In: PICCARDO, Enrica *et al.* **The Routledge Handbook of Plurilingual Language Education**. New York & London: Routledge, 2022. p. 337-359.

DÉGACHE, Christian. Comprendre la langue de l'autre et se faire comprendre ou la recherche d'une alternative communicative: le projet Galanet 1. **Synergies Italie**, n. 2, p. 50-60, 2005. Disponível em: <https://hal.science/hal-03586527/document>. Acesso em: 15.02.2024.

DG TRANSLATION, Comissão Europeia. **Intercomprehension: Exploring its usefulness for DGT, the Commission and the EU**. 2012. Disponível em: <https://op.europa.eu/en/publication-detail/-/publication/893895f6-0c42-4494-95d4-9c81fafdb5a3>. Acesso em: 15.02.2024.

DOYE, Peter. **L'intercompréhension. Etude de référence. Guide pour l'élaboration des politiques linguistiques éducatives en Europe – De la diversité linguistique à l'éducation plurilingue.** Strasbourg: Editions du Conseil de l'Europe, 2005. p.7.

ECO, Umberto. **A procura da língua perfeita.** Trad. Miguel Serras Pereira. Editorial Presença: Lisboa, 1996.

ESCUDÉ, Pierre; JANIN, Pierre. **L'intercompréhension, clé du plurilinguisme.** Paris: Clé International, 2010.

ESCUDÉ, Pierre; CALVO DEL OLMO, Francisco. **Intercompreensão. A chave para as línguas.** São Paulo: Parabola, 2019.

GARBARINO, Sandra. Le roumain est-il une langue vraiment voisine? *In*: ARAÚJO E SÁ Maria Helena *et al* (Org.). **Intercompreensão em línguas românicas:** conceitos, práticas, formação. Aveiro: Oficina digital, 2009. p. 197-212.

GÖTTSCHE, Katja *et al.* **EuroComRom - Os sete passadores:** Saber ler todas as línguas românicas ja! Düren: Shaker Verlag, 2003.

LODGE, Anthony. Le clivage oc-oïl au Moyen Âge: fiction méthodologique. **Mélanges de l'école française de Rome.** v. 117, n. 2, p. 595-613, 2005.

MANOLE, Veronica. Limba română pentru vorbitorii de portugheză: strategii de intercompreensiune. *In*: PLATON, Elena ; ARIEȘAN, Antoanela (Eds.). **40 de ani de limba română ca limbă străină la UBB. 1974-2014.** Cluj-Napoca: Casa Cărții de Știință, 2014. p. 275-292.

MANOLE, Veronica. Descobrimo a língua romena: um exercício de intercompreensão. *In*: VARGA, Cristina (Coord.). **Multimodal approaches in language learning. Perspective multimodale în predarea limbilor străine. Volum ClipFlair 2015.** Cluj-Napoca: Presa Universitară Clujeană, 2016. p. 151-165.

MANOLE, Veronica. A construção discursiva da imagem de si e do(s) outro(s) em contexto de intercompreensão: nós e vocês na plataforma Galapro. *In*: DEGACHE Christian ; GARBARINO, Sandra. **Itinéraires pédagogiques de l'alternance des langues.** Grenoble: UGA Éditions, 2017, p. 229-244.

MELO-PFEIFER, Sophia *et al.* As "línguas que não sabemos que sabíamos" e outros mitos: um olhar sobre o percurso da Didática de Línguas a partir da intercompreensão. **Cadernos do LALE, Série Reflexões,** nº 4, p. 33-56, 2011.

PLOQUIN, Françoise. Esprit de famille. On peut déjà se comprendre entre locuteurs de langues romanes. **Le Monde diplomatique**, janvier 2005, p. 23.

QUADRO EUROPEU COMUM DE REFERÊNCIA PARA AS LÍNGUAS. **Aprendizagem, ensino, avaliação**. Tradução Maria Joana Pimentel do Rosário; Nuno Verdial Soares. Porto: Edições Asa, 2001.

REINHEIMER-RÎPEANU, Sanda. **Lingvistică romanică. Lexic – Fonetică – Morfologie**. București: ALL, 2001.

REINHEIMER RÎPEANU, Sanda. Le roumain, un défi pour les romanistes? *In*: CASANOVA HERRERO, Emili; CALVO RIGUAL, Cesáreo (Eds.). **Actas del XXVI Congreso Internacional de Lingüística y Filología Románicas**. Valencia 2010. v. 1, p. 403-418. <https://doi.org/10.1515/9783110299892.403>

REINHEIMER, Sanda *et al.* **EuroComRom – Șapte site: să citim și să înțelegem simultan limbile romanice**. București: Cavallioti, 2001.

SHEEREN, Hugues. L'intercompréhension: un nouveau souffle pour les langues romanes minoritaires et pour les dialectes? **Lengas. Revue de Sociolinguistique**. v. 79, 2016. Disponível em: <https://journals.openedition.org/lengas/1060>. Acesso em : 15.02.2024.

TEYSSIER, Paul. **Comprendre les langues romanes: du français à l'espagnol, au portugais, à l'italien & au roumain: méthode d'intercompréhension**. Paris: Chandeigne, 2004.

SITOGRAFIA

ETHNOLOGUE. Romanian. Disponível em: <https://www.ethnologue.com/insights/ethnologue200/>. Acesso em: 15.02.2024.

EVAL-IC. Produits. Disponível em: <https://evalic.eu/leprojet/> Acesso em: 15.02.2024.

ITINÉRAIRES ROMANS. Itinerários românicos. Disponível em: https://www.unilat.org/dpel/intercomprehension/itineraires_romans/pt. Acesso em: 14.02.2024.

LIMBO. Limbo. Data. Disponível em: <https://www.unilat.org/DPEL/Intercomprehension/Limbo/pt> .Acesso em: 14.02.2024.

16

Veronica Manole

**VARIAȚIE ȘI VARIETATE
ÎN INTERCOMPREHENSIVITATEA
ROMANICĂ:
LIMBA ROMÂNĂ**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.16

Ne propunem în lucrarea de față să abordăm variația și varietatea în intercomprehensiunea (IC) romanică, având drept studiul de caz integrarea limbii române în manuale, proiecte și alte materiale de IC.

IC este o formă de comunicare multilingvă ce permite vorbitorilor să se exprime în limba proprie și să înțeleagă limba celui-lalt. Folosită în zone de frontieră sau în societăți multilingve, IC poate fi o soluție și pentru arhitectura lingvistică a Europei, după cum a observat și Umberto Eco:

O Europă de poligloți nu e o Europă de persoane care vorbesc în mod curent mai multe limbi, ci, în cel mai bun caz, de **persoane care se pot întâlni vorbind fiecare în limba sa și înțelegînd-o pe a celui-lalt**, pe care totuși n-ar putea-o vorbi fluent, iar înțelegînd-o, fie și cu greu, să înțeleagă „geniul”, universul cultural pe care fiecare îl exprimă atunci cînd vorbește limba propriilor strămoși și a propriei tradiții. (Eco, 2002, p. 278).

IC poate fi definită drept *relație între limbi*: „relationship between languages in which speakers of different but related languages can readily understand each other without intentional study or extraordinary effort” (DG Translation, 2012, p. 1); *formă de comunicare*: „forme de communication dans laquelle chaque personne s’exprime dans sa propre langue et comprend celle de l’autre” (Doyé, 2005, p. 7) și *capacitate de a construi sens*: „capacidade de co-construir o sentido, no contexto do encontro entre línguas diferentes, e de fazer uso pragmático dessa capacidade numa situação comunicativa concreta” (Capucho; Cox, 2004, p. 87).

Pentru ca acest tip de comunicare să funcționeze, trebuie întrunite câteva condiții care țin de structura limbilor și de profilul vorbitorilor. De pildă, IC are șanse mai mari de succes între limbi înrudite sau între vorbitori care au cunoștințe metalingvistice sau care intuiesc gradul de similitudine dintre limbi. În context instituțional însă există multe prejudecăți legate de IC, care nu permit

integrarea sa curriculară. Redăm mai jos șase astfel de mituri, identificate și analizate în Melo-Pfeifer *et al.* (2011): „Pentru a aborda Intercomprehensiunea la clasă, profesorul trebuie să fie poliglot”; „Profesorul trebuie să evite imixtiunea altor limbi la ora sa”; „Să înveți o limbă străină înseamnă să înveți să stăpânești toate competențele simultan”; „Falșii prieteni sunt un mare obstacol în timpul învățării unei limbi străine”; „Promovarea altor limbi la ora mea pune în pericol viitorul disciplinei mele”; „Abordările intercomprehensive își propun să înlocuiască abordările pe care le folosim în mod obișnuit la orele de limbi străine”. La o analiză sumară, de lesne de observat că aceste mituri nu reflectă realitatea IC. În calitatea sa de abordare ce dezvoltă competențe parțiale, respectiv înțelegerea mesajului scris (citirea) și a mesajului oral (ascultarea), IC completează bagajul lingvistic al vorbitorilor și nu înlocuiește învățarea „tradițională” a limbilor străine. De fapt, IC oferă locutorilor posibilitatea de a avea acces la un univers mult mai cuprinzător decât cel circumscris strict de limba vorbită sau limbile cunoscute. De pildă, un vorbitor de română, poate descoperi zeci de culturi care se exprimă în spaniolă, franceză, italiană și catalană și poate comunica, conform unor statistici recente, cu o parte semnificativă a populației mondiale. Conform unei statistici recente, publicată pe site-ul *Ethnologue* (<https://www.ethnologue.com/insights/ethnologue200/>), numărul de vorbitori de spaniolă, franceză și portugheză depășește un miliard. Italiana are în jur de 68 de milioane de vorbitori, iar româna în jur de 24 de milioane.

IC romanică s-a dezvoltat mai ales din anii 90, grație eforturilor unor personalități precum Claire Blanche-Benveniste, Louise Dabène, Jørgen Schmitt Jensen, Tilbert E. Stegmann și Horst G. Klein, care au inițiat și coordonat proiectele *EuRom4*, *Galatea*, *Intercommunicabilité romane*, respectiv *EuroComRom – Die sieben Siebe* [Șapte site]. De asemenea, instituții precum Uniunea Latina, Comisia Europeană și Consiliul Europei, conștientizând oportunitățile IC, au finanțat proiecte și rețele de cercetători. Între manualele realizate, menționăm *Euromania*, *Șapte site*, *EuRom5* și, mai recent, *PanromanIC*. S-au făcut

progrese notabile și în domeniul evaluării IC, dovadă fiind conceperea unor cadre cu descriptori specifici, precum CARAP, REFIC, REFDIC. *Companion Volume*, care completează *Cadrul European de Referință pentru Limbi*, împrumută strategii folosite în proiectul *Miriadi*, în cadrul căruia au fost concepute REFIC și REFDIC.

Inclusă în unele proiecte și manuale de IC, limba română s-a dovedit o provocare pentru studenți sau cursanți, după cum arată Garbarino (2009), Manole (2014, 2016). Ipoteza noastră e că mai multe din particularitățile acestei limbi romanice, care a evoluat într-un context diferit de limbile neolatine occidentale, o fac relativ opacă pentru vorbitorii romanofoni. Din motive de spațiu, ne ocupăm de câteva particularități lexicale și morfologice. În ce privește lexicul, româna se diferențiază de limbile romanice occidentale prin structura superstratului, care conține cuvinte de origine slavă, maghiară, greacă și turcă. Vedem mai jos câteva exemple.

Cuvinte de origine slavă: ro. *coborî* (< sl. v. *pogori*) / ptg. *descer* (< lat. *descendēre*); ro. *dovedi* (< sl. v. *dovesti*) / ptg. *provar* (< lat. *probāre*); ro. *greși* (< sl. v. *grěšiti*) / ptg. *errar* (< lat. *errāre*); ro. *opri* (< sl. v. *oprěti*) / ptg. *parar* (< lat. *parāre*); ro. *plăti* (< sl. v. *platiti*) / ptg. *pagar* (< lat. *pacāre*); ro. *trăi* (< sl. v. *trajati*) / ptg. *viver* (< lat. *vivēre*); ro. *trebui* (< sl. v. *trevobati*) / ptg. *dever* (< lat. *debēre*).

Cuvinte de origine maghiară: ro. *gazdă* (< ma. *gazda*) / ptg. *anfitrião* (< lat. *amphitryon, -ōnis*); ro. *gând* (< ma. *gand*) / ptg. *pensamento* (der. *pensar* < lat. *pensāre*); ro. *oraș* (< ma. *város*) / ptg. *cidade* (< lat. *civitas, -ātis*).

Cuvinte de origine greacă: ro. *pat* (< ngr. *pátos*) / ptg. *cama* (< lat. tard. *cama*); ro. *țelină* (< ngr. *séliōn*) / ptg. *aipo* (< lat. *apium*).

Cuvinte de origine turcă: ro. *murdar* (< tur. *murdar*) / ptg. *sujo* (< lat. *sucīdus*); ro. *geam* (< tur. *cam*) / ptg. *janela* (< lat. *januella*. dim de *janua*).

Prin urmare, fraze precum „Un oraș bogat e gazda unui festival de jazz” conține cuvinte netransparente pentru un romanofon

(*oraș, bogat, gazdă*), care sunt importante pentru înțelegerea mesajului. O soluție ar fi reformularea unor astfel de fraze și înlocuirea cuvintelor opace cu sinonime transparente. De pildă, fraza „O localitate urbană prosperă organizează un festival de jazz” ar fi mai ușor de înțeles pentru un vorbitor de limbă romanică, deoarece *localitate urbană, prosperă și organizează* sunt mai apropiate de echivalentele din portugheză, spaniolă, franceză, catalană sau italiană. Nu este posibilă întotdeauna acest tip de reformulare, deoarece dubletele de sinonime de origine slavă și latină sau romanică pot avea întrebuințări diferite, în funcție de context sau de registru. Mai jos se regăsește o listă de astfel de dublete sinonimice, preluată din Reinheimer-Rîpeanu (2001, p. 47):

ceas – oră, cinste – onestitate, dovadă – probă, argument, greșeală – eroare, iad – infern, izvor – sursă, jertfă – sacrificiu, leac – remediu, medicament, nădejde – speranță, nărav – viciu, peșteră – grotă, prăpastie – abis, pizmă – invidie, prilej – ocazie, rai – paradis, sfetnic – consilier, slovă – literă, taină – secret, veșnic – etern, vârstă – etate, zgârcit – avar.

În plus, pentru anumite cuvinte, precum verbele uzuale de origine slavă incluse în tabelul de mai jos, substituția prin sinonime de origine latină sau romanică ar fi destul de problematică.

Tabel 1 – Verbe românești cu etimon slav și echivalentele lor în alte limbi romanice

română	italiană	franceză	catalană	spaniolă	portugheză
<i>a citi</i>	leggere	lire	llegir	leer	ler
<i>a coborî</i>	scendere	descendre	baixar	descender	descer
<i>a iubi</i>	amare	aimer	amar	amar	amar
<i>a munci</i>	lavorare	travailler	treballar	trabajar	trabalhar
<i>a plăti</i>	pagare	payer	pagar	pagar	pagar
<i>a trăi</i>	vivere	vivre	viure	vivir	viver
<i>a trebui</i>	dovere	devoir	deure	deber	dever

Sursa: Autor.

Altă particularitate a limbii română care o face mai puțin accesibilă vorbitorilor romanofoni este bogata flexiune nominală, cu terminații specifice pentru caz, număr, precum și poziția enclitică a articolului hotărât. Prin urmare, *birou* (singular, nominativ-acuzativ, nearticulat, asemănător cu echivalentul francez *bureau*) e mai transparent decât forma articulată *biroul* sau decât forme precum *biroului* (singular, genitiv-dativ), *birouri* (plural, nominativ-acuzativ), *birourile* (plural, nominativ-acuzativ, articulat), *birurilor* (plural, genitiv-dativ). Sugerăm pentru orele de IC predarea sumară a unor noțiuni de morfologie nominală a limbii române, pentru a ajuta vorbitorii romanofoni să înțeleagă mai bine sensurile codificate în terminații. Mai jos propunem un tabel sinoptic cu terminațiile respective, care ar putea fi folosit la orele de IC.

Tabel 2 – Elemente de morfologie nominală a limbii române

		masculin		feminin		neutru	
		- articol hotărât	+ articol hotărât	- articol hotărât	+ articol hotărât	- articol hotărât	+ articol hotărât
sg.	nominativ	prieten	prietenul	bursă	bursa	birou	biroul
	acuzativ	munte	muntele	viață	viața	dulap	dulapul
				cafea	cafeaua	studiu	studiul
				localitate	localitatea	restaurant	restaurantul
				mâncare	mâncarea	automobil	automobilul
	genitiv	prietenului		bursei		biroului	
	dativ	muntelui		vieții		dulapului	
				cafelei		studiului	
				localității		restaurantului	
				mâncării		automobilului	
pl.	nominativ	prieteni	prietenii	burse	bursele	birouri	birourile
	acuzativ	munți	munții	vieți	viețile	dulapuri	dulapurile
				cafele	cafelele	studii	studiile
				localități	localitățile	restaurante	restaurantele
				mâncăruri	mâncărurile	automobile	automobilele

		masculin		feminin		neutru	
		- articol hotărât	+ articol hotărât	- articol hotărât	+ articol hotărât	- articol hotărât	+ articol hotărât
pl.	genitiv	prietenilor		burselor		birourilor	
	dativ	munților		vieților		dulapurilor	
				cafelelor		studiilor	
				localităților		restaurantelor	
				mâncărilor		automobilelor	

Sursa: Autor.

Neîndoios, aceste strategii adaptate particularităților limbii române trebuie folosite împreună cu strategii specifice IC: deschiderea față de limbi considerate necunoscute, întrebuițarea cunoștințelor extralingvistice și enciclopedice, folosirea cunoștințelor despre genuri discursive și structură textuală, capacitatea de a construi sensul global pornind de la fragmente transparente, capacitatea de a adapta strategii de lectură la text și la limba pe care vorbitorul dorește să o descopere.

Scurta prezentare a manualelor și a proiectelor de IC ne arată că s-au făcut progrese în ceea ce privește integrarea limbii române în familia „intercomprehensivă” romanică, dar considerăm că pe viitor sunt necesare proiecte mai deschise către tot continuumul romanic. În plus, IC ar putea fi utilizată pentru a revitaliza și pune în valoare limbi regionale, după cum arată și Sheeren (2016), și manualul *PanromanIC*. În acest context, româna – împreună cu dialectele sale – aromâna, meglenoromâna, istroromâna – nu ar mai avea un loc marginal în IC și ar fi mai accesibilă pentru vorbitorii romanofoni.

17

Ana Luiza Oliveira de Souza

CONSTRUÇÕES PASSIVAS EM PORTUGUÊS LÍNGUA DE HERANÇA:

**ASPECTOS DA AQUISIÇÃO
EM CONTATO COM O ITALIANO**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.17

RESUMO

Este capítulo objetiva discutir de que modo, dentro do *continuum* da transitividade, a voz verbal se manifesta em contexto multilíngue. Os dados de análise provêm do *corpus* CBFior-PBLH, *corpus* de produções orais de crianças de faixa etária entre os 5 e 13 anos, todas falantes de herança e ítalo-brasileiras, residentes na região Toscana, Itália. As análises têm como suporte a Linguística Funcional Baseada no Uso, teoria cognitivo-funcional (Bybee, 2016; Tomasello, 1999) cujo modelo teórico-metodológico assume conceitos específicos a respeito da transitividade do Português Brasileiro (Furtado da Cunha, 2009; Lucena, 2016). Além disso, os fundamentos da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006) e da Gramática de Construções Diassistêmica (Höder, 2014, 2018) são arrolados nessa pesquisa, ao compreender a relevância do conhecimento linguístico do falante de herança, como um inventário de construções gramaticais formado por uma entidade de duas faces: a forma e o significado. Os dados de análise revelam graus de transitividade com padrão multilíngue específico nos discursos em português em contato com a língua italiana.

Palavras-chave: português língua de herança; funcionalismo baseado no uso; gramática de construções diassistêmica, transitividade; construções passivas.

INTRODUÇÃO E CONTEXTUALIZAÇÃO DO ESTUDO

A abordagem teórica da linguística cognitivo-funcional, também chamada de linguística funcional baseada no uso, é resultado dos pressupostos teórico-metodológicos que articulam fundamentos da linguística funcional na sua vertente norte-americana, que tem como principais representantes Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe e Joan Bybee, e da linguística cognitiva, que tem como representantes, entre outros, George Lakoff, Ronald Langacker, Charles Fillmore e Michael Tomasello. O fundamental em seus postulados é que, a partir de critérios cognitivo-funcionais de análises, concebem a língua como uma rede de construções, interconectadas por motivações intercomunicativas, estruturais, cognitivas e funcionais, situando a construção como unidade básica de análise. Portanto, no que concerne à transitividade, essas teorias não a descrevem como um fenômeno dicotômico (compreendido entre verbos transitivos x verbos intransitivos), mas como um fenômeno gradiente e dinâmico.

Em seu sentido original, o termo *transitividade* vem do latim e significa *transire*, ou seja, “passar a, através de”⁶², denota uma transferência de ação sobre um determinado objeto. Neste trabalho assume-se, com base em Hopper e Thompson (1980), que a transitividade é definida a partir da relação entre os elementos da construção (sujeito, verbo, objeto), estabelecendo um conjunto de parâmetros⁶³, semânticos e morfossintáticos associados a esses três elementos, participantes ou não do evento transitivo, e que, por sua vez, interferem no grau de transitividade de cada evento específico.

62 Em italiano “passare a, attraverso denotano il passaggio dell’azione sull’oggetto” (Transitivi..., 2011).

63 A noção de parâmetros nesta pesquisa não é considerada a partir da visão inatista, mas está associada ao papel decisivo dos fatores sociais e comunicativos durante a produção da linguagem. Nesse sentido, no processo de aquisição, a componente interacional é uma característica central e não periférica.

Desse modo, nesse estudo, as construções transitivas são tratadas sob a perspectiva cognitivo-funcional, incluindo os estudos sobre a Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006), ao focalizar nas relações que existem entre os verbos e seus argumentos, e, na Gramática de Construções Diassistêmica, abordagem que integra o multilinguismo e assume os fenômenos de contato como aspectos prototípicos essenciais da linguagem humana, e por isso mesmo não devem ser tratados como anomalias.

Os dados de análise provêm do *corpus* CBFior-PBLH⁶⁴, com transcrições de fala de crianças de faixa etária entre os 5 e 13 anos, todas ítalo-brasileiras residentes na região Toscana, na Itália. Esse *corpus* foi elaborado por Oliveira de Souza (2023) para sua pesquisa de doutorado que tinha como objetivo investigar as bases funcionais e cognitivas que envolvem a codificação das construções transitivas no Português Brasileiro como Língua de Herança (doravante PBLH). O estudo, numa perspectiva cognitivo-funcional, ao descrever os graus de transitividade das construções, buscou definir como se apresenta a aquisição da língua de herança, língua minoritária, em contexto de contato com a língua italiana, e correlacioná-las aos estágios de aquisição de falantes ítalo-brasileiros.

A língua de herança (heritage language) está relacionada a uma gama de contextos sociais de uso da língua, e, refere-se às línguas faladas por comunidades de imigrantes, línguas indígenas e autóctones, dos refugiados e dos colonos, ou ainda, línguas dos nômades (Fishman, 1972, 2001; Valdés, 2001, 2005), todas estas adquiridas e usadas em ambiente familiar e, portanto, diferentes da língua de comunicação da sociedade na qual residem essas minorias linguísticas. O termo não tem a mesma acepção de uma língua estrangeira ou de uma língua materna. De acordo com Scontras, Fuchs

64

O acrônimo CBFior está para *Corpus* de produções linguísticas de falantes que participam de atividades da *Casa do Brasil em Florença*, e, PBLH está para falantes de *Português Brasileiro como Língua de Herança*.

e Polinsky (2015), os falantes de herança são geralmente bilíngues simultâneos ou sequenciais, pois adquirem a língua oficial da comunidade de fala, língua majoritária – no período infantil – diminuindo a prática de sua língua familiar (língua de herança) pouco a pouco.

Para esta pesquisa, considera-se que o PBLH seja uma das línguas de aquisição durante a infância de crianças, nascidas na Itália, filhas de brasileiros, ou filhas de famílias binacionais em que um dos dois genitores seja brasileiro. Entende-se que, no período inicial de aquisição, a socialização em português, língua minoritária, possa diminuir pouco a pouco a partir da entrada da criança na escola italiana e no convívio com a sociedade onde reside. Portanto, neste trabalho, os dados de fala são de crianças bilíngues infantis – *bilinguals childhoods* (García, 2009) – do português-italiano; para essas crianças, a língua italiana é a língua majoritária e dominante no contexto de uso.

Numa abordagem cognitivo-funcionalista, os *inputs* para a aquisição de uma língua de herança (doravante LH) são vistos a partir dos produtos da experiência cotidiana com a língua, envolvendo as intenções comunicativas reais no contexto familiar e na comunidade, além dos processos cognitivos gerais. Essa aquisição pode não acontecer de modo completo, se não houver uma motivação concreta entre as partes sociais envolvidas: família e o falante de herança.

Isto posto, reconhece-se que as pesquisas sob a perspectiva da linguística funcional baseada no uso (doravante LFBU) podem oferecer contribuições relevantes no que diz respeito à compreensão do conhecimento linguístico do falante. Tratando-se de uma investigação linguística acerca da aquisição bilíngue, esse campo torna-se um contexto fértil a ser analisado tendo em vista o enfoque em capturar o conhecimento linguístico de um falante bilíngue.

Em relação à organização deste trabalho, nessa primeira parte é dada atenção à metodologia de pesquisa e às hipóteses do recorte do presente estudo. Já no segundo momento, o artigo apresenta as contribuições da LFBU no que diz respeito aos aspectos

dos graus de transitividade envolvidos nos planos discursivos e pragmáticos (Givón, 1995, 2001), e com relação à representação do *continuum* da voz verbal em construções transitivas do Português Brasileiro. Posteriormente é tecida a discussão acerca dos dados de pesquisa com enfoque nas produções linguísticas de estruturas marcadas e não marcadas, especificando pesquisas que envolvem estudos brasileiros (Furtado da Cunha, 2009; Camacho, 2000; Bertoque, 2010, 2014; Casseb-Galvão; Barros; Bertoque, 2022). Por fim, estão presentes os resultados da pesquisa e as considerações finais.

CONTEXTO DA PESQUISA E METODOLOGIA

De acordo com Dell Hymes (1972, p. 54) a comunidade de fala é aquela que compartilha regras de conduta e interpretação de uma variedade linguística, é um grupo social através do qual acontecem práticas linguísticas e culturais específicas. Seguindo este pensamento, o contexto da comunidade de fala ao qual nos referimos é aquele da comunidade de fala do português brasileiro (doravante PB), residente na Toscana. Esta comunidade encontra-se espalhada nesta região italiana, em Florença e províncias próximas, e se organiza de diferentes modos para criar um espaço de convivências onde manifestar a própria brasilidade através de encontros informais, como festas privadas e/ou jantares em restaurantes brasileiros. O grupo desse estudo surgiu a partir do interesse de mães brasileiras ao criarem o projeto educacional dentro da Casa do Brasil em Florença no ano de 2014. Um projeto pensado para ajudar a manter os laços afetivos com a cultura brasileira e sua língua através do ensino do português como língua de herança. Os encontros acontecem quinzenalmente num espaço educacional apropriado para a socialização e educação em português de crianças e jovens ítalo-brasileiros.

Para compor os dados do *corpus* foram selecionados 16 participantes: 8 crianças do gênero masculino e 8 crianças do gênero feminino que compartilhavam traços sociolinguísticos e familiares, ou seja, filhas de casais binacionais, nascidas na Itália, o país de residência. Nesse sentido, o contato com as duas línguas teria acontecido desde a primeira infância, sendo o PB a língua minoritária no contexto de aquisição. Todas as crianças nunca residiram no Brasil, mas algumas delas viajam nas férias, ficando neste país por um pouco mais de um mês. Todas as crianças participam das atividades educativas da Casa do Brasil em Florença há mais de um ano⁶⁵. Dessa maneira, foi possível uniformizar o perfil sociolinguístico dos falantes deste grupo específico em análise.

METODOLOGIA

As questões relacionadas à metodologia de pesquisa em aquisição estão vinculadas às várias formas de se conceber linguagem enquanto objeto de estudo nos estágios inicial e final do processo aquisitivo. As teorias propostas por Tomasello (1999, 2008), sobre a origem da cognição e da linguagem humana se alinham à abordagem cognitiva do funcionamento da linguagem em contexto de interação real. Seguindo esse viés teórico, tem-se ainda o modelo da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006), com a noção de estrutura argumental, e da Gramática de Construções Diassistêmica, um modelo construcionista orientado ao estudo da língua em ambiente multilíngue (Höder, 2014).

65 A Casa do Brasil em Florença, através das atividades desenvolvidas com o PBLH, se insere no âmbito das ações voltadas à educação plurilíngue organizadas pelo *Laboratorio Permanente per la Pace*, projeto educativo que realiza, entre outras ações, encontros com associações de comunidades imigrantes através da Secretaria de Educação de Florença. O site do projeto *Laboratorio Permanente per la Pace* está disponível em <https://www.laboratoriopermanenteperlapace.info/rete-1/>. Também no *site* da Comune de Florença em <https://educazione.comune.fi.it/pagina/laboratorio-la-pace>. O projeto educativo da Casa do Brasil em Florença pode ser visto no *site* <https://casabrasilflorenca.wixsite.com/meusite>. Acesso em: 9 março. 2023.

Em termos metodológicos, com uma abordagem qualitativa e quantitativa, o trabalho tem o foco na compreensão, na descrição e na interpretação de um determinado fenômeno. Quanto ao procedimento, a fim de analisar o fenômeno da transitividade nas produções orais dos FH, procurou-se criar um contexto de interação o mais espontâneo possível através de um instrumento como um filme de animação.

Os exemplos das cenas da animação a seguir são retiradas do filme de animação RIO, são cenas de eventos transitivos prototípicos, ou ainda, em sua maior parte, cenas de eventos de ações. Os personagens realizam ações, transformam ou afetam outros elementos presentes na narração, e eles também são afetados ou transformados pelos seus sujeitos.

Título: Imagens das cenas do filme Rio 1



Fonte: Cenas do filme Rio 1 encontradas via buscador Google.

Sendo assim, a investigação na modalidade oral foi desenvolvida, e, a partir da visualização de trechos desse filme, as crianças desenvolveram um diálogo espontâneo com a pesquisadora em relação à compreensão das cenas assistidas, e o que os personagens faziam.

Posteriormente, foi possível transcrever as ocorrências de uso das construções linguísticas e dos padrões de transitividade. No total, o *corpus* CBFlor-PBLH totalizou 464 construções transitivas.

A presente pesquisa com geração de dados foi previamente aprovada pela Comissão Nacional de Ética em Pesquisa da instituição

de origem, a Faculdade de Letras da UFG, sob o parecer de número 4.698.886. Todos os responsáveis pelos sujeitos da pesquisa concordaram com sua realização e com a divulgação dos resultados, mediante a assinatura do termo de consentimento informado (conforme a norma CNS 466/12 da Comissão Nacional de Ética em Pesquisa – CONEP).

HIPÓTESES DA PESQUISA

No tocante à aquisição da linguagem, Goldberg (2006) e Tomasello (2005) estão de acordo quando se referem à importância de adotar uma abordagem Construcionista Baseada no Uso para a gramática. Esses autores recordam as hipóteses sobre as generalizações e especificidades de padrões na aquisição que consideram o uso real das expressões linguísticas, a frequência, os padrões individuais e as generalizações mais tradicionais. Nesse viés teórico, a hipótese específica para o contexto multilíngue é que as crianças baseiam suas analogias de construções em semelhanças na forma e no significado, cujos dois enunciados nas duas línguas oferecem sentidos análogos, de modo que, se um mapeamento da estrutura específica for encontrado, tanto em sua forma linguística quanto em sua função comunicativa, ela usará essa construção (Tomasello, 2000).

Levando em consideração os princípios construcionistas da organização em rede, a partir da concepção de natureza escalar da transitividade (Hopper; Thompson, 1980), cujas categorias são vistas como gradientes, e, portanto, apresentam-se das mais concretas às mais abstratas, pressupõe-se que existam aspectos específicos na produção. No tocante ao aspecto discursivo-pragmático das construções, este capítulo apresenta uma reflexão a respeito de uma das perguntas de pesquisa: como se apresenta o plano discursivo das construções, de que modo as estruturas marcadas e não marcadas são produzidas, principalmente em relação à voz verbal?

O ASPECTO DISCURSIVO-PRAGMÁTICO DAS *IDIOCONSTRUÇÕES* E CONSTRUÇÕES TRANSITIVAS EM PBLH

Como se sabe, a abordagem teórica da linguística cognitivo-funcional (Tomasello, 2003), também chamada de linguística funcional baseada no uso (LBCU)⁶⁶, se apoia em dados empíricos da língua, dados linguísticos baseados no uso para estudar a linguagem e as complexas operações cognitivas envolvidas na aquisição, vistas como reflexo das experiências de mundo corporificadas.

De maneira geral, essas pesquisas também seguem uma perspectiva construcionista, fundamentam análises linguísticas compartilhando a noção de que a construção, compreendida como pareamento forma e significado, se aplica não somente às palavras, mas às estruturas sintáticas garantindo uniformidade para a representação dos fatos linguísticos. As construções variam em formas, complexas ou simples, esquemáticas ou menos esquemáticas, e são consideradas desde fonemas, unidades menores da língua, passando por unidades esquemáticas, até as estruturas idiomatizadas e enunciados mais complexos.

Seguindo essa linha teórica, o fenômeno da transitividade (Hopper; Thompson, 1980), em especial das construções transitivas prototípicas em PBLH, foram investigadas em Oliveira de Souza (2023), apoiada nos estudos de Furtado da Cunha (2009, 2011), Furtado da Cunha e Silva (2018) e Lucena (2016). Desse modo, seguindo esta corrente teórica, e com base no modelo da Gramática de Construções (GC) de Goldberg (1995, 2006) e, no seu desdobramento na Gramática de Construções Diassistêmica (DCD), uma abordagem que integra o

66

O termo associado a essa corrente é *Usage-Based Linguistic*, como se vê em Bybee (2016) e Tomasello (2003).

contexto do multilinguismo (Höder, 2014, 2018), o estudo confirmou através das análises e as descrições dos padrões de transitividade, a existência de dois estágios de aquisição, definidos como *ativação* (estágio inicial) e *reativação* (estágio avançado).

Como os aspectos da forma e do significado dos enunciados são vistos como não modulares, para a Gramática de Construções Diassistêmica (GCD) os efeitos de contato não são considerados fenômenos extralinguísticos. Nessa abordagem, o multilinguismo é integrado aos fenômenos de contato como um aspecto prototípico e essencial da linguagem humana, e por isso mesmo não são tratados como anomalias.

Para Hoder (2018), a construção multilíngue envolve construções específicas e inespecíficas, ou seja, as *idioconstruções* (um conceito peculiar de construções individuais). Nas produções dos falantes de PBLH percebe-se que tais construções fazem parte do processamento linguístico durante o período da aquisição e, nas conversas entre falantes das duas línguas (italiano e português brasileiro) em contexto multilíngue, contudo, tais construções não se convencionalizam, sendo, portanto, consideradas *idioconstruções*. Vejamos um exemplo de *idioconstruções* do nosso *corpus*:

(1)

INF: ... e... e um dia o papagaio foi dado a uma menina que **prende cura dele**, também quando ela **diventou** grande.

(MD. PBLH, 9 anos)

Na ocorrência (1) tem-se uma construção com o verbo 'curare' em italiano, em 'prende cura dele' cujo falante de herança (FH) produz o verbo em italiano 'prendere', introduzindo a morfologia do Tempo Pretérito Perfeito (TPP) do indicativo '-eu', sem confundir a construção italiana desse tempo verbal que seria 'ha preso cura.'

Nota-se, nessa ocorrência, um conhecimento linguístico e conceitual desse léxico, embora não haja suficiente mapeamento metafórico do conceito linguístico para produzir a construção conceptual 'tomou conta dele'. Outra produção interessante é a inserção do pronome demonstrativo 'dele' seguindo a gramática da língua portuguesa. Ainda no mesmo enunciado o FH produz "ela diventou grande", verbo em italiano 'diventare' (tornar-se, ficar), demonstrando que já mapeou a morfologia dos verbos do Tempo Pretérito Perfeito (TPP), com ausência no mapeamento lexical do verbo.

Os dados do Corpus CBFlor-PBLH analisados na pesquisa de Oliveira de Souza (2023) identificou que a construção prototipicamente transitiva em PBLH também foi aquela cuja função verbal denotava ações executadas por um agente, visto como o primeiro argumento do enunciado, afetando ou efetuando uma ação sobre um segundo argumento, o paciente do evento. Uma construção que revela uma semântica de evento de transferência, cuja forma é Suj<V<Obj, dito de outra forma, com base em Furtado da Cunha (2009), apresenta uma semântica de *ação-processo* assim representada:

Moldura sintática: [Suj V Obj]

Moldura semântica: [Agente > efetua ação ou afeta > Paciente]

Os dados do estudo revelaram construções mais transitivas que representam eventos de *ação-processo* com a presença de dois argumentos, e outras construções que remetem a eventos de *ação*, com um ou dois argumentos acompanhando o verbo, ou ainda, eventos menos transitivos que denotam *processos* e *estados*, com um ou dois argumentos no evento.

Especificamente, para fins deste capítulo, põe-se o foco no *continuum* da transitividade em PBLH, nas características específicas do plano discursivo, que compreende os planos de fundo e de figura, a partir dos princípios da iconicidade (Givón, 1995, 2001), de modo particular, as categorias de marcação no que se refere à voz verbal.

A respeito da organização do plano discursivo, Givón (1995) esclarece que o sujeito agentivo e tópico em orações transitivas ativas representam o caso “não marcado”, esperado, padrão. Essa estrutura provavelmente reflete uma norma cultural, aquela de falar egocentricamente sobre agentes humanos intencionais mais do que sobre objetos. Segundo o pesquisador, essa forma de construção ativa e não marcada é típica da oralidade. Já a estrutura marcada determina a forma passiva, um tipo de aspecto da construção em que o locutor vê a necessidade, diante de uma motivação discursiva e do contexto comunicativo de “marcar o paciente na posição de tópico”. Na linguagem cotidiana oral, são mais frequentes as formas ativas que as formas passivas, por outro lado, a marcação está relacionada aos aspectos comunicativos, socioculturais, cognitivos ou biológicos do evento comunicativo.

Sendo assim, as estruturas linguísticas marcadas em contextos que geralmente não apareceriam estão relacionadas ao plano discursivo escolhido pelo locutor. Segundo Givón (1995), o fato de os referentes com os artigos e pronomes definidos serem mais frequentes no discurso oral do que os indefinidos reflete uma norma comunicativa, a de falar sobre o mesmo tópico em longas cadeias de orações.

No que tange à pragmática da narração, ou seja, à intenção discursiva do falante com relação ao evento narrado, de como deseja que o ouvinte receba o conteúdo, na próxima seção iremos tratar do papel semântico da voz verbal. As construções com voz passiva apresentam-se como construções mais periféricas que se afastam do exemplar prototípico de transitividade, podendo resultar em uma extensão metafórica do mapeamento conceptual da construção transitiva. Esse tipo de ocorrência seria uma opção para o falante no envolvimento e na criação da narração do evento em relação ao conteúdo informacional que chega ao ouvinte.

DADOS DA PESQUISA: DISCUSSÃO A RESPEITO DA CATEGORIA VOZ VERBAL EM PBLH

De acordo com Bertoque (2010, 2014) e Camacho (2000), as características semânticas e pragmáticas do evento contribuem para a ocorrência de diversidade morfossintática na construção, o que tem relação direta com a constituição da voz gramatical.

Estudos recentes de Casseb-Galvão (2022) sobre a voz verbal em PB esclarecem que, a fim de cumprir diferentes intenções pragmáticas, os verbos apresentam múltiplas maneiras de se relacionar com o sujeito, como por exemplo, descrever diferentes perspectivas ou diferentes estados de coisas. Neste sentido, um mesmo verbo pode compor diferentes estruturas predicativas acionando, no plano enunciativo, um sistema multifuncional da voz. Para a autora:

A voz é um fenômeno complexo para o qual convergem inúmeros fatores de ordens cognitiva e linguístico-discursiva, pois ela diz respeito ao modo como o locutor perspectiva e empacota o conteúdo relevante para satisfazer suas intenções pragmáticas e antecipar a interpretação pragmática do interlocutor. Por isso, são também relevantes para o entendimento desse amplo fenômeno de organização predicativa, as noções de perspectiva e de transitividade. (Casseb-Galvão, 2022, p. 29).

Entende-se, portanto, que a perspectiva está associada aos objetivos comunicativos do evento a ser transmitido, aos princípios icônicos envolvidos nos planos discursivos e aos efeitos de marcação que se manifestam nas orações. Por exemplo, em termos de organização predicativa pode ocorrer a topicalidade do paciente em um evento semanticamente transitivo. O locutor, nesses casos, se vê na necessidade de evidenciar um determinado elemento no seu discurso e, para isso, recorre a uma estrutura passiva. Ao escolher o tópico

como sujeito paciente afetado, segundo Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022, p. 51), todo o enunciado movimenta-se, “redirecionando o ponto de vista do falante para o argumento que, prototipicamente, deveria ocupar uma posição secundária, um plano de fundo.”

De acordo com Givón (1994, 2001), a voz verbal envolve três domínios funcionais: i. a topicalidade (atribuindo a função de tópico a um argumento não agente); ii. a impessoalidade (suprimindo a identidade do argumento agente) iii. a detransitividade (a voz verbal é semanticamente menos ativa, menos transitiva, mais estativa que a construção ativa que a corresponde). Nesse sentido, não sendo uma construção ativa, prototipicamente transitiva, cujo agente (sujeito sintático) efetua uma ação afetando um paciente (objeto), reconhece-se que o grau de transitividade caracteriza um plano discursivo de Figura realizando uma semântica com argumento na periferia da construção.

Acrescenta-se ainda, de acordo com os estudos de Camacho (2000) como o PB, que a combinação dos fatores de transitividade, tais como a impessoalidade do sujeito e a topicalidade do paciente da oração possam submeter à construção uma semântica de *estado* e *processo*, com construções menos transitivas, através da voz passiva. Segundo o autor, é mediante a topicalidade da entidade paciente promovida a sujeito sintático que a semântica de *estado* ou *processo*, portanto, experienciador do evento, é refletida na construção. Nesse viés teórico, com base em Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022), o Quadro 16 apresenta os tipos de voz no PB relacionados ao grau de transitividade como um *continuum*:

Quadro 1 – Continuum de transitividade da voz no PB

ativa > média [MÉDIA, REFLEXIVA, RECÍPROCA] > passiva > impessoal > adjetival		
+ transitiva	- transitiva	detransitiva

Fonte: Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022, p. 46).

O quadro acima elucida o *continuum* de transitividade da voz no PB. O alto grau de transferência de ação, ou de realização efetuada no mundo, é a característica básica da transitividade. Como se vê, a sua atualização linguística, isto é, a representação da transferência de ação pode ocorrer parcialmente, indicando a carga de transitividade nos eventos. A partir do *continuum* da voz, entende-se que um evento representado com voz ativa apresenta alta carga de transitividade, e um evento na voz passiva apresenta baixa transitividade. Nesse *continuum* temos outras vozes, intercaladas, com transitividade parcial manifestando a voz média (clítica e não clítica). Diferente do que acontece na voz ativa e na voz reflexiva, a voz média não requisita necessariamente o objeto paciente do evento comunicativo, a fim de completar o processo verbal, pois este é realizado de forma plena através do participante sujeito⁶⁷.

Os exemplos (2), (3) e (4) oferecem construções em que o paciente da ação transitiva ‘pegar’, ‘levar’ e ‘dar’ é o agente semântico da forma passiva mediante a sua topicalidade. Essa marca de passividade é dada ao evento, no qual o sujeito sintático da construção é o tema.

(2)

DOC: O que você viu dessa parte como começa?

INF: No início tem todos... todos os passarinhos da floresta... cantam e dançam... u mais pequeno... sta... vive... que vive dentro uma arvore... eh... pra voar... ma (a um punto)... **todos os animais vem... venham pegados... e ele cai... e anque ele vem preso... pegado... e...** como se vê... a ombra do homem que si dano o dinheiro

(SF. PBLH, 11 anos)

67

As vozes média e reflexiva se distinguem por fatores semânticos, discursivos e pragmáticos. Na rede de significados que constitui a língua, “o limite entre a voz média e a voz reflexiva não é rígido, e é gradual” (Casseb-Galvão; Barros; Bertoque, 2022, p. 107). Não é nossa intenção aprofundarmos nas explicações acerca das vozes verbais, mas sim compreender os parâmetros que envolvem a transitividade a fim de analisar o *corpus* da pesquisa, as produções orais dos falantes.

(3)

INF: O Blu (papagaio) foi pegado da floresta e foi levado pelo caminhão que fez fez um incidente e... e acabou que... que foi... hum...

(CS. PBLH, 10 anos)

(4)

INF: Que tem os papagaios que cantam... faz uma festa... e... e o homem vem pegar oh... os pap... o... os animais. **E portaram no aéreo e...** e deu... e deu... e doaram a... e faziam comprar as pessoas papagaio... e... e um dia **o papagaio foi dado a uma menina** que prendeu cura dele, também quando ela tornou-se grande.

(MD. PBLH, 9 anos)

Note que os verbos envolvidos nessas construções são, semanticamente, altamente transitivos, porém, nas construções com a voz passiva os mesmos verbos acusam menos transitividade, com semântica característica de *processo*. Nessas construções 'o papagaio' é o foco do evento, o sujeito paciente que sofre a ação pelo agente de forma intencional. Tem-se, assim, os pacientes das ações, como sujeitos sintáticos, que sofrem processos em construções como "venham pegados", 'vem preso', 'foi pego da floresta', 'foi levado', 'foi dado'. A focalização é um plano discursivo que envolve a relação entre a voz verbal e os argumentos do evento, destacando a entidade que é cognitivamente mais relevante e deixando em segundo plano as outras entidades. A focalização do argumento paciente na estrutura obtém-se com a forma de topicalização do sujeito do evento, típica do PB. Conforme esclarecem Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022, p. 49) em relação às diferenças entre a voz ativa e a voz passiva:

A topicalidade altera a organização da voz. No PB, a voz ativa é predominante. Nela, o elemento topicalizado é o sujeito, o agente e iniciador do evento descrito pelo predicado. Já na construção passiva, o tópico é o argumento afetado, que não é o iniciador do evento, é a entidade

atingida por ele. A escolha do tópico não se restringe a uma questão de ordenação de constituintes, pois orações que compartilham uma mesma estrutura argumental nem sempre são intercambiáveis. A opção por uma oração na voz ativa ou na voz passiva é de natureza discursiva: trata-se de escolher a expressão mais adequada para atender às necessidades comunicativas em uma determinada situação interacional.

Nesta pesquisa, a transitividade pode ser vista levando em consideração as vozes verbais não ativas presentes nas produções, ou seja, a voz passiva, a voz média, (reflexiva ou recíproca), e as vozes impessoais e adjetivais. Estas últimas são definidas a partir da estaticidade do sujeito e da não marcação dele relativa a uma descrição de estados de coisas, ou resultados de ações. Segundo Givón (2001, p. 93), as construções impessoais e adjetivais são detransitivas, a voz detransitiva acontece quando:

A semântica da transitividade não é afetada em tais construções. Ao contrário, reproduzem o mesmo evento semanticamente transitivo em diferentes perspectivas pragmáticas. Essas perspectivas acabam por envolver principalmente, ainda que não exclusivamente, a relativa atualidade do agente e do paciente. (tradução nossa)⁶⁸

Na voz adjetival, o elemento agentivo que exerce a função de sujeito é tópico, tem o papel semântico de experienciador, assim como nas construções com a semântica de *estado*, indicando uma experiência do sujeito afetado. Os exemplos a seguir deixam clara essa definição.

68 Em Givón (2001, p. 93) "(...) the semantics of transitivity is not affected in such constructions. Rather, they render the same semantically transitive event from different pragmatic perspectives. These perspectives turn out to involve, primarily although not exclusively, the relative topicality of the agent and patient."

(5)

INF: e...e pega todos eles..., mas...se e tem no Rio do norte... tem esse... tem esse... esse carro... que vai que po... que leva todos esses...essas araras essas tucanos... todo esses animais que caturou eh ali... no Rio do norde...e ali... eh o... **esse esse carro**... eh... non **está non está fechado muito bem**, então eh cai uma caixa... quando eles esse carro vai... vai sta indo... então cai essa caixa... e... vem essa menina... que...que vê essa caixa e pega ela...

(6)

eh esse homem insiste muito porque **ele é muito fascinado** dessas espécies... espécies e quer salvar... e ela eh joga for fora ele da o seu... da se...sua livraria e ... e mas ele eh... joga ... eh... eh el.... ele vai dá eh...uma uma tessera? para a ... Linda...

(7)

DOC: o cartãozinho

INF: o cartãozinho...onde **está escrito o seu número** de telefone e ...como se chama e tudo... e... assim a Linda pode... tem muito tempo para pensa para ir com também ... Blue para o Brasil, mas é uma ... é muito complicado porque o Blue não sabe nem voar então... ela na...por agora não quer...eh ir...

(BT. PBLH, 11 anos)

As construções com voz verbal adjetival das ocorrências acima correspondem ao mesmo informante e caracterizam-se pelo caráter estativo-resultativo do evento, pois o sujeito não constitui um elemento agentivo da ação. Essa característica faz com que a construção seja detransitiva. Observa-se que essa construção não é muito relevante nas produções em PBLH.

Segundo Cunha, Bispo e Silva (2013), a presença da voz passiva e de outras construções que apresentam menos transitividade ou são detransitivas, do ponto de vista cognitivo e estrutural, essas construções apresentam o plano sintático com estruturas oracionais mais complexas e extensas, se comparadas àquelas ativas, e essa característica está relacionada ao princípio de iconicidade. Esses autores afirmam ainda que, por serem morfologicamente mais extensas e apresentarem o agente na posição pós-verbal, introduzidas por preposição, requisitam um maior custo cognitivo, uma maior demanda de elaboração e de processamento da informação. Nesta pesquisa, percebemos que há uma fluência entre os graus de transitividade produzidos em PBLH, cujas características se apresentam de maneira diversificada e bem definidas nos discursos multioracionais dos informantes que se encontram nos dois estágios de aquisição.

Na literatura especializada em aquisição da linguagem por crianças, poucos estudos tratam da aquisição das construções passivas sob uma perspectiva funcionalista. As referências bibliográficas que tratam da aquisição das passivas ou construções médias, impessoais ou adjetivais, por crianças, são mais proeminentes na língua inglesa do que na língua portuguesa. Encontramos, no entanto, a pesquisa doutoral de Gabriel (2001), um estudo empírico interlinguístico de base funcionalista e conexcionista⁶⁹ (Bates; Macwhinney, 1989) sobre aquisição das construções passivas. A autora investigou crianças entre os 3 e 10 anos, monolíngues em português e monolíngues em inglês, e constatou que os falantes de português produzem as passivas com desempenho semelhante ao de adultos por volta dos 7-8 anos, enquanto os falantes de inglês são mais precoces, produzindo-as aos 5-6 anos. Além disso, comprova-se nesse

69

A abordagem conexcionista, neste estudo, trata da apresentação de modelos de redes, de arquiteturas e algoritmos capazes de formular como ocorre nos domínios cognitivos a integração de dados comportamentais e computacionais. Essa pesquisa buscou a plausibilidade para a reprodução das construções passivas de falantes jovens, com base nos dados empíricos de 300 informantes e no desenvolvimento de duas redes conexcionistas como tentativas modestas de simular com algorítmicos o processo de decisão entre as estruturas de construção passiva disponíveis na língua.

estudo que as construções passivas são fortemente influenciadas pelo tipo de cena. Em narrativas de cenas não prototipicamente transitivas, a produção das passivas é menos frequente do que em cenas prototipicamente transitivas. Nesses casos, as crianças mais jovens preferem utilizar as construções alternativas ativas, com duas orações, ou construções de clivagem, satisfazendo motivações discursivas de topicalização do não agente. Assim sendo, percebe-se que a produção de passivas e de outras construções detransitivas requer um amadurecimento das estruturas gramaticais em associação aos objetivos do contexto semântico-discursivo.

Vejamos outros exemplos:

(8)

INF: O Blu papagaio foi pegado da floresta e foi levado pelo caminhão que fez, fez um incidente e ... e acabou que ... que foi... hum...

(CS. PBLH, 10 anos)

(9)

INF: [...] e ... e **um dia o papagaio foi dado a uma menina** que prendeu cura dele, também quando ela diventou grande.

DOC: mas ela... foi dado a ela? Foi dado

INF: hum?

DOC: o papagaio foi dado?

INF: não ... sim... **foi dado...**, mas pagaram.

(MD. PBLH, 9 anos)

(10)

DOC: viu essa segunda parte, então o que você entendeu?

INF: então, entendi que... ali... eh... um dia... eh. Veio esse homem eh... pra dizer... **eh era muito atrato da o Blue.** Dessa da sua espécie que é o Arara Azul [...]

INF: [...] mas **ele era protetado da... da o vidro do da casa**, da livraria. E então ele... em um momento chegou o Tulio Monteiro...

[...]

INF: porque porque eles tavam no frio então **era mais divertido** em vez de ficar no quente...

(TD. PBLH, 10 anos)

Nas ocorrências em (8) e em (9), os argumentos referentes ao agente e ao paciente da voz verbal passiva são preenchidos: 'o Blue foi levado pelo caminhão' e 'o papagaio foi dado a uma menina', abundam enunciados na voz passiva. Em (10), o FH realizou um enorme esforço cognitivo para construir a frase na intenção de focalizar o sujeito sintático: no primeiro caso 'esse homem' e no segundo caso 'ele', e a sequência de voz é claramente *idioconstrução* do italiano, construídas a partir das formas verbais 'atrato', 'atraído' em português, e 'proteto' seria 'protegido' em português. Tudo leva a crer que o mapeamento cognitivo, a nível morfossintático, foi mais eficaz na língua dominante, haja vista que toda a configuração morfossintática segue a gramática da língua italiana, inclusive com a presença da preposição 'da' Inexistente na gramática do português. No entanto, cabe dizer que verbos de primeira conjugação em '-ar' não codificam *idioconstruções* em produções de crianças no estágio de *reativação* (estágio avançado de aquisição), a exemplo do verbo 'pegar', 'levar' e 'dar', reforçando a hipótese de que esses tipos de construções já foram rotinizadas, e ritualizadas, e por serem produtivas e não marcadas já fazem parte de seu sistema conceptual. Porém, formas não marcadas, com verbos de segunda e terceira conjugação, a exemplo de 'atrair', 'proteger' e 'distrair', são menos produtivas e menos acessíveis em português. Importante notar também, de acordo com Furtado da Cunha, Bispo e Silva (2013), que essas formas verbais na voz passiva demandam mais elaboração e processamento de informação pelo fato de o argumento agente estar na posição pós-verbal e ser introduzido por uma preposição. A ocorrência em (10) exemplifica uma das únicas formas adjetivais encontradas no *corpus*, 'era mais divertido'

Seguindo o *continuum* da transitividade da voz verbal, percebe-se na pesquisa em tela, a detransitividade através de produções que demonstram tentativas de reflexividade, muitas delas ocorridas com influência da língua majoritária e dominante, a língua italiana. Vejamos alguns exemplos:

(11)

INF: ele pensava que **ele se podia divertir** e ele... ele queria porque fazia calor, não fazia frio como naquela outra casa

DOC: naquela outra casa, é verdade... você lembra o que a Linda falou para ele lá?

INF: que ela estava cuidando dele...

DOC: isso, ela falou que cuidava dele... decidi ir para o Brasil porque era a coisa certa a fazer.

INF: **achou a menina para se namorar**

(AP. PBLH, 5 anos)

(12)

DOC: com a moça, a dona dele ne, com a dona humana... quando ele chegou no Rio ele encontrou outros passarinhos, você viu?

INF: só um

DOC: só um... e conversou com eles...?

INF: quando ele chegou ali ele viu um monte passarinhos, ele viu um monte de médicos e viu **um pássaro** que **se sentia muito mal** e que eles tinham achado no meio da neve e [risos] depois eles colocaram nessa Amazônia e ele encontrou esse pássaro e **ele achava que eles dois iam se beijar**. [risos]

(PR. PBLH, 7 anos)

Na língua portuguesa, a reciprocidade do processo verbal pode ser expressa por construções morfossintaticamente equivalentes a construções ativas (Casseb-Galvão, 2022), cuja aceção

recíproca codifica ações interativas entre as entidades do evento narrado. Nas construções em (11), o verbo 'divertir' codifica uma ação conjunta, mas o falante a representa a partir de *idioconstruções* influenciada pelo mapeamento cognitivo do falante em língua italiana, conforme se observa nos enunciados construídos com os verbos 'namorar', 'sentir e 'beijar' em (12). Segundo Casseb-Galvão (2022), esses tipos de construções são formalmente muito próximos da construção ativa, mas são menos transitivas. A ausência ou presença de elementos solicitados na estrutura argumental básica, de acordo com os parâmetros de aferição de transitividade propostos por Hopper e Thompson (1980), altera a transitividade e pode desencadear diferentes efeitos de sentido.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O *continuum* da transitividade também está vinculado aos tipos de vozes verbais escolhidos pelos falantes de PBLH, pois envolvem perspectiva e organização. Nesta pesquisa, considera-se que os tipos de vozes se organizam em um *continuum*, assim chamados: voz **ativa** > voz **média** [Média, Reflexiva, Recíproca] > voz **passiva** > voz **impessoal** > voz **adjetival** conforme propõem Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022). Nesse *continuum*, a escolha por construções na voz passiva, por exemplo, envolve aspectos discursivos do processo narrativo, orientados pelas intenções discursivas do FH, especialmente quanto à topicalidade, tudo isso, correlacionados ao nível de aquisição dos FH.

Em contexto de aquisição multilíngue, assume-se que as construções que apresentam menos transitividade, do ponto de vista cognitivo e estrutural, se comparadas às construções ativas, necessitam de mais material linguístico por serem mais complexas no plano sintático e semântico, e, a partir de uma análise quantitativa e

qualitativa, parece evidente que essas construções sejam mais produzidas em um estágio mais avançado de aquisição.

Os dados de produção linguística mostram um número de ocorrências, totalizando 464 construções transitivas. As categorias de análises, ou seja, a moldura semântica e sintática das construções levou em consideração o plano discursivo: a voz verbal e as formas de *idioconstruções* reveladas nos dados de fala de cada criança. Os dados revelam poucas ocorrências em que a voz verbal seja média, passiva ou mais impessoal e adjetival, as quais ocorrem exclusivamente em produções de falantes em estágio mais avançado de aquisição.

Nessa pesquisa as crianças produziram um total de 33 construções apresentando a voz verbal no *continuum* que vai da voz **média** [Média, Reflexiva, Recíproca] > **passiva** > **impessoal** > **adjetival**. Deste total, 28 construções são de falantes em estágios de aquisição mais avançado: com 9 construções na voz passiva, 13 em voz média reflexiva, 1 impessoal e 5 adjetivais. Na produção de crianças em estágio inicial de aquisição, vê-se um total de 5 ocorrências: 2 construções passivas, 2 construções na voz média reflexiva e uma adjetival.

REFERÊNCIAS

BATES, Elizabetg.; MACWHINNEY, Brian. Functionalism and the Competition Model. *In*: MACWHINNEY, Brian; BATES, Elizabetg. **The crosslinguistic study of sentence processing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 3-73.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **A funcionalidade de construções de voz em títulos de notícia e em manchetes de jornais impressos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **Elaborações de voz na fala goiana: o destaque ao argumento afetado**. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMACHO, Roberto Gomes. Passive, and impersonal constructions: functional distinctions. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 215-233, 2000.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A voz ativa. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Débora Magalhães; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **Construções de voz no português brasileiro**: norma, uso e funcionalidade. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. p. 25-55.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Débora Magalhães; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **Construções de voz no português brasileiro**: norma, uso e funcionalidade. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

FISHMAN, J. **Language in sociocultural change – Essays by Joshua A. Fishman**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

FISHMAN, J. 300-plus years of heritage language education in the United States. *In*: PEYTON, J.; RANARD, D.; MCGINNIS, S. (ed.). **Heritage languages in America**: Preserving a national resource. Washington: DC & McHenry, 2001. p. 81-97.

FURTADO DA CUNHA M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A transitividade em gêneros de discurso narrativos: implicações para o ensino. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS/ DISCURSIVOS, 5., 2009, Caxias do Sul. *Anais* [...]. Caxias do Sul: EDUCS, 2009. p. 1-13.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.). **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem, v. 1). p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-30, abr. 2018.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angelica. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-40.

GARCÍA, O. *Bilingual Education in the 21st Century: A Global Perspective*. Chichester: Blackwell, 2009. GABRIEL, Rosângela. **A aquisição das construções passivas em português e inglês**: um estudo translingüístico. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GIVÓN, Talmy. The pragmatics of de-transitive voice: functional and typological aspects of inversion. (Introduction). *In*: GIVÓN, Talmy. **Voice and Inversion**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1994. p. 3-46.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.

GOLDBERG, Adele. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HÖDER, Steffen. Constructing diasystems. Grammatical organization in bilingual groups. *In*: ÁFARLI, Tor.; MÆHLUM, Brit. (ed.). **The sociolinguistics of grammar**. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2014. p. 137-152.

HÖDER, Steffen. Grammar is community specific. Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. *In*: BOAS, Hans; HÖDER, Steffen. **Constructions in Contact**: Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages. Amsterdam: Benjamins, 2018. p. 37-70.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

HYMES, Dell. On communicative competence. *In*: PRIDE, John. B.; HOLMES, Janet. (ed.). **Sociolinguistics**. Hamondsworth: Penguin, 1972. p. 269-93.

LUCENA, N. L. **A construção transitiva no PB**: uma abordagem funcional centrada no uso. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

OLIVEIRA DE SOUZA, Ana Luiza. **A aquisição da transitividade no Português como Língua de Herança em contexto italiano**: ativação e reativação. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Letras: Linguística, Goiânia, 2023.

RIO – Sinopse. *AdoroCinema*, [S. d.]. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-146550/>. Acesso em: 7 fev. 2023.

SCONTRAS, G.; FUCHS, Z.; POLINSKY, M. Heritage language and linguistic theory. **Front. Psychol.**, v. 6, p. 1-20, 2015.

TOMASELLO, Michael. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, Michael. Do young children have adult syntactic competence? **Cognition**, v. 74, p. 209-253, 2000.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a language**. Cambridge: Harvard University Press, 2003

TOMASELLO, Michael. Beyond formalities: the case of language acquisition. **Linguist. Rev.**, v. 22, p. 183-197, 2005.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. Massachusetts: MIT Press Cambridge; London: Bradford Book, 2008.

TRANSITIVI E INTRANSITIVI, VERBI. *In*: TRECCANI **Enciclopedia dell'Italiano**. 2011. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/transitivi-e-intransitivi-verbi_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/transitivi-e-intransitivi-verbi_(Enciclopedia-dell'Italiano)/). Acesso em: 12 ago. 2022.

VALDÉS, G. Heritage Language Students: Profiles and Possibilities. *In*: PEYTON, J.; RANARD, D.; MCGINNIS, S. (org.). **Heritage languages in America: Preserving a national resource language in education – Theory and practice**. Washington: Delta System, 2001. p. 37-70.

VALDÉS, G. Bilingualism, Heritage Language Learners, and SLA Research: Opportunities Lost or Seized? **Modern Language Journal**, v. 89, n. 3, p. 410-426, 2005.

18

Ana Luiza Oliveira de Souza

COSTRUZIONI PASSIVE IN PORTOGHESE LINGUA DI ORIGINE:

**ASPETTI DELL'ACQUISIZIONE
IN CONTATTO CON L'ITALIANO**

RESUMO

Questo capitolo si propone di discutere come, all'interno del *continuum* della transitività, la voce verbale si manifesti in un contesto multilingue. I dati analizzati provengono dal *corpus* CBFior-PBLH, dati di produzioni orali di bambini di età compresa tra i 5 e i 13 anni, italo-brasiliani residenti nella regione Toscana. Le analisi sono supportate dalla Linguistica Funzionale *Usage-Based*, una teoria cognitivo-funzionale (Bybee, 2016; Tomasello, 1999) il cui modello teorico-metodologico assume concetti specifici riguardanti la transitività del portoghese brasiliano (Furtado da Cunha, 2009; Lucena, 2016). Inoltre, i fondamenti della Grammatica delle Costruzioni (Goldberg, 1995, 2006) e della Grammatica delle Costruzioni Diassistemica (Höder, 2014, 2018) usati in questa ricerca comprende l'importanza della conoscenza linguistica del parlante di lingua di origine come inventario di costruzioni grammaticali, costituite da un'entità a due aspetti: la forma e il significato. I dati analizzati rivelano gradi di transitività con uno specifico modello multilingue del portoghese a contatto con la lingua italiana.

INTRODUZIONE E CONTESTO DELLA RICERCA

L'approccio teorico della linguistica cognitivo-funzionale, nota anche come Linguistica Funzionale *Usage-based*, è il risultato di presupposti teorico-metodologici che articolano i fondamenti della Linguistica Funzionale Nord-americana, i cui principali rappresentanti sono Talmy Givón, Paul Hopper, Sandra Thompson, Wallace Chafe e Joan Bybee, e della Linguistica Cognitiva, i cui rappresentanti sono George Lakoff, Ronald Langacker, Charles Fillmore e Michael Tomasello. L'aspetto fondamentale di questi modelli teorici è che, basandosi su criteri di analisi cognitivo-funzionali, concepiscono il linguaggio come una rete di costruzioni, interconnesse da motivazioni di natura interazionale, strutturale, cognitiva e funzionale, ponendo la costruzione come unità di analisi. Pertanto, per quanto riguarda la transitività, queste teorie non la descrivono come un fenomeno dicotomico (tra verbi transitivi e intransitivi), ma come un fenomeno gradiente e dinamico.

In questo studio, dunque, le costruzioni transitive sono trattate da una prospettiva cognitivo-funzionale, che include gli studi sulla Grammatica delle Costruzioni (Goldberg, 1995, 2006), incentrati sulle relazioni che esistono tra i verbi e i loro argomenti, e sulla Grammatica delle Costruzioni Diassistemica, un approccio che integra il plurilinguismo e assume i fenomeni di contatto come aspetti prototipici essenziali del linguaggio umano, e che pertanto non dovrebbero essere trattati come anomalie.

I dati analizzati provengono dal *corpus* CBFlor-PBLH, con trascrizioni del linguaggio orale di bambini di età compresa tra i 5 e i 13 anni, italo-brasiliani residenti in Toscana. Questo *corpus* è stato compilato da Oliveira de Souza (2023) per la sua ricerca di dottorato che aveva l'obiettivo di comprendere le basi funzionali e cognitive

coinvolte nella codifica delle costruzioni transitive del portoghese brasiliano come lingua di origine (d'ora in poi PBLH). Lo studio, da una prospettiva cognitivo-funzionale, attraverso la descrizione dei gradi di transitività delle costruzioni, ha cercato di definire come si presenta l'acquisizione della lingua di origine, una lingua minoritaria in un contesto di contatto con la lingua italiana, e di metterle in relazione con le fasi di acquisizione di parlanti italo-brasiliani bilingui.

CONTESTO E METODOLOGIA DELLA RICERCA

Secondo Dell Hymes (1972, p. 54), una comunità linguistica è una comunità che condivide regole di comportamento e di interpretazione di una varietà linguistica; è un gruppo sociale attraverso il quale si svolgono specifiche pratiche linguistiche e culturali. Seguendo questa linea di riflessione, il contesto della comunità linguistica a cui ci riferiamo è quello della comunità che parla il portoghese brasiliano (d'ora in poi PB) e che vive in Toscana. Questa comunità è diffusa in tutta la regione, a Firenze e nelle province limitrofe si organizza in diversi modi per creare uno spazio di socializzazione in cui esprimere la propria *brasilianità* attraverso incontri informali, come feste private e/o cene in ristoranti brasiliani. Tuttavia, il gruppo di questo studio si trova all'interno di un progetto, è nato dall'interesse delle madri brasiliane per la creazione di un progetto educativo all'interno della Casa do Brasil a Firenze iniziato nel 2014.

Per comporre i dati del *corpus*, sono stati selezionati 16 partecipanti: 8 bambini e 8 bambine che condividevano tratti sociolinguistici e familiari, ovvero figlie di coppie binazionali, nate in Italia, il paese di residenza. In tal senso, il contatto con le due lingue sarebbe avvenuto fin dalla prima infanzia con il PB nel contesto di acquisizione come lingua minoritaria.

METODOLOGIA

Le questioni relative alla metodologia della ricerca sull'acquisizione sono legate ai diversi modi di concepire il linguaggio come oggetto di studio nelle fasi iniziali e finali del processo di acquisizione. Le teorie proposte da Tomasello (1999, 2008), ad esempi, sulle origini della cognizione e del linguaggio umano, sono un tipo di approccio cognitivo al riconoscimento del funzionamento del linguaggio in contesti reali di interazione. Per questo studio, si è realizzata un'indagine del linguaggio orale con bambini bilingui in fase di acquisizione.

Dopo aver visto alcuni estratti del film *Rio 1*, i bambini hanno realizzato un dialogo spontaneo con la ricercatrice, rispondendo a delle domande sulla comprensione delle scene che stavano guardando e su ciò che i personaggi stavano facendo. I seguenti esempi di scene animate sono tratti dal film d'animazione RIO. Sono scene di eventi transitivi prototipici, o anche, per lo più, scene di eventi d'azione. I personaggi compiono azioni, trasformano o influenzano altri elementi presenti nella narrazione e sono anche influenzati o trasformati dai loro soggetti.

Titolo: Immagini dal film Rio 1



Fonte: Scene del film Rio 1 trovate tramite una ricerca su Google.

IPOTESE DI RICERCA

Considerando i principi costruzionisti dell'organizzazione in rete, basati sulla nozione di natura modulare della transitività (Hopper; Thompson, 1980), le cui categorie sono viste come gradienti e sono quindi presentate dalle più concrete alle più astratte, si presume che esistano aspetti specifici nella loro produzione. Per quanto riguarda l'aspetto discorsivo-pragmatico delle costruzioni, questo capitolo presenta una riflessione su una delle questioni di ricerca: come viene presentato il livello discorsivo delle costruzioni, come si producono le strutture marcate e non marcate, soprattutto per quanto riguarda la produzione della voce verbale?

ASPETTO DISCORSIVO-PRAGMATICO DELLE *IDIOCONSTRUZIONI* E DELLE CONSTRUZIONI TRANSITIVE NELLA PBLH

Le costruzioni variano in base alla forma, complesse o semplici, schematiche o meno, e si intende che vanno dai fonemi, le unità più piccole del linguaggio, alle unità più schematiche, passando per le strutture linguistiche e gli enunciati più complessi.

Seguendo questa linea teorica, il fenomeno della transitività (Hopper; Thompson, 1980), in particolare le costruzioni transitive prototipiche in PBLH, sono state analizzate da Oliveira de Souza (2023), e corroborate dagli studi di Furtado da Cunha (2009, 2011), Furtado da Cunha e Silva (2018) e Lucena (2016). Così, basandosi sul modello della Grammatica delle Costruzioni (GC) di Goldberg (1995, 2006) e sul suo ampliamento nella Grammatica Diassistemica delle Costruzioni (DCD), un approccio che integra il contesto del multi-

linguismo (Höder, 2014, 2018), lo studio ha confermato, attraverso le analisi e le descrizioni dei modelli di transitività, l'esistenza di due fasi di acquisizione definite come attivazione (fase iniziale) e riattivazione (fase avanzata).

I dati del *corpus* CBFlor-PBLH analizzati nella ricerca di Oliveira de Souza (2023) hanno individuato che la costruzione prototipicamente transitiva in PBLH è anche quella la cui funzione verbale denota azioni compiute da un agente, visto come primo argomento dell'enunciato, che influenza o compie un'azione su un secondo argomento, il paziente dell'evento. Una costruzione che rivela una semantica dell'evento di trasferimento, la cui forma è Suj<V<Obj, in altre parole, basandosi su Furtado da Cunha (2009), presenta una semantica dell'*azione-processo* rappresentata come segue:

Struttura sintattica: [Suj V Obj]

Struttura semantica: [Agente > esegue l'azione o influisce > Paziente]

I dati dello studio hanno rivelato un maggior numero di costruzioni transitive che rappresentano eventi di *azione-processo* con la presenza di due argomenti, e altre costruzioni che si riferiscono a eventi di *attività*, con uno o due argomenti che accompagnano il verbo, o ancora un minor numero di costruzioni transitive che denotano *processi e stati*, con uno o due argomenti presenti nella costruzione.

Per Hoder (2018), la costruzione multilingue coinvolge costruzioni specifiche e non specifiche, cioè le *idiocostruzioni* (un concetto peculiare di costruzioni individuali). Nelle produzioni dei parlanti PBLH, si può notare che tali costruzioni fanno parte dell'elaborazione linguistica durante il periodo di acquisizione, o ancora, si presentano durante le conversazioni tra parlanti delle due lingue (italiano e portoghese brasiliano) in un contesto multilingue, tuttavia, tali costruzioni non sono convenzionalizzate e sono quindi considerate *idiocostruzioni*.

Vediamo un esempio di *idiocostruzioni* dal nostro corpus:

(1)

INF: ... e... e um dia o papagaio foi dado a uma menina que **prende** cura dele, também quando ela **diventou** grande.

(MD. PBLH, 9 anos)

L'occorrenza (1) mostra una costruzione con il verbo 'curare' in italiano, in 'prende cura dele' il cui parlante (FH) produce il verbo italiano 'prendere', introducendo la morfologia del Tempo Perfetto Preterito (PPT) dell'indicativo '-eu' (la costruzione italiana di questo tempo sarebbe 'ha preso cura'). Questo dimostra una conoscenza linguistica e concettuale del lessico, anche se non c'è una sufficiente mappatura metaforica del concetto linguistico per produrre la costruzione concettuale "tomou conta dele". Un'altra produzione interessante è l'inserimento del pronome dimostrativo "dele" secondo la grammatica del portoghese. Sempre nello stesso enunciato, l'FH produce "ela diventou grande", il verbo italiano 'diventare' (diventare, tornarsi), dimostrando di aver tracciato la morfologia dei verbi nel Tempo Perfetto Preterito (PPT), con una carenza di mappatura lessicale del verbo.

DATI DELLA RICERCA: DISCUSSIONE SULLA CATEGORIA VOCE VERBALE IN PBLH

Secondo Bertoque (2010, 2014) e Camacho (2000), le caratteristiche semantiche e pragmatiche dell'evento contribuiscono al verificarsi della diversità morfosintattica nella costruzione, che è direttamente correlata alla costituzione della voce grammaticale.

Secondo Givón (1994, 2001), la voce verbale comporta tre domini funzionali: i. la topicità (assegnazione della funzione di tema a un argomento non agente); ii. l'impersonalità (soppressione dell'identità dell'argomento agente) iii. la detransitività (la voce verbale è semanticamente meno attiva, meno transitiva, più stativa della costruzione attiva che le corrisponde). In questo senso, non trattandosi di una costruzione attiva, prototipicamente transitiva, il cui agente (soggetto sintattico) compie un'azione che riguarda un paziente (oggetto), si riconosce che il grado di transitività caratterizza un piano discorsivo di *Figura* che svolge una semantica con un argomento alla periferia della costruzione.

Inoltre, secondo gli studi di Camacho (2000) sul PB, la combinazione di fattori di transitività, come l'impersonalità del soggetto e la topicità del paziente della frase, può assoggettare la costruzione a una semantica di *stato* e *processo*, con costruzioni meno transitive, attraverso la voce passiva. Secondo l'autore, è attraverso la topicità dell'entità paziente promossa a soggetto sintattico che si riflette nella costruzione la semantica di *stato* o *processo*, e quindi di chi sperimenta l'evento.

Vediamo alcuni esempi:

(10)

DOC: viu essa segunda parte, então o que você entendeu?

INF: então, entendi que... ali... eh... um dia... eh. Veio esse homem eh... pra dizer... **eh era muito atrato da o Blue.** Dessa da sua espécie que é o Arara Azul [...]

INF: [...] mas **ele era proteto da... da o vidro do da casa,** da livraria. E então ele... em um momento chegou o Tulio Monteiro...

[...]

INF: porque porque eles tavam no frio então **era mais divertido** em vez de ficar no quente...

(TD. PBLH, 10 anos)

In (10), la FH ha compiuto un enorme sforzo cognitivo per costruire la frase con l'intenzione di concentrarsi sul soggetto sintattico: nel primo caso 'esse homem' e nel secondo 'ele'; e la sequenza di voce è chiaramente un'*idiocostruzione* dell'italiano, costruita a partire dalle forme verbali 'attratto', 'atraído' in portoghese, e 'proteto' sarebbe 'protegido' in portoghese. Questo suggerisce che la mappatura cognitiva a livello morfosintattico è stata più efficace nella lingua dominante, dato che l'intera configurazione morfosintattica segue la grammatica della lingua, compresa la presenza della preposizione "da" inesistente nella grammatica portoghese. Tuttavia, va notato che i verbi della prima coniugazione in '-ar' non codificano le *idiocostruzioni* nelle produzioni dei bambini in fase di riattivazione (fase avanzata di acquisizione), come i verbi 'pegar', 'levar' e 'dar', rafforzando l'ipotesi che questi tipi di costruzioni siano già stati routinizzati e ritualizzati e, poiché sono produttive e non marcate, fanno già parte del loro sistema linguistico concettuale.

CONSIDERAZIONI FINALI

Il *continuum* della transitività è legato anche ai tipi di voce verbale scelti dai parlanti PBLH, in quanto coinvolgono la prospettiva e l'organizzazione. In questa ricerca, i tipi di voci sono organizzati in un *continuum*, come segue: *voce attiva* > *voce media* [MEDIUM, REFLEXIVE, RECYPROCAL] > *voce passiva* > *voce impersonale* > *voce aggettivale*, come proposto da Casseb-Galvão, Barros e Bertoque (2022). In questo *continuum*, la scelta di costruzioni in voce passiva, ad esempio, coinvolge aspetti discorsivi del processo narrativo, orientati dalle intenzioni discorsive del parlante, soprattutto in riferimento al topico dell'enunciato, il quale è correlato al livello di acquisizione del parlante di lingua di origine.

I dati di produzione linguistica mostrano un numero di occorrenze pari a 464 costruzioni transitive. Le categorie di analisi, cioè il quadro semantico e sintattico delle costruzioni, hanno preso in considerazione il livello discorsivo: la voce verbale e le forme di *idio-costruzione* rivelate nei dati del discorso di ciascun bambino. I dati rivelano poche occorrenze in cui la voce verbale è media, passiva o più impersonale e aggettivale, che si verificano esclusivamente nelle produzioni di parlanti a uno stadio di acquisizione più avanzato.

In questo studio, i bambini hanno prodotto un totale di 33 costruzioni con la voce verbale sul *continuum*: voce media [MEDIUM, REFLEXIVE, RECIPROCAL] > passiva > impersonale > aggettivale. Di queste, 28 costruzioni provengono da parlanti in una fase più avanzata di acquisizione: 9 costruzioni nella voce passiva, 13 nella voce media riflessiva, 1 impersonale e 5 aggettivali. I bambini in una fase iniziale di acquisizione hanno un totale di 5 occorrenze: 2 costruzioni passive, 2 costruzioni nella voce media riflessiva e 1 aggettivale.

RIFERIMENTI BIBLIOGRAFICI

BATES, Elizabetg.; MACWHINNEY, Brian. Functionalism and the Competition Model. *In*: MACWHINNEY, Brian.; BATES, Elizabetg. **The crosslinguistic study of sentence processing**. Cambridge: Cambridge University Press, 1989. p. 3-73.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **A funcionalidade de construções de voz em títulos de notícia e em manchetes de jornais impressos**. 2010. Dissertação (Mestrado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2010.

BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **Elaborações de voz na fala goiana: o destaque ao argumento afetado**. 2014. Tese (Doutorado em Letras) – Faculdade de Letras, Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 2014.

BYBEE, Joan. **Língua, uso e cognição**. Trad. Maria Angélica Furtado da Cunha. São Paulo: Cortez, 2016.

CAMACHO, Roberto Gomes. Passive, and impersonal constructions: functional distinctions. **Alfa**, São Paulo, v. 44, p. 215-233, 2000.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina. A voz ativa. *In*: CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Débora Magalhães; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **Construções de voz no português brasileiro**: norma, uso e funcionalidade. Goiânia: Cegraf UFG, 2022. p. 25-55.

CASSEB-GALVÃO, Vânia Cristina; BARROS, Débora Magalhães; BERTOQUE, Lennie Aryete Dias Pereira. **Construções de voz no português brasileiro**: norma, uso e funcionalidade. Goiânia: Cegraf UFG, 2022.

FISHMAN, J. **Language in sociocultural change - Essays by Joshua A. Fishman**. Stanford: Stanford University Press, 1972.

FISHMAN, J. 300-plus years of heritage language education in the United States. *In*: PEYTON, J.; RANARD, D.; MCGINNIS, S. (ed.). **Heritage languages in America**: Preserving a national resource. Washington: DC & McHenry, 2001. p. 81-97.

FURTADO DA CUNHA M. A.; BISPO, E. B.; SILVA, J. R. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, M. M.; FURTADO DA CUNHA, M. A. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-40.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. A transitividade em gêneros de discurso narrativos: implicações para o ensino. *In*: SIMPÓSIO INTERNACIONAL DE GÊNEROS TEXTUAIS/DISCURSIVOS, 5., 2009, Caxias do Sul. *Anais [...]*. Caxias do Sul: EDUCS, 2009. p. 1-13.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. Funcionalismo. *In*: MARTELOTTA, Mario Eduardo. (Org.). **Mudança linguística**: uma abordagem baseada no uso. São Paulo: Cortez, 2011. (Coleção Leituras Introdutórias em Linguagem, v. 1). p. 157-176.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; SILVA, José Romerito. Transitividade: do verbo à construção. **Revista Linguística**, v. 14, n. 1, p. 48-30, abr. 2018.

FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica; BISPO, Edvaldo Balduino; SILVA, José Romerito. Linguística Funcional Centrada no Uso: conceitos básicos e categorias analíticas. *In*: CEZARIO, Maria Maura; FURTADO DA CUNHA, Maria Angélica. (org.). **Linguística Centrada no Uso**: uma homenagem a Mário Martelotta. Rio de Janeiro: Mauad; FAPERJ, 2013. p. 13-40.

GARCÍA, O. **Bilingual Education in the 21st Century**: A Global Perspective. Chichester: Blackwell, 2009.

GABRIEL, Rosângela. **A aquisição das construções passivas em português e inglês**: um estudo translingüístico. 2001. Tese (Doutorado em Letras) – Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2001.

GIVÓN, Talmy. The pragmatics of de-transitive voice: functional and typological aspects of inversion. (Introduction). *In*: GIVÓN, Talmy. **Voice and Inversion**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1994. p. 3-46.

GIVÓN, Talmy. **Functionalism and grammar**. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins Publishing, 1995.

GIVÓN, Talmy. **Syntax**: an introduction. Amsterdam; Philadelphia: John Benjamins, 2001. v. 1.

GOLDBERG, Adele. E. **Constructions**: a construction grammar approach to argument structure. Chicago: The University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. E. **Constructions at work**: the nature of generalization in language. Oxford: Oxford University Press, 2006.

HÖDER, Steffen. Constructing diasystems. Grammatical organization in bilingual groups. *In*: ÅFARLI, Tor; MÆHLUM, Brit. (ed.). **The sociolinguistics of grammar**. Amsterdam; Philadelphia: Benjamins, 2014. p. 137-152.

HÖDER, Steffen. Grammar is community specific. Background and basic concepts of Diasystematic Construction Grammar. *In*: BOAS, Hans; HÖDER, Steffen. **Constructions in Contact**: Constructional perspectives on contact phenomena in Germanic languages. Amsterdam: Benjamins, 2018. p. 37-70.

HOPPER, Paul J.; THOMPSON, Sandra A. Transitivity in grammar and discourse. **Language**, v. 56, n. 2, p. 251-299, jun. 1980.

HYMES, Dell. On communicative competence. *In*: PRIDE, John. B.; HOLMES, Janet. (ed.). **Sociolinguistics**. Hamondsworth: Penguin, 1972. p. 269-93.

LUCENA, N. L. **A construção transitiva no PB**: uma abordagem funcional centrada no uso. 2016. Tese (Doutorado em Estudos da Linguagem) – Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2016.

OLIVEIRA DE SOUZA, Ana Luiza. **A aquisição da transitividade no Português como Língua de Herança em contexto italiano**: ativação e reativação. Tese (Doutorado) - Universidade Federal de Goiás, Faculdade de Letras (FL), Letras: Linguística, Goiânia, 2023.

RIO – Sinopse. **AdoroCinema**, [S. d.]. Disponível em: <https://www.adorocinema.com/filmes/filme-146550/>. Acesso em: 7 fev. 2023.

SCONTRAS, G.; FUCHS, Z.; POLINSKY, M. Heritage language and linguistic theory. **Front. Psychol.**, v. 6, p. 1-20, 2015.

TOMASELLO, Michael. **The Cultural Origins of Human Cognition**. Cambridge: Harvard University Press, 1999.

TOMASELLO, Michael. Do young children have adult syntactic competence? **Cognition**, v. 74, p. 209-253, 2000.

TOMASELLO, Michael. **Constructing a language**. Cambridge: Harvard University Press, 2003

TOMASELLO, Michael. Beyond formalities: the case of language acquisition. **Linguist. Rev.**, v. 22, p. 183-197, 2005.

TOMASELLO, M. **Origins of human communication**. Massachusetts: MIT Press Cambridge; London: Bradford Book, 2008.

TRANSITIVI E INTRANSITIVI, VERBI. *In*: TRECCANI **Enciclopedia dell'Italiano**. 2011. Disponível em: [https://www.treccani.it/enciclopedia/transitivi-e-intransitivi-verbi_\(Enciclopedia-dell'Italiano\)/](https://www.treccani.it/enciclopedia/transitivi-e-intransitivi-verbi_(Enciclopedia-dell'Italiano)/). Acesso em: 12 ago. 2022.

VALDÉS, G. Heritage Language Students: Profiles and Possibilities. *In*: PEYTON, J.; RANARD, D.; MCGINNIS, S. (org.). **Heritage languages in America**: Preserving a national resource language in education – Theory and practice. Washington: Delta System, 2001. p. 37-70.

VALDÉS, G. Bilingualism, Heritage Language Learners, and SLA Research: Opportunities Lost or Seized? **Modern Language Journal**, v. 89, n. 3, p. 410-426, 2005.

19

Pâmela Fagundes Travassos

**COM QUE FINALIDADE
ILOCUCIONÁRIA USAMOS
PREDICADORES COMPLEXOS
DE PERCEPÇÃO VISUAL
EM PORTUGUÊS E FRANCÊS?**

RESUMO

Investigamos as forças ilocucionárias envolvidas em usos de predicadores complexos de percepção visual com verbo (semi-)suporte em duas línguas românicas, Português (do Brasil e de Portugal) e Francês, objetivando observar quais as intenções de usuários das línguas e variedades em questão ao utilizar construções desse tipo. Para isso, baseamo-nos na abordagem construcionista de língua (Goldberg, 1995, 2006) e na teoria pragmática de atos de fala (Austin, 1962; Searle, 1975). Analisamos dados coletados na plataforma Sketch Engine com metodologia quantitativa e qualitativa. Os resultados (Travassos, 2023) indicaram que construções de percepção visual com verbo (semi-)suporte, na amostra analisada do Francês e do Português de Portugal, revelam, majoritariamente, usos assertivos da construção, enquanto, no Português do Brasil, essas construções revelam usos mais diretivos, indicando, principalmente, força ilocucionária ligada à sugestão, ao convite, ao conselho, tal como prevíamos nas hipóteses.

Palavras-chave: Predicador complexo com verbo (semi-)suporte; Percepção visual; Variação pragmática; Português; Francês.

INTRODUÇÃO

Em Português (do Brasil e de Portugal) e em Francês, não raro vemos exemplos como os que seguem, com expressões de percepção visual do tipo “dar uma olhadinha” e “jeter un coup d’œil”. Então, surgiu a questão de qual seria a intenção dos usuários das línguas/variedades românicas em questão no uso de tais construções.

- (1) Pier, não sei se você chegou a entrar no coxanautas, pois lá, os torcedores também estão se organizando para preparar um protesto pacífico e ordeiro (Coisa de Coxa-Branca mesmo) manifestando a indignação da torcida Coxa-Branca com as arbitragens, **dê uma olhadinha lá!** [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]
- (2) Naturellement en professionnel, il **jetera un coup d’œil** aux divers éléments de sécurité et nous proposera les réglages correspondant, si nécessaire.
Naturalmente, como profissional, ele examinará os vários elementos de segurança e sugerirá as configurações correspondentes, se necessário. [Sketch Engine, French Web 2017]

No exemplo (1) do Português mencionado anteriormente, por exemplo, o uso da construção “dar uma olhadinha” está a serviço de um convite feito. No exemplo (2) do Francês, por outro lado, a construção “jeter un coup d’œil” foi usada apenas para fazer uma declaração.

Buscamos investigar, então, se construções desse tipo, ou seja, predicadores complexos de percepção visual com verbo (semi-) suporte são usadas, majoritariamente, a partir da análise de uma amostra de dados, de forma diretiva ou indiretiva, de modo a verificar se, no contexto semântico-discursivo-pragmático em que são atualizadas, tendem a indicar polidez ou objetividade em pedidos, conselhos, sugestões, críticas, ordens, convites ou se, por outro lado, são mais usadas a serviço da assertividade, através de afirmações.

Desse modo, nosso foco de análise recaiu na variação pragmática, por meio da análise do fator força ilocucionária, levando também em consideração a variação lexical na estrutura da construção $[V_{(semi-)suporte} \text{ Det}^{70} (\text{Mod}^{71}) \text{ Nome}_{\text{percepção visual}} (\text{Mod})]_{\text{predicador complexo de percepção visual}}$. No slot $V_{(semi-)suporte}$ dessa construção, deixamos o espaço de verbo em aberto, de modo a ser preenchido por diferentes possibilidades de verbos. O determinante consistiu em um artigo indefinido. Restringimos as possibilidades de elementos nominais de percepção visual para apenas quatro no Português do Brasil e de Portugal (“olhada”, “olhadinha”, “olhadela” e “vista de olhos” e quatro no Francês (“œil”, “coup d’œil”, “regard” e “œillade”), por escopo de pesquisa. Além disso, previmos a possibilidade de ocorrência de modificador do nome de percepção visual, em posição pré-nominal ou pós-nominal.

Consideramos, portanto, características formais e funcionais da construção na análise da variação. Então, levando em conta as combinações lexicais, as situações sociocomunicativas, as línguas e variedades em jogo, questionamos se determinadas microconstruções de percepção visual com verbo (semi-)suporte estariam associadas a forças ilocucionárias específicas e se haveria diferenças, nesse quesito, do Português (do Brasil e de Portugal) em relação ao Francês.

As nossas hipóteses são as de que construções de percepção visual com verbo (semi-)suporte revelam, majoritariamente, usos assertivos da construção no Português de Portugal e no Francês, enquanto, no Português do Brasil, essas construções revelam usos mais diretivos, indicando, principalmente, força ilocucionária ligada à sugestão, ao convite, ao conselho.

70 Det = Determinante (artigo indefinido *uma*, no Português, e *un/une* no Francês).

71 Mod = Modificador (adjetivo).

Analisamos a construção de predicador complexo de percepção visual com base teórico-metodológica fundamentada na abordagem funcional-cognitiva da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006), alinhada à Sociolinguística, a partir de um viés socioconstrucionista (Machado Vieira; Wiedemer, 2019). Desse modo, reunimos arcabouço teórico e metodológico para investigar a variação, também presente nos níveis lexical e pragmático.

A análise se deu a partir de observação empírica de corpora de usos linguísticos reais, retirados de situações comunicativas efetivas. Os dados de predicadores complexos de percepção visual com verbo suporte do Português e do Francês foram coletados na plataforma Sketch Engine e utilizamos metodologia quantitativa e qualitativa na observação dos dados. Na análise, categorizamos os usos da construção em foco em função da força ilocucionária acionada.

PERSPECTIVA TEÓRICA

Trazemos para foco um objeto de estudo entendido como uma construção, que, juntamente com outras, entendemos ser a base de formação de qualquer língua. Construções consistem em “pareamentos aprendidos de forma com função semântica e pragmática ou discursiva”⁷² (Goldberg, 2006, p. 5, tradução nossa).

A aceção de construção está estabelecida na abordagem teórica, vertente funcional-cognitiva, da Gramática de Construções (Goldberg, 1995, 2006). Além dessa abordagem, baseamo-nos no alinhamento desta com a Sociolinguística, a partir de uma perspectiva socioconstrucionista (Machado Vieira; Wiedemer, 2019), de modo a lidarmos com o fenômeno de variação (lexical e pragmática).

72 “learned pairings of form with semantic and pragmatic or discourse function” (Goldberg, 2006, p. 5, no original).

O recorte feito neste estudo focaliza a força ilocucionária, investigada, principalmente, no campo de pesquisa da Pragmática. Este campo de investigação linguística leva em consideração o “estudo dos significados dependentes do contexto em enunciados linguísticos (Griffiths, 2006)”⁷³ (Hilpert, 2019, p. 103, tradução nossa). Assim, o contexto e a situação comunicativa ganham um relevo de vultosa importância dentro de nossa análise.

A força ilocucionária (Austin, 1962; Searle, 1975; Macaulay, 2001), de acordo com Austin (1962), diz respeito à “intenção de um falante em entregar um enunciado ou ao tipo de ato ilocucionário que o falante está realizando”⁷⁴. Segundo Searle (1975, p. 347):

Em geral, na execução de qualquer ato ilocucionário com conteúdo proposicional, o falante expressa alguma atitude, estado, etc., em relação a esse conteúdo proposicional. Observe que isso vale mesmo que ele seja insincero, mesmo que ele não tenha a crença, desejo, intenção, arrependimento ou prazer que ele expressa, mesmo assim ele expressa uma crença, desejo, intenção, arrependimento ou prazer no desempenho do ato de fala.⁷⁵ (Searle, 1975, p. 347, tradução nossa).

Considerar um fator pragmático, como a força ilocucionária, na análise de predicadores complexos de percepção visual com verbo suporte, ajuda-nos a nos tornar mais competentes pragmaticamente, mais eficientes comunicativamente. Segundo McKay (2002),

73 “Pragmatics (Griffiths, 2006) is understood [...] as the study of context-dependent meanings in linguistic utterances.” (Hilpert, 2019, p. 103, no original).

74 “*Illocutionary force* refers to a speaker’s *intention* in delivering an utterance or to the kind of illocutionary act the speaker is performing.” Disponível em: [https://www.thoughtco.com/illocutionary-force-speech-1691147]. Acesso em 04/03/2022.

75 “In general, in the performance of any illocutionary act with a propositional content, the speaker expresses some attitude, state, etc., to that propositional content. Notice that this holds even if he is insincere, even if he does not have the belief, desire, intention, regret, or pleasure which he expresses, he nonetheless expresses a belief, desire, intention, regret, or pleasure in the performance of the speech act” (Searle, 1975, p. 347, no original).

Alcançar a competência pragmática envolve a capacidade de entender a força ilocucionária de um enunciado, ou seja, o que o falante pretende ao fazê-lo. Isso é particularmente importante em encontros interculturais, pois a mesma forma (por exemplo, 'Quando você vai embora?') pode variar em sua força ilocucionária dependendo do contexto em que é feita (por exemplo, 'Posso dar uma carona para você?' ou 'Você não acha que é hora de você ir?')⁷⁶ (Mckay, 2002, tradução nossa).

Assim, "o conhecimento das regras linguísticas relevantes e o conhecimento de como usá-las de forma adequada e eficaz em um contexto específico"⁷⁷ (Flores-Salgado, 2011, tradução nossa) auxilia-nos a captar a intenção do enunciador e a interpretar um enunciado de maneira adequada. Desse modo, a interação social flui melhor e conseguimos captar as intenções implícitas em determinados enunciados. Isso tem especial importância nos usos de predicadores complexos de percepção visual com verbo suporte que ocorrem em línguas e variedades diferentes, tal como focaliza este estudo (em relação ao Português do Brasil e de Portugal e ao Francês), uma vez que instanciações linguísticas da construção refletem também preferências culturais relacionadas à comunicação.

Optamos por classificar os dados em função de forças ilocucionárias específicas, a partir da análise que fizemos da amostra. Então, chegamos a sete categorias: "sugerir/convidar/aconselhar", "afirmar/declarar", "pedir por ação", "pedir por informação", "ordenar",

76 "Achieving *pragmatic competence* involves the ability to understand the **illocutionary force** of an utterance, that is, what a speaker intends by making it. This is particularly important in cross-cultural encounters since the same form (e.g. 'When are you leaving?') can vary in its illocutionary force depending on the context in which it is made (e.g. 'May I have a ride with you?' or 'Don't you think it is time for you to go?')" (no original). MCKAY, *Teaching English as an International Language*, Oxford University Press, 2002. Disponível em: [<https://www.thoughtco.com/illocutionary-force-speech-1691147>]. Acesso em 04 de março de 2022.

77 "the knowledge of the relevant linguistic rules and the knowledge of how to use them appropriately and effectively in a specific context." (Flores-Salgado, 2011, no original) Disponível em: [<https://benjamins.com/catalog/pbns.212>]. Acesso em 09 de julho de 2022.

“criticar/reprovar” e “não aplicável” (NA). Trata-se de um número restrito e pequeno de classificações, tendo em vista que:

há um número bastante limitado de coisas básicas que fazemos com a linguagem: dizemos às pessoas como as coisas são, tentamos fazê-las fazer coisas, nos comprometemos nós mesmos a fazer coisas, expressamos nossos sentimentos e atitudes e provocamos mudanças por meio de nossos enunciados. Muitas vezes, fazemos mais de um desses ao mesmo tempo na mesma frase.⁷⁸ (Searle, 1975, p. 369, tradução nossa)

A força ilocucionária “afirmar/declarar” consiste no padrão, na intenção mais básica de uso da língua, ou seja, fazer afirmações sobre um estado de coisas. De modo geral, tende a ser acionada em cláusulas declarativas, podendo ser avaliada em termos de sua veracidade ou falsidade: “você pode literalmente caracterizá-la (inter alia) como verdadeira ou falsa?”⁷⁹ (Searle, 1975, p. 355, tradução nossa). Segundo Searle (1975, p. 354, tradução nossa), as assertivas correspondem ao ato ilocucionário “representativo”, cujo propósito é “comprometer o falante (em graus variados) com algo sendo o caso, com a verdade da proposição expressa”⁸⁰. De acordo com a classificação de Austin (1962, tradução nossa), essa força ilocucionária corresponde à categoria “expositivo”, “usada em atos de exposição envolvendo a exposição de pontos de vista, a condução de argumentos e o esclarecimento de usos e referências”⁸¹. Sendo assim, afirmações

78 “there are a rather limited number of basic things we do with language: we tell people how things are, we try to get them to do things, we commit ourselves to doing things, we express our feelings and attitudes, and we bring about changes through our utterances. Often, we do more than one of these at once in the same utterance.” (Searle, 1975, p. 369, no original).

79 “can you literally characterize it (inter alia) as true or false?” (Searle, 1975, p. 355, no original).

80 “to commit the speaker (in varying degrees) to something’s being the case, to the truth of the expressed proposition.” (Searle, 1975, p. 354, no original).

81 “used in acts of exposition involving the expounding of views, the conducting of arguments and the clarifying of usages and references.” (Austin, 1962, p. 163).

podem revelar pontos de vista, ideias, crenças e avaliações do enunciador acerca de um evento, tal como no exemplo que segue.

- (3) Verdade, senti-me tremendamente culpada em não lhe ter dado outro pai, **passsei uma vista de olhos** nos príncipes do passado: o Jorge era bom rapaz mas tinha se revelado bi recentemente, o Ricardo morreu de overdose nos braços de uma testemunha de Jeová, o Frederico converteu-se à Teologia da Libertação e fez voto de castidade que segue com orgulho faz 10 anos...cada tiro cada melro!

Fonte: [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]

A força ilocucionária “sugerir/convidar/aconselhar” é diretiva, isto é, faz referência a “tentativas (de vários graus e, portanto, mais precisamente, são determinações do determinável que inclui a tentativa) do falante para levar o ouvinte a fazer algo”⁸² (Searle, 1975, p. 355, tradução nossa) e associa-se, geralmente, a cláusulas imperativas. Um exemplo é o que vemos a seguir.

- (4) Pier, não sei se você chegou a entrar no coxanautas, pois lá, os torcedores também estão se organizando para preparar um protesto pacífico e ordeiro (Coisa de Coxa-Branca mesmo) manifestando a indignação da torcida Coxa-Branca com as abitragens, **dê uma olhadinha lá!**

Fonte: [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]

A força ilocucionária “pedir” também é diretiva e liga-se, de modo geral, a cláusulas imperativas, trazendo à luz um desejo de que algo se realize. Há diferença, entretanto, entre “pedir por ação” e “pedir por informação”. Enquanto, no primeiro caso, há uma expectativa de que o interlocutor tome determinada atitude de fazer algo; no segundo caso, por outro lado, a expectativa é apenas a de que o

82

“they are attempts (of varying degrees, and hence more precisely, they are determinates of the determinable which includes attempting) by the speaker to get the hearer to do something.” (Searle, 1975, p. 355, no original).

interlocutor dê uma resposta à solicitação de informação e que essa resposta traga um conhecimento ou contribuição sobre o que está sendo observado. Seguem dois exemplos de usos da construção em foco que acionam, respectivamente, as forças ilocucionárias “pedir por ação” e “pedir por informação”.

(5) Qdo puder **dá uma olhadinha** no meu blog, valeu!

Fonte: [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]

(6) Será que não deu uma passadinha por lá, não **deu uma olhadinha** só para ver como estava a festa?

Fonte: [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]

De acordo com Macaulay (2001, p. 5, tradução nossa), “os pedidos de informação são representados como um meio de suprir uma necessidade por parte do falante”⁸³ e, ainda, “uma assimetria profunda costuma ocorrer nos pedidos de informação, onde também há grande expectativa de cumprimento por parte do ouvinte, tanto que a falta de resposta ou o silêncio são considerados desfavoráveis”⁸⁴:

Labov e Fanshel apontam que os pedidos de ação (e, portanto, por extensão, os pedidos de informação) têm formas atenuantes e agravantes que tratam das relações sociais entre o falante e o ouvinte. Os pedidos de informação, no entanto, são por definição agravantes ou ameaçadores de face. Minimamente, as perguntas ameaçam a face negativa, mas também podem ameaçar a face positiva. Bublitz (1981: 852) observa que “é uma característica de perguntas muitas vezes negligenciadas que o falante, ao perguntar, não é apenas capaz de fazer com que o ouvinte tome a palavra e reaja de uma certa maneira, por exemplo, para responder... mas que além [e semelhante às diretivas] ele também está exercendo sua influência

83 “Requests for information are represented as a means of supplying a need on the part of the speaker.” (Macaulay, 2001, p. 5, no original).

84 “A profound asymmetry is usually the case in requests for information, where there is also high expectation of compliance on the part of the hearer, so much so that failure to respond or silence is considered as dispreferred.” (Macaulay, 2001, p. 5, no original).

quanto ao CONTEÚDO da resposta do ouvinte". Os pedidos de informação não são atos neutros, assim como a "informação" não é neutra. A relação entre o locutor e o ouvinte é central para a atividade e está sendo constantemente monitorado, negociado e ajustados no decorrer da conversa. (Macaulay, 2001, p. 5, tradução nossa, destaque do autor).⁸⁵

A força ilocucionária "ordenar" é diretiva e associa-se, normalmente, a cláusulas imperativas. Consiste em um desejo, revelado na forma de um pedido mais intenso/enfático, com expectativa de que o interlocutor obedeça à solicitação. Na taxonomia de Austin (1962), equivale ao ato ilocucionário "exercitivo", ou seja, uma "tomada de uma decisão a favor ou contra um certo curso de ação ou defesa dele", "uma decisão de que algo deve ser assim, diferente de um julgamento de que é assim"⁸⁶. Para Searle (1975, p. 346), pedido e ordem se encontram, na medida em que apresentam, de forma semelhante, um mesmo ponto ilocucionário: os dois correspondem a "uma tentativa de fazer o ouvinte fazer algo", "mas as forças ilocucionárias são claramente diferentes"⁸⁷.

85 "Labov and Fanshel point out that requests for action (and so by extension, requests for information) have mitigating and aggravating forms which address the social relations between the speaker and the hearer. Requests for information, however, are by definition aggravating or face threatening. Minimally, questions threaten negative face but they can also threaten positive face. Bublitz (1981: 852) notes that '[i]t is a characteristic feature of questions often overlooked that the speaker by asking is not only able to cause the hearer to take the floor and react in a certain way, e.g. to answer ... but that in addition [and similar to directives] he is also exerting his influence as to the CONTENT of the hearer's response.' Requests for information are not neutral acts any more than 'information' is neutral. The relationship between the speaker and the hearer is central to the activity and is being constantly monitored, negotiated and adjusted in the course of conversation." (Macaulay, 2001, p. 5, no original, destaque do autor).

86 "is the giving of a decision in favor of or against a certain course of action or advocacy of it," "a decision that something is to be so, as distinct from a judgment that it is so." (Austin, 1962, no original).

87 "Thus, for example, the illocutionary point of a request is the same as that of a command: both are attempts to get hearers to do something. But the illocutionary forces are clearly different." (Searle, 1975, p. 346, no original).

Por fim, a força ilocucionária “criticar/reprovar” tende a se associar a cláusulas imperativas e corresponderia ao ato ilocucionário “comportamental”, que, segundo Austin (1962), “inclui a noção de reação ao comportamento e fortuna de outras pessoas e de atitudes e expressões de atitudes à conduta passada de outra pessoa ou conduta iminente”⁸⁸, como vemos no exemplo que segue.

- (7) Agora virou moda ser bipolar, tudo que é medico diz que vc é bipolar e toca remedio na pessoa, vamos com calma, **dá uma olhadinha** na sua vida láaaa-aaaa atrás qdo. era pequenina e vem vindo, ve se vc não se traumatizou com alguma coisa e hj. esta perturbando vc, vai com calma.

Fonte: [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]

MATERIAL E METODOLOGIA

O material é formado por uma amostra de dados de predadores complexos de percepção visual com verbo suporte coletados do Sketch Engine, em corpora do Português (ptTenTen11) e do Francês (frTenTen17). Enquanto o *corpus* do Português⁸⁹ é formado somente pelas variedades do Brasil (79,77%) e de Portugal (20,23%), o *corpus* do Francês⁹⁰ não está bem definido, sendo formado pelas variedades francesa (42,74%), canadense (1,17%) e outras (56,09%).

88 Behabitives “includes the notion of reaction to other people’s behavior and fortunes and of attitudes and expressions of attitudes to someone else’s past conduct or imminent conduct.” (Austin, 1962, no original).

89 Fonte das informações: [<https://www.sketchengine.eu/pttnten-portuguese-corpus/#toggle-id-1>, acesso em 16 de junho de 2022, adaptado, tradução nossa].

90 Fonte das informações: [https://app.sketchengine.eu/#dashboard?corpname=preloaded%2Ffrtnten17_fl2, acesso em 16 de junho de 2022, adaptado, tradução nossa].

Por meio do recurso ao CQL (“Corpus Query Language”/ “Linguagem de Consulta de Corpus”), buscamos dados com as estruturas “V uma olhada”, “V uma olhadinha”, “V uma olhadela” e “V uma vista de olhos”, no Português, e “V un œil”, “V un coup d’œil”, “V un regard” e “V une œillade” no Francês. Seleccionamos 1000 ocorrências candidatas da construção em cada idioma e, em seguida, fizemos uma triagem, de modo a submeter à análise somente aqueles dados com as construções de interesse no estudo. Assim, após a triagem, contamos com 967 dados do Português e 750 ocorrências do Francês.

A partir de metodologia quantitativa, observamos dados brutos e porcentagens, e a partir de metodologia qualitativa, investigamos os contextos das ocorrências, os sentidos envolvidos e a força ilocucionária presente. Na análise do fator pragmático força ilocucionária, categorizamos os dados que estavam apenas em cláusulas principais, levando em consideração as seguintes possibilidades: “sugerir/convidar/aconselhar”⁹¹, “afirmar/declarar”, “pedir por ação”, “pedir por informação”, “ordenar”, “criticar/reprovar” e “NA” (não aplicável). Esta última categoria faz referência às ocorrências da construção em foco em orações subordinadas (desenvolvidas ou reduzidas), as quais foram desconsideradas na análise, tal como nos exemplos que vemos a seguir, do Português e do Francês.

- (8) É muito legal **dar uma olhada** no modelo de gestão desta comunidade, na maneira elegante de relacionamentos e discussões a que todos se propõe, na maneira genial que todos têm de ajudar ao moderador para se conseguir o objetivo da comunidade: as grandes sacadas de nossas vidas, através da obra inteligente de Luis Fernando Verissimo!

Fonte: [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]

91

Optamos por não diferenciar sugestão de convite e conselho, nem crítica de reprovação, nem afirmação de declaração, por entendermos que há uma linha tênue de distinção entre esses termos, que preferimos não adentrar nessa questão em profundidade.

(9) a. En **jetant un coup d’œil** sur la carte d’Etat-major, on constate de nombreux villages consistant en plusieurs exploitations; notre cartulaire permettrait d’en identifier un grand nombre, mais il nous suffit de constater que les noms des villages portés à l’Etat-major se trouvent (avec beaucoup d’autres) dans notre cartulaire: nous mentionnerons les Constancies (Etat-major) manse des Constancias (fol. 133 et passim); Ladières (Etat-major) manse de Lediéras

b. Ao lançar um olhar sobre o mapa do Estado-Maior, nota-se muitas aldeias compostas por várias explorações; nosso cartulário permitiria identificar um grande número deles, mas basta-nos notar que os nomes das aldeias trazidas ao Estado-Maior se encontram (junto com muitos outros) em nosso cartular: mencionaremos as Constâncias (Estado-Maior) mansão das Constancias (fol. 133 e passim); Ladières (Staff) manse de Lediéras

Fonte: [Sketch Engine, French Web 2017]

HIPÓTESES

Hipotetizamos que as microconstruções “V uma olhada” e “V uma olhadinha”, típicas do Português do Brasil (Travassos, 2019), serão usadas, majoritariamente, de forma diretiva, com a finalidade de fazer uma sugestão/conselho. Por outro lado, acreditamos que as microconstruções “V uma olhadela” e “V uma vista de olhos”, típicas do Português de Portugal, serão mais usadas, preferencialmente, em assertivas, para fazer afirmações sobre um estado de coisas. De modo semelhante ao Português de Portugal, acreditamos que as quatro microconstruções do Francês (“V un œil”, “V un coup d’œil”, “V un regard” e “V une œillade”) também serão mais acionadas para fazer declarações sobre um evento.

Essa hipótese baseia-se em convenções sociais típicas de interações sociocomunicativas de falantes de países europeus em contraste a falantes de países latino-americanos (Meyer, 2015). Segundo Meyer (2015), os franceses “são mestres da comunicação implícita e indireta, falando e ouvindo com sutileza e sensibilidade”⁹² (Meyer, 2015, p. 8, tradução nossa), nesse sentido, tenderiam a usar mais a construção em foco em assertivas, para fazer afirmações sobre um determinado evento. Hipotetizamos também que usuários do Português de Portugal, por serem da mesma região/continente dos franceses, tenderiam a ter perfil semelhante ao deles.

Acreditamos, com base na autora, que falantes de países latino-americanos teriam perfil oposto ao descrito em relação aos franceses. Tendo em vista que “as línguas refletem os estilos de comunicação das culturas que usam essas línguas”⁹³ (Meyer, 2015, p. 37, tradução nossa), acreditamos que usuários do Português do Brasil (país latino-americano) seriam mais diretivos nos usos da construção de percepção visual com verbo (semi-)suporte, utilizando-as, preferencialmente, para fazer pedidos, sugestões ou dar conselhos, de forma cuidadosa e atenta a não ameaçar a própria face nem a face do interlocutor (Goffman, 1967; Brown; Levinson, 1987), como uma estratégia de convencimento (Travassos, 2019). De acordo com Meyer (2015, p. 14), “padrões culturais de comportamento e crença frequentemente impactam nossas percepções (o que vemos), cognições (o que pensamos) e ações (o que fazemos)”⁹⁴.

Ressaltamos, em tempo, que os padrões de uso analisados podem resultar, ainda, de mais fatores e reconhecemos as inevitáveis limitações provenientes de declarações de uma única fonte.

92 “are masters of implicit and indirect communication, speaking and listening with subtlety and sensitivity” (Meyer, 2015, p. 8, no original).

93 “languages reflect the communication styles of the cultures that use those languages.” (Meyer, 2015, p. 37, no original).

94 “Cultural patterns of behavior and belief frequently impact our perceptions (what we see), cognitions (what we think), and actions (what we do)” (Meyer, 2015, p. 14, no original).

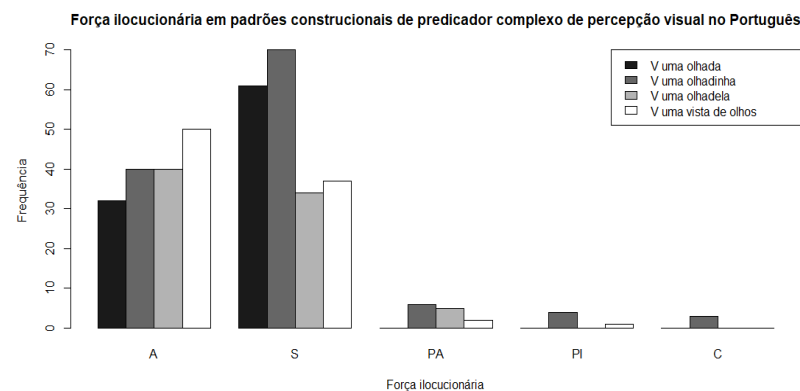
Outros estudos podem focalizar fatores diversos que justifiquem as diferenças descritas, reforçando as hipóteses aqui postuladas ou contrastando-as.

RESULTADOS

RESULTADOS DO PORTUGUÊS

O gráfico que segue traz os resultados da análise do predicador complexo de percepção visual com verbo suporte em Português, a partir da relação entre microconstruções e força ilocucionária.

Gráfico 1 - Força ilocucionária em predicadores complexos de percepção visual com verbo suporte em Português



Legenda: A- afirmar S- sugerir PA- pedir por ação

Fonte: Travassos (2023, p. 288).

No Português, os usos da construção em foco estiveram mais ligados às forças ilocucionárias “sugerir/convidar/aconselhar” e “afirmar/declarar”, as quais foram acionadas em usos das quatro

possibilidades de microconstruções observadas. De todas as ocorrências, 199 dados, ou seja, 20,58% da amostra de usos de predador complexo de percepção visual com verbo suporte indicaram estar a serviço da força ilocucionária “sugerir/convidar/aconselhar”. Esse resultado revela que a construção em estudo está, inclusive, mais associada a essa força ilocucionária do que à força ilocucionária mais básica “afirmar/declarar”, revelada em 162 dados, ou seja, 16,75% da amostra.

Acreditamos que esse resultado tenha ocorrido devido ao fato de haver mais dados do Português do Brasil, variedade com mais ocorrências de “V uma olhada” e “V uma olhadinha”, que mais frequentemente estiveram associadas à força ilocucionária diretiva “sugerir/convidar/aconselhar”, sendo, assim, um resultado compatível com nossa hipótese. Já as microconstruções que são mais tipicamente encontradas no Português de Portugal (“V uma olhadela” e “V uma vista de olhos”), estiveram mais a serviço da força ilocucionária “afirmar/declarar”, o que também se compatibiliza com nossa hipótese.

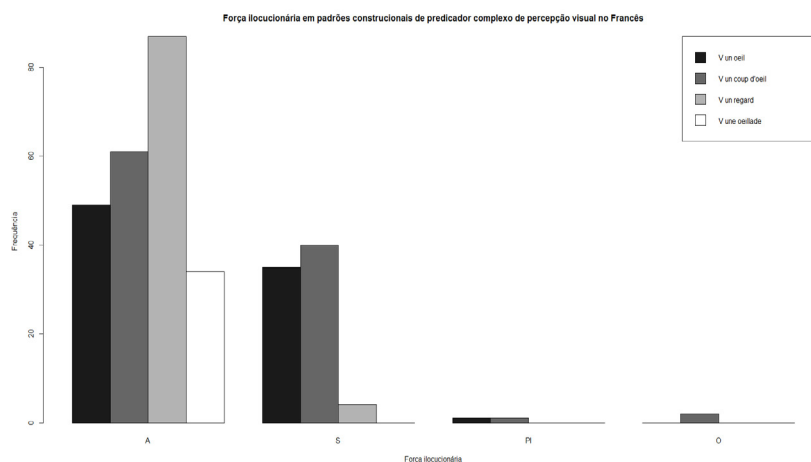
Resultados apontaram para pouca associação, em termos de frequência, da construção em estudo às forças ilocucionárias “pedir por ação”, “pedir por informação” e “criticar”, tanto no Português do Brasil quanto no Português de Portugal. Enquanto encontramos a força ilocucionária “pedir por ação” sendo acionada via microconstruções “V uma olhadinha”, “V uma olhadela” e “V uma vista de olhos”, a força ilocucionária “pedir por informação” sendo acionada por meio das microconstruções “V uma olhadinha” e “V uma vista de olhos”, a força ilocucionária “criticar”, por outro lado, só se materializa na microconstrução “V uma olhadinha”, o que ilustra uma restrição progressiva de contexto linguístico.

Ressaltamos, ainda, que a microconstrução “V uma vista de olhos” foi mais usada com o objetivo de “afirmar/declarar” algo e que a microconstrução “V uma olhadinha” foi a mais frequente, sendo compatível com todas as forças ilocucionárias sob análise.

RESULTADOS DO FRANCÊS

O gráfico que segue traz os resultados da análise do predicador complexo de percepção visual com verbo suporte em Francês, a partir da relação entre microconstruções e força ilocucionária.

Gráfico 2 – Força ilocucionária em predicadores complexos de percepção visual com verbo suporte em Francês



Legenda: **A-** afirmar **S-** sugerir **PI-** pedir por informação **O-** ordenar

Fonte: Travassos (2023, p. 291).

No Francês, o predicador complexo de percepção visual com verbo suporte, independentemente da microconstrução em foco (“V un œil”, “V un coup d’œil”, “V un regard” e “V une œillade”), está a serviço, majoritariamente, da força ilocucionária “afirmar/ declarar” (231 dados, 30,80%), tal como previmos em nossa hipótese. A microconstrução “V une œillade”, por exemplo, só foi usada em assertivas para fazer uma declaração sobre um evento. A seguir, há um exemplo de uso da construção com essa força ilocucionária.

- (10) a. Naturellement en professionnel, **il jettera un coup d'œil** aux divers éléments de sécurité et nous proposera les réglages correspondant, si nécessaire.
- b. Naturalmente, como profissional, ele examinará os vários elementos de segurança e sugerirá as configurações correspondentes, se necessário.
- Fonte: [Sketch Engine, French Web 2017]

No que se refere à força ilocucionária “sugerir/convidar/aconselhar”, observamos que ela foi associada mais às microconstruções “V un œil”, “V un coup d'œil” e um pouco menos a “V un regard”. No que diz respeito à força ilocucionária “pedir por informação”, atestamos essa função associada às microconstruções “V un œil” e “V un coup d'œil”, com poucas ocorrências (dois dados apenas, que corresponde a 0,27% do total). Ademais, observamos que a força ilocucionária “ordenar” foi acionada somente a partir do padrão construcional “V un coup d'œil”, com poucas ocorrências também (apenas dois dados, que correspondem a 0,27%).

Apresentamos, a seguir, exemplos de usos da construção ligados às outras forças ilocucionárias atestadas, respectivamente, “sugerir/convidar/aconselhar”, “pedir por informação” e “ordenar”.

- (11) a. **Jetez un coup d'œil** à notre sélection haut de gamme et à bas prix de lit deux personnes sur notre site www.comforium.com
- b. Dê uma olhada em nossa seleção de cama de casal de alta qualidade e preço baixo em nosso site www.comforium.com
- Fonte: [Sketch Engine, French Web 2017]
- (12) a. On sait juste qu'il y avait un couteau sur la table, peut-être l'auteur **gardait un œil** sur son enfant?
- b. Só sabemos que havia uma faca em cima da mesa, talvez o autor estivesse de olho no filho?
- Fonte: [Sketch Engine, French Web 2017]

(13) a. **Jetez un coup d'œil** à la liste!!

b. Dá uma olhada na lista!!

Fonte: [Sketch Engine, French Web 2017]

DISCUSSÃO: COMPARAÇÃO ENTRE PORTUGUÊS E FRANCÊS

Os predicadores complexos de percepção visual com verbo suporte do tipo “V uma olhada” e “V uma olhadinha”, típicas do Português do Brasil, tendem a ser usados mais com a finalidade de “sugerir/convidar/aconselhar” algo, de modo a realizar essa ação polidamente. Haveria, portanto, um uso modal (Nascimento, 2010) e (inter)subjetivo (Traugott; Dasher, 2005; Traugott, 2010) em jogo. Em contrapartida, microconstruções do tipo “V uma olhadela” e “V uma vista de olhos”, típicas do Português de Portugal, tendem a ser usados com o objetivo de “afirmar/declarar” algo. Do mesmo modo, todas as microconstruções estudadas do Francês tendem a indicar, principalmente, a força ilocucionária de “afirmar/declarar” algo.

Nesse sentido, observamos que Português de Portugal se aproxima mais do Francês no uso dessa construção e ambos afastam-se do Português do Brasil no uso dessa construção. Isso pode ter relação com as convenções sociais e características sociais de usuários de línguas de países europeus e latino-americanos, que se refletiria linguisticamente.

Acreditamos que, de modo geral, tanto no Português, quanto no Francês, houve pouco acionamento da construção a serviço da força ilocucionária “ordenar”, tendo em vista que, provavelmente, a tendência é a de que um enunciador prefira dar ordens por meio não de um predicador complexo, mas, sim, por meio de um predicador verbal simples no imperativo. Assim, para dar ordens, a preferência

seria dizer “*olhe isso!*”, em vez de “*dê uma olhada nisso*”, pensando na natureza, por si só, mais enfática, objetiva, diretiva e intensa da ordem.

Além disso, acreditamos que as poucas ocorrências das forças ilocucionárias “pedir por informação” e “pedir por ação” sejam devido às sutilezas nas classificações, em comparação à força ilocucionária “sugerir/convidar/aconselhar”, sendo esses conceitos de difícil definição e diferenciação. Desse modo, cabe uma revisão da taxonomia em outros estudos que tenham este como uma das bases.

Pesquisas futuras poderiam focalizar o estudo desses predicadores em outras variedades do Português e do Francês, bem como em outras línguas românicas, de modo a verificar se, de fato, há uma questão cultural interferindo numa questão linguística. Além disso, corpora variados, de outras plataformas de dados linguísticos, podem ser usados, de modo a explorar contextos discursivos e pragmáticos diferentes.

REFERÊNCIAS

AUSTIN, John Langshaw. **How to Do Things With Words**. Cambridge (Mass.). paperback: Harvard University Press, 2nd edition, 1962-2005, ISBN 0-674-41152-8.

BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness: Some universals in language usage**. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.

FLORES-SALGADO, Elizabeth. **The pragmatics of requests and apologies: developmental patterns of Mexican students**. John Benjamins Pub. Co, 2011.

GOFFMAN, Ervin. **Interaction Ritual**. New York: Harp e Ruw, 1967.

GOLDBERG, Adele. E. **Constructions**. A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.

GOLDBERG, Adele. E. **Constructions at Work: The Nature of Generalization in Language**. Oxford: Oxford University Press, 2006.

GRIFFITHS, Patrick. **An Introduction to English Semantics and Pragmatics**. Edinburgh: Edinburgh University Press Ltd., 2006.

HILPERT, Martin. **Construction grammar and its application to English**. Second edition, Edinburgh University Press, 2019 [2014].

MACAULAY, Marcia. "Tough Talk: Indirectness and Gender in Requests for Information". **Journal of Pragmatics**, vol. 33, no 2, fevereiro de 2001, p. 293-316. DOI.org (Crossref), [https://doi.org/10.1016/S0378-2166\(99\)00129-0](https://doi.org/10.1016/S0378-2166(99)00129-0).

MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. In: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Ed. Blucher, open access. 2019.

MCKAY, Sandra. **Teaching English as an International Language: Rethinking Goals and Approaches**. Nachdr, Oxford University Press, 2002.

MEYER, Erin. **The Culture Map: Decoding How People Think, Lead, and Get Things Done across Cultures**. International edition, First edition, PublicAffairs, 2015.

NASCIMENTO, Erivaldo Pereira do. **A modalização deôntica e suas peculiaridades semântico-pragmáticas**. Fórum Linguístico. Florianópolis, jan-jun. v.7, n.1. 2010.

SEARLE, John. Indirect speech acts. In: **Syntax and Semantics, 3: Speech Acts**, ed. P. Cole & J. L. Morgan, p. 59-82. New York: Academic Press, 1975. Reprinted in *Pragmatics: A Reader*, ed. S. Davis, p. 265-277. Oxford: Oxford University Press, 1991.

SKETH ENGINE, French web, 2017.

SKETH ENGINE, Portuguese web, 2011.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs; DASHER, Richard. B. **Regularity in semantic change**. Cambridge: Cambridge University Press, 2005.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs. **Revisiting subjectification and intersubjectification**. Subjectification, Intersubjectification and Grammaticalization. Berlin: De Gruyter Mouton, 2010.

TRAUGOTT, Elizabeth Closs e TROUSDALE, Graeme. **Constructionalization and Construction changes**. Great Britain: Oxford University Press, 2013.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Variação e mudança construcional**: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.

TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Predicadores complexos de percepção visual em Português, Francês e Inglês**. 2023. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

FINANCIAMENTO DA PESQUISA

Bolsa CAPES-PrInt (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior - Programa Institucional de Internacionalização) e bolsa CAPES (Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior).

20

Pâmela Fagundes Travassos

**TO WHAT ILLOCUTIONARY
PURPOSE DO WE USE COMPLEX
PREDICATES OF VISUAL
PERCEPTION IN PORTUGUESE
AND FRENCH?**

DOI: 10.31560/pimentacultural/2024.99512.20

In Portuguese (from Brazil and Portugal) and in French, it is not rare to see examples such as the following, with expressions of visual perception such as “take a look” and “jetter un coup d’œil”. Then, the question arose of what would be the intention of the users of the Romance languages/varieties in question in the use of such constructions.

- (1) *Pier, não sei se você chegou a entrar no coxanautas, pois lá, os torcedores também estão se organizando para preparar um protesto pacífico e ordeiro (Coisa de Coxa-Branca mesmo) manifestando a indignação da torcida Coxa-Branca com as arbitragens, **dê uma olhadinha lá!*** [Sketch Engine, Portuguese Web 2011]

Pier, I don't know if you got into the coxanautas, because there, the fans are also organizing themselves to prepare a peaceful and orderly protest (Thing of Coxa-Branca really) expressing the indignation of the Coxa-Branca fans with the arbitrations, take a look there!

Source: Travassos (2023, p. 289).

- (2) *Naturellement en professionnel, il **jettera un coup d'œil** aux divers éléments de sécurité et nous proposera les réglages correspondant, si nécessaire.*

Naturally, as a professional, he will take a look at the various security elements and will suggest the corresponding settings, if necessary. [Sketch Engine, French Web 2017]

Source: Travassos (2023, p. 291).

In example (1) from Portuguese, mentioned earlier, for example, the use of the construction “dar uma olhadinha” is at the service of an invitation made. In French example (2), on the other hand, the construction “jetter un coup d’œil” was used only to make a statement.

We seek to investigate, then, whether constructions of this type, that is, complex predicates of visual perception with (semi-) support verb are used, mostly, from the analysis of a data sample, in a directive or indirect way, in order to verify if, in the semantic-discursive-pragmatic context in which they are updated, they tend

to indicate politeness or objectivity in requests, advice, suggestions, criticisms, orders, invitations or if, on the other hand, they are more used in the service of assertiveness, through affirmations.

Thus, our focus of analysis fell on the pragmatic variation, through the analysis of the illocutionary strength factor, also taking into account the lexical variation in the structure of the construction [V_{(semi-)support} Det (Mod) Noun_{visual perception} (Mod)]_{complex predicate of visual perception'}. In the V_{(semi-)support} slot of this construction, we leave the verb space open, in order to be filled by different possibilities of verbs. The determiner consisted of an indefinite article. We restrict the possibilities of nominal elements of visual perception to just four in Brazilian and Portuguese of Portugal ("olhada", "olhadinha", "olhadela" and "vista de olhos" and four in French ("œil", "coup d'œil", "regard" and "œillade"), by scope of research. In addition, we predicted the possibility of occurrence of a visual perception noun modifier, in pre-nominal or post-nominal position.

We therefore consider formal and functional characteristics of the construction in the analysis of variation. So, taking into account the lexical combinations, the sociocommunicative situations, the languages and varieties at play, we question whether certain micro-constructions of visual perception with (semi-)support verb would be associated with specific illocutionary forces and whether there would be differences, in this regard, from Portuguese (from Brazil and Portugal) in relation to French.

Our hypotheses are that visual perception constructions with (semi-)support verb reveal, mostly, assertive uses of the construction in Portuguese of Portugal and French, while, in Brazilian Portuguese, these constructions reveal more directive uses, indicating, mainly, illocutionary force linked to suggestion, invitation, advice. This hypothesis is based on typical social conventions of sociocommunicative interactions of speakers from European countries in contrast to speakers from Latin American countries (Meyer, 2015).

According to Meyer (2015), the French “are masters of implicit and indirect communication, speaking and listening with subtlety and sensitivity” (Meyer, 2015, p. 8), in this sense, they would tend to use more the construction in focus in assertive, to make assertions about a particular event. We also hypothesize that users of Portuguese from Portugal, as they are from the same region/continent as the French, would tend to have a profile similar to theirs.

We believe, based on the author, that speakers from Latin American countries would have the opposite profile to that described in relation to the French. Bearing in mind that “languages reflect the communication styles of the cultures that use these languages” (Meyer, 2015, p. 37), we believe that users of Brazilian Portuguese (a Latin American country) would be more directive in the uses of the construction of visual perception with (semi-)support verbs, using them, preferably, to make requests, suggestions or give advice, in a careful and attentive way so as not to threaten one’s own face or the face of the interlocutor (Goffman, 1967; Brown; Levinson, 1987), as a convincing strategy (Travassos, 2019). According to Meyer (2015, p. 14), “cultural patterns of behavior and belief often impact our perceptions (what we see), cognitions (what we think) and actions (what we do)”.

We analyzed the construction of a complex predicate of visual perception with a theoretical-methodological basis based on the functional-cognitive approach of Construction Grammar (Goldberg, 1995, 2006), aligned with Sociolinguistics, from a socio-constructivist bias (Machado Vieira; Wiedemer, 2019). In this way, we gather a theoretical and methodological framework to investigate variation, also present at the lexical and pragmatic levels.

The analysis was based on empirical observation of corpora of real linguistic uses, taken from effective communicative situations. Data from complex predicates of visual perception with a support verb in Portuguese and French were collected on the Sketch Engine

platform and we used quantitative and qualitative methodology in data observation. In the analysis, we categorize the uses of the construction in focus according to the illocutionary force triggered.

REFERENCES

- BROWN, Penelope; LEVINSON, Stephen C. **Politeness**: Some universals in language usage. Cambridge: Cambridge University Press, 1987.
- GOFFMAN, Ervin. **Interaction Ritual**. New York: Harp e Ruw, 1967.
- GOLDBERG, Adele. E. **Constructions**. A Construction Grammar Approach to Argument Structure. Chicago: University of Chicago Press, 1995.
- GOLDBERG, Adele. E. **Constructions at Work**: The Nature of Generalization in Language. Oxford: Oxford University Press, 2006.
- MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. Sociolinguística Variacionista e Gramática de Construções: os desafios e as perspectivas de compatibilização. *In*: MACHADO VIEIRA, Marcia dos Santos; WIEDEMER, Marcos Luiz. **Dimensões e Experiências em Sociolinguística**. Rio de Janeiro: Ed. Blucher, open access. 2019.
- MEYER, Erin. **The Culture Map**: Decoding How People Think, Lead, and Get Things Done across Cultures. International edition, First edition, PublicAffairs, 2015.
- TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Varição e mudança construcional**: um olhar funcional-cognitivo sobre usos de construções com verbo-suporte DAR no PB. 2019. Dissertação (Mestrado em Língua Portuguesa) – Faculdade de Letras, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2019.
- TRAVASSOS, Pâmela Fagundes. **Predicadores complexos de percepção visual em Português, Francês e Inglês**. 2023. Tese (Doutorado em Letras Vernáculas/Língua Portuguesa) – Universidade Federal do Rio de Janeiro, 2023.

21

Sandra de Caldas

**VARIATION ET ALTERNANCE
CODIQUE DES NÉONYMES
DE FONCTIONS ET DE NOUVEAUX
MÉTIRS EN PORTUGAIS
EUROPÉEN ET EN FRANÇAIS**

RÉSUMÉ

Face aux enjeux internationaux et aux crises multidimensionnelles, le marché du travail est confronté à de nouveaux défis, notamment face au développement du numérique qui génère de nouveaux métiers à l'échelle globale. La langue professionnelle ou managériale se compose d'un ensemble de réalités stratégiques internationales avec en outil d'harmonisation l'anglais comme langue globale facilitant la circulation et l'intercompréhension du langage managérial ou novlangue corporate. La présente étude se propose d'observer et comparer les néonymes de fonction et de métiers émergents en portugais européen et en français contemporain mettant ainsi en lumière la variation inhérente aux processus d'innovation et de créativité linguistique. À travers l'étude d'un corpus comparable d'annonces d'emploi diffusées sur des plateformes en ligne, nous présenterons les instabilités lexicales de quelques néonymes de métiers qui, tout en standardisant un langage professionnel, dynamisent la créativité et l'innovation linguistiques en recourant à différents équivalents, reformulations, périphrases et autres syntagmes composés qui cohabitent dans cette sphère.

Mots-Clés : Néonymes, alternance codique, variation, néo-métiers

INTRODUCTION

L'étude que nous présentons porte sur la création des néonymes de fonctions et de métiers émergents en portugais européen et en français hexagonal contemporains et vise à mettre en lumière les instabilités, les alternances et la variation qui découle du processus d'innovation et de créativité lexicale et terminologique dans un contexte spécifique et spécialisé. Elle s'inscrit dans un projet plus large que nous menons au sein du Laboratoire d'études romanes, axe de recherche sur les dynamiques, l'innovation et les variations dans les langues romanes à l'université Paris 8.

À travers l'étude d'un corpus comparable spécialisé dans les annonces et offres d'emploi diffusées sur des plateformes en ligne au Portugal et en France depuis 2021, nous examinerons les termes utilisés pour désigner les néométiers ou nouvelles fonctions professionnelles.

Cette recherche présente de multiples implications d'ordre linguistique, sociolinguistique et pragmatique et plus précisément de la terminologie, de la socioterminologie et de la pragmatoterminologie (De Vecchi, 2005). Nous nous limiterons, pour le présent chapitre, à exposer quelques résultats de la première étape de cette recherche en nous focalisant sur la variabilité et l'instabilité des néo-anglicismes dans le domaine professionnel et plus précisément des néonymes de métiers.

Divisé en 4 parties, ce chapitre reviendra sur les aspects contextuels de cette recherche et sur l'encrage théorique qui guide nos réflexions, avant de présenter le corpus d'étude et la méthodologie appliquée, ce qui ouvrira la voie aux principaux résultats illustrant les réalités du contexte professionnel aujourd'hui en pleine mutation.

PRÉSENTATION DU CADRE CONTEXTUEL

Face aux crises multidimensionnelles et aux enjeux internationaux qui en découlent, les sociétés sont confrontées à de nouvelles évolutions scientifiques et technologiques, notamment liés au numérique. Les entreprises et le marché du travail dans son ensemble font face à des besoins émergents qui témoignent de la transformation et de la réorganisation globale du fonctionnement des échanges au niveau mondial. Le développement technico-scientifique d'un grand nombre de domaines de spécialité mène à des changements de pratique et à la création de néométiers dans des sphères professionnelles ayant un impact à l'échelle globale.

Les grands groupes et entreprises internationales sont en constante expansion, ce qui multiplie et accentue l'internationalisation des échanges. Les besoins de communication s'intensifient et sont facilités par l'usage de la Novlangue corporate, également appelée langage corporate ou langue managériale. Ainsi, l'anglo-américain s'est imposé comme langue globale, en outil d'harmonisation. Le recours à des unités lexicales en anglais participe également à la construction d'une image professionnelle, innovante, valorisante et attractive, à la fois de l'entreprise et du secteur d'activité en question mais aussi de ses collaborateurs.

Depuis quelques décennies, on constate un essor de l'anglicisation des entreprises et plus récemment des start-ups, gazelles, licornes, reverse unicorn, undercorn, décacornes, pentacornes, hec-tocornes, centaures ou minotaures et ce essentiellement dans les sphères des TI (Technologies de l'information) et des métiers de la « tech » en général.

En effet, le terme d'anglicisation désigne l'augmentation du recours à l'anglais par d'autres langues. Pour Claude Truchot,

« il est pertinent d'utiliser ce terme à partir du moment où l'anglais est utilisé non plus seulement comme langue d'échanges, mais aussi comme langue du fonctionnement, entier ou partiel, de l'entreprise. Dans cette acception, l'anglais n'est pas utilisé seulement pour faciliter la communication entre personnes qui ne parlent pas la même langue, il est utilisé parce que le fonctionnement même de l'entreprise, en tout ou en partie, est organisé au moyen de cette langue. »⁹⁵ (Truchot, 2015, p. 90).

Ainsi, les collaborateurs de ces entreprises doivent « switcher » entre la langue locale et l'anglais spécialisé utilisé comme langue de fonctionnement de l'entreprise, voire du secteur d'activité dans sa globalité.

Ce phénomène est particulièrement notable dans certains secteurs, et notre étude le confirme nettement, tels que les domaines des TI (Technologies de l'information), des métiers du digital ou du numérique, du cloud, des Big Data ou des mégadonnées, de l'IA - intelligence artificielle, ou du Web3 et du Metavers. Dans ces domaines, les collaborateurs sont recrutés non seulement pour leurs hardskills, et softskills mais aussi pour leurs Madskills (« compétences exceptionnelles ») et leur maîtrise de l'anglais devenue absolument indispensable. Et c'est précisément cette évolution qui reflète un changement majeur sur le marché du travail et de la recherche d'emploi à l'échelle internationale. Les intitulés de postes sont remplacés pour les rendre plus attractifs, alors que d'autres émergent par nécessité au gré des innovations et des progrès technico-scientifiques.

Dans ce contexte d'anglicisation, d'internationalisation des activités professionnelles, et de l'émergence fulgurante de la start-up nation et de la datasphère (ou sphère de données), la pandémie a

⁹⁵ Selon l'étude « Quelles langues parle-t-on dans les entreprises françaises ? » de Claude Truchot, professeur émérite de l'université de Strasbourg, spécialiste des politiques linguistiques et qui s'inscrit dans le cadre des travaux d'observation des pratiques linguistiques conduits par la DGLFLF.

également eu un impact sur la réorganisation du travail et le travail remote ou à distance est venu amplifier et intensifier la mobilité professionnelle ou le nomadisme digital (le full remote ou 100% télétravail) qui encourage l'usage de termes en anglais dans le but d'ouvrir et de faciliter les recrutements.

D'autre part, la généralisation du tout digital a également transformé les modes de recrutement, et les recruteurs ont dû s'adapter à une dynamique tournée vers le numérique. Les sites proposant des offres d'emploi peuvent être les sites internet d'agences de recrutement qui se sont multipliées à travers différentes plateformes, certaines existent dans plusieurs langues et ont une diffusion internationale, alors que d'autres n'existent que dans quelques pays mais peuvent publier dans la langue de l'annonceur initial. D'autres sites sont des plateformes qui regroupent l'ensemble des annonces publiées sur différents sites de recrutement. Nous exposerons plus en détail dans le point 4 nos critères de sélection du corpus d'étude de la présente recherche.

PRÉSENTATION DU CADRE THÉORIQUE

Pour présenter très succinctement le cadre théorique qui oriente nos recherches et notre approche en général, faisons ici un point sur quelques principes de la linguistique descriptive et plus précisément sur la créativité lexicale ou néologie vue comme « l'un des meilleurs terrains des phénoménologies linguistiques, sociales, culturelles et politiques », (Desmet, 2005, p. 23). La néologie est ainsi le reflet de nos sociétés.

Notre ancrage théorique s'est construit, entre autres, à partir des travaux de Deroy, Rondeau, J.F. Sablayrolles, J. Humbley, J. Pruvost, J. C. Boulanger, Loubier, L'Homme, I. Desmet, I. M. Alves, et T. Lino, qui constituent un socle théorique multiréférencé, pluraliste et complet.

D'une manière générale, la néologie est le champ d'étude de la création, de l'innovation, de la modernisation, de la transition, des évolutions, des transformations, des mutations, des adaptations et de la variation dans les langues.

Comme le rappelait Rondeau au début des années 80, il convient de distinguer entre néologie de la langue générale et celle des langues de spécialité, la définissant comme « néologie lexicale dans les langues de spécialité » (Rondeau, 1981, p. 123-124). Considéré comme le premier francophone à faire cette distinction, il subdivise, par ailleurs, la néonymie en distinguant le néonyme d'origine ou néonymie de création, d'une part et le néonyme de transfert ou néonymie d'appoint, de l'autre. (Rondeau, 1981 *apud* Humbley, 2012).

La néonymie, comme résultat de la créativité linguistique dans les langues techniques et spécialisées, s'opère dans divers contextes, et à des fins spécifiques en fonction des domaines et des objectifs de communication. Dans le domaine des nouvelles technologies de l'information et du monde de la « tech » en général, les unités terminologiques circulent dans un contexte d'anglicisation des pratiques langagières dans le milieu professionnel. Nous assistons donc à un phénomène de contact des langues (Weinreich, 1953) : l'interférence linguistique qui pour certains auteurs, comme J.Humbley (1990), se manifeste par 2 phénomènes proches, l'un appelé « *Code-switching* » ou « alternance codique » qui relève de l'interaction sociolinguistique dans la mesure où le locuteur maîtrisant deux langues étrangères ou plus, va dans une même séquence discursive utiliser les deux langues en les alternant, et de l'autre le « code-mixing » qui correspond à une autre situation d'interaction sociolinguistique dans laquelle le locuteur utilise à l'intérieur d'un même discours, construit selon le système d'une langue, un grand nombre d'éléments d'une autre langue. » (Loubier, 2011, p. 6). Ce mélange des langues peut se définir comme une des caractéristiques du comportement de locuteurs bilingues qui « exploitent les ressources des langues

qu'ils maîtrisent de diverses manières, pour des buts sociaux et stylistiques, et accomplissent cela en passant d'une langue à l'autre, ou en les mélangeant de différentes manières » (Winford, 2003 *apud* Alby, 2013, p. 43).

C. Loubier (2011, p. 10) place le locuteur au cœur du phénomène le considérant comme une réalité sociolinguistique et précise que « l'usage d'une langue fait référence aux situations concrètes de communication et nécessairement aux personnes qui l'utilisent... ». Sur le plan purement lexical, la frontière entre alternance codique et transfert n'est pas simple à délimiter et engendre de fait un autre phénomène intrinsèquement lié au changement de codes, la variation.

La question de la variation s'inscrit dans la dynamique de l'approche d'Isabel Desmet à partir des travaux de Gadet, qui situe la variation selon 3 phénomènes. La variation linguistique (aux niveaux phonologique, syntaxique, lexical et discursif), la variation extra-linguistique (étudiée dans ses dimensions diachronique, diatopique, diastratique ou diaphasique) et la variation inhérente (selon l'approche Labovienne). Notre étude illustre ces 3 phénomènes, mais nous nous limiterons ici à présenter la variation linguistique sur le plan lexical et terminologique.

PRÉSENTATION DU CORPUS ET DE LA MÉTHODOLOGIE APPLIQUÉE

Notre corpus d'analyse a été constitué selon les techniques et les méthodes de la linguistique de corpus comparée. Il fait l'objet d'une analyse semi-automatique avec dans un premier temps, une veille terminologique manuelle sur le web. Pour cela, nous consultons régulièrement les offres d'emploi sur les différents sites et différentes plateformes de prestataires de services spécialisés dans le recrute-

ment en portugais et en français, puis nous sélectionnons et réperto-
rions afin d'alimenter notre corpus bilingue comparable.

Dans un deuxième temps, nous avons recours à des pro-
grammes informatiques d'extraction de termes et de concordanciers
permettant d'observer les unités en contexte, d'aligner différentes
formes, d'examiner les cooccurrences pour un traitement détaillé et
de mesurer leur fréquence d'usage. Pour cela, nous utilisons entre
autres les logiciels de traitement automatique des langues comme
Concapp ou Antconc.

Ce traitement nous permet donc une étude à la fois qualita-
tive et quantitative des données. Celles-ci seront, dans un troisième
temps, traitées manuellement d'un point de vue purement linguisti-
que. Notre corpus d'étude constitué d'offres et d'annonces d'emploi
se compose actuellement d'environ 350 000 mots, ce qui représente
environ 600 offres recueillies depuis 2021.

Nous avons sélectionné les sites internet de recrutement qui
diffusent des offres d'emploi au Portugal et en France dans les secteurs
professionnels des TI et de la tech en général comme : Kelly Services,
Randstad, Manpower, Adecco, Hays, Michael Page et Indeed.

Nous avons également sélectionné des plate-
formes locales comme :

- Net.empregos, itjobs, Careerjet, Portalemprego: pour le Portugal;
- Cadre-emploi, Apec, météojob, e-works (spécialisé dans le
digital) : pour la France.

De plus, nous travaillons toujours avec un corpus d'exclusion
qui nous permet de vérifier le degré d'intégration des termes dans
la langue comme des plateformes dictionnaires spécialisées. En
français, nous consultons : Le Grand dictionnaire terminologique, La
banque de dépannage linguistique de l'Office québécois de la langue
française, la plateforme IATE, France terme, DGLFLF. En portugais :

Priberam, Infopédia, Dicionário da Língua Portuguesa - recursos lexicográficos de referência da Academia das Ciências de Lisboa, Dicio, Plataforma IATE.

Nous travaillons également avec un corpus textuel de référence afin d'élargir et de confirmer les usages. Il est constitué de ressources techniques internes aux secteurs, domaines et entreprises, des sites internet des grands groupes et principaux acteurs du marché et des sites spécialisés (Ex : E-works (français) Portugaldigital.gov (portugais)), dans les domaines d'expertise que nous étudions. Parfois, le web dans son ensemble nous sert de corpus de référence face à des néonymes très récents.

Sur les sites d'offre d'emploi, nous avons pu constater qu'un grand nombre d'annonces sont publiées intégralement en anglais et d'autres de façon hybride. Toutes les annonces rédigées intégralement en anglais ont été volontairement exclues de notre analyse puisque les objectifs de diffusion de ce type d'annonce relèvent de stratégies de recrutement qui nous semblaient pouvoir fausser notre étude.

L'étude de l'ensemble de notre corpus textuel nous a également permis d'établir quelques caractéristiques spécifiques aux offres d'emploi. Nous observons un recours à :

- Langage neutre (L'entreprise X cherche un »), « Líder mundial em serviços de RH, encontra-se a recrutar um ... »);
- Langage convivial, accrocheur (« Si toi aussi tu veux travailler... », « Queres fazer parte de um grupo... »);
- Annonces parfois bilingues, ou publications uniquement en anglais sur certaines plateformes ;
- Annonces courtes, mais aussi des annonces plus longues, plus exhaustives avec la description complète du poste permettant de préciser le rôle et la fonction précise ;

en énumérant toutes les tâches et activités du poste, les pré-requis et exigences diverses ;

- Le titre en anglais puis dans le corps de l'offre des paradigmes désignationnels, dénominatifs ou définitionnels permettant de spécifier le poste et d'éclairer le public ;
- Très peu d'annonces inclusives (directeur, -trice par exemple), la majorité est au masculin. Un des avantages des termes en anglais est donc la neutralité de genre.

Toutefois, les offres constituent un genre discursif encadré par quelques règles de base d'ordre juridique contre des critères discriminatoires. En France, comme au Portugal, le code du travail et des lois spécifiques encadrent, règlementent et contrôlent les pratiques et les conditions d'exercice. Les offres d'emploi constituent un genre discursif spécialisé que nous pouvons classer dans la catégorie des discours seconds ou discours de divulgation ou de médiation, ils se destinent à un public d'initiés et introduisent des altérations et des hétérogénéités qui peuvent être approchées sous l'angle linguistique et extra-linguistique. Les offres d'emploi sont des vitrines éphémères de notre société puisque, lorsque les offres sont pourvues, les occurrences disparaissent des plateformes laissant place aux tendances du marché.

PRÉSENTATION DES PRINCIPAUX RÉSULTATS

Cette étude nous a permis d'extraire un grand nombre d'unités terminologiques désignant des néométiers et nouvelles fonctions qui nous permettent de mettre en évidence un important foisonnement, de nombreuses instabilités, une alternance entre les différentes

formes et une variation de la structure interne du terme. Parmi les termes relevés dans notre corpus d'offres d'emploi, nous avons sélectionné et analysé, pour la présente étude, les termes venant de l'anglais et qui génèrent des équivalents en portugais et en français.

L'utilisation des termes est étroitement liée au contexte discursif et à l'univers socioprofessionnel et socioculturel dans lequel ils émergent, mais aussi à l'idéologie de chaque entreprise. En effet, l'utilisation des termes en anglais et de ses équivalents peut varier selon les offres d'emploi et la source de publication.

Cette variation et alternance terminologique révèlent clairement la dynamique avec laquelle les locuteurs font face à l'éventuelle opacité que peut générer le choix d'utiliser les termes anglo-américains. L'usage des termes en anglais est le résultat d'une forte influence de la culture américaine dans le monde des affaires et de l'industrie. Les californismes venant de la Silicon Valley (l'usine à Start-up, comme les désignait A. Rey) sont perçus comme plus dynamiques et innovants, et suscitent ainsi un plus fort intérêt du public.

D'autre part, ils permettent de mettre en avant un certain exotisme linguistique, une impression de modernité, de prestige et d'ouverture sur le monde. Pour De Vecchi (1999), linguiste et spécialiste en terminologie appliquée aux entreprises, « il y a également et très souvent, une part de snobisme dans ces titres anglais ». Ce même auteur rappelle que « nous pouvons y voir également un phénomène identitaire et de carrière : ces titres rassurent, font chic et international » (De Vecchi, 1999). Ils peuvent donner l'impression que les emplois sont hautement professionnels et qualifiés, en phase avec les normes internationales et axées sur l'innovation. Ils sont aussi un outil de reconnaissance international qui facilite la communication et l'interconnexion. Les échanges et le partage de concepts et d'idées semble plus efficace en s'adaptant à l'environnement global et mondialisé dans lequel la dynamique actuelle s'insère. Dans la course effrénée aux algorithmes, ils sont devenus un élément clé pour la

reconnaissance et la détection plus efficiente et rapide pour faire matcher des offres d'emploi avec les CV en ligne. C'est donc un outil stratégique à la fois sur le plan linguistique que mathématique.

Quant à l'aspect purement linguistique, les unités venant de l'anglais bousculent les pratiques et donnent nécessairement lieu à des réactions et donc à des reformulations, des explicitations, des équivalents qui pourront substituer intégralement ou partiellement ces termes générant ainsi des concurrents qui cohabiteront dans les discours. Ces nouvelles réalités dynamisent la créativité linguistique en mobilisant les possibilités des langues.

Très concrètement, nous avons sélectionné un grand nombre de termes complexes constitués de différentes unités graphiques qui nous ont permis d'identifier plusieurs structures en anglais très productives d'équivalents. Pour le présent chapitre, nous avons fait le choix de sélectionner les 2 unités terminologiques générant le plus d'équivalents. Ainsi, nous avons choisi de présenter ces 2 structures construites autour d'unités représentant une fonction managériale et dirigeante au sein des entreprises : « Chief+...+Officer » et « ...+Manager ».

LES POSTES DE CHIEF+...+OFFICER

La « C-suite » (en portugais : o C de...), comme il est d'usage dans le domaine du recrutement, produit un très grand nombre d'unités terminologiques désignant des fonctions et sont utilisées sous leur forme d'origine en France et au Portugal.

« Chief » est apparu en anglais par emprunt au français « chef », lui-même dérivé du latin « caput, capitis » signifiant la tête. Ce terme venant de l'anglais n'est pas dictionnarisé en français ni en portugais.

« Officer » a une origine étymologique également intéressante puisqu'il dérive du terme français « officier », qui à son tour provient du mot latin « officium » qui signifiait à l'origine « devoir, charge, ou fonction ». Il était utilisé pour décrire les responsabilités et les devoirs liés à une position ou à un rôle particulier dans la société romaine.

Les termes composés des unités « chief » et « officer » désignent des titres de postes des membres des comités de direction, des responsables, des chefs de service, et autres fonctions managériales. Ces unités complexes en anglais donnent également lieu à la formation de sigles et d'acronymes utilisés conjointement ou seuls.

D'un point de vue quantitatif, nous avons pu relever près de 94 termes composés de Chief+...+Officer dans notre corpus portugais et 77 de ces termes dans notre corpus en français. Nous nous limiterons ici à présenter les exemples plus fréquents et les plus productifs d'équivalents.

Nous constatons donc, depuis quelques années, qu'un CTO (Chief Technology Officer ou Chief Technical officer) tend à remplacer un « directeur de la technologie » ou « directeur technologique », ou « directeur des nouvelles technologies » ou « directeur informatique » ou encore un « directeur technique », alors que la Délégation générale à la langue française et aux langues de France (DGLFLF) recommande, depuis 2009, le terme « directeur des techniques informatiques ». En portugais, le CTO correspond au « diretor de tecnologia » ou « diretor técnico » (ou au Brésil « Gerente de Tecnologia »), qui s'occupe des produits technologiques externes.

Le CEO (Chief Executive Officer) substitue l'ancien PDG Président directeur général ou DG Directeur général qui en portugais correspond au « Diretor-Executivo ».

Le terme COO (Chief Operating Officer) est préféré au terme « directeur général » devenant ainsi le « directeur des opérations (DOP) » qui désigne en portugais le « diretor das operações », « diretor de operações » ou « braço direito do CEO ».

Un « directeur financier » devient un CFO (Chief Financial Officer) (en portugais « diretor financeiro ») ou encore « le bras droit du CEO » (en portugais « braço direito CEO » ou « braço direito do CEO »).

L'usage des constructions « bras droit du CEO » ou « directeur général » utilisées à la fois comme équivalents du COO et du CFO dans notre corpus peuvent porter à confusion. Cet exemple illustre l'instabilité existante des dénominations de nouvelles fonctions et nouveaux postes dans les entreprises qui combinent parfois différentes tâches et missions sur un seul intitulé de poste pouvant générer quelques confusions sémantiques.

Un autre exemple, quelque peu surprenant et qui produit un foisonnement d'équivalents, c'est le CHO : Chief Happiness Officer, le responsable du bonheur. Autrement appelé « Chief of happiness, Happiness manager, Office & happiness manager, Experience manager » ou, en français, « Responsable du bonheur » ou « Monsieur ou Madame Bonheur » (cette construction ne serait-elle pas une référence aux personnages de la célèbre collection de livres pour enfants de Roger Hargreaves ?). Nous avons également pu relever la forme « Chef Happiness officer », terme hybride avec la substitution de « chief » par sa traduction littérale « chef » en français. Au Portugal, on observe beaucoup de formes équivalentes comme « chefe da felicidade », « responsável pela felicidade » ou « Diretor da felicidade », « Pessoa responsável pela felicidade corporativa (Pessoa responsável pela felicidade dos colaboradores) », voir « o C da felicidade » comme au Brésil où on peut trouver « Gestor Executivo de Felicidade » ou « Gestor da felicidade ». Le Chief happiness officer (CHO) s'occupe de la mise en place de solutions et de dispositifs pour favoriser le bien-être des salariés au travail. Relativement récent (2019) dans le monde professionnel, ce néométier permettrait d'assurer la motivation et l'engagement des collaborateurs dans leur travail.

À ces termes, ajoutons d'autres exemples en « c-suite » relevés dans notre corpus, et accompagnés des équivalents en français et en portugais. Les termes en anglais et leurs équivalents cohabitent souvent dans un même texte en français comme en portugais.

Tableau 1 – Exemples de termes en « c-suite » et ayant des équivalents recommandés par la Commission d'enrichissement de la langue française

	Equivalents identifiés dans le corpus portugais	Equivalents identifiés dans le corpus français	Recommandations / date de publication
Chief data officer – CDO	Diretor de dados	Responsable (ou directeur) des données Directeur des Data Responsable de la Data Governance	Directeur, -trice des données 2017
Chief privacy officer – CPO	Responsável da privacidade	Directeur général à la confidentialité Responsable de la protection de la vie privée Directeur de la protection de la vie privée	Responsable de la confidentialité 2005
Chief Risk Officer - CRO ou Risk Manager	Diretor Of Risk Management Dire(c)tor de risco Diretor de riscos Diretor risco Diretor de gestão de risco	Responsable des risques Directeur des risques Manager de risques	

Source : Exemples extraits de notre corpus d'étude.

Finalement, nous pouvons également relever des termes différents mais ayant les mêmes sigles, ce qui rend difficile et peu transparente l'utilisation des sigles seules.

C'est le cas notamment du « CPO », qui peut correspondre à différents postes :

Tableau 2 – Exemples de termes désignant un « CPO »

Chief Purchase Officer – CPO	Diretor de compras	Directeurs des achats Responsable des achats
Chief Purchasing Officer – CPO Chief Procurement Officer – CPO Procurement	Diretor de compras Comercial	Chef du service des achats Directeur des achats
Chief Process Officer – CPO Chief Process And Innovation Officer – CPIO Chief Innovation Officer (CINO)	Diretor de processos Diretor de processos e inovação Diretor da inovação	Directeur de l'innovation Responsable innovation Responsable de l'innovation Responsable de processus Responsable Processus Responsable du processus d'innovation

Source : Exemples extraits de notre corpus d'étude.

Et également le cas du « CCO » :

Tableau 3 – Exemples de termes désignant un « CCO »

Chief Creative Officer – CCO	Diretor criativo	Directeur de la créativité Directeur de création Directeur de la création
Creative Director		Directeur créatif Chef de la création (Qui est à distinguer du Directeur artistique)

Chief Compliance Officer - CCO	Diretor de compliance Gerente de compliance Diretor de conformidade	Responsable contrôle conformité Juriste en conformité Chargé de contrôle permanent et conformité Chargé de conformité
Compliance officer	Head de compliance	Directeur juridique et contrats achat immobilier Directeur juridique contrats Chief compliance officer achat- immobilier
Chief Communications Officer - CCO	Diretor de comunicações	Cadre dirigeant en charge du contenu et des communications avec les médias et institutions Également appelé PRO ou PR - Public Relations (officer) Chargé des relations publiques

Source : Exemples extraits de notre corpus d'étude.

Le foisonnement des termes complexes en « C-suite » et équivalents et/ou nouvelles constructions qui en découlent révèlent quelques régularités dans les procédés de formation des équivalents.

Nous constatons une plus forte fréquence en français à remplacer « chief ...officer » par : Directeur de + nom, Responsable de + nom ou Chef de + nom et Directeur + adjectif, Responsable+ adj ou Chef de + nom.

En portugais européen, Diretor de + nom ou Responsável de + nom

On observe également une variation des formes en anglais entre la version complète du terme et une forme tronquée (avec 1 élément en moins)

« Chief Compliance Officer – CCO » ou « Compliance officer »

« Chief Impact Officer – CIO » ou « Chief of Impact »

Dans certains cas, plusieurs formes en anglais cohabitent comme : « Chief Marketing Officer – CMO » ou « Head of Marketing » ou « Marketing chief officer » (inversion de la structure syntaxique)

La création de sigles et acronymes, représentant des postes distincts, rend leur utilisation plus complexe. Dans la majorité des cas, ils sont utilisés accolés aux termes ou plus loin dans le corps du texte après avoir été mentionnés une première fois.

D'autres termes, comme « Chief Metavers Officer – CMVO » présente plusieurs formes siglées comme « CMTO » ou « CMO », tous deux trouvés dans notre corpus mais uniquement en français et correspondant au « Responsable du développement et de la gestion de la présence d'une entreprise » (syntagme définitionnel). En portugais, nous avons relevé « Chefe de metaverso ».

Concernant les formes au pluriel de ces sigles et acronymes, malgré la règle qui préconise que les sigles sont invariables, nous avons pu relever les exemples suivants :

En portugais : CEO's, CPO's, CTO's ou CTOs, CDOs, CINOs (Chief Innovation officers). En français : CEOs.

D'une manière générale, la « Chief-officerisation » des postes de responsables, directeurs, cadres dirigeants, ou chefs, qui deviennent en portugais, responsáveis, dirigentes, gestores, ou diretores, posent quelques interrogations sur la survalorisation que génère l'utilisation de ces titres, puisqu'un directeur de grand groupe international n'est pas tout à fait sur le même pied d'égalité qu'un responsable ou chef de service d'une start-up. Ceci interroge d'ailleurs les spécialistes du recrutement qui recommandent eux-mêmes l'usage à la fois des titres en anglais pour une reconnaissance des algorithmes plus efficace et de leurs équivalents en français ou en portugais pour être plus précis et plus transparents.

LES POSTES EN « ...+ MANAGER »

« Manager » est une unité dictionnarisée en français comme en portugais.

En français, le Dictionnaire *Le Robert* en ligne propose 2 définitions :

1. anglicisme : Gérer la vie professionnelle de (un sportif, un artiste).
2. Diriger (une entreprise, une équipe) : verbe manager

Et l'entrée « manager » présente les définitions suivantes :

1. Anglicismes : « Personne qui veille à l'organisation matérielle de spectacles, concerts, rencontres sportives, ou qui gère la vie professionnelle et les intérêts d'un artiste (imprésario), d'un sportif.
2. Dirigeant(e) d'une entreprise ; personne qui exerce une fonction de management. »

Selon Henriette Walter, « Manager » viendrait du vieux français « mesnager », terme voyageur qui est revenu au français comme anglicisme.

Malgré les recommandations de la DGLFLF en 1988 et publiées au JO en 2000, la forme « manageuse » et « manager » seraient préférables à l'anglicisme. Or, l'anglicisme domine et nos exemples ne manquent pas d'appuyer ce constat. Dans le domaine de l'économie et de la gestion d'entreprise, il est défini comme la « Personne qui exerce une fonction relevant du management. (Voir aussi : dirigeant) Équivalent admis : manager (en) » (DGLFLF).

D'un point de vue quantitatif, le dépouillement de notre corpus nous a permis de mettre en évidence 63 termes complexes construits avec l'unité « Manager ».

Tout d'abord, comme nous avons pu l'observer dans les exemples relevés autour de la structure « c-suite » ou « chief+...+Officer », certains termes peuvent avoir un synonyme avec la structure « ...+manager ». Comme c'est le cas des exemples suivants :

« Happiness manager », « Office & happiness manager » et « Experience manager » sont employés comme synonymes de « Chief Happiness Officer » ;

« Risk Manager » pour « Chief Risk Officer – CRO ».

Nous avons pu relever et regrouper les exemples suivants que nous proposons ici sous forme de tableau et accompagnés des termes équivalents identifiés dans notre corpus d'étude, et vérifiés dans notre corpus de référence et d'exclusion.

Tableau 4 - Exemples de termes contenant l'unité « Manager »

	Équivalents en français	Équivalents en portugais
Customer success Manager – CSM	Gestionnaire de (la) réussite client Responsable de la satisfaction client Responsable du succès client Responsable clientèle Responsable du service client	Analista do sucesso cliente Voz do cliente Analista de Customer Success (mais au Brésil)
Office manager	Assistant de Direction	Gestor de escritório Gerente de escritório

	Équivalents en français	Équivalents en portugais
Wharehouse Manager	Directeur adjoint d'entrepôt Directeur adjoint entrepôt Responsable d'entrepôt Responsable adjoint d'entrepôt Chef de dépôt	Chefe de departamento de entrepósito Chefe de armazém
People manager People development manager People Manager Community Events	Gestionnaire de Ressources humaines	PM's Pms

Source : Exemples extraits de notre corpus d'étude.

Tableau 5 – Exemples de termes contenant l'unité « Manager » et ayant des équivalents recommandés par la Commission d'enrichissement de la langue française

	Équivalents en français	Équivalents en portugais	Recommandations / Date publication
Country manager	Directeur national	Diretor nacional Diretor local	Chargé de pays 2004
Network manager	Gestionnaire de réseau Administrateur de réseau	Administrador de rede Gerente de rede	Chef de réseau 2004
Project manager	Manager de projet Chef de projet	Chefe de projeto Gerente de projeto	Chef de projet 2006
BIM manager Building Information Modeling manager Manager BIM	Chef de projet BIM Responsable BIM	Gerente de projeto	Administrateur, -trice de bâti immobilier modélisé 2019

	Équivalents en français	Équivalents en portugais	Recommandations / Date publication
Portfolio manager Portfolio-manager Portfoliomanager	Gérant de portefeuille	Gestor de carteira	Gestionnaire de portefeuille 2006
Category manager Product marketing manager	Catman Cat man	Gerente de produtos	Manager de produit Chef de produit 2000
Marketing and communication manager Marketing manager	Responsable Marketing Responsable communication et marketing	Responsável de marketing Responsável marketing Responsável de comunicação	Responsable de la mercatique et de la communication 2004 Directeur de la mercatique 2000
Business developer manager Business development manager (ou director) – BDM	BizDev Manager	Desenvolvedor de negócios	Responsable du développement 2006

Source : Exemples extraits de notre corpus d'étude.

Certains termes complexes construits avec l'unité « manager » peuvent donner lieu à de nombreuses formes sémantiquement proches et être utilisés comme quasi-synonymes, parfois à tort par les recruteurs eux-mêmes et donc apparaissent dans les offres d'emploi. C'est le cas des termes incluant les unités « account » (compte) et « accounting » (comptabilité). Ce foisonnement d'équivalents et de formes posent quelques obstacles dans l'exercice de traduction mais illustre la multiplicité des possibilités pour accompagner l'arrivée de termes étrangers. L'utilisation de tous ces syntagmes dénommatifs qui cohabitent avec les termes en anglais permettent aux locuteurs de ces domaines de s'appropriier ces unités en langue étrangère, et aux locuteurs non-spécialistes de comprendre des notions méconnues.

Tableau 6 – Termes constitués de « account » et « manager »

	Équivalents en français	Équivalents en portugais
Key account manager KAM	Directeur / Directrice des comptes principaux	Gestor de contas-chave
Corporate Key Account Manager	Directeur / Directrice de la division grands compte Directeur / Directrice grands compte Responsable des grands comptes Responsable des clients spéciaux Chef - service des clients spéciaux Représentant - clients spéciaux	Gerente de Contas Estratégicas Gestor de contas
Account manager AM	Directeur / directrice de comptes Chargé (e) de comptes Gestionnaire de comptes Responsable de comptes	Gestor de account Receivable Gestor de projeto(s)/account manager
Account executive	Les agences de communication et de publicité privilégient les équivalents : Directeur / Directrice de clientèle Chargé (e) de clientèle Gestionnaire de clientèle	Account manager / gestor de projeto(s) Gestor comercial / Account executive
Accounting manager	Chef comptable Expert comptable Responsable comptable	Chefe de contabilidade Administrativo Técnico de contabilidade
Accountant manager Accountant	Responsable comptable	Contabilista Accountant – Report and accounting

	Équivalents en français	Équivalents en portugais
Account development manager	Gestionnaire développement de comptes Gestionnaires du développement des affaires	Gestor de desenvolvimento de negócios
Sales manager Sales account manager Sales account executive	Chargé de comptes Directeur des ventes Responsable des ventes	Gestor de vendas Gestor de contas de venda Gestor de contas

Source : Exemples extraits de notre corpus d'étude.

Ces termes se déclinent encore en fonction de l'expérience des candidats comme « Junior account manager » et « Senior account manager » ou en fonction du secteur d'activité comme « National account manager » ou « National sales manager » (Directeur national des ventes) ou « Regional account manager », ou « Regional sales manager » (« Directeur régional des ventes »).

Le foisonnement des termes complexes en « ...+ Manager », des équivalents et des nouvelles constructions qui en découlent révèlent quelques régularités dans la formation des unités. En français, nous pouvons observer une plus forte fréquence à remplacer par Directeur de + nom, Responsable de + nom, Chef de + nom ou Gestionnaire de + nom, ou encore Directeur + adjectif, Responsable+ adj. ou Chef + adj. En portugais européen, Gestor de + nom, Gerente de + nom, Responsável de + nom ou Diretor de + nom.

DISCUSSION

Cette étude, ayant comme principal objectif de présenter quelques exemples concrets de néonymes de métiers, nous permet de mettre en lumière l'instabilité inhérente à la nouveauté et au développement rapide et à grande échelle de domaines professionnels liés aux nouvelles technologies dans leur ensemble. Effectivement, nous constatons une plus forte propension à l'alternance de code et à la variation des termes dans ces discours dits seconds ou discours de divulgation ou de médiation, que constituent les offres d'emploi et qui se destinent à un public d'initiés. Ces textes ont pour objectif de communication d'informer, de promouvoir et d'attirer des candidats. Pour cela, différentes stratégies sont utilisées.

Tout d'abord, le titre de l'annonce est important, car il doit à la fois être très précis pour s'adresser aux bons candidats, il doit correspondre aux tendances du marché pour attirer le plus grand nombre de candidats possible, qui lors de leurs recherches vont introduire un terme requête. Ils doivent également être en corrélation avec les titres des CV mis en ligne par les candidats eux-mêmes afin que les algorithmes identifient les candidatures et procèdent à une présélection dans le cas de plateformes dédiées aux mises en relation entre candidats et recruteurs, les dénommées « jobboards ».

Parmi l'ensemble de termes relevés en anglais, nous avons fait le choix ici de nous limiter à présenter les exemples de constructions à partir d'une structure très productive de noms de fonctions, les dits termes en « c-suite » soit les unités construites avec les éléments « chief » et « Officer », ainsi que les termes contenant l'unité « manager ».

Ces noms de fonctions en anglais sont accompagnés de leurs formes siglées dans les titres des annonces, puis ces dernières peuvent apparaître lexicalisées dans le corps du texte avec l'emploi d'articles définis ou indéfinis (Ex : « Le CPO devra être en mesure

de... », « A empresa pretende integrar um CTO... »). Ils sont également utilisés au pluriel avec différentes graphies (Ex : « les CEOs », « os CPO's ou CPOs »). Les formes siglées peuvent également varier graphiquement pour un même terme (Ex : « Chief Metavers Officer – CMVO » ou « CMTO » ou « CMO ». Certaines formes siglées sont la contraction de plusieurs termes (Ex : CPO peut correspondre à : « Chief Purchase Officer », « Chief Procurement Officer », « Chief Process Officer »). Finalement, nous avons relevé un plus grand nombre de formes siglées des termes en « c-suite » que pour la structure avec « manager ».

Nous pouvons également mettre en évidence des procédés de construction des termes équivalents en langue cible, dans notre cas il s'agit du portugais et du français. Nous pouvons conclure de cette étude que les équivalents aux termes en anglais sont construits principalement par (a) traduction, (b) par correspondance formelle, (c) par adaptation d'éléments visant à s'ajuster aux réalités de la langue cible, (c) par transfert de traits sémantiques, (d) par le biais de la définition ou (e) de l'explicitation ou finalement (f) par substitution en choisissant le terme d'usage dans la langue cible. Nous constatons que pour un même terme en anglais plusieurs de ces procédés peuvent être appliqués générant ainsi un foisonnement d'équivalents et une cohabitation de formes graphiques différentes dans une même séquence discursive.

Finalement, nous pouvons observer qu'en français la Délégation générale à la langue française et aux langues de France (DGLFLF) émet un certain nombre de recommandations pour tenter de substituer les termes en anglais par des équivalents en français que nous n'avons pas systématiquement relevé comme équivalents dans notre corpus français. Ce qui prouve que les équivalents sont construits par les locuteurs des domaines de spécialités et les usages concrets ne correspondent pas obligatoirement aux recommandations officielles censées encadrer, harmoniser et officialiser certaines terminologies. Au Portugal, nous n'avons pas d'institution dédiée à la veille néologique et à la diffusion de recommandations.

Cette première étape de la recherche sera approfondie par des analyses plus fines actuellement en cours, avec un approfondissement des données statistiques, des comparaisons avec les outils internes à certaines entreprises et autres sondages pouvant nous éclairer davantage sur les usages des professionnels du domaine, car les annonces et les offres d'emploi sont des vitrines textuelles relativement éphémères et sont actualisées au gré des tendances du marché puisque les occurrences disparaissent des plateformes lorsque les postes sont pourvus. D'autre part, elles ont des objectifs de communication spécifiques (divulgateur, promotion, médiation).

Tout comme la langue générale, les langues de spécialités et leurs terminologies peuvent varier, et ont même une propension à l'alternance, à la variation et à la cohabitation entre différentes formes en fonction du type de discours, du genre textuel et des locuteurs.

CONSIDÉRATIONS FINALES

Pour conclure, cette étude nous a permis de constater que dans le domaine du recrutement et plus généralement dans la sphère professionnelle et managériale, nous assistons à une anglicisation croissante depuis l'émergence des nouvelles technologies. La Novlangue corporate est la nouvelle langue de communication au sein d'un grand nombre d'entreprises et plus particulièrement dans les domaines des technologies de l'information et de la « tech ».

L'utilisation de termes en anglais peut causer des incompréhensions et des réticences, et peut être perçue comme une forme d'exclusion pour les non-initiés. Toutefois, ces termes génèrent une recherche d'équivalents dans les langues d'accueil et donc un foisonnement de possibilités, de syntagmes construits par différents pro-

cédés, de paradigmes désignationnels, dénominatifs ou définitoires, ou de nouvelles créations à partir des éléments en anglais.

Ce foisonnement de possibilités engendre inévitablement des incertitudes, puisque, ces termes ne sont pas tous dictionnarisés ou référencés dans des bases de données lexicales et terminologiques, et posent donc des obstacles notamment dans le cadre de l'enseignement apprentissage des langues générale et de spécialité, lors d'exercices de traduction ou de rédaction technique. En effet, l'opacité que peut provoquer le recours à des termes étrangers dans ces domaines émergents nous amène à considérer toujours plus et avec de plus en plus de précautions la question de la variation dans les langues de spécialité, sur le plan linguistique mais aussi sur le plan pragmatique et sociologique.

Toutefois, l'impact sur l'enseignement apprentissage des langues, notamment des langues techniques et de la traduction dans ces domaines de pointe, est important et nous amène à repenser nos pratiques et à sensibiliser toujours plus les étudiants à la variation diastratique et diaphasique, à la connaissance et à la maîtrise de la diversité des textes et genres textuels ainsi qu'aux particularités linguistiques des domaines de spécialité et donc de renforcer l'étude de la terminologie, de la pragmatique intégrée et de la variation linguistique.

En l'état, nos résultats suggèrent qu'au-delà du besoin d'unification et de standardisation que représente l'anglicisation et le recours aux termes en anglais à une époque donnée et dans un contexte spécifique, la survalorisation sociale d'une langue toute puissante n'entrave pas la productivité des autres langues. Tout en montrant une très grande ouverture sur le monde, elles font preuve d'une incroyable dynamique pour redéfinir ces nouvelles réalités contribuant ainsi à l'évolution des langues.

RÉFÉRENCES

ALBY, S. Alternances et mélanges codiques /n : SIMONIN, Jacky; WHARTON, Sylvie. **Sociolinguistique du contact** : Dictionnaire des termes et concepts. Lyon : ENS Éditions, 2013. p. 43-70.

ALVES, I. M. **Neologismo** : criação lexical. São Paulo : Editora Atica, 1990.

BOULANGER, J. C. Néologie et Terminologie. **Néologie en marche**, série b : langues de spécialités, n° 4, p. 5-127, Québec : OLF, 1979.

DEROY, L. Néologie et néologismes : essai de typologie générale. **La Banque des Mots**, 1, p. 5-12, 1971.

DE CALDAS, S. Lorsque innovation linguistique rime avec importation lexicale : quelques processus néologiques d'importation en portugais et en français contemporains. **Actes de la Journée d'études « L'innovation dans les langues romanes », Travaux et documents**. Université Paris : 8-Presses Universitaires de Vincennes-Saint-Denis, 2016.

DE CALDAS, S. Quelques processus de création lexicale en français et en portugais contemporains dans le domaine de l'économie et de la finance. **Revue française de linguistique appliquée 2015/1** (Vol. XX), Paris, p. 5-7, 2015.

DESMET, I. Néologie du portugais contemporain : une zone d'instabilité linguistique. **Actes de la journée 'Instabilités linguistiques dans les langues romanes**, Presses Universitaires de Vincennes-Saint-Denis, Travaux et Documents 16, p.77-99, 2002.

DESMET, I. **Terminologie et variation** : des langues spécialisées aux verbes spécialisés. HDR en Sciences du Langage, Université Paris 7-Denis Diderot, vol. V, 2005.

DESMET, I. (Coord.). **L'innovation lexicale dans les langues romanes**. Travaux et Documents Université Paris : 8 Vincennes-Saint-Denis, n° 61, 2016.

DE VECCHI, D. La terminologie dans la communication de l'entreprise, approche pragmatérminologique, **Cahiers du CIEL**, Paris : Univ. Paris 7 EILA, p. 71-83, 2005.

DE VECCHI, D. La nomination et son suivi : entreprises et pragmatérminologie, **Neologica** 1, p. 51-65, 2007.

DE VECCHI, D. **La terminologie en entreprise. Formes d'une singularité lexicale.** Paris : Université Paris 13, 1999.

HUMBLEY, J. **L'intégration de l'anglicisme contemporain: étude comparative des emprunts lexicaux faits à l'anglais depuis 1945 en français, en allemand et en danois, reflétés dans les dictionnaires.** Thèse de doctorat, Université Paris 13, 1990.

HUMBLEY, J. Retour aux origines de la terminologie : l'acte de dénomination. **Langue française** (2/2012), n.174: Armand Colin, p. 111-125, 2012.

L'HOMME, M-C. **La terminologie** : principes et techniques. Montréal : Presses de l'Université de Montréal, 2004.

LINO, M. T. Neologia e neónimia em língua portuguesa : critérios de identificação, **Linha D'Água**, (Online), S. Paulo, vol.32, n°3, p. 9-23, 2019.

LOUBIER, C. **De l'usage de l'emprunt linguistique.** Montréal : Office québécois de la langue française, 2011.

RONDEAU, G. **Introduction à la terminologie.** Chicoutimi : Gaëtan Morin éditeur, 1981.

SABLAYROLLES, J. F. ; PRUVOST, J. **Les néologismes.** Paris : PUF, 2003.

SABLAYROLLES, J. F. ; JACQUET-PFAU, C. ; HUMBLEY, J. Emprunts, créations sous influence" et équivalents. *In* : VAN CAMPENHOUDT, M., LINO, T., COSTA, R.. Actes des 8e Journées scientifiques du réseau LTT de l'AUF, **Passeurs de mots, passeurs d'espoir** : lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité, Éditions des Archives Contemporaines. Paris : AUF, p.325-339, 2009.

TRUCHOT, C. **Quelles langues parle-t-on dans les entreprises en France ? Langues au travail dans les entreprises internationales ?.** Paris : DGLFLF, 2015.

22

Sandra de Caldas

**VARIAÇÃO E ALTERNÂNCIA
DE CÓDIGOS DOS NEÓNIMOS
DE FUNÇÃO E NOVAS PROFISSÕES
EM PORTUGUÊS EUROPEU
E EM FRANCÊS**

Perante as crises multidimensionais e as questões internacionais que delas decorrem, as sociedades enfrentam novos desafios devido ao desenvolvimento científico-técnico das tecnologias do digital. As empresas e o mercado de trabalho no seu conjunto enfrentam novas realidades que refletem a transformação e a reorganização global do funcionamento dos intercâmbios mundiais. O desenvolvimento técnico-científico de um grande número de domínios especializados conduz a importantes mudanças nas práticas, favorecendo a criação de novas funções, cargos e profissões em certas esferas profissionais. As necessidades de comunicação intensificam-se e são facilitadas pela utilização de uma nova língua (*Novlangue*) empresarial ou linguagem empresarial. Nas últimas décadas, a anglicização das empresas e, mais recentemente, das *start-ups*, das gazelas, dos unicórnios, dos decacórnios, entre outros modelos de negócios das stratups que recebem nomes de animais e outras criaturas., está em constante expansão, principalmente no setor das Tecnologias da Informação e na indústria tecnológica em geral. Assim, o anglo-americano impôs-se como língua global e instrumento de harmonização.

Neste contexto, a utilização de unidades lexicais e terminológicas em inglês participa na construção de uma imagem profissional, inovadora e atrativa, tanto da empresa e do setor de atividade em questão, como dos seus colaboradores que alternam entre língua local e inglês empresarial utilizado como língua operacional da empresa, ou de uma determinada esfera profissional. Este fenómeno é particularmente relevante em certas áreas como a área das tecnologias da informação, do digital, do Big Data ou megadados, da IA - inteligência artificial, da Web3 e do Metaverso. Nestes setores, os colaboradores são recrutados não só pelas suas *hardskills* e *softskills*, mas também pelas suas *Madskills* e pelas competências em inglês. E é precisamente esta evolução das práticas em contexto profissional que reflete uma grande mudança no mercado internacional do recrutamento. Certas funções e cargos podem ser substituídos para se tornarem mais atrativos, enquanto outros surgem por necessidade, devido à inovação e às evoluções científico-técnicas.

Este estudo, focado na criação de neónimos de funções e profissões emergentes em português europeu e em francês hexagonal, pretende pôr em evidência as instabilidades, as alternâncias e as variações que resultam do processo de inovação e de criatividade lexical e terminológica num contexto específico, especializado e profissional. Através do estudo de um *corpus* comparável, composto de anúncios e ofertas de emprego que circulam em plataformas on-line em Portugal e em França desde 2021, examinámos os termos utilizados para designar funções e profissões emergentes. Desta análise destacámos uma série de instabilidades na utilização de neónimos de função em inglês. Além de uniformizarem uma linguagem profissional, também dinamizam a criatividade e a inovação linguísticas recorrendo a diferentes equivalentes, reformulações, perífrases e outros sintagmas compostos que coabitam na esfera profissional em geral.

Neste artigo, limitar-nos-emos a apresentar alguns resultados da primeira fase desta investigação, centrada na variabilidade e instabilidade dos neoanglicismos no domínio profissional e, mais especificamente, dos neónimos de profissões. Dividido em 4 partes, este artigo apresenta os aspetos contextuais desta investigação e o quadro teórico que orienta as nossas reflexões, antes de apresentar o *corpus* de estudo e a metodologia aplicada, para abrir caminho aos principais resultados ilustrando as realidades do contexto profissional atual em constante mutação.

A utilização de unidades terminológicas em inglês causa necessariamente reações favorecendo as reformulações, explicitações e criações de equivalentes que poderão substituir total ou parcialmente estes termos, gerando assim concorrentes em coabitação no discurso. Estas novas realidades estimulam a criatividade linguística, mobilizando as possibilidades das línguas recetoras. Concretamente, identificámos um número importante de termos complexos, compostos por diferentes unidades lexicais, entre os quais várias estruturas em inglês foram identificadas como altamente

produtivas de equivalentes. Destacámos duas construções com unidades que representam funções de gestão e de direção nas empresas: “Chief+...+Officer” e “...+Manager”. Este estudo possibilitou o levantamento de mais de 200 termos complexos (termos em inglês e os seus equivalentes em francês e português).

Estes últimos anos, um CTO (Chief Technology Officer ou Chief Technical Officer) tem vindo a substituir um “diretor de tecnologia” ou “diretor técnico”. Enquanto em francês, o CTO corresponde ao “directeur de la technologie” ou “directeur technologique”, ou “directeur des nouvelles technologies” ou “directeur informatique” ou ainda ao “directeur technique”, que dirige o departamento técnico e tecnológico de uma empresa. O CEO (Chief Executive Officer) substitui, em francês, o anterior “PDG, Président directeur général” ou “DG, Directeur Général” que em português corresponde ao “Diretor-Executivo”.

Certos termos em “chief+...+officer” também podem ter equivalentes com a estrutura “...+manager”. Como no caso de “Happiness manager”, “Office & happiness manager” e “Experience manager”, que são utilizados como sinónimos de “Chief Happiness Officer” que em francês tem como equivalente “Responsable du bonheur” ou “Monsieur ou Madame Bonheur” e em português “Chefe da felicidade”, ou “C da felicidade”, ou “Responsável pela felicidade” ou “Diretor da felicidade”, que corresponde à “Pessoa responsável pela felicidade corporativa” ou “Pessoa responsável pela felicidade dos colaboradores”.

Outro exemplo é o “Risk Manager” ou “Chief Risk Officer - CRO” e que pode ter como equivalentes em português o “Diretor Of Risk Management”, ou “Diretor de risco”, “Diretor de riscos”, “Diretor risco” ou finalmente “Diretor de gestão de risco”. Em francês, encontramos « Responsable (des) risques », « Directeur des risques » ou « Manager de risques ».

A análise detalhada de todos os exemplos revelou que, para um mesmo termo em inglês, vários equivalentes podem ser criados por diversos processos gerando assim uma profusão de equivalentes e uma coabitação de diferentes formas gráficas numa mesma sequência discursiva. A variedade de equivalentes mostra uma certa regularidade, o que nos permite evidenciar 6 processos de formação de equivalentes dos neanglicismos de funções profissionais.

Por fim, esta abundância de possibilidades cria também incertezas, uma vez que nem todos estes termos estão dicionarizados ou referenciados em bases de dados lexicais e terminológicas, o que constitui um possível obstáculo, nomeadamente no contexto do ensino-aprendizagem das línguas gerais e especializadas, ou no âmbito da tradução ou da redação técnica. A opacidade que pode resultar da utilização de termos estrangeiros nestes domínios emergentes leva-nos a abordar mais cautelosamente a questão da variação (variação diatrática e diafásica) nas línguas especializadas, não só do ponto de vista linguístico, mas também pragmático e sociológico. Tal como a língua geral, as línguas especializadas e as suas terminologias variam, e têm uma propensão para a alternância de códigos (*code-switching*), para a variação e para a coabitação entre diferentes formas, em função da situação de comunicação, do tipo de discurso, do género textual e dos locutores.

Finalmente, os nossos resultados sugerem que, para além da necessidade de unificação e normalização representada pela anglicização e utilização de termos ingleses num dado momento e num determinado contexto, a sobrevalorização social de uma língua considerada como poderosa não impede a produtividade de outras línguas, contribuindo assim para a sua evolução.

REFERÊNCIAS

DESMET, I. (Coord.) **L'innovation lexicale dans les langues romanes**. Travaux et Documents Université Paris 8 Vincennes-Saint-Denis, n° 61, 2016.

DE VECCHI, D. La terminologie dans la communication de l'entreprise, approche pragmatérminologique. **Cahiers du CIEL**, Paris : Univ. Paris 7 EILA, p.71-83, 2005.

SABLAYROLLES, J. F. ; JACQUET-PFAU, C. ; HUMBLEY, J. Emprunts, créations sous influence" et équivalents. *In* : VAN CAMPENHOUDT, M., LINO, T., COSTA, R.. Actes des 8e Journées scientifiques du réseau LTT de l'AUF, **Passeurs de mots, passeurs d'espoir : lexicologie, terminologie et traduction face au défi de la diversité**. Editions des Archives Contemporaines. Paris : AUF, 2009. p. 325-339.

TRUCHOT, C. **Quelles langues parle-t-on dans les entreprises en France ? Langues au travail dans les entreprises internationales ?**. Paris : DGLFLF, 2015.

AS ORGANIZADORAS / LES ORGANISATRICES

Marcia dos Santos Machado Vieira

É professora-pesquisadora da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Foi professora de Língua Portuguesa no Ensino Fundamental da Prefeitura do Rio de Janeiro. Doutora e mestre pela UFRJ, tem experiência na investigação de: variação e mudança de fenômenos fonéticos (pretônicas) e morfossintáticos (construções de referenciação, predicação, modalização, intensificação e atenuação discursivas). Coordena: o Projeto brasileiro PRE-DICAR – Formação e expressão de predicados complexos e predicções; o Projeto franco-brasileiro Variar – Variação em Línguas Românicas – em parceria com Vanessa Meireles (UPVM); o Projeto brasileiro CAPES Print – Vozes e escritas nos diferentes espaços da língua portuguesa (PPGLEV-UFRJ). Participa do grupo de estudos Discurso & Gramática. Foi membro da Diretoria da Associação Nacional de Pós-graduação e Pesquisa em Letras e Linguística no biênio 2021-2023. Integra, desde 2014, a coordenação do eixo 1 do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Coordena esse GT desde 2018. Coordena a Comissão Científica da Área de Sociolinguística da ABRALIN. É membro do Comitê de Ética em Pesquisa do IESC/UFRJ e de NDE de cursos da Faculdade de Letras/UFRJ. É editora-chefe da Diadorim: revista de estudos linguísticos e literários da UFRJ. É Pesquisadora do CNPq e Cientista do Nosso Estado/FAPERJ. Áreas de interesse: Sociolinguística, Linguística Funcional-Cognitiva, Gramática de Construções, Ensino de Língua Portuguesa. Sua produção bibliográfica inclui outras obras publicadas pela editora Blucher: por exemplo, "Dimensões e experiências em Sociolinguística", 2019. cf. <https://www.researchgate.net/profile/Marcia-Vieira-7>.

E-mail: marcia@letras.ufrj.br, marciamv@ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0796977308756789>

Projetos de pesquisa: <https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar> / <https://variar.wixsite.com/variar>

Vanessa Meireles

Professora de Língua Portuguesa, Cultura e Literatura do Brasil na Universidade Paul-Valéry - Montpellier 3 (França). Membro da equipe de pesquisa Recherches sur les Suds et les Orients (ReSO). Diretora Adjunta do Departamento de Português (2023-2025). Membro do Conselho ReSO e do Conselho LEA (Línguas Estrangeiras Aplicadas). Coordena o posto aplicador de Montpellier do Certificado de Proficiência em Língua Portuguesa para Estrangeiros (Celpe-Bras). Coordena, em parceria com Marcia dos Santos Machado Vieira (UFRJ), o Projeto Variar: Variação nas Línguas Românicas. Antes de integrar o quadro de docentes efetivos da Universidade Paul-Valéry, atuou como professora de Português e Cultura lusófona em várias universidades e institutos de língua na França. Possui Graduação em Letras Português-Francês pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2007) com dignidade acadêmica *Magna cum Laude*.

Na França, obtive, com dignidade acadêmica máxima, um Mestrado em Linguística Teórica e Descritiva (Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, 2009), um Mestrado em Estudos Lusófonos (Université Sorbonne Nouvelle, 2011) e um Doutorado em Linguística (Université Paris 8 Vincennes – Saint-Denis, 2014). Sua pesquisa se concentra nos fenômenos linguísticos de estabilização, variação e mudança na língua portuguesa no domínio fonológico (como acento, estrutura silábica e vogais) e no domínio morfossintático (predicações verbais). Outra parte de sua pesquisa diz respeito a aspectos do ensino de português para alunos de língua francesa.

E-mail: vanessa.meireles@univ-montp3.fr

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5324681765530227>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1980-9681>

Projeto de pesquisa: <https://variawixsite.com/variawixsite>

OS AUTORES E COAUTORES / LES AUTEURS ET CO-AUTEURS

Ana Luiza Oliveira de Souza

Doutora em Estudos Linguísticos pela Universidade Federal de Goiás, e em Disciplinas Linguística e Literária Estrangeiras pela Università di Pisa. Tem Licenciatura e Bacharelado em Letras, Português-Italiano, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro e Mestrado em Ciências do Espetáculo e Multimídias pela Università di Bologna. Atualmente é Professora de Português Língua Estrangeira no Centro Linguístico e no Leitorado de Língua Portuguesa e Brasileira nos programas de graduação e pós-graduação da Università di Pisa. Em 2014 fundou a Casa do Brasil em Florença, associação em que atua como coordenadora e professora, com atividades de leitura e escrita para crianças bilíngues brasileiras. Faz parte dos grupos de pesquisa CNPq Observatório de Português, Língua Estrangeira / Segunda Língua, coordenado por Profa. Edleise Mendes (UFB); do grupo de pesquisa: O português brasileiro em contexto italiano: aspectos sociais políticos e linguísticos, coordenado por Profa. Vânia Cristina Casseb-Galvão (UFG, REDE/Itália); e do projeto Ideologia linguística e letteratura periferiche da Universidade de Pisa 2022-2023, coordenado pelos prof. Francesco Attrua e Profa. Monica Lupetti. Suas áreas de pesquisa são: aquisição, ensino e aprendizagem do Português Língua de Herança e do Português Língua Estrangeira, a partir dos modelos teóricos funcionais baseados no uso; além de estudos nas áreas de políticas linguísticas, multilinguismo e educação multilíngue.

E-mail: analuiza.desouza@unipi.it

Currículo Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2605547536778445>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9454-9229>

Researchgate: <https://www.researchgate.net/profile/Ana-Luiza-Oliveira-De-Souza/research>

Aline Bazenga

Doutorada em Letras / Linguística Francesa, é Professora Associada no Departamento de Línguas, Literaturas e Culturas da Faculdade de Artes e Humanidades na Universidade da Madeira (Funchal, ilha da Madeira, Portugal) (aline.bazenga@staff.uma.pt). Investigadora do Centro de Linguística da Universidade de Lisboa (CLUL), tem participado em vários projetos internacionais, com destaque para o projeto no âmbito Síntaxe e da Semântica, entre 2006 e 2009 (Projeto "pINV : Dépendances distributives - pluralité nominale et verbale", dirigido por B. Laca e P. Cabredo Hofherr, da Fédération Typologie et universaux du langage, CNRS FR 2559, Paris 8), desde 2010, no quadro da comparação de variedades do português (Projeto "Estudo comparado dos padrões de concordância em variedades africanas, brasileiras e europeias", coordenado por M. A. Mota (FLUL, Portugal) e S. Rodrigues Vieira (UFRI, Brasil)

e, ainda no âmbito da Sociolinguística e Pragmática na Macaronésia, entre 2015 e 2019 (Projeto "Discursos, géneros e identidad en un corpus de novela rosa inglesa ambientada en Canarias y otras islas atlánticas", coordenado por M. I. González Cruz (ULPGC, Espanha). Coordena o projeto "Arquivo do Português Falado da Madeira (ARPOFAMA)" deste 2015 no Centro de Investigação em Estudos Regionais e Locais (CIERL-UMA), tendo vindo a organizar, desde essa data, com a colaboração de estudantes da Universidade da Madeira, a coleta de dados orais de falantes madeirenses. Os seus principais interesses de investigação situam-se, desde 2010, nas áreas da Sociolinguística Variacionista, no domínio da morfossintaxe variável em variedades geográficas e sociais do português, com maior ênfase na variedade madeirense do português europeu. É sobre esta variedade que tem vindo a publicar os seus trabalhos de investigação e contributos mais relevantes desde 2011, sob forma de artigos, capítulos de livros e comunicações. Para além destas atividades, tem contribuído como membro de várias comissões científicas de encontros e/ou de publicações académicas, sendo revisor científico de revistas como, entre outras, *Journal of Portuguese Linguistics*, *English Today*, *Estudos de Linguística Galega*.

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-9625-4456>

Researchgate: <https://www.researchgate.net/profile/Aline-Bazenga>

Ana Carolina Monteiro Freitas Henriques

Doutoranda em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos - Língua Espanhola) pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ) e Mestre em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos - Língua Espanhola) pela mesma instituição. Graduada em Letras: Português/ Espanhol pela UFRJ. Atuou como professora substituta de língua espanhola na UFRJ. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol língua materna, sintaxe do espanhol, aquisição de língua estrangeira e linguística gerativa.

E-mail: carolinamfhenriques@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5645607451303258>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-6956-3296>

Researchgate: <https://www.researchgate.net/profile/Ana-Carolina-Henriques>

Dennis Castanheira

Graduado em Licenciatura em Letras (Português e Literaturas), com dignidade acadêmica Magna Cum Laude, Mestre em Linguística e Doutor em Língua Portuguesa pela Universidade Federal do Rio de Janeiro. É Professor Adjunto de Língua Portuguesa do Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade Federal Fluminense, onde lidera e integra projetos de ensino, pesquisa e extensão e atua na Graduação, na Pós-graduação Lato Sensu de Língua Portuguesa e no Programa de Pós-graduação em Estudos de Linguagem. É pesquisador do Grupo de Estudos Discurso & Gramática (UFF) e Vice-líder do Grupo de Pesquisa em Linguística de Texto (UFRJ). Lidera a iniciativa didático-científica Educação ao rés do chão, em parceria com Aline Menezes, do Colégio Pedro II. Exerce regularmente o papel de editor convidado de revistas acadêmicas, de organizador de coletâneas investigativas e de organizador de eventos nacionais e internacionais.

É membro do corpo editorial e parecerista de periódicos especializados do Brasil e do exterior. Publica suas investigações em revistas científicas e em livros técnicos. Atuou no ensino básico nos níveis fundamental e médio. Áreas de atividade/interesse: Funcionalismo norte-americano; Linguística de Texto; Sociofuncionalismo; Ensino de língua portuguesa.

Afiliação: Universidade Federal Fluminense, Programa de Pós-Graduação em Estudos de Linguagem. Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas, Niterói, RJ, Brasil.

E-mail: denniscastanheira@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/6695613809419443>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0001-9092-5936>

Researchgate: <https://www.researchgate.net/profile/Dennis-Castanheira>

Gildaris Pandim

Docteur en sciences du langage, titre obtenu à l'université Paris 3 Sorbonne nouvelle et à l'Universidade Estadual Paulista « Júlio de Mesquita Filho ». Elle a assuré le poste de lectrice du Ministère des affaires étrangères brésilien à l'université du Cap-Vert de 2015 à 2019, ayant collaboré auprès de l'Institut international de langue portugaise, de l'université du Cap-Vert et de l'Institut Guimarães Rosa au Cap-Vert, assurant notamment l'élaboration de jeux électroniques autour du lexique et de l'orthographe du portugais, la formation continue d'enseignants au degré secondaire, l'encadrement et l'organisation d'ateliers destinés (i) à la conception et la réalisation de bandes dessinées en portugais ainsi que (ii) à des adaptations audiovisuelles de textes littéraires. En raison de la pertinence des travaux réalisés pour la réalité pédagogique des institutions et des apprenants cap-verdiens, ces activités menées ont contribué à l'amélioration des relations dans le secteur de l'éducation entre le Brésil et le Cap-Vert, aboutissant à sa nomination en tant qu'officier de l'Ordre de Rio Branco. Ayant assuré l'enseignement de portugais langue étrangère et de portugais langue seconde dans des établissements d'enseignement supérieur en France et au Cap-Vert, ses thématiques de recherche sont tournées vers la terminologie, la lexicologie, les études en traduction, la linguistique de corpus et les études culturelles dans une perspective contrastive. Ses publications les plus récentes sont : « Les variantes muito, maningue et bué en portugais » (Reflexos, 2022) ; « Vocabulário Ortográfico Comum da Língua Portuguesa (VOC) » (coauteur : KUHN, T. Z., Panorama da contribuição do Brasil para a difusão do português, 2021) ; « O valor das línguas na realidade de ensino-aprendizagem em Cabo Verde » (Domínios de Língua@agem, 2020).

Université Paris 3 Sorbonne nouvelle, Bureau des enseignements transversaux, Paris, France

Courriel(s) : gildaris@gmail.com

Curriculum Lattes : <http://lattes.cnpq.br/6157017828524037>

Orcid : <https://orcid.org/0000-0002-8218-0126>

Researchgate : <https://www.researchgate.net/profile/Gildaris-Pandim>

Guylaine Brun-Trigaud

Guylaine Brun-Trigaud est une dialectologue et ingénieure de recherche au CNRS, affiliée au laboratoire Bases-Corpus-Langage (UMR 7320) de l'Université de Nice-Sophia Antipolis, où elle collabore au Thesaurus occitan (THESOC). Son travail de recherche couvre divers domaines de la linguistique gallo-romane, notamment la dialectologie empirique et théorique, ainsi que la dialectométrie. Elle a contribué à plusieurs ouvrages majeurs sur l'occitan, dont Les parlers de la Creuse. Frontière et carrefour (2020) et La langue d'oc telle qu'on la parle ; Atlas Linguistique de la Provence (ALP 4) (2016). En collaboration avec Jean Le Dù, elle a également publié l'Atlas Linguistique des Petites Antilles (ALPA), en deux volumes, paru en 2011 et 2013, ainsi que Lectures de l'Atlas Linguistique de la France de J. Gilléron et E. Edmont. Du temps dans l'espace (2005), qui valorise et revisite l'Atlas Linguistique de la France. En 1990, elle a publié Le Croissant : le concept et le mot. Contribution à l'histoire de la dialectologie française au XIXe siècle, une contribution importante à l'histoire de la dialectologie française au XIXe siècle.

Curriculum Lattes : <https://bcl.cnrs.fr/rubrique190>

Jean Léo Léonard

Professeur à l'Université Paul-Valéry Montpellier 3 (Dipralang ; EA 739). Il travaille sur la dialectologie générale (dont la typologie linguistique) et l'étude interdisciplinaire du contexte anthropologique de la diversité typologique des langues. Il a développé depuis sa thèse sur la variation dialectale dans l'île de Noirmoutier (1991), en domaine poitevin-saintongeais, la variante « toulousaine » de l'ethnolinguistique (Dinguirard, Séguy, Fossat) : une approche de la variation dialectale et géolinguistique sensible à l'écologie des interactions et des pressions sociolinguistiques que connaissent les langues, à travers la trame de leurs réseaux dialectaux. Sa contribution en dialectométrie s'est faite dans le contexte des Systèmes Complexes, en incluant la cladistique, aux côtés de Pierre Darlu, et se fonde désormais principalement sur la distance d'édition, à l'aide de l'application en accès libre Gabmap. Il en fait notamment usage pour revisiter les données et les résultats des fondateurs de la dialectométrie romane (Lalanne, Séguy, Guiter), en croisant avec diverses modélisations, en termes de méthode et de réduction phénoménologiques.

Curriculum Lattes : https://dipralang.www.univ-montp3.fr/fr/annuaire_recherche/jean-1%C3%A9onard

Júlia Cheble Puertas

Doutora e Mestre em Letras Neolatinas Estudos Linguísticos em Língua Espanhola, com bolsa de estudo CAPES tanto no mestrado quanto no doutorado, pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Atuou como professora substituta no curso de Graduação (Bacharelado/Licenciatura) em Letras Português/Espanhol, fazendo parte do quadro de professores do Departamento de Letras Neolatinas da UFRJ no período de 2021.2 a 2023.1. Possui graduação em Licenciatura em Letras Português/Espanhol pela mesma instituição de ensino superior, sendo reconhecida com o Diploma de Dignidade Acadêmica no grau CUM LAUDE, tendo em vista os resultados alcançados no curso de Licenciatura. Atuou como monitora e monitora-chefe de espanhol do projeto CLAC (Curso de Línguas Aberto à Comunidade) da UFRJ e também foi bolsista CNPQ de Iniciação Científica. Realizou estágio não remunerado de espanhol e português no Colégio Estadual Hispano-Brasileiro João Cabral de Melo Neto (Colégio Bilingue Português/Espanhol).

Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol como L1 e L2; sintaxe do espanhol; linguística gerativa; tradução audiovisual; ensino translingue de espanhol. E, atualmente, participa do grupo de pesquisa intitulado "Descrição e aquisição de gramáticas do espanhol e do português".

E-mail: juliacpuertas@gmail.com

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/1225134562818057>

Maria Maura Cezario

Possui Graduação em Bacharelado e Licenciatura em Português-Literatura pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1989), Mestrado em Linguística (1994) e Doutorado em Linguística, ambos pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2001), Pós-doutorado na Universidade de Edimburgo, UK (2014) e na UFRN (2019-2020). É Professora Titular da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Atua na Graduação em Letras e na Pós-graduação em Linguística (Capes 6). Tem experiência na área de Linguística, com ênfase em Teoria e Análise Linguística, atuando principalmente nos seguintes temas: construções oracionais adverbiais, ordenação de adverbiais temporais, mudanças construcionais, formação de construções sob a ótica da Linguística Funcional Centrada no Uso. Possui diversos artigos e capítulos de livros na área. Dá aulas em cursos de graduação e pós-graduação da Faculdade de Letras da UFRJ e coordena o Grupo de Estudos Discurso e Gramática. Seus projetos já foram contemplados com auxílio do Edital Universal (duas vezes), do Edital Jovem Cientista do Nosso Estado (FAPERJ - 2008) e do Edital Cientista do Nosso Estado (2022). É bolsista de Produtividade ID do CNPq.

Afiliação: Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Linguística, Departamento de Linguística e Filologia da Faculdade de Letras, Rio de Janeiro, RJ, Brasil.

E-mail: mmcezarior@letras.ufrj.br

Link do Grupo de Pesquisa: <https://discursoegramaticablog.wordpress.com/>

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/7183632335615140>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0002-1724-762X>

Maria Mercedes Riveiro Quintans Sebald

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Possui graduação em Letras Português Espanhol pela Universidade Federal Fluminense (1988), mestrado em Letras Neolatinas pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (1994) e doutorado em Linguística pela Universidade Federal do Rio de Janeiro (2005). É Professora Associada IV do Departamento de Letras Neolatinas da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro e membro permanente do Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas dessa mesma universidade. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em Línguas Estrangeiras Modernas, atuando principalmente nos seguintes temas: espanhol língua estrangeira, aquisição de língua estrangeira, sintaxe do espanhol, formação de professores, ensino- aprendizagem de língua estrangeira e línguas próximas.

E-mail: m.sebold@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <https://lattes.cnpq.br/1939069330042876>

Orcid: [0000-0002-0035-3338](https://orcid.org/0000-0002-0035-3338)

Marilucia de Oliveira

Professora Titular da UFPA, em cujo Programa de Pós-graduação atua orientando teses de mestrado e doutorado. Tem experiência na área de Linguística, especialmente em Sociolinguística e Dialetoлогия, com ênfase na variação e diversidades de capitais brasileiras e da Amazônia brasileira. Também tem interesse em Fonologia de Geometria de Traços. Nos últimos anos seu interesse central é descrever o perfil sociolinguístico do português falado em comunidades tradicionais, especialmente afro-brasileiras e indígenas. Além das pesquisas realizadas nessas comunidades, destacam-se, na produção da pesquisadora, o estudo da palatalização na região amazônica e nas capitais do Brasil, cujos resultados devem implicar uma reformulação do quadro de coronais que palatalizam no Português Brasileiro em posição prevocálica. Integrou a diretoria da Associação Brasileira de Linguística (Abralín), no período de 2013-2015, e é uma das fundadoras do Grupo de estudos Linguísticos da Amazônia Brasileira (GT ELIAB). Coordenou de 2009 a 2016 os processos de reserva de vagas para comunidades indígenas e quilombolas na Universidade Federal do Pará, participou do Grupo de Trabalho para a construção da cartografia de comunidades quilombolas no Pará (SECULT/PA, 2020-2021) e integrou o Projeto Banco Nacional de Itens para o Exame Nacional do Ensino Médio, na condição de coordenadora da área de Linguagens e suas tecnologias (UFPA). É diretora científica do Comitê Nacional do Projeto Atlas Linguístico do Brasil desde 2017. Integra o grupo de estudos Línguas, corpos e vozes sem fronteiras (LCVF) que resulta de cooperação entre a Universidade de Paris VIII, a Universidade Federal do Pará e Universidade Federal de Campina Grande, ocupando-se da variação de línguas de sinais. Integra a coordenação do eixo 2 de Sociolinguística da ANPOLL: Contato, variação e identidade

E-mail: mariluci@ufpa.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9728768970430501>

Orcid: <https://orcid.org/0000-0003-2069-6191>

Researchgate: <https://www.researchgate.net/profile/Marilucia-Oliveira>

Mylena Teixeira de Oliveira

Universidade Federal do Rio de Janeiro, Programa de Pós-graduação em Letras Neolatinas, Rio de Janeiro, RJ, Brasil. Mestranda em Letras Neolatinas (Estudos Linguísticos – Língua Espanhola) na Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ). Possui graduação no curso de Licenciatura em Letras – Português e Espanhol pela mesma instituição. Tem experiência na área de Letras, com ênfase em espanhol como L1 e L2, perfect, sintaxe do espanhol e linguística gerativa.

E-mail: mylena@letras.ufrj.br

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9109542545165941>

Pâmela Fagundes Travassos

Doutora em Língua Portuguesa pelo Programa de Pós-graduação em Letras Vernáculas da Universidade Federal do Rio de Janeiro. Integra o projeto PREDICAR (Formação e expressão de predicados e predicções: estabilidade, variação e mudança construcional). De março a agosto de 2021, realizou estágio de Doutorado Sanduíche (com bolsa CAPES-Print) na Universidade de Lille, no laboratório "Savoirs, Textes, Langage", sob a supervisão do Dr. Bert Cappelle. Integra, como professora colaboradora, o Projeto VariaR - Variação em Línguas Românicas -. Integra o Projeto Portal digital de estados de coisas em Português e línguas românicas a variar e ensinar, vinculado ao projeto VariaR/InCorpora. É membro do GT de Sociolinguística da ANPOLL. Concentra-se em estudos de Morfossintaxe à luz da abordagem da Gramática de Construções. Coursou Mestrado em Língua Portuguesa na UFRJ. É especialista em Língua Portuguesa pela Universidade Federal Fluminense. Possui licenciatura em Letras (UFRJ), habilitação: Português-Literaturas. É professora da rede municipal do Rio de Janeiro desde setembro de 2021. Atuou como orientadora, em 2023, na Olimpíada Brasileira de Linguística (OBL) - Rolezinho Linguístico.

E-mail: fagundespamela@letras.ufrj.br; fagundespamela@hotmail.com

Links de Projeto de pesquisa:

<https://projeto-predicar.wixsite.com/predicar>

<https://variar.wixsite.com/variar>

Curriculum Lattes: <http://lattes.cnpq.br/9943814815338406>

Orcid: orcid.org/0000-0002-0683-9742

Researchgate: <https://www.researchgate.net/profile/Pamela-Travassos>

Sandra de Caldas

Actuellement Maître de langues au Département d'Études des Pays de Langue Portugaise de l'Université Paris 8 et membre de l'Équipe de Linguistique des langues romanes du Laboratoire d'Études Romanes (EA 4385 - axe de recherche 2 « Dynamiques, variation et innovation dans les langues romanes »). Elle a soutenu sa thèse de Doctorat en Études Portugaises, Brésiliennes et de l'Afrique Lusophone en décembre 2013, sous la direction scientifique d'Isabel Desmet, intitulée Emprunts lexicaux et interférences terminologiques dans des écrits spécialisés dans les sciences humaines. La langue de l'enseignement en situation officielle en français et en portugais. Elle enseigne la langue portugaise générale et de spécialité ainsi que la traduction et la linguistique (étudiants spécialistes et non spécialistes).

Ses domaines de recherche sont la lexicologie, la terminologie, la néologie, et l'emprunt lexical. De manière plus précise, ses axes de recherche s'articulent autour du phénomène néologique de l'importation lexicale et terminologique, dans une perspective comparatiste (portugais/français) et s'étendent sur la création linguistique d'un point de vue plus global et spécialisé dans des domaines techniques et professionnels.

Email: decaldas.sandra@gmail.com

Curriculum Lattes: <https://etudes-romanes.univ-paris8.fr/?Sandra-De-Caldas-1395>

Veronica Manole

Professora auxiliar de língua e linguística portuguesa na Faculdade de Letras da Universidade Babeş-Bolyai, em Cluj-Napoca, na Roménia. Licenciou-se em Filologia Romena e Inglesa em 2003 e em Filologia Portuguesa e Italiana em 2007 na Universidade de Bucareste e é mestre em Interpretação de Conferências pela Universidade Babeş-Bolyai. Em 2015, doutorou-se em Estudos Portugueses, Brasileiros e da África lusófona na Universidade Paris 8 com uma tese sobre o discurso político, conseguindo a distinção très honorable avec les félicitations du jury à l'unanimité. Na Universidade Babeş-Bolyai criou a licenciatura em Estudos Portugueses, sendo diretora do curso, e é responsável do Centro de Língua Portuguesa do Instituto Camões. Entre 2020 e 2022 foi diretora do projeto pós-doutoral Address Forms in the Historical Pragmatics of Romance Languages: a Romanian-Portuguese Comparative Approach, financiado pelo Ministério da Educação da Roménia. Atualmente é diretora do projeto individual de investigação UBB Starting Research, Translating Brazil through the Ideological Looking Glass, financiado pela Universidade Babeş-Bolyai e investigadora convidada no projeto PLUSSI – Il plurilinguismo per la sostenibilità sociale e l'inclusione giovanile, financiado pela Universidade de Torino (Itália). Publicou trabalhos sobre formas de tratamento, análise do discurso político, intercompreensão românica e tradução e de interpretação. É coautora do manual PanromanIC – Manuale di intercomprensione tra lingue romanze, publicado em 2022 pela editora Zanichelli.

E-mail: veronica.manole@ubbcluj.ro

Orcid: <https://orcid.org/my-orcid?orcid=0000-0002-6878-7925>

Researchgate: <https://www.researchgate.net/profile/Veronica-Manole>

ÍNDICE REMISSIVO

A

África 18, 24, 436
Africa corpus 211, 213, 214
alternance codique 26, 33, 390, 391, 396, 397
alternância de códigos 421, 425
Amazônia brasileira 23, 30, 150, 154, 434
Amazonie 30, 172, 173, 178, 179
América do Sul 18, 42
anáfora 71, 72, 98
anglicisation 393, 394, 396, 417, 418
anglicização 422, 425
áreas dialetais 23, 143, 147
aréologie 23, 29, 103, 104, 106, 107, 108, 111, 115, 120, 121, 123,
128, 134, 141, 143, 147
article défini 31, 252
artigo definido 24, 77, 79, 80, 82, 84, 85, 86, 87, 89, 218, 220,
221, 223, 225, 226, 228, 230, 231, 232, 233, 234,
243, 244, 246, 247, 249, 250, 293, 306, 307
atos de fala 26, 363

B

Big Data 394, 422

C

capitales brésiliennes 175, 176, 179, 180
carga informacional 70, 71, 73, 74, 75, 76, 77, 78, 82, 83, 84,
91, 92, 93
carga informativa 93, 98, 101
clíticos 71, 73, 75, 79, 82, 83, 92, 93, 97, 99
coabitação 423, 425
code-switching 425

collocations 24, 30, 182, 183, 184, 185, 186, 189, 192, 195, 196,
197, 199, 206, 207, 211, 212, 213, 214, 215
comunicação 221, 294, 295, 296, 297, 323, 368, 376, 412,
422, 425
comunidades afrodescendentes 24, 151, 152, 154, 160
comunidades indígenas 24, 151, 152, 154, 158, 164, 168,
169, 434
concordance verbale 173, 179
concordância 154, 169, 265, 266, 429
conectores 262, 267, 268, 272, 273, 275, 278, 291
conectores adversativos 268, 272, 278, 291
construções transitivas 323, 325, 327, 329, 344
continuidade referencial 23, 69, 73, 75, 77, 78, 87
continuum da transitividade 25, 321, 331, 342, 343
continuum della transitività 349, 357
corpora 19, 22, 36, 37, 41, 54, 65, 211, 213, 214, 269, 285, 366,
373, 382, 388
costruzioni transitive 350, 351, 353, 354, 358
créativité lexicale 392, 395
Culturas 250, 429

D

dialectes 20, 29, 104, 107, 113, 115, 116, 117, 118, 126, 128, 133,
134, 135, 136, 137, 141, 252, 312
dialectologie 30, 104, 105, 106, 107, 115, 128, 134, 137, 139, 207,
216, 432
dialectométrie 105, 107, 109, 115, 116, 122, 126, 133, 140, 141, 432
dialetologia 23, 143, 149, 154
dialetometria 143, 145, 148, 149
Die sieben Siebe 298, 299, 315
dinâmicas dialetais 145, 147

distance d'édition 29, 104, 111, 432

distância de edição 23, 143

diversidade linguística 18, 23, 30, 143, 150, 151, 152, 155, 158,
 167, 169, 170

domínio occitano 143, 148

donner 24, 30, 107, 137, 182, 183, 184, 185, 191, 192, 193, 194,
 195, 196, 198, 204, 206, 210, 401, 412

E

efeitos de sentido 260, 265, 268, 271, 273, 275, 343

enseignement de la grammaire 31, 280, 281, 282, 283

ensino de gramática 25, 256, 257, 258, 259, 264, 265, 266

escolaridade 218, 226, 229, 232, 237, 238, 239, 240, 244, 259,
 262, 269, 272, 277

espanhol 12, 19, 22, 23, 29, 36, 37, 38, 39, 40, 41, 42, 43, 44,
 45, 46, 48, 54, 57, 60, 68, 69, 70, 71, 72, 73, 74,
 75, 79, 80, 82, 83, 84, 87, 88, 91, 92, 93, 94, 101,
 220, 223, 225, 230, 237, 297, 298, 299, 300, 303,
 305, 430, 432, 433, 434

estrategia de retoma 96, 97, 100

estratégia de retomada 23, 29, 68, 69, 70, 74, 76, 81, 82, 83,
 85, 87, 92, 93, 94

estrutura linguística 257

estudos linguísticos 41, 153, 207, 208, 267, 427

EuroComRom 298, 311, 312, 315

EuRom4 298, 315

EuRom5 298, 299, 300, 315

expresiones referenciales 99, 100

expressões referenciais 71, 72, 73, 76, 77, 78, 79, 80, 81, 84,
 88, 89, 92

F

falantes não nativos 24, 218, 241

fonctionnalisme nord-américain 282, 289

força ilocucionária 26, 363, 365, 366, 367, 368, 369, 370, 372,
 373, 374, 377, 378, 379, 380, 381, 382

français 21, 26, 28, 32, 33, 193, 208, 216, 295, 312, 390, 391,
 392, 398, 399, 401, 402, 403, 404, 405, 407,
 408, 409, 410, 411, 413, 414, 416, 419, 420, 435

français 12, 19, 22, 26, 38, 143, 208, 216, 220, 225, 230, 237,
 297, 298, 299, 300, 303, 305, 307, 421, 423, 424

French 64, 250, 364, 375, 380, 381, 383, 385, 386, 387, 388

funcionalismo 290, 321

G

Gabmap 23, 29, 104, 106, 107, 109, 110, 111, 112, 114, 117, 121, 122,
 124, 125, 127, 128, 130, 131, 132, 136, 140, 143, 145,
 146, 432

Galanet 298, 301, 302, 310

gascão 19, 22, 23, 143, 144, 145, 146, 147, 148

gascon 21, 28, 30, 104, 105, 106, 107, 108, 109, 111, 113, 114, 116,
 117, 118, 119, 120, 121, 124, 125, 126, 128, 130, 132,
 133, 135, 136, 137, 138

gênero textual 265, 266

Goldvarb X 50, 100

Gradient de Gasconité 29, 103, 104, 106, 115, 117, 118, 124, 134

Gradiente de Gasconidade 142, 144, 145, 146, 149

Gramática de Construções Diassistêmica 321, 323, 326,
 329, 330

grammaires 281, 285, 289

graus de transitividade 262, 321, 323, 325, 339

H

hardskills 394, 422

I

idioconstruções 330, 341, 343, 344

idiosincrasias 39, 42

illocutionary force 367, 368, 387, 389

imperfectivo 36, 37, 38, 44, 57, 58

Intercommunicabilité romane 298, 315

intercompreensão 18, 25, 32, 292, 293, 294, 296, 298, 311, 436

intercompreensão românica 18, 25, 32, 292, 436

italiano 19, 25, 32, 220, 223, 297, 298, 299, 300, 303, 305, 320,
 322, 324, 330, 331, 341, 346, 348, 354, 355, 357,
 361, 429

L

L2 219, 224, 225, 229, 230, 241, 242, 243, 244, 245, 248, 253,
 254, 278, 433, 434

L3 219, 224, 241, 242, 243, 244, 245, 253, 254

langue générale 186, 187, 396, 417

langues romanes 20, 21, 28, 31, 32, 33, 105, 139, 141, 252, 295,
 309, 312, 392, 419, 426, 435

léxico 204, 208, 261, 293, 299, 302, 303, 331

LFBU 324

língua de herança 320, 321, 323, 324, 325

língua di origine 348, 349, 351, 357

língua oficial 24, 324

língua portuguesa 24, 27, 168, 218, 258, 264, 273, 331, 339,
 342, 420, 427, 428, 431

línguas indígenas 152, 155, 162, 168, 323

línguas românicas 18, 19, 22, 25, 26, 93, 101, 143, 218, 220, 223,
 236, 293, 294, 295, 299, 300, 301, 302, 303, 305,
 306, 308, 309, 311, 363, 382, 435

linguística cognitivo-funcional 322, 329

linguística funcional baseada no uso 322, 324, 329

LR 218, 219, 220, 223, 224, 225, 230, 252, 254

M

Madskills 394, 422

materiais didáticos 257, 272, 298

memória de trabalho 74, 75

microconstruções 365, 375, 377, 378, 379, 380, 381

migrations 125, 180

Miriadi 299, 300, 301, 316

mitos 293, 296, 297, 311

modalidades 40, 74, 144, 146, 147, 148, 295

modalités 104, 106, 107, 115, 120, 126, 128, 133, 135

mudança linguística 257, 259, 261, 271, 272, 274, 278, 291

multilinguismo 152, 155, 295, 323, 330, 353, 429

N

neoanglicismos 423, 425

neônimos 26

néonymes 26, 33, 390, 391, 392, 399, 415

NGLE 38, 39, 44, 45, 64

nomes de parentesco 219, 222, 231, 244

noms de parenté 252, 254

novlangue corporate 391

Nueva Gramática de la lengua española 38

O

objeto direto anafórico 23, 29, 68, 69, 76, 78, 79, 82, 93, 94,
 95, 101, 102

occitan 104, 105, 106, 107, 113, 114, 116, 118, 119, 126, 127, 138,
 300, 432

occitano 22, 142, 143, 144, 145, 148

ODA 23, 29, 69, 70, 71, 72, 73, 74, 75, 77, 80, 81, 82, 83, 84, 87,
 88, 89, 91, 92, 93, 97, 98, 99, 100

ontologie 115, 118, 126

opacidade 231, 293, 303, 308, 425

orações coordenadas 267, 271, 273

oral interaction 66

P

palatalisation 118, 173, 176, 177, 179, 180

PBLH 26, 32, 321, 323, 324, 326, 327, 329, 330, 331, 333, 335,
 336, 338, 339, 340, 341, 342, 343, 349, 350, 351,
 353, 354, 355, 356, 357

percepção visual 26, 32, 362, 363, 364, 365, 366, 367, 368,
 373, 376, 377, 378, 379, 381, 384, 389

perfect 22, 23, 28, 29, 35, 36, 38, 39, 43, 44, 45, 46, 47, 48, 49,
 50, 51, 52, 53, 54, 55, 56, 57, 58, 59, 61, 62, 63,
 64, 65, 66, 67, 434

perfect aspect 63

perífrases 26, 423

perspectiva cognitivo-funcional 323

- perspectiva sociofuncionalista 25, 31, 255, 257, 259, 266, 276, 290
- perspective socio-fonctionnaliste 31, 279, 280, 282, 283
- phonologie 104, 114, 116, 117, 121, 127, 128, 129, 131, 132
- Phraséologie 183, 207, 208, 209, 215, 216
- phraseology 211, 212
- PLNM 25, 31, 218, 225, 226, 227, 228, 229, 230, 233, 234, 237, 239, 240, 241, 242, 243, 244, 245, 250, 253, 254
- pluricentricity 64
- portugais 21, 24, 26, 28, 30, 31, 32, 33, 126, 135, 182, 183, 184, 185, 186, 187, 189, 193, 195, 196, 197, 198, 199, 205, 206, 248, 251, 252, 253, 254, 283, 284, 295, 312, 390, 391, 392, 398, 399, 401, 402, 403, 404, 405, 407, 408, 409, 410, 411, 413, 414, 416, 419, 431, 435
- Portugais Brésilien 173
- portugais européen 26, 31, 33, 135, 196, 248, 251, 252, 390, 391, 392, 407, 414
- português 19, 22, 24, 25, 26, 38, 60, 93, 101, 168, 170, 180, 186, 196, 204, 208, 211, 216, 218, 219, 220, 221, 222, 223, 226, 227, 230, 233, 241, 245, 246, 247, 248, 249, 256, 262, 266, 267, 274, 276, 278, 290, 291, 297, 298, 299, 300, 303, 305, 320, 321, 324, 325, 330, 339, 341, 345, 346, 359, 360, 421, 423, 424, 428, 429, 430, 431, 432, 433, 434
- Português brasileiro 247
- Português Brasileiro como Língua de Herança 323
- Portuguese 64, 94, 210, 211, 213, 215, 248, 250, 364, 370, 371, 373, 374, 383, 385, 386, 387, 388, 430, 436
- português europeu 26, 218, 246, 247, 248, 421, 423, 430
- Português Língua Não Materna 24, 25, 31, 217
- positionnement multidimensionnel 104, 106, 129
- Possessifs pré-nominaux 251
- Possessivos Pré-Nominais 24, 31, 217
- predicador complexo 365, 366, 377, 378, 379, 381
- predicadores complexos de percepção visual 26, 32, 362, 363, 364, 366, 367, 368, 373, 377, 379, 381
- Pretérito Perfecto Compuesto 22, 28, 35, 36, 37, 43, 49, 63, 64, 65, 66
- procesamiento anafórico 98
- processamento anafórico 71, 73, 74, 75, 76, 84
- processo de aquisição 224, 225, 241, 242, 243, 245, 322
- processos cognitivos 258, 260, 324
- produções linguísticas 323, 325
- profissões emergentes 26, 423
- pronomes 74, 77, 78, 82, 221, 261, 266, 276, 332
- prospettiva cognitivo-funzionale 350, 351
- Q**
- questionário 218, 226, 228, 241, 243, 250, 269
- quilombolas 153, 154, 156, 158, 162, 165, 167, 169, 170, 171, 173, 181, 434
- R**
- recent past 65, 66, 67
- recrutement 395, 397, 398, 399, 402, 408, 417
- reformulações 26, 304, 305, 423
- repetição do sintagma nominal 23, 29, 68, 69, 76, 94
- réseau dialectal 104, 112, 114, 122, 129, 137
- retomada anafórica 75, 91
- romeno 19, 22, 25, 32, 292, 293, 294, 297, 298, 299, 300, 301, 302, 303, 304, 305, 306, 307, 308, 309
- S**
- sala de aula 25, 256, 265, 267, 268, 270, 274, 275, 296
- Santander 23, 29, 68, 71, 72, 76, 83, 84, 85, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101
- Santiago 23, 29, 60, 68, 71, 72, 76, 83, 84, 87, 88, 89, 91, 93, 94, 96, 97, 98, 100, 101, 208
- sinônimos 304, 305
- sintagma nominal 23, 29, 68, 69, 74, 76, 90, 94, 96, 261
- sistemas de PPN 219, 222, 223, 225, 230, 231, 241, 244, 245
- Sociofuncionalismo 25, 256, 259, 262, 263, 274, 275, 276, 278, 290, 291, 431
- sociolinguísticas 19, 147, 148, 218, 219, 268, 276, 278, 290, 291
- sociolinguistique variationniste 252, 282
- softskills 394, 422

só que 25, 31, 222, 255, 256, 258, 261, 262, 267, 268, 269, 270,
271, 272, 273, 274, 276, 277, 279, 281, 284, 285,
286, 287, 288, 289, 290

spanish 61

start-ups 393, 422

synchronique 108, 185, 207

T

taxinomique 105, 106, 113, 114, 115, 116

Technologies de l'information 393, 394

Tecnologias da Informação 422

tipos morfosintáticos 99, 100

tipos morfossintáticos 69, 71, 72, 73, 76, 78, 79, 80, 81, 84, 85,
88, 89, 91, 92, 93

topicalidade 333, 334, 335, 336, 343

Toscana 26, 321, 323, 325, 349, 350, 351

tradição gramatical 267, 270

transições 143, 144, 146, 147, 148

transitions 104, 106, 107, 115, 120, 126, 127, 128, 129, 133, 135

transitividade 25, 257, 262, 321, 322, 323, 325, 327, 328, 329,
330, 331, 332, 333, 334, 335, 336, 337, 339, 342,
343, 345, 346, 359, 361

transparência 79, 293, 303, 308

V

variação linguística 19, 24, 25, 26, 27, 151, 218, 256, 257, 262,
265, 272

variação morfossintática 24, 218

Varição pragmática 363

variante informal 269

variation linguistique 21, 31, 33, 173, 280, 283, 288, 397, 418

variedade da Cidade do México 36, 37, 43, 45, 48, 51, 52, 53,
54, 55, 56, 57, 58, 59

variedade de Buenos Aires 36, 37, 39, 43, 46, 48, 51, 52, 53,
54, 55, 56, 57, 58, 59

variedades del español 96, 100

variedades do espanhol 22, 23, 29, 36, 39, 41, 42, 43, 44, 54,
68, 84, 92

variedades linguísticas 42

variétés africaines du portugais 189

variétés standard 252

verbo suporte 24, 188, 209, 366, 367, 368, 373, 377, 378,
379, 381

visual perception 385, 386, 387, 388

www.PIMENTACULTURAL.com

DIVERSITÉ **DIVERSIDADE**
ET STABILITÉ **E ESTABILIDADE**
DANS LES LANGUES **EM LÍNGUAS**
ROMANES **ROMÂNICAS**

